



literatura
livre

Contos malévolos

CLEMENTE DE PALMA

Cuentos malevolos (1904)

Tradução: Camille Pezzino

Edição bilingue:
PORTUGUÊS • ESPANHOL

Sesc

— •
literatura
livre

Contos malévolos

Clemente de Palma

Edição Bilingue

Sesc **mojo**^{org}

— •
literatura
livre

Contos malévolos

Clemente de Palma

Tradução:
Camille Pezzino

Edição Bilingue
Português-Espanhol

 **sesc**  **mojo**^{org}

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

P171 Palma, Clemente de (1872-1946)
Contos malévolos / Clemente de Palma. Tradução de Camille Pezzino.
– São Paulo: Instituto Mojo, 2022. (Coleção Literatura Livre).
E-Book: PDF, ePUB, MOBI.
Disponível em: <https://mojo.org.br>

Título Original: Cuentos malévolos. Edição bilingue Português / Espanhol.

ISBN 978-65-89008-31-6

1. Literatura Latino-americana. 2. Literatura Peruana. 3. Conto.
3. Literatura Fantástica. I. Título. II. Série. III. Pezzino, Camille,
Tradutora. IV. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural. V.
Literatura Livre. VI. Palma, Clemente (1872–1946)

CDU 821.13.2(85)

CDD 860

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

Prefácio à edição brasileira

Clemente Palma é um escritor fantástico. Tanto para o bem como para o mal, o adjetivo também se encaixa quando tratamos sobre a construção fantástica elaborada na sua narrativa. Moderno, mas com toque romântico e decadentista, a obra *Contos malévolos* é capaz de agradar a todos que já leram e se encantaram por Edgar Allan Poe. Retrógrado em suas concepções sociais, eventualmente elitista, machista e racista, é um retrato de sua época e das mazelas do nocivo colonialismo europeu nas terras americanas.

Palma, como considerado por alguns estudiosos,¹ foi um dos expoentes e pioneiros símbolos do modernismo e do decadentismo peruanos. Além disso, é um célebre escritor da mais variada literatura, principalmente a fantástica e a

1 Mora (2000), Selles (2002), Ávila (2010) destacam que, na variante decadentista e gótica, ele é um dos principais símbolos do modernismo.

de ficção científica (não obstante, também escreveu artigos científicos e jornalísticos).

Antes de trazer referências literárias, é importante pensar sobre o contexto histórico e a filosofia vigente da época. O primeiro se deve, sobretudo, à influência forte que a disputa entre Chile e Peru causou na população em geral, até porque os chilenos tomaram Lima, a capital, em 1881, durante a Guerra do Pacífico. O sentimento de terror se apresentava fortemente nos jornais e, conseqüentemente, na população. Assim, estampavam-se manchetes de assassinatos, doenças e até de fenômenos naturais.² O segundo se dava, principalmente, na academia, por meio da corrente filosófica aparentemente positivista da época que rejeitava tudo aquilo que não tivesse uma explicação científica e, ao mesmo tempo, questionava os dogmas religiosos muito presentes na sociedade peruana.

Assim, não é de se estranhar que, como homem de seu tempo, Palma abarcasse em sua literatura aquilo que era bem próprio de sua época. Isso, na verdade, não exclui dois aspectos que atualmente consideramos extremamente negativos, como o machismo e o racismo estruturais. Em

2 Aguilá (2021) destaca até mesmo algumas histórias complexas, como uma mulher que tentou cometer canibalismo com a própria filha.

mais de um conto apresentado na coletânea, é possível encontrar a “mulher ideal”. Essa discussão aparece neste livro porque, durante aquele tempo, inclusive no mesmo ano,³ os primeiros textos feministas ganhavam força nos jornais. Histórias como *Idealismos*, *O último fauno*, *A Granja Blanca* e *A lenda de hachisch* acabam abordando essa idealização, ainda que *Os olhos de Lina* possam contrapô-la, a depender do ponto de vista.

Não menos importante de se destacar é o debate entre Mora (2000) e Ávila (2010) a respeito do racismo estrutural presente em *A última loira*. Enquanto Mora apresenta a ideia de que temos um narrador racista que, pouco a pouco, terá um final infeliz, Ávila acrescenta que a teórica se equivocou fortemente, pautando-se na tese *O futuro das raças do Peru*, escrita pelo próprio Clemente Palma para se graduar na

3 Aguila (2021) destaca os artigos: A mulher no Código e na Sociedade (1904), com três artigos: I, II e III; bem como Há de escutar (1904). Todos eles destacam a construção utópica da mulher na sociedade peruana, mas principalmente em Lima, tanto no contexto social como no religioso, trazendo o desejo de que fossem mais liberais e que se permitisse a independência das mulheres, fossem esposas ou mães, em relação aos homens. O último artigo acrescenta a importância da igualdade de gênero na produtividade acadêmica e moral. Palma, no que o autor destaca, gostava da ideia de “renovação das ideias” caso as mulheres fossem atendidas, o que não o impede de construir mulheres idealizadas, tanto para o bem como para o mal.

Faculdade de Letras da Universidad Nacional Mayor de San Marcos de Lima. Na tese, Ávila (2010) acusa Palma de ser autoritário, excludente e racista.

Assim, ao ler *A última loira*, ou qualquer outro conto de Palma, o leitor pode tanto acreditar na perspectiva de Mora como na de Ávila e chegar, assim, às suas próprias conclusões — ou encontrar ainda um terceiro caminho. Na perspectiva de tradutora, não consigo discordar nem de um nem do outro, já que, considerando a historiografia de Palma, é bem possível que Ávila esteja certo das intenções de Clemente Palma. Contudo, ao mesmo tempo, sem ter nenhuma influência externa, a impressão de Mora é bastante coerente e, vale destacar, o leitor tem o poder de interpretar o texto para além daquilo que o escritor, previamente, teria a intenção de comunicar.

Mesmo levando em conta a tese de Ávila (2010) sobre o racismo de Palma, Mora (2000) destaca que “no terreno filosófico, os escritos dele revelam uma audácia inusitada para romper com a tradição escolástica tradicional”. O que significa dizer que o escritor tentava, em parte, romper com as ideias da época, ainda que elas girassem em torno do contexto religioso do modelo filosófico medieval. E, o que mais aconteceu durante os períodos de ascendência religiosa que não a exploração do outro? Não é gratuito que Jesus vê

Dom Quixote em *O quinto evangelho*, cabendo mais de uma interpretação, é claro.

Na primeira publicação de *Contos Malévolos*, Miguel de Unamuno foi quem fez sua introdução e, em seu texto, para além do estilo propagandista da época, citava certas críticas à obra de Clemente Palma. De acordo com o ensaísta, Clemente, como tantos outros escritores, não tinha conhecimentos profundos sobre a religião e a compreendia de forma errônea, ainda que acertasse sobre aspectos intrínsecos em relação à cultura cristã, como faz em *O filho pródigo* quando trata sobre o perdão. Entretanto, vale destacar que essa crítica se deve, sobretudo, ao posicionamento do filósofo espanhol que, ao ver a figura de Dom Quixote em *O quinto evangelho*, pareceu incomodado e, talvez, até ofendido. Nesse sentido, é possível compreender a literatura de Clemente Palma como pequenas doses ácidas e críticas à sociedade.

No entanto, esse incômodo parece ter sido benigno a Unamuno que declara que a literatura do filho de Ricardo Palma, um escritor que muito admirava, era de excelente grau, ao ponto de fazê-lo desejar escrever baseado no que tinha lido. Assim, de acordo com o autor, a obra merece o leitor e o leitor merece a obra se houver conectividade e desejo de levá-la consigo. Para além disso, também pontua

sobre a malícia: a obra contém ou não a contém? Para o escritor espanhol, não; para o leitor, quem sabe?

Palma é malicioso em mais de um sentido. Primeiro, por compreender que a maldade humana é pior do que qualquer crime sobrenatural. Assim, ao iniciar seu livro, traz *Os cestos*, um conto que demonstra a mesquinhez e também o desejo de que boas ações sejam reconhecidas. E, por não o serem normalmente, vale mais cometer más ações. Nesse ponto, a primeira malícia é ressaltar a maldade que habita o homem, muito própria da estética decadentista, e que percorrerá cada um dos contos, um pouco mais ou um pouco menos.

A segunda malícia é fazer com que seus narradores sejam personagens compreensíveis, inescrupulosos e palpáveis, próprios do estilo gótico. A maldade inerente a eles, no decorrer das páginas, ganha certo sentido narrativo e, como Unamuno diz, é mais difícil condenar o malfeitor quando se conhece a sua psique. Um exemplo disso é *Idealismos* e, até mesmo, *O último fauno*, no qual há o sequestro uma jovem freira. Um, claro, é mais condenável que o outro; porém, enquanto um está sozinho, o outro deseja livrar a sua amada de seu jugo, mesmo que para isso a condene a morte. No contexto da mulher idealizada, o título acaba ganhando coerência, ainda que questionemos as atitudes desses personagens.

Sua terceira forma de trazer malícia ao texto se deve ao recurso narrativo que encontra seu ápice em *Uma história vulgar* e em *Os olhos de Lina*. Ambos os contos são recheados de suspense, da mesma forma que os estruturariam Poe e Conan Doyle. O primeiro, em saber o que Suzón teria feito; o segundo, em descobrir como o narrador resolveria sua situação com Lina. Todos os dois acabam de formas interessantes e, talvez, até machadianas. Machado de Assis, ao tratar o gênero de terror ou suspense, acaba nos fazendo fincar os dois pés no chão e, de forma muito interessante, senti o mesmo ao traduzir Clemente Palma.

A quarta, e penúltima malícia a ser comentada, se deve, sobretudo, ao uso do sentido religioso de forma a questioná-lo. Em todos os contos, somos capazes de encontrar críticas e reflexões acerca da Igreja e de seus costumes, bem como de suas crenças. *O último fauno*, por exemplo, mostrará a disputa sociológica entre o paganismo e a fé cristã; *Parábola* questionará a transmissão dos dogmas religiosos e a presença da filosofia; *Uma história vulgar* conta com um protagonista muito religioso; *O quinto evangelho* e *O filho pródigo* são percepções marcadas e religiosas de alguém que, ao que parece, buscou compreender os conceitos bíblicos (em divergência a Unamuno em sua introdução); e, não menos marcante, a presença das referências religiosas em *A Granja Blanca*,

principalmente, através da figura da filha de Jairo que, na Bíblia, representa alguém que foi ressuscitada por Jesus, uma prolepse narrativa, ou seja, uma figura de linguagem que transmite os futuros acontecimentos do texto, muito comum na literatura de Poe. Todas essas referências são, em certa medida, críticas assíduas à religião, muito embora o que pensa Unamuno seja verossímil: o único que não tem religião é aquele que não se preocupa com uma.

A última e a mais perspicaz malícia, é a multiplicidade apresentada na narrativa do escritor. Ela não está só no que entendemos como ideias e gêneros literários, mas também nas representações culturais. Em *Contos malévolos*, o leitor encontrará todo o tipo de narrativa, bem como textos que se passam em diferentes partes do mundo, principalmente na França, cujo país era o ápice da representação intelectual da época. Vale destacar também que o escritor contextualiza o leitor sem precisar se estender muito em descrições, trazendo personagens como Carolus-Duran, em *A lenda de hachisch*; ainda que possa nos deixar confusos ao colocar o professor de Cagliostro ou Althotas, ao lado de Triboulet, o rei dos bobos da corte, como ocorre em *Conto de fantoches*.

Ao falar no *Conto de fantoches*, um dos mais bem elaborados contos da coletânea, é imprescindível compreender o contexto histórico da *Commedia dell'arte* e da presença

dos fantoches. Os primeiros personagens citados, como o Arlequim, Polichinelo, Pierrot e Colombina são figuras icográficas nesse modelo teatral e, como Momo, são figuras populares. Assim, ao começar a narrativa com a presença de Momo, Palma destaca o sarcasmo e o delírio da construção de seu texto, afinal, o Pierrot está apaixonado pela Lua.

Momo, por mais que seja conhecido por sua presença no Carnaval, é uma deidade greco-romana, cujo talento era zombar dos outros por meio do humor. Por conta disso, ele ficou conhecido como o deus do sarcasmo e do delírio. Para além dele, encontramos outras figuras da *Commedia dell'arte*.

Durante os séculos 15 e 16, a arte italiana se centrava nos conhecimentos clássicos e eruditos da Antiguidade, conhecida como *Commedia erudita* — inacessível a boa parte da população. Assim, para contrapor essa representação de peças da Antiguidade e de caráter elitista, surgiu a *Commedia dell'arte*, baseada no improviso e com personagens estereotipados, como o servo ignorante, o feio astucioso, o palhaço triste e apaixonado e, claro, a bela e inteligente empregada, personagens citados logo no princípio do *Conto de fantoches*. E, ao utilizar *fantoches*, Palma remonta a uma tradição muito antiga, já que o teatro de fantoches foi incorporado à *Commedia dell'arte* graças a sua proibição diante do poderio religioso, visto que, anteriormente, eram utilizados em

representações religiosas e ganhavam um estatuto sacro. Assim, pode-se dizer que até mesmo em *Conto de fantoches* o autor destaca a sua crítica à religião. Para além dela, também fala das paixões e das relações amorosas, muito presentes na literatura mundial.

Entretanto, como destaca Ávila (2010) ao pensar no racismo da literatura de Palma, ele centra seus conhecimentos e a sua literatura na arte, por excelência, ocidental ou indo-europeia, como é possível vislumbrar em *A lenda de hachisch* e em *O último fauno*. Não há, no contexto literário de Palma, nada que remeta à cultura peruana, somente aos seus temores, como crimes cometidos por homens apaixonados, boas moças que não eram tão boas assim, desilusões amorosas e, até mesmo, o uso de alucinógenos para escapar da realidade.

E, com tal nicho de conhecimento, Palma acrescenta certa erudição aos seus textos, referências religiosas e míticas, como a cultura judaico-cristã, greco-latina e hindu. A hindu, dentre todas elas, é, para além de mítica, mística. E, com mesma importância, traz referências literárias e lendárias europeias, como a figura de Lorelei, uma das mais famosas lendas do rio Reno, cuja história trágica conta sobre a vida de uma feiticeira ou sereia (a depender da versão) que faz homens se apaixonarem por ela e, encantados por sua beleza, atiram-se no rio. Também comenta sobre Mefistófeles, uma

entidade diabólica da Idade Média que encarnava a ideia da corrupção das almas puras, seduzindo-as por meio de seus desejos. A versão mais famosa pertence a Goethe, na obra *Fausto*.

Assim, ao ler a obra de Clemente Palma, o leitor poderá encontrar um pouco de tudo, referências do mundo todo e, através de contos modernos, decadentistas, de terror e de ficção científica, poderá desbravar histórias tão interessantes como *Morella*, de Edgar Allan Poe; fincar os pés na realidade, como nos contos de Machado de Assis; investigar o passado bíblico e um futuro distópico, quase como se adentrasse a uma máquina do tempo de H. G. Wells; e, claro, também pode encontrar a última referência ao passado greco-latino ou a Timbuctu, um dos lugares mais ricos do mundo antes do colonialismo europeu.

É, através dos pequenos detalhes, que Clemente Palma se faz maliciosamente fantástico.

Camille Pezzino

Contos Malévolos

Prefácio de Miguel de Unamuno.....	19
Os cestos.....	31
Idealismos.....	37
O último fauno.....	47
Parábola.....	61
Uma história vulgar.....	73
Os olhos de Lina.....	87
Conto de fantoches.....	101
O quinto evangelho.....	113
A última loira.....	121
O filho pródigo.....	133
A Granja Blanca.....	143
A lenda de <i>hachisch</i>	171
Cuentos malévolos.....	199
Prefacio de Miguel de Unamuno.....	201
Los canastos.....	213
Idealismos.....	219

El último fauno	229
Parábola	241
Una historia vulgar	253
Los ojos de Lina	267
Cuento de marionettes	281
El quinto evangelio	293
La última rubia	301
El hijo pródigo	313
La granja blanca	323
La leyenda del hachisch	351

Manifesto pela democratização

do domínio público	375
Literatura Livre	376
Instituto Mojo	377
Ficha técnica	378

PREFÁCIO DE MIGUEL DE UNAMUNO

Sr. D. Clemente Palma,
Meu querido amigo, acabo de ler os *Contos malévolos*, cuja oportunidade me deu de conhecê-los antes mesmo de entregá-los ao público. Me motivei a uma leitura rápida e com curiosidade em saber se você, jovem, merece o prestígio que o nome de seu pai me remete, meu senhor dom Ricardo, cuja engenhosidade deu a todos aqueles que o leram tão delicioso prazer. Queria ver se aquele ditado era verdadeiro: tal pai, tal filho — e todos os de mesmo destino, que não são poucos. E posso lhe assegurar que as minhas esperanças não foram frustradas.

Por um bom tempo, fiquei entretido e distraído com a novidade, o frescor e a intenção de seus *Contos malévolos*, embora, para dizer a verdade, devo confessar que não vi, senão muito parcialmente, sua malevolência.

Devo advertir que quase sempre desconfio daqueles títulos que tentam prevenir o leitor, quando não há

nem mesmo uma faísca para alarmá-lo. A verdadeira malevolência é muito difícil, inclusive, me atrevo a dizer que nunca, se declarada de antemão, se apresenta a nós como tal. Não costumo ser cínico ou desaforado, mas sim hipócrita ou *comediantesco*. (Eu brindo essa palavra ao senhor seu pai.)

Você parece supor que a maioria dos seus contos carecem de moralidade, ou ainda que, em vez dela, possuem imoralidade. Nesse caso, dá no mesmo. E aqui se encaixa, em todos os sentidos, algo no estilo do que Taine disse quando se referiu à religião: o único que não a tem, é quem não se ocupa com ela. Se não fosse pelo temor de ver intensificado ou endurecido o preconceito que alguns dos que me leem possuem ao meu respeito, e por me comprazer em cultivar o paradoxo, se não fosse por isso, eu diria a você que um dos modos mais sutis de afirmar Deus é negá-lo deliberada e cruelmente. O que me vem à mente é aquele graciosíssimo disparate, creio que seja de Stendhal: “a única desculpa de Deus é que ele não existe.”

Mas, voltando à malevolência ou à imoralidade de seus contos, e lembrando o que você disse no final do seu *Conto de fantoches*, “a vida e, conseqüentemente, o amor não têm moral”. Me permita que eu desvie um pouco essa sentença. Eu acredito que a vida, o amor e tudo o que existe, seja uma

estrela ou um grão de poeira, um penhasco ou uma nuvem, perfume ou cor, tudo tem moralidade e um sentido moral. O ponto é saber como extraí-lo.

Já te vejo aqui, argumentando comigo, que dizer que tudo tem moralidade, é o mesmo que dizer que nada a tem, porque as posições absolutas se unem e se confundem; e que tanto vale dizer que tudo é milagroso quanto negar o milagre. Escrevi sobre isso em um ensaio cujo título é: *Plenitude de plenitudes e toda a plenitude*, e que será publicado neste mesmo ano, em alguma de nossas revistas espanholas, e o indico a você e aos nossos leitores. E, aqui, eu me limitarei a dizer: que ainda que pareça o mesmo, ou seja, afirmar que tudo tem moralidade e afirmar que nada a tem, assim se apontam duas maneiras muito diferentes de ver o mundo. Ao que me parece, atenho-me à concepção, ou melhor, à sensação ética do Universo, acreditando que não há mais nada do que um assento firme para a metafísica, e é a moralidade. Eu a chamaria de *metafísica metética*.

E você mesmo, senhor Palma, tem a preocupação ética. Ela é quem dá substância aos seus *Contos malévolos*.

Claro que não vou desmiuçar aqui, nem mesmo um excerto, de seus contos malévolos, já que o leitor ainda vai lê-los. Seria até mesmo uma impertinência minha apontar as passagens que mais me agradaram, como quando em

O último fauno a irmã Ágata (ou Águeda)¹ de la Cruz pede ao fauno, que a roubou, que acredite na divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo; e, logo em seguida, chora, ao escutar o sino do mosteiro tocar por sua morte, derramando duas lágrimas ardentes, as quais caem nas costas brancas e lisas do fauninho. Mas, sem assinalar nada nos contos, nem mesmo nas passagens deles, vou deixar que minha caneta corra enquanto pontuo alguns comentários que me ocorreram.

Um deles, o que você chama de *O quinto evangelho*, vou dizer de forma mais clara possível, arranhou os meus sentimentos cristãos. Jesus não pode falar de um escárnio cruel da Natureza, nem há, diga o que disser o desgraçado do Nietzsche e outro da mesma laia, nada mais natural e nem nada mais humano, portanto, do que a religião de Jesus.

Tanto nesse conto quanto na história que você teve o carinho de dedicar a mim, cujo título é *O filho pródigo*, da qual direi algo em breve, encontro um eco de julgamentos a respeito do cristianismo e da obra de Jesus, que provêm de um conhecimento muito imperfeito em relação a eles, se você me permite dizer. E não com reprovação, porque você faz como a imensa maioria dos nossos escritores que escrevem coisas do gênero, ainda que seja de forma rasa e

1 Cidade portuguesa com passado histórico religioso.

oblíqua, e a culpa recai mais sobre o modo como o conhecimento tem sido transmitido entre nós, desde os tempos antigos, do que da doutrina evangélica, mesclada e remexida com todo tipo de inutilidades. Por isso, essas afirmações tão recorrentes, são no fundo, precipitadas, como aquela em que você e outros fazem, de que a humildade e a docilidade são forças inferiores. O que provém do fato de que o que se chama de docilidade e humildade por aqui, não as são, e sim uma refinada soberba, a soberba de quem se humilha para ser exaltado. E, aqui, também devo remeter a outro ensaio que escrevi: *Sobre a soberba* e que, em breve, verá a luz.

Lendo esses dois contos seus que eu citei, reminiscências do hino de Carducci a Satanás retilintaram nos ouvidos do meu espírito. Mas, o que nunca tinha me ocorrido, e sem dúvida trata-se de um grande feito literário, foi fazer Jesus ver a figura de Dom Quixote enquanto morre. Tampouco acredito que esse Dom Quixote tenha sido bem compreendido, por não ver nele a encarnação do cristianismo espanhol, com seu sentimento mais profundo e enraizado, cujo anseio é a imortalidade. Não há em nenhuma parte do Novo Testamento, uma passagem que melhor sintamos os espanhóis — ainda sem conhecê-lo de todo — do que as palavras de Paulo de Tarso, em sua primeira epístola dos *Coríntios*, versículos 13 e 14 do capítulo 15, em que diz: “Se não há ressurreição

dos mortos, Cristo tampouco ressuscitou; e se Cristo não ressuscitou, vã é a nossa pregação, vã é também a nossa fé”.

Por isso, eu protesto em relação ao final do precioso conto — *O filho pródigo* — que dedicou a mim, tanto como espanhol quanto como Miguel de Unamuno, cujo conto faz com que o Universo morra e volte a ser Nada. Não, senhor Palma, mil vezes não: o Nada não pode voltar, já que nunca o foi; e o Universo, você e eu, como todos os americanos e todos os espanhóis, e todos os homens, e tudo o que foi, é e será, é imortal. É melhor acreditar nisso.

E, para não divagar como um cachorro que passeia pelas nuvens, digo que esse seu conto, *O filho pródigo*, traz latente uma das concepções mais profundamente evangélicas, que é a do perdão infinito, do perdão absoluto.

Se você conhece certo sermão que lhe foi dado há alguns anos no Ateneu de Madrid, e no qual se comentava a história de Nicodemos, o fariseu, tal como nos é narrado no Quarto Evangelho; se você o conhece, será capaz de ver o quão profundamente concordo com você nisso.

A ideia de perdoar o anjo caído, de sua redenção final, e da redenção, com ele, de todos os pecadores por maiores que tenham sido os seus pecados, é uma ideia profundamente evangélica. Conta-se que o malicioso Enrique Heine, já moribundo, e como alguém que falava da misericórdia divina e de

que tinha fé que Deus iria perdoá-lo, replicou: “Certamente, esse é seu ofício”. E ainda que falasse isso como uma piada, disse uma grande verdade. E, do nosso não menos malicioso Campoamor, conta-se que, em certo livro de poemas, com pensamentos e cartas que remeteu a Pio IX, determinaria, caso tivesse sido Papa, a ordem de fechar o inferno.

Mil vezes foi dito e repetido que “compreender é perdoar”, e não cabe nenhuma dúvida de que, quanto mais profundamente conhecemos a consciência de um malfeitor, tanto mais facilmente desculparemos as suas más ações e até os perdoaremos caso ajam contra nós. E, assim, Deus, que tudo vê e esquadrinha os esconderijos mais bem guardados e os recantos da alma, tudo perdoa.

Tenho a suspeita de que isso do inferno, entendido como o lugar de eterna condenação e danação da alma, é uma invenção de pouca fé e uma mesquinhez por parte do coração dos fariseus honrados que temem que o céu seja pequeno demais para comportar a todos e que, nele, seria preciso andar se acotovelando e se apertando, ou que ficaria na porta quem chegasse tarde. E, entendido como um estado de inacabável infelicidade, suspeito de que seja uma invenção, de certa malevolência, por parte das pessoas que se dizem honradas.

Veja você, por efeito, esse fundo de mesquinha malevolência das pessoas honradas e descentes que passam por

esse submundo sem ter feito nada de mau a ninguém e, tampouco, nada de bom. Explodem de indignação quando alguém comete algum crime e pedem para que se faça migalhas do criminoso, mas não pelo senso de justiça — porque a verdadeira justiça consiste no ato de perdoar —, e sim para saciar seus maus sentimentos através da mão do carrasco, de uma maneira honrosa e sob o manto da justiça. E, por sua vez, há pessoas que não param de cometer crimes e têm um coração puro e generoso; pessoas que não fazem o bem que querem, mas o mal que não querem fazer, para me servir das palavras do já citado Paulo de Tarso. E, dessa maneira, é possível ver a profunda intuição moral do povo que se apaixona pelo bandido generoso e despreza o honrado mesquinho. Por algum motivo, o Mestre divino prometeu a glória eterna, em seus últimos momentos, ao bandido que morreu ao seu lado na cruz. E, não sem razão, disse que, até o final, ninguém está satisfeito, e que uma boa morte justifica uma vida ruim. E quem não morre bem? Quem é que sabe o que, nas últimas aflições, se passa entre a nossa alma e a Alma Suprema que nos recebe, então? É nesse momento que se cumpre o mistério do perdão.

E, aqui, quero transcrever uma linda sentença que li em um livro de orações judaico, escrito em *ladino*, ou seja, em um interessantíssimo e rico castelhano que, depois de

quatro séculos de expulsão, meio milhão de judeus espanhóis espalhados pelo Oriente ainda falam. Escreveram-no com caracteres rabínicos ou hebraicos, ora redondos, ora quadrados, e é uma língua cujo estudo tem me ocupado agora e em que se reverberam vozes, expressões e acepções das quais podemos aprender muito. Estou certo de que isso interessaria ao seu pai, porque adoraria ver com que simplicidade e facilidade formam novos derivados com sujeição às mais estritas regras da fábrica do castelhano! Digo, pois, que em um desses livros, eu li isto: “Não acredites em ti mesmo até a hora de tua morte”.

E quando Luzbel tiver de morrer para renascer em uma nova vida criada em si mesmo, verá que não foi realmente soberbo e que sempre amou a Deus — como você, com uma profunda intuição, afirma —, seu espírito se limpará do desespero, o remorso será removido e estará redimido e a salvo. E, com ele, todos os desesperados, todos os que não acreditaram em sua salvação, porque ser salvo consiste em acreditar em sua própria salvação. Porque não há dúvidas em você de que se a fé fosse derramada sobre todos os homens, todos nos salvaríamos no final, de que há um último perdão e uma felicidade duradoura para todos, fosse qual fosse a sua vida. Não há nenhuma dúvida de que seriam capazes de sentir um alívio enorme e, assim, desapareceria a enorme tristeza,

de tal forma que todos tentaríamos nos tornar melhores. Digam o que queiram dizer os homens de pouca fé, eu digo que a certeza do perdão nos separa do mal, muito mais do que o temor do castigo.

Por isso, eu lamento que um conto tão profundo e precioso, como o que me foi dedicado, esteja no entremeio de reflexões desconsoladoras.

Mas eu te advirto que esta carta vai se converter em um conto sem fim e, por isso, vou direto ao ponto.

Desde que me tornei crítico, ainda que me limitando às produções americanas em língua espanhola, vou, cada vez mais, compreendendo melhor a vaidade da crítica profissional. É uma coisa terrível, ler para criticar em vez de criticar por ter lido. A única coisa saudável e natural é a explosão espontânea de admiração, de simpatia, de agrado ou de indignação, de asco ou enfado que brota ao terminar um livro. O melhor e mais natural comentário a um livro de versos é colocar o leitor para fazer a leitura assim que acabar de ler. Se ao concluir a leitura de um livro de poesias, você não sair, mesmo sem querer, sem sequer uma estrofe, significa que os versos lidos não merecem que você os leia ou que você não merece lê-los. Ou eles são indignos de você

ou você é indigno deles. E, do mesmo modo, ao concluir um livro de contos, se o leitor não sentir o desejo de escrever outro conto que o desconcerte ou até que seu argumento ou ideia central seja forjado, é porque os contos não o afetaram de nenhuma maneira.

E eu, meu senhor Palma, tirei da leitura de seus contos, além de outras coisas, o ovinho, não direi um conto, mas sim um ensaio a respeito do perdão. E os contos que você quis fazer serem malévolos, acabaram tendo resultados benéficos para mim. E não quero me deixar escorregar aqui, pois eu sei que daria para fazer dissertações sobre os benfeitores malévolos e os benévolos, e os malfeitores benévolos e os malévolos, e as sutilezas a respeito do querer bem e fazer mal, e fazer mal e querer o bem e outras dissertações éticas escolásticas regradas pela lei da combinação e da permutação dos conceitos. Eu te devo um favor e desejo que ocorra o mesmo com todos os seus leitores. Ainda que seja você a infligir neles tão grave dano, que eles tenham uma profunda recordação sua e de seu livro. Obrigado por me prestar esse favor.

Seu afetuosíssimo amigo e servo,

Miguel de Unamuno.

Salamanca, 17 de abril de 1904.

OS CESTOS

Entre fazer um pequeno favor, cujo vestígio fica na memória do beneficiário, ou um grande prejuízo, que deixa uma recordação profunda, escolha o último. Eu vou lhes contar o que me aconteceu numa tarde de inverno, na companhia de um pobre homem chamado Vassielich.

Juro a vocês que eu sou bom, que sou um bom pai de família; mas somente quando há, neste céu nublado, o Sol. Oh! A neblina do inverno me machuca muito e me faz malvado. Se eu fosse um sacerdote, no verão faria um ritual a Deus; mas no inverno, lhe daria as costas e me entregaria com gosto ao diabo. No inverno, eu o amo, sinto que ele é parte de mim, apertando meu espírito e alimentando o fogo de meus instintos ruins: então, sinto-me um niilista, capaz de ser tanto ladrão como assassino; o vermelho me excita; e o sarcasmo e o ferino me fascinam. Quando chegam as primeiras nevascas, minha esposa diz: “Marcof, meu paizinho, as más ideias já começaram a brilhar em seus olhos. Está chegando o tempo em que você só vive para resmungar e praguejar, espancando os seus filhos e a mim. Olha, não saia

de perto do fogão, porque o gelo te faz ser mais malvado...”. Mas há pouco eu dizia que iria lhes contar uma aventura que tive, já tinha até esquecido. Ouçam: certa tarde, eu caminhava com um cachimbo na boca, por uma ponte longa e estreita. Um carroceiro surdo, chamado Vassielich, seguia o mesmo caminho que eu, conduzindo a sua carroça com mais de vinte cestos de refinados pescados, que pertenciam a diferentes donos, os quais o tinham contratado para levar e vender os peixes no mercado no dia seguinte. A carroça, por conta da curvatura da ponte, inclinou-se na direção da borda direita, porém, não tinha perigo de cair, já que o parapeito era alto o suficiente para evitar isso. Ainda assim, eu queria dar um bom susto em Vassielich.

Acreditem, eu não sou ruim. Mas eu queria, com toda a minha alma, dar um susto nele, mesmo que fosse necessário atirá-lo no rio com a carroça e tudo. De repente, a corda que segurava os cestos se partiu ou desamarrou... Confesso que senti um aperto no coração. A ponte era estreita e comprida, a carroça ia devagar em muitos solavancos, o chão da ponte tinha uma clara inclinação do centro às bordas... Depois de alguns segundos, *bum!*

Um dos cestos se soltou, caiu pesadamente sobre o parapeito e, a partir dali, rolou para o rio. Eu vi quando caiu e uma voz, muito fraca dentro de mim, murmurou: “Diga ao infeliz carroceiro que a carga dele está caindo no rio”.

No entanto, o inverno gritou, ainda mais alto: “Cale a boca, homem, e se limite apenas a observar. Não seria curioso e divertido ver os vinte cestos caírem, um após o outro, como uma manada de carneiros estúpidos?” E a verdade é que eu preferia fazer isso. É verdade que Vassielich, um bom homem que nunca me fez mal, sofreria muito com essa desgraça. Mas o que me importava? Eu perderia alguma coisa com o desastre de Vassielich? Não, pelo contrário, eu me divertiria durante o percurso da ponte, de cerca de cem metros. Calei-me e observei cair o segundo cesto, depois o terceiro, e o quarto, e o quinto e, então, muitos outros.

Pobre Vassielich, fosse pela surdez, fosse pela distração, não percebia o delicioso barulho dos cestos se espatifando na superfície ondulante do rio, jorrando jatos de espuma para os lados. O cavalo, ao contrário, estava mais atento aos acontecimentos, pois, ao sentir a carroça mais leve, amenizou a marcha. Quando chegamos ao final da ponte, corri até a carroça:

— Ei, Vassietich, meu amigo!

O carroceiro não me ouviu. Tive de me aproximar mais e tocar a sua perna com a ponta do meu cachimbo. Gritei para ele:

— Vassielich! Vassielich!

— Oi!? O que você quer? Estou com pressa...

— Ah, meu querido, não precisa mais! Venho lhe comunicar uma grande desgraça.

— Deus meu! Meu Deus! Minha esposa, Ivanowna, morreu?

— Não, juro que não. É algo pior e de transcendência social ainda maior!

— O Czar morreu?

— Oi!? Quem dera...

— Fale, fale...

— Bem, pare o carro, pois o que vou te dizer é algo muito grave.

— Mas... está anoitecendo e tenho pressa em chegar na cidade.

— Não tem mais.

— Por quê? Fala. Deus meu, meu Deus! — exclamou Vassielich, impacientemente, enquanto parava a carroça.

Lentamente, acendi meu cachimbo, que tinha se apagado:

— Eu estava te dizendo, meu caro, que não tem mais pressa de ir à cidade... Vai ver que tenho razão.

— Maldição! Mas por quê?

— Porque... acredite em mim, me dói te dizer, meu caro. Escute-me bem: você não deve se apressar porque... porque o senhor Rio engoliu, uma mordida de cada vez, seus cestos de peixes. Sou testemunha ocular. Aconselho que você use cordas mais fortes na próxima vez.

Vassielich virou o rosto violentamente. Assegurando-se de sua desgraça, empalideceu horrivelmente. Em seguida, ficou vermelho e, descendo da carroça, fitou o rio.

— Ei, amigo! Se está procurando os buracos que os cestos fizeram ao atravessar a superfície, eles já sumiram.

Vassielich se pôs a chorar. Não tinha dinheiro para pagar o prejuízo; seus pertences seriam apreendidos. Ivanowna e os seus filhos sofreriam misérias terríveis e, caso não conseguisse pagar toda a dívida, seria preso. E o inverno seria muito rigoroso! O pobre surdo chorava amargamente. Era questão de suicídio!

— Sim, meu caro, é o caso de se matar! — afirmei, com um ar filosófico.

E, de fato, pensei que ele iria se jogar de cabeça no rio, porque seu corpo se colocou sobre o parapeito. Abri meus olhos o quanto pude, disposto a ver com toda a minha alma aquele mergulho. Talvez o cavalo, com uma dessas fidelidades assombrosas que só se ouve falar nas histórias, também saltasse, arrastando consigo a carroça. E, caso ele não fizesse isso, eu o fustigaria a fazer. A ponte estava deserta e a cidade ficava a duas verstas² de distância. No entanto, o filho da mãe do Vassielich começou a gritar e amaldiçoar a sua sorte...

2 Cada versta corresponde a 1.067 metros.

Minha esperança se desvaneceu e, irritado com a estupidez daquele carroceiro, que por um covarde amor à vida era incapaz de cumprir com seu dever, disse-lhe, sorrindo:

— Eu poderia ter te avisado, meu caro, desde que vi cair o primeiro cesto. Mas para quê? Amanhã, você teria se esquecido do favor que eu estava lhe fazendo. Em vez disso, quando te levarem para a cadeia, e a sua esposa e seus filhos estiverem chorando na miséria, você se lembrará de mim. É verdade, claro, que irá me xingar, mas você se lembrará...

Vassielich não me respondeu, fosse porque não conseguia me ouvir, fosse porque estava aturdido demais com sua desgraça. Dei de ombros e segui o meu caminho, fumando meu cachimbo. No final das contas, o lugar dos peixes era no rio, e não nos cestos. Eu reestabeleci, dessa maneira, o equilíbrio da natureza.

IDEALISMOS

Certa noite, em um assento num vagão de trem, encontrei um pequeno caderno de couro russo, cujas páginas mostravam ser um diário. Nas páginas finais, registravam o estranho drama, que transcrevo com toda fidelidade:

14 de novembro

Estou muito contente. Minha boa Luty está morrendo. Até pouco tempo atrás, Luty era uma menina radiante, alegre e parecia que ia viver muito. Hoje, quem a reconheceria nessa jovem pálida, magra e nervosa? Como eram belos os seus grandes olhos azuis e a sua vasta cabeleira cor de champanhe! Minha namorada está morrendo e os sábios afirmam que é devido à ação dupla de uma neurastenia aguda e de uma clorose invenável. Hoje, eu a vi. Sua cabeça entre almofadas de fina renda parecia uma flor-de-lis desmaiada. Luty olhou para mim com os olhos brilhantes de febre, me estendeu sua

mão alva e enfraquecida e apertou a minha com uma intenção misteriosa. Pareceu que eu era capaz de compreender seu pensamento: “Não se esqueça, meu amigo, de colocar em meu caixão amores-perfeitos e gardênias, essas flores queridas que tantas vezes coloquei sobre seu peito; não se esqueça, meu amigo, enquanto os que velam meu cadáver dormirem rendidos pela fadiga e pela dor, não se esqueça de dar um beijo muito longo e apertado sobre meus lábios pálidos e rígidos”. Minha pobre amada! Ela morreu sem guardar rancor contra mim e, no entanto, fui eu quem a matou, eu, eu que a adorava. Vocês, espíritos burgueses, caso leiam estas páginas, não poderiam nunca compreender que a morte de minha amada noiva, de minha inocente Luty, poderia me deixar profundamente feliz. Pelo contrário, você sentiria a minha repulsa vívida e grande horror pela minha crueldade. Ah, pobres homens! Vocês não pensam, nem amam como eu, são apenas sentimentais ridículos. Amo a minha namorada com todas as energias de minha juventude — e, escutem-me bem, pois isso irá aterrorizá-los, como se sentissem passar roçando em seu peito uma cobra fria, viscosa e envenenada:

— Se o beijo que eu lhe der puder ressuscitá-la... eu não o darei.

18 de Novembro

Quando Luty entrou na adolescência, falei com ela a respeito do amor. Pobre menina nervosa! O primeiro amor foi penetrando, paulatinamente, nas profundezas de seu ser. A gestação de sua alma, a modelagem de seu coração e de seu cérebro se realizaram de acordo com meu desejo, formei a sua alma como eu queria; em seu coração, eu deixei que somente certos sentimentos se desenvolvessem; e, em seu cérebro, não havia nenhuma ideia que não fosse de meu agrado. Oh! Não sei que força tão diabólica, que coibição tão absoluta, que influência tão poderosa cheguei a exercer e ainda exerço sobre Luty! A sugestão de que minha alma agisse sobre a dela era tão grande que eu poderia fazê-la chorar como uma menininha ou enfurecê-la; fazê-la gozar dos maiores prazeres imaginados ou mortificá-la com as mais horríveis torturas sem quase precisar falar com ela. Quando eu ia ao seu encontro, mortificado por algum pensamento doloroso ou por alguma tristeza, a pobre menina empalidecia como um cadáver, como se, subitamente, sentisse a repercussão centuplicada das minhas angústias íntimas. Além disso, sentia ressoar em seu espírito a jovialidade e a felicidade com que o amor inundava a minha alma. Apesar da perversão

precoce com a qual estavam contaminadas tanto a minha filosofia quanto a minha vida íntima, eu jamais tentei perverter a alma de Luty, nem mesmo colocar em jogo suas energias sensuais. Luty ainda era pura, sem malícia, imersa na mais profunda ignorância das misérias e ignomínias do amor.

Em certa noite de insônia, senti rebulir em meu cérebro uma tentação perversa, e como um escaravelho de antenas eriçadas, veio a mim o desejo de corromper a inocência de minha Luty. Ah, maldita insônia! Felizmente, vi com cores sombrias o desmoronamento terrível da pureza moral de minha noiva, vi a explosão de lama salpicando no alburno incólume de sua alma. Eu era o amo absoluto de Luty, o tirano de sua vida interior. Para que sujeitá-la a uma nova tirania, à tirania ignóbil da carne? Para que sujeitá-la a essa autocracia malévola, em que o cerco se fecha e termina por estrangular o pescoço do próprio tirano? Eu já era infame o suficiente por ter escravizado a alma de Luty. Mais de uma vez, eu senti, nas agitações da insônia, os impulsos malvados de meus instintos; e, mais de uma vez, venci-os. Mas eu poderia sempre vencer a mim mesmo? Meu dever era libertá-la. Como? Casar-me com a minha namorada era o mesmo que sujeitá-la

para sempre às minhas garras; e a minha dignidade, em uma violenta revolta, rejeitou com horror essa aniquilação da alma de Luty; essa absorção de seu ser pelo meu; esse nirvana de vontade, de pensamento e de desejo revelados em sua submissão incondicional; nessa impensada e confiante fé de que ela tinha nascido entre as inocentes expansões do amor puro e terminaria na ignomínia carnal da vida conjugal, nas quais morrem toda a ilusão e todo encanto para dar lugar a uma amálgama de animalidade e de respeito. Eu a amava, a amo com todas as forças da minha alma, e me horrorizava, por ela e por mim, o inevitável desencanto, o rebaixamento do espírito de Luty e, ao mesmo tempo, o rebite dessa cruel tirania de minha alma. Meu dever era libertá-la da influência demoníaca que eu exercia sobre ela, libertá-la através de um último ato de tirania moral, que teria de ser a única forma nobre possível do meu absolutismo. Criar a liberdade por um ato de opressão, uma vez que o retorno à independência primitiva já era impossível. Isso parece a vós, senhores burgueses, um paradoxo absurdo. E, a partir desse momento, todo trabalho sugestivo foi para impor à alma de Luty a necessidade de morrer, a necessidade doce e tranquila de desaparecer do mundo, deste mundo

ignominioso. “Eu te amo”, dizia mentalmente a minha Luty. “Te amo e és a minha escrava. A maior prova de amor que te dou é romper a corrente que te une a meu ser, desonrando-te. Morra, minha Luty, morra sem sofrer, morra de pouco em pouco, através de uma lenta e inconsciente recuperação de sua dignidade moral...”

19 de Novembro

Já é impossível que minha Luty seja salva. Ela está morrendo, morrendo. Seus olhos grandes e azuis só têm forças para me olhar e absorver a assassina influência de meu amor. Luty, com minhas carícias apaixonadas, com minhas frases de amor tóxico, estremece e, cada emoção dela é um salto seu em direção à morte. O médico disse de forma clara: “Ela precisa evitar emoções fortes, que são fatais...”

21 de Novembro

Sinto a necessidade de evocar memórias. Meu trabalho, por muito tempo, foi impregnar em Luty certo pessimismo celestial, matando-a moralmente através de ideias mortíferas. Eu a convenci de que a morte é algo doce, um prêmio inefável dos amores profundos e castos, o nó infinito do amor. Todas as minhas palavras e minhas

carícias foram escritas com caracteres invisíveis, mas hipnóticos. A ordem era: “Morra, minha Luty, morra”. E eu sentia, desde as entranhas de seu ser, que tinha me respondido algo como: “Vou te obedecer, como sempre”. A ideia da morte era o sedimento impalpável, que permanecia na alma de Luty depois de “todas as nossas conversas, mesmo as mais apaixonadas”.

Oh! Eu me lembro muito bem. Numa noite estrelada em um terraço, fiquei acordado até muito tarde conversando com Luty e fazendo observações com o telescópio. Que belos passeios pelos mundos astrais fomos capazes de fazer com a imaginação! Tudo isso assentava a premissa da morte de ambos: nossas almas com formas imponderáveis, unidas em um abraço apertado, cruzavam os espaços dos planetas, como visões do Paraíso de Alighieri. Eu, em delírio amoroso, prendia a Olho do Touro, vermelha como um rubi ardente, nos cabelos de minha amada. Arrancava pérolas da Via Láctea e formavam colares para o pescoço de Luty. Logo, continuamos em ziguezagues maravilhosos, perambulando em mundos encantados eternamente, lugar onde os seres tinham novos sentidos, em que a corporeidade desaparecia e as formas se desvaneciam entre sutis musselinas e tules luminosos... Em Urano, vimos uma flora colossal, na

qual as rosas eram como catedrais e, entre as pétalas, vagavam humanos microzoários, com formas vaporosas, divididos em casais apaixonados, que se entregavam a sublimes iguarias e aspiravam deliciosas fragrâncias. Então, continuamos subindo; sempre tínhamos novos mundos diante de nós e, a cada momento, encontrávamos amantes que, como nós, faziam a mesma peregrinação. A rota era interminável, eterna: criação infinita. Com frequência, detínhamo-nos para ver algo esplendoroso. Ora era um cometa que atravessava o abismo, ora era a exploração de uma estrela. Vimos Vênus chegar, trazendo seus idílios de amor. Ele era pequeno; primeiro, estava distante; depois, cresceu, cresceu até percebermos seus enormes bosques perfumados, povoados por moças formosas, belos rapazes e crianças aladas que atravessavam os prados dançando animadas farândolas e, em seguida, perdiam-se na poética sombria de uma selva. Vênus passou diante de nossos olhos deslumbrados com muita satisfação e, bem rápido, os suspiros se confundiram; os beijos e as canções desse mundo feliz, com a explosão de uma bola de fogo cintilante ou com o zumbido de algum cometa que passava agitando a sua cauda deslumbrante... Para ver isso, era necessário morrer: morrer jovem, morrer antes que a vida nos estragasse e obstruísse a

faculdade de apreciar as belezas ideais; cortar a tempo a corda que prendia o globo cativo de nossa alma às misérias da terra. Luty, entusiasmada, ansiosa, viajava comigo pelas profundezas insondáveis do cosmos. Trêmula, agarrada ao meu pescoço, escutei-a desvanecer, como se sentisse a vertigem do infinito, sem suspeitar que, por trás da minha narração, escondia-se, como um bandido nobre, meu desejo de vê-la morta, vê-la livre dessa tirania infernal na qual eu a prendia.

Pouco depois, Luty adoeceu, para a minha grande satisfação. E, então, continuei, com mais vigor, o meu trabalho de matá-la. A anemia, essa doença romântica, veio em auxílio de meus desejos e labor silencioso. Luty morre; seus nervos, doentes e estimulados por mim, contribuem eficientemente para estrangulá-la em uma rede de emoções vivíssimas e de extravagâncias incríveis, cuja vida desejo aniquilar. Hoje, Luty agoniza, ou seja, reconstrói a sua dignidade moral como pessoa; ressuscita...

21 de Novembro (3h da madrugada)

Está tudo acabado, Luty está morta. Ela morreu suavemente, como eu queria. Ela estava contente, feliz e satisfeita com meu amor, suspeitando, talvez, nos seus

últimos momentos de lucidez, meus escrúpulos por sua escravidão e a minha profunda e nobre alegria por sua morte. Creio que ela esteja agradecida por minha conduta. Guardo em meus lábios, como um tesouro, seu último beijo: o do encontro para a eternidade venturosa. Pobre Luty! Sinto uma alegria melancólica por tê-la libertado e, ainda, a satisfação de ter criado e extinguido a sua alma. Isso contribui para fazer a minha alegria ser impura? Não sei, mas acho que a felicidade seja, talvez, mais do que o poder de criar: o prazer de destruir. Agora, vocês compreenderão, espíritos burgueses, que desejar e cooperar com a morte de uma namorada jovem, bela, inocente, amada e amante, não é, em certos casos, um paradoxo assustador, muito menos uma crueldade espantosa, e sim um ato de amor, de nobreza e de honestidade.

O ÚLTIMO FAUNO

Depois que a religião cristã dominou tudo há muito tempo, os deuses do Olimpo renunciaram honrosamente à sua imortalidade na Terra. O orgulhoso Júpiter disse: “Para que viver se não for para reinar?”. E o mesmo se deu com Vênus, Saturno, Diana e Marte. Toda aquela sublime raça deixou a Terra. Alguns deuses embarcaram no navio Argos e foram atravessar os mares negros do abismo; outros foram lamentar o seu exílio, sentados na carruagem da Ursa, percorrendo o longo caminho da Via Láctea; e não poucos tomaram lugar no barco de Caronte, o velho remador do Estige.

Os sátiros, envelhecidos e carcomidos, tentaram em vão se sustentar nas sombras dos bosques enquanto a nova mitologia triunfava em todo o mundo. Os coitados ficaram presos no Bóreas durante essa invasão. Alguns, por orgulho, enforcaram-se nos carvalhos de um mosteiro. Outros queriam se converter e começaram a falar com Santo Antônio, enviando um mensageiro que disse ao santo: “Sou um mortal

como você e um dos habitantes das florestas que os pagãos adoravam sob o nome de faunos, sátiros e íncubos. Venho a ti, neste momento, enviado por meus semelhantes, para implorar que interceda por nós junto ao Deus comum”. Nada. Essa tentativa de conciliação foi em vão, o que enterneceu Santo Antônio, “que até derramou lágrimas”. Na nova religião, eles eram detestados, e as virgens inocentes do cristianismo os rejeitaram. Como admitir esses lascivos profanadores da virgindade, esses carrascos da castidade, esses selvagens e brutais apologistas das glórias vermelhas do falo? Os pobres faunos, impelidos pela repugnância do novo espiritualismo, subiram na direção do polo e se afogaram entre os icebergs; foram devorados por ursos brancos; e muitos foram assassinados pelos runoyas,³ os quais não podiam ver por causa do sangue frio de anfíbios que lhes corriam nas veias, graças aos costumes perversos e desenfreados desses filhos do Sul.

As ninfas de Diana encontraram refúgio nas selvas poéticas da Germânia e mudaram de nome. Nunca ouviu falar de Lorelei, nem das fadas? Pois são elas...

3 No Kalevala, poema épico finlandês compilado/reescrito por Elias Lönnrot, há a figura do runoya, um bardo, ou seja, compositor e cantor das runas antigas que, graças a isso, possuía poderes mágicos.

As ondinas, sereias e nereidas se esconderam em seus palácios de nácar e pérolas. De vez em quando, uma ondina ainda se debruça em uma janela e olha para cima, acreditando que pode ver, através das águas glaucas, a quilha do navio de Ulisses... E seu olhar curioso se transforma em fúria ao ver a hélice de um barco à vapor rugindo, e, espiando por cima das amuradas, o belo rosto de uma dama se revela na face avermelhada de um contramestre fumando cachimbo.

Dessa grande catástrofe, que transformou o Olimpo em uma montanha solitária, restou apenas um fauninho de dezesseis anos, que, por razões desnecessárias de mencionar, não pôde seguir a vertiginosa corrida dos deuses e se viu obrigado a permanecer na terra, em meio a um bando de intrusos. Com o passar do tempo, seu ódio contra aqueles invasores que o deixaram órfão cresceu, sacrificando a sua juventude ansiosa de amores, condenando-o ao isolamento e a uma vida oculta e de fugas precitadas. As pastoras, fazendo cruzeiros, fugiam dele. Os pastores o perseguiram, como se fosse um lobo, agitavam seus cajados e atiravam pedras nele. O pequeno fauno se recordava das alegres caçadas às ninfas e às pastoras, das gloriosas festas de Baco, das Saturnálias, nas quais dançavam desvairados em círculos ao redor da estátua de Sileno. Que tempos belos foram aqueles! Caminhando solitário ao anoitecer, cruzou campinas, atravessou desertos,

escalou montanhas e vagou pelos rios, buscando os seus irmãos, que tinham desaparecido para sempre. E os séculos foram passando...

Em sua peregrinação, às vezes, via as belas castelhanas nas janelas de algum castelo feudal, e, assim, uma chama de raiva e desejo brotava em seus olhos. Em outras noites, por algum tempo, detinha-se e contemplava de uma colina as silhuetas diáfanas das freiras de algum convento gótico, projetadas pela luz sagrada do balcão do coro. Mais de uma vez, uma pastora insone viu um rosto belamente diabólico, o brilho de olhos deslumbrantes, espreitar pela janela de sua cabana. “O lobo!”, exclamou, metendo-se entre os lençóis. Não, não era o lobo, era o pobre fauno errante, um pária da nova civilização, perseguindo os sonhos das mulheres jovens e belas. No dia seguinte, os fazendeiros, armados de foices e gadanhos, saíam em perseguição do lobo imaginário. Em muitas ocasiões, o fauninho esteve a ponto de ser pego pelos dentes de uma matilha ou de cair trespassado pela lança de algum cavaleiro entregue aos prazeres cinegéticos, tomando-o por um veado ou javali. Apenas a sua corrida veloz foi capaz de salvá-lo.

Assim, nessa vida noturna e de aventuras, comendo tâmaras nos desertos e nozes nas florestas, bebendo o leite das cabras montesas e a água dos córregos, cruzando montanhas,

serras, bosques e planícies, contornando as cidades, passando por novos continentes, fugindo dos homens e perseguindo as moças desatentas que tivessem a imprudência de sair de noite (ele foi o pai dessa geração de incubos que alarmou os teólogos da Idade Média), viu transcorrer quase trinta séculos.

Finalmente, em uma tarde, ele chegou à beira-mar e viu uma ilhota da costa. De repente, teve uma surpresa agradável: viu nela formas humanas que lhe recordavam as antigas fábulas. Ele até pensou ter ouvido o inesquecível *evohé!*⁴ de Anacreonte. Atirou-se ao mar e seguiu a nado, da mesma forma que fez quando cruzou os lagos da Arcádia. De fato, sob a ilhota viviam muitas ondinas que receberam, loucas de alegria, o jovem retardatário da mitologia morta.

As ursulinas,⁵ fugidas do calor urbano, foram passar o verão em um mosteiro da ordem, que ficava no litoral. Que algazarra fizeram as jovens noviças, brincando alegremente na praia solitária! As meninas descansavam das macerações e severidades da vida mística, sentindo ferver intensamente em

4 Exclamação grega de satisfação.

5 Religiosas de qualquer uma das diversas congregações criadas pela Companhia de Santa Úrsula.

suas veias o sangue inquieto de uma infância recente. Veja que a mais velha das noviças não tinha sequer vinte anos. Vestidas em trajes de banho, desceram a pequena colina. Alvas como hóstias sagradas, pareciam uma ressurreição dos tempos dos peplos.⁶ Você teria acreditado nelas, vendo-as descer em ordem, sérias e pudicas, quatorze cimodeceas⁷ conduzidas ao circo para que as suas carnes virgens fossem devoradas pelos leões. Mas, uma vez na praia, você as teria tomado por quatorze vestais,⁸ enlouquecidas porque o fogo sagrado do altar se extinguiu. A irmã Ágata de la Cruz (entre elas, chamavam-se pelos nomes que pretendiam adotar quando professassem), loira, resplandecente e com seus vinte anos de pureza dedicados aos sonhos santos, era a mais endiabrada e brincalhona. A praia inteira parecia se alegrar com as suas risadas cristalinas, suas brincadeiras inocentes, suas corridas e movimentos repletos de graça e leveza. Suas carnes, castamente

6 Túnica de tecido fino e feminina, sem mangas e presa ao ombro, muito utilizada na Grécia Antiga.

7 Referência às nereidas, deusas do mar, e, ao mesmo tempo, a certo tipo de vegetação marinha, cujo nome foi inspirado em Cimo, a deusa das ondas e filha de Nereu com Dóris.

8 Sacerdotisas de grande importância na cultura romana, celibatárias que serviam a Vesta, mantinham o fogo sagrado aceso, com o intuito de que o poderio bélico romano sempre triunfasse. Eram escolhidas entre os seis a dez anos e tinham de servir durante trinta anos.

veladas pela roupa de banho, estremeciam ao entrar na água pela gradual ascensão do frio. Como ficava bela quando, a cada carícia brutal das ondas, cruzava as mãos e cerrava os dentes! E a pálida Lucía del Sagrario, com os olhos sempre baixos, mas brilhantes, aparentava ter, por detrás das pupilas, uma luminosa visão beatífica. E Ana del Corazón de Jesús com seus olhos negros, profundos e apaixonados, e lábios que pareciam ter sido moldados pelo sangue de morango e romãs. E Rosa del Martírio, um pouco gorda, mas admiravelmente modelada, cheia de saúde nas bochechas frescas. E Teresa de los Dolores, nervosa, doentia, porém expressiva e graciosa em todos os seus movimentos. E todas, todas elas eram belas. As que não eram agraciadas com um rosto bonito, tinham um corpo belo ou graça em seus movimentos. Eram todas belas com o perfume inefável da pureza, com o atrativo incomparável da juventude. Nada pode ser mais adorável do que um grupo de meninas que pula, ri, grita, mergulha nas ondas, zomba das carícias do mar, o qual salpicava com sua espuma todos os encantos que eram oferecidos piedosamente à Divindade. As irmãs Ágata, Rosa e Ana eram as mais corajosas e ousadas, pois se aventuravam longe da praia com ousados exercícios de natação, seguras de que domariam o Oceano com sua audácia.

Entretanto, Madre Clara, sentada à sombra de um rochedo, lia devotamente o seu livro de horas, levantando a

cabeça frequentemente; fosse para sorrir a uma das noviças que a lisonjeava; fosse para repreender gentilmente outra que dizia algo vagamente pecaminoso; fosse para observar as ousadas nadadoras com inquietude; ou fosse para verificar as horas em um modesto relógio de aço.

O jovem fauno, de sua ilhota distante, via a agitação de todos esses corpos puros e belos. As carícias das ondinas, frias como peixes, congelaram toda a sua paixão. Oh, como tinham mudado! Não eram mais as amorosas e veementes servas de Calipso. Nem sequer eram como aquelas cristãs, cuja religião austera o havia deixado órfão. Ao vê-las, todo o sangue que fervia nele há vinte séculos falou em seu ouvido, inspirando nele desejos ignóbeis. Todos os truques de sua estirpe lhe vieram à cabeça e ele se lembrou dos raptos dos faunos nas penumbras das florestas.

Certa manhã, ele viu três nadadoras próximas à ilhota. O fauno agarrou um polvo e nadou com ele debaixo da água até o local em que, tranquilas e descuidadas, as três jovens freiras nadavam, conversavam e riam.

De repente, Ágata viu uma sombra embaixo dela. Virando-se assustada, quis fugir. Chamou suas companheiras, mas era tarde demais. Braços frios e viscosos se prenderam em suas panturrilhas viçosas, impedindo-a de se movimentar. Gritou desesperada, fez esforços inauditos, debateu-se com

toda a energia que a perspectiva de uma morte horrível em plena juventude fornece. Tudo foi em vão. Os tentáculos do polvo, repletos de ventosas, continuaram a subir e a entorpecer os seus movimentos. Desesperada pelo terror da morte iminente, ela começou a sentir a perda de seus sentidos, quando um rosto bonito e jovem, como um Cristo do mar, aproximou-se de seu rosto. Ágata voltou à vida e, cheia de esperança, entregou-se ao seu salvador, silenciando, com certa alegria íntima, o pudor que sentia ao se ver nos braços de um homem. O que diria madre Clara! Mas, quando o choque mortal que recebeu se desvaneceu, ela notou que o jovem a carregava mar adentro. Ela quis deter seu guia:

— Para onde você está me levando?

O fauninho a respondeu:

— Cristã, sob este rosto jovem, eu passei vinte séculos em desespero. Dê uma boa olhada em mim: eu sou um fauno, o último de minha espécie. Durante vinte séculos, tenho buscado em vão uma mulher amável. Eu a esperei... até hoje. Te espiei, cristã, tenho te espiado, e, ao ver tão bela criatura, meu coração se incendiou de amor. Te amo, cristã, te amo. És a mais bela das filhas da falecida Grécia. És minha, e eu abençoo os vinte séculos de sofrimento pelos quais passei. Eu te surpreendi no mar, como meus irmãos surpreendiam as pastoras na floresta. Vou levá-la a uma ilha solitária, vou

embalar seus sonhos com as canções do velho Anacreonte.
Me ame, cristã, me ama!

O que pensou a espiritualizada irmã Ágata de la Cruz? Encontrava-se no meio do mar. Lá, muito longe, estava madre Clara, rodeada de noviças, a quem suas duas companheiras se dirigiram para dar a notícia de sua morte, devorada por um monstro marinho. Ela via as pequeninhas, as cabeças não maiores que as de alfinetes. Ela via a casa de Jesus, o Bem-Amado, sobre a colina o mosteiro. E ao lado dela, estava o fauno, apaixonado, belo, trêmulo de amor e com lágrimas nos olhos. Ele lhe oferecia um carinho fermentado por vinte séculos. Os faunos não pertenciam à raça dos judeus. Ela teria preferido morrer mil vezes antes de consentir que as mãos de um judeu tocassem sequer um fio de cabelo seu, mãos assassinas, mãos tingidas de vermelho com o sangue divino do Salvador. O que mais pensou a espiritualizada irmã Ágata de la Cruz? Depois de um momento de silêncio e reflexão, a noviça apertou levemente o ombro do fauno e, com uma voz tímida, que traduzia os seus escrúpulos, ela disse:

— Jure para mim, fauno, que irás crer na divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo.

— Juro, cristã.

E o fauno, com sua valiosa carga e louco de alegria, continuou nadando em direção a uma ilha que se delineava

vagamente no horizonte. Meia hora depois, tinham perdido a terra de vista, mas ainda assim chegou aos ouvidos de Ágata o som lúgubre do sino do mosteiro, dobrando por ela. Então, ela rezou e duas lágrimas ardentes caíram nas costas brancas e lisas do fauninho. E seguiram nadando.

O *Gulf of Christiania*, do P.S.N.C.,⁹ com 7 mil toneladas de carga, o capitão Pfeiffer (norueguês), dois motores, 18 milhas de distância, 104 metros de comprimento e 19 metros de largura, transportava uma carga de carvão para a Califórnia e, a todo vapor, conduzia 183 passageiros a bordo. Entre eles, estavam: Sara Bernhardt, a famosa artista, uma trupe de saltimbancos, seis sacerdotes e um casal recém-casado. Eis o que aconteceu:

Turanio, o *clown*, um palhaço francês que tinha feito sucesso em Nova York pela graça de seus saltos mortais e pela estranheza de seus gestos, pegou um de seus óculos e, recostado na balaustrada, perscrutou o mar, imitando os gestos do piloto. Sara Bernhardt lia, pela centésima vez,

9 A Pacific Steam Navigation Company foi uma empresa britânica de barcos cargueiros à vapor que trafegavam na costa do pacífico da América do Sul. Atuou na costa do Peru de 1845 a 1923.

As memórias de Sara Barnum, calúnia que Maria Colombier escreveu a respeito dela. Que gracioso era Turanio! A recém-casada riu até chorar. De repente, Turanio, fazendo uma pirueta de terror cômico, exclamou:

— Um tubarão branco!

De fato, ao longe, via-se algo que parecia ser vagamente as costas de um peixe branco, que emergia e submergia. Stirno, o outro palhaço, chegou com um nariz descomunal, armado com uma carabina inglesa de balas explosivas. Risadas ruidosas trovejaram pelo navio e se estabeleceu uma disputa. Turanio afirmava ter visto um tubarão branco e Stirno jurava como um condenado que se tratava de um lobo velho e grisalho. Sara Bernhardt sugeriu que a maneira de chegar a uma conclusão seria caçá-lo. Stirno posicionou a carabina no rosto e esperou o momento em que o monstro emergiu novamente. Todos os passageiros rodearam o atirador. Os olhos de Sara brilhavam de entusiasmo, a recém-casada tapava os ouvidos e piscava nervosamente, esperando a detonação. Passaram-se cinco, dez, quinze segundos.

— *Pum!*

Houve uma expressão de alegria formidável e a ilustre atriz aplaudiu freneticamente quando viu a mancha branca se agitar. Mas, então, o vapor chegou ao local e todos os passageiros se inclinaram sobre a balaustrada para ver se era um

lobo ou um tubarão. Quando chegaram, encontraram dois corpos humanos perfurados pela bala explosiva do divertido Stirno. A famosa Sara e os demais passageiros arregalaram os olhos de espanto e horror! De todos os lábios, o mesmo grito:

— Oh!

Foi assim que morreram irmã Ágata de la Cruz e o último fauno.

PARÁBOLA

Meu tio, pároco dos Camaldulenses, era um homem de muito bom humor, apesar de viver devotado à leitura de velhas biografias canônicas, crônicas antigas e fólhos em pergaminho, dos quais extraia dados para a história da Ordem que já há muito estava escrevendo. Eu, por minha vez, passava por uma dolorosa crise moral, não sei se devido a seriedade com que fiz certas leituras filosóficas, ou por conta do pesar que me causou a morte de minha Susana, uma namorada um tanto diabólica que tive e a quem, muito provavelmente por isso, amei com paixão. A verdade era que eu afundava em uma maré de misticismo e fui me confessar ao meu bom tio, que com grande afabilidade me aliviou a consciência de alguns milhares de pecados pesados cometidos durante os muitos anos de incredulidade e impiedade. Meu bom tio não se satisfez. Com grande delicadeza, descarregou em minha consciência que meu estado moral e nervoso me colocaria em perigo de cair em um destes dois abismos: a loucura ou o suicídio. Assim, ele me levou

ao monastério para que as leituras piedosas, a meditação e a paz de uma cela contribuíssem para me devolver a paz de espírito. No início, a tranquilidade conventual permitiu que eu me concentrasse apesar das minhas dores agudíssimas e de minhas lembranças e meditações mortificantes. Mas, pouco a pouco, a paz externa invadiu a minha alma. Meu virtuoso tio costumava ir à biblioteca do convento durante a noite e, entre a leitura de seus capítulos, dissertava comigo sobre alguma questão arqueológica. Ele me contava anedotas e curiosidades históricas ou me criava alguma relação mística com pontadas de picardias profanas. Depois de dois meses, meu espírito já estava curado e as noites pareciam curtas para poder escutar a alegre conversa de meu tio e as suas claras e profundas dissertações. Não posso me esquecer de dizer que, a cada noite, terminávamos com uma boa xícara de chocolate, como somente os priores sabem beber, dado que León Pinelo, teólogo e bibliófilo distinto, provou que o chocolate não quebrava o jejum prescrito pelo ritual da Consagração. Depois disso, meu tio ia à missa matutina.

No entanto, a única coisa que me restava de Susana era a recordação melancólica de suas maldades e de seu estranho amor. E, não obstante, de minhas obscuras meditações filosóficas, das quais eu guardava apenas um sabor levemente amargo. Às vezes, eu me exasperava pelo trabalho, pela

graça da lua ou por minha dispepsia crônica. Certa noite, comecei a insistir com meu tio que Leibnitz tinha sido um solene vilão ao assegurar que este mundo era o melhor de todos os mundos possíveis. Na minha opinião, Deus era um tirano cruel, que se comprazia com a angústia dos homens, e qualquer perdedor que tivesse assessorado Deus, deveria ter dado a ele indicações mais acertadas para fazer um mundo melhor. Então, meu tio, depois de me dar um belo sermão, me chamou de tolo e desabafou contra o século, os filósofos e fez um grande brinde ao arqui-herege Voltaire. Foi assim que ele me contou a seguinte parábola:

Depois de dezenove séculos de redenção, o Salvador teve a estranha ideia de dar um passeio pela Terra, a fim de ver em que estado estava o mundo sob o império das doutrinas de caridade que havia pregado e das quais a Igreja tinha sido a depositária. Como era natural, Jesus tinha trazido os plenos poderes de seu Pai para fazer e desfazer, até mesmo para repetir, se acreditasse ser conveniente, a tragédia do Calvário. Jesus achou esta terra mais pervertida e perversa do que antes. Sem muito trabalho, encontrou muitos Judas que o venderiam e muitos Pilatos que o condenariam de novo. Imensa tristeza invadiu o bom Jesus ao ver que seu sacrifício tinha sido inútil. Mas ele

compreendeu que grande parte da culpa por esse desastre moral e desse fracasso de boas notícias se devia a algo: fosse à intoxicação sorrateira das almas, realizadas por homens maus chamados de filósofos; fosse a maneira errônea como alguns dos encarregados da propaganda evangélica tinham popularizado as doutrinas de sua fé, da piedade e do conforto (devo lhe dizer que os Camaldulenses não foram incluídos entre eles). De certo modo, os homens não podiam ser culpados e, por conta disso, o coração de Jesus se encheu de amarga melancolia e terna compaixão. E, nem por um momento, seus olhos azuis brilharam de raiva ou despeito. O que fazer? Nada, deixar o mundo continuar girando e o demônio devorando as maiores e melhores almas. Não há remédio. E duas lágrimas se perderam entre os cachos de sua barba castanha.

Jesus subia uma montanha para se lançar do cume ao céu, quando encontrou um velho eremita colhendo ervas medicinais. O velho, apesar de seus setenta e oito anos, tinha uma visão muito boa e notou que as mãos do jovem estavam perfuradas e que algo como uma auréola luminosa e muito tênue cercava a sua cabeça. Imediatamente, correu até o Salvador, deixando seu maço de ervas sobre uma rocha. Ao alcançá-lo, caiu a seus pés e derrabou lágrimas abundantes.

— Ah, meu bom velho, reconheceu-me! — disse-lhe Jesus, levantando-o afavelmente. — Que graça queres que eu faça por ti?

— Para mim, nenhuma, Senhor, mas sim para a humanidade.

— Eu gostaria muito de levar a humanidade para o céu, mas não é possível, ancião. Os homens se tornaram muito malogrados e, na minha opinião, converteriam o céu no inferno.

— Oh, senhor! — continuou o velho, com muita ingenuidade. — A humanidade sofreu muito por causa do pecado do primeiro homem, que começou esse infortúnio sobre a Terra. Se lhes devolvesse teu olhar de perdão, a felicidade voltaria a acariciar suas almas; a fé e a ventura fluiriam nelas como um rio pacífico através de suas consciências. E, ao sopro de tua infinita misericórdia, se apaziguaria para sempre a terrível tempestade em que tantos de teus filhos sucumbem e se afundam pela eternidade nos abismos do inferno.

— Pobre ancião! És o portador das angústias humanas, dos arrependimentos tardios e das orações dos infelizes. Mas não sabes que o mal e a dor são flores inevitáveis do pecado?

—Oh, Senhor! Mas tu poderias cegar uma das muitas fontes do pecado.

Jesus não respondeu. O velho era teimoso e seguiu exigindo:

— Se tu suprimisses a enfermidade, Senhor... A doença engendra o desespero, Senhor, e ela é a maçaneta do demônio para conduzir as almas ao seu horrível império.

— Dentro de algum tempo nós nos encontraremos neste mesmo lugar e me dirás como está a humanidade desfrutando de saúde.

O corpo de Jesus se dissolveu em um fio de neblina, subitamente beijado por um raio de sol, deixando ali um perfume superior ao de todas as florestas. Desse dia em diante todos os enfermos de todos os hospitais sararam como que num passe de mágica; as feridas se fecharam imediatamente; os médicos e boticários se dedicaram a outras profissões; e as faculdades de medicina de todos os países foram fechadas por se tornarem inúteis. A enfermidade se tornou uma memória e a terapia se converteu em um estudo erudito, como o antigo sânscrito. As pessoas morriam docemente quando atingiam os noventa anos. No entanto, o número de condenados não diminuiu.

Depois de passado algum tempo, Jesus e o eremita se encontraram novamente.

— *E então, bom velho? — interrogou o Salvador com um sorriso enigmático, que iluminou o rosto melancólico com fulgores de malícia bem-humorada.*

— *Oh, Senhor! Os homens estão condenados como antes, mas eu sei o porquê. É por causa da miséria, Senhor. Graças a miséria, eles se desesperam e se condenam. Eliminaí a miséria, meu Jesus.*

— *Que seja — respondeu Jesus.*

Imediatamente, as gavetas dos comerciantes falidos à beira do suicídio se encheram de ouro. As árvores começaram a ostentar o desperdício de seus frutos; os campos de trigo produziram colheitas abundantes. Todos tinham como satisfazer amplamente as suas necessidades. Roschildt, num capricho de um milionário, ofereceu metade de sua fortuna a quem lhe levasse um mendigo. Que deliciosa abundância da terra! E, no entanto, na contabilidade do demônio, a lista de ingressos permaneceu inalterada.

No ano seguinte, a entrevista se repetiu.

— *Senhor, é o ódio de alguns homens por outros que os tornam infelizes e os arrastam ao pecado e, do pecado, são condenados. Se os homens se tornarem unidos por uma fraternidade doce e calma, se se sentirem instintivamente movidos pelo amor mútuo, a humanidade*

haverá de se salvar. Oh, Senhor, apaga com teu sopro divino a tocha vermelha o ódio, extingue a sangrenta chama da guerra, e verás como o anjo da felicidade fechará as portas do inferno!

— Ancião, o que me pedes é mais difícil. Enfim, que seja. Desde esse dia, não houve mais ciúme, porque os homens se amavam e se respeitavam tanto que não desejavam a mulher do próximo e evitavam qualquer convergência de amor. A pólvora adquiriu a boa propriedade de deixar de queimar e, conseqüentemente, fundições de canhões e fábricas de armas de fogo perderam o seu propósito. As espadas e os punhais se tornaram quebradiços e se despedaçavam ao menor golpe, de modo que, como não se tinha mais como expressar e direcionar ativamente um ódio, este teve de desaparecer. Da mesma forma desapareceu o sentido de enxergar se não houvesse luz. Era possível ver como todos os homens se falavam e se acariciavam com sincera cordialidade. Todos os assuntos foram arranjados de forma tão satisfatória que, quando necessário, podia-se recorrer a mediadores amigáveis. Advogados, juízes e escriturários tinham que se dedicar a dormir se quisessem se ocupar com alguma coisa. Durante vários anos, Jesus não apareceu novamente para o bom eremita. O que mais ele poderia desejar à

humanidade? Era certo que o demônio estaria arrancando seus cabelos chamuscados e chifrando impacientemente contra os portões do inferno, já que era provável que ninguém fosse condenado. Quem seria capaz de pecar, condenando a si mesmo, gozando de perfeita saúde, sentindo, como inefável carícia da alma, essa fraternidade universal e, ainda por cima, sem se preocupar com o futuro? Havia pão, amor e saúde para todos e era certo de que, nesta pacífica e tranquila condição, a vida seria uma benção de Deus.

Pois, não, senhor. Depois de três anos desta vida, os homens se condenavam tanto quanto antes. Como nada podia ser escondido, os homens souberam que deviam esse delicioso estado de bem-aventurança ao nosso bom eremita e, um dia, enviaram delegados ao velho com uma oração tão estranha que ele ficou horrorizado. Quando ficou sozinho, o eremita começou a chorar de vergonha e comiseração pelo fato de a humanidade ser tão ingrata quanto ingovernável, tão insaciável quanto louca. Esperou, com tristeza e desconsolado, o dia da entrevista com o Senhor. Qual não foi o seu espanto quando ele, um dia, entrou em sua gruta e viu o resplandecente corpo de um homem crucificado grosseiramente bem nas profundezas de sua alcova de

pedra! A face de Cristo tinha uma expressão de afetuosa ironia. O eremita caiu no chão com o coração partido pela humilhação e pela dor.

— Senhor, senhor — murmurou. — Que eu morra de vergonha se eu me interessar novamente por uma humanidade tão ingrata e perversa. Não há salvação para os homens, o vício está profundamente enraizado em suas almas!

— O que houve, meu bom ancião? Eles não estão contentes, em paz, com saúde e bem-estar? Não fique desconsolado, eu lhes concederei qualquer nova graça que me peças. Fale.

— Oh, Senhor!

— Fale.

— Senhor, os mortais da terra estão desesperados com a felicidade e querem que eu lhe dirija esta oração, em nome deles, a ti: “Senhor, devolvi-nos a nossa condição primitiva de vítimas do mal e da dor, pois ela é infinitamente preferível a esta fácil boa-venturança, que extingue o desejo e não é obra de nosso esforço”.

— Os homens têm muita razão — respondeu Jesus.

Isso era tão incompreensível para o eremita que, se tivesse ouvido de outros lábios que não fossem divinos, teria pensado que tinha ouvido a mais terrível das

heresias. Ele não se atreveu a questionar, mas em seus lábios pulsava essa pergunta.

— Por quê? — continuou Jesus, sorrindo. — Porque ao suprimir a doença, a miséria e a luta, nós criamos, meu bom ancião, a inércia e o fastio. Ou seja, o maior pecado e a maior condenação.

Então, novamente, os três flagelos suprimidos caíram sobre a Terra.

UMA HISTÓRIA VULGAR

Um jovem médico francês me contou uma trágica história de amor, que ficou vividamente gravada em minha memória e é sobre ela que me refiro hoje, quase nos mesmos termos em que a ouvi. Assim:

Ernesto Rousselet foi um menino que, em virtude de não sei quais misteriosas afinidades, acabou por estreitar relações comigo. Era de uma família protestante e natural de uma província francesa, Lorena. Fui o único amigo a quem ele amou e com quem, verdadeiramente, tinha intimidade. Ele, no entanto, era de uma educação, de um caráter e tinha um modo de pensar muito distintos dos meus. Na verdade, éramos completamente opostos. Ernesto era um puritano: por nada no mundo, ele deixava de ir aos cultos às sextas-feiras. Aos domingos, ia sem falta a uma capela luterana para ouvir a leitura da Bíblia. Às vezes, eu o acompanhava e, apesar do meu espírito zombeteiro, eu não podia deixar de respeitar a fé honrada do meu bom amigo. Ernesto era sério, incapaz de cometer deslealdades, e a sua nobre alma de menino adulto

era transparente em todos os seus atos, brilhando no olhar de seus grandes olhos azuis, em seus francos apertos de mão e na doçura e firmeza de sua voz. Nada disso significava que Ernesto fosse inexperiente ou meticuloso, ou que se assustava com as imposturas típicas dos jovens, ou que fosse um companheiro ruim para diversões. É verdade que muitas vezes me acompanhou para me agradar. Um dos grandes prazeres de Ernesto era fazer passeios de bicicleta comigo, pelos quais eu era um aficionado.

Por mais que eu me esforçasse em convencer Ernesto de que o homem era mal por natureza e que a mulher, quando não era má por instinto, o fazia por *diletantismo*, não obtive sucesso. O bom Ernesto não acreditava no mal, dizia que os homens e as mulheres eram irretocáveis, e que a maldade se revelava neles como uma forma passageira, uma condição fugaz, uma crise efêmera, em razão de uma organização social deficiente, de tal forma que a rajada passava pela alma humana sem deixar vestígios. O mal era, segundo ele, um *estado* anormal, como a embriaguez ou a doença.

Nada era mais curioso do que as discussões que tivemos, ora em meu quarto, ora no dele. Ele, querendo empapar a minha alma com seu condescendente otimismo; eu também tratava de tentar atraí-lo para o meu bom-humor, ou melhor, para o meu pessimismo complacente. A conclusão foi que nos

convencemos da ineficácia dos esforços de nossa dialética e, acima de nossas divergências, brilhava, mais do que nunca, a pura luz de nossa amizade.

Ernesto nunca se deu o luxo de ter uma amante. Eu achava que isso se devia ao fato de ele ligar demais para os laços iníquos despertados por uma mulher: achava que uma vez dentro do labirinto impuro, não existiria outra saída além da infâmia do abandono. Nunca cansou de me censurar por ter uma amante.

— Você é louco — ele me disse —, amar assim, com tanta prodigalidade. Chegará à velhice com a alma enevoada e o cérebro e os nervos esgotados. Você ficará velho sem conhecer o amor puro, o amor verdadeiro que traz consigo as suas delícias espirituais mais duradouras, mais profundas e mais nobres do que esse amor epidérmico de que falava Chamfort. Conhecer as mulheres em demasia nesse aspecto, significa aprender a desprezá-las.

— Conhecer a alma de uma mulher — eu o respondi — significa desprezá-la ainda mais. Mas você acredita, Ernesto, que uma amante é apenas um animal de luxo, uma bonequinha com a qual se simula o amor? Esse é o seu erro. Talvez o que menos marque um homem, seja o que você considera ser o principal objetivo desse tipo de relação. O verdadeiro gozo é a mera convicção da posse absoluta de uma mulher: é saber que somos amados e desejados; é sentir, mesmo quando

estudamos (Ernesto e eu éramos estudantes de medicina), o pequeno passo de uma jovem e bela mulher, girando em torno de nossa mesa de trabalho; é a satisfação que um caçador sente ao dormir com as mãos metidas entre os pelos de seu cachorro; é um prazer psíquico sentir, no meio de uma dissertação sobre cistossarcoma ou mielite, que braços sedosos envolvem nosso pescoço, e que uma boca, sábia no amor, beija nossos lábios. É brigar e até mesmo insultar uma mulher, sofrendo com seu temperamento e nervos enquanto satisfaz seus caprichos e suas exigências. E, mais do que tudo isso, é ter a consciência de que suportamos tudo porque nos dá vontade e, a qualquer momento, se nos der na telha, podemos colocar essa mulher na rua. Tudo isso e muito mais é o gozo que nos proporciona uma amante, algo que você não conhece, Ernesto. Você acredita que isso é amor incompleto e deformado, porque não tem a inefável ternura, a fé, o respeito mútuo e o carinho espiritual. Devo concordar com alguma dessas coisas que você me disse, por mais que esses elementos imateriais do amor pela mulher *amada* não estejam completamente desvinculados do amor pela *amante*. Mas, eu te pergunto: esse carinho que você enaltece é completo, carecendo daquilo que você censura? Certamente, não. E, entre dois amores incompletos, eu prefiro aquele em que o sonho está em falta do que aquele que lhe falta *realidade*.

— É que, somente casando depois de ter amado com o coração, você obtém o complemento perfeito, salvando a si mesmo das infâmias da imoralidade e dos inconvenientes do vício.

— Te agradeço, Ernesto, o bom desejo, mas não pretendo segui-lo por muito tempo. Prefiro o meu sistema, que possui as doces alegrias do amor e carece dos horrores da vinculação legal.

Apesar da intimidade que nos unia, Ernesto nunca quis falar comigo sobre os seus relacionamentos com algumas garotas que viviam na mesma casa que ele, na rua Marbeuf. Provavelmente, ele temia que eu formulasse algum juízo distorcido ou arriscasse alguma piada atrevida que o faria sofrer. Certa noite, um amigo fez uma alusão a respeito disso e, em resposta, Ernesto corou como uma menina.

Certa tarde, eu estava escrevendo para minha família, enquanto minha harpista, uma boa menina que me fazia companhia, ensaiava no quarto uma parte difícil de *Tristão e Isolda*. Foi quando Ernesto entrou pálido e convulsivo. Ele me abraçou e se pôs a chorar. Nunca tinha ouvido soluços mais angustiados, os quais expressavam uma dor agudíssima.

— O que houve, Ernesto, meu amigo? O que tem? São cartas de Lorena? Alguma má notícia sobre seus pais? — perguntei-lhe, consternado.

— Não, não.

Ele fez um grande esforço para se tranquilizar e, quando conseguiu, me contou em voz baixa e, às vezes, enrouquecida, o motivo de seu desespero.

Durante sete anos, ele fora amigo íntimo de duas meninas, chamadas Margot e Suzón Gerault. Elas eram meninas muito dignas e viviam com certa comodidade em função da renda de oito mil francos anuais que uma propriedade rústica, pertencente ao seu pai, produzia. Ele era um bom senhor que, desde que ficou cego, não quis mais sair na rua, e passou a ter uma vida sedentária que o fez engordar ao ponto de ficar obeso. Suas filhas o adoravam e a sua esposa era uma senhora muito pequenininha e ativa. Ernesto tinha ido morar no último andar e, todas as manhãs, quando se dirigia primeiro ao Liceu e, depois, a Faculdade, via as moças alegres e carinhosas cuidando do pobre doente. Em pouco tempo, ele se tornou amigo da família Gerault e isso logo os aproximou. Mais tarde, Ernesto, todas as noites, passou a ler o jornal para o papai cego. Cada vez mais, o rapaz se encantava pela simplicidade daquela família, pela cordialidade com que o tratavam e pela ingenuidade e inocência de Margot e Suzón. Ernesto não tinha irmãos e descobriu que Paris lhe oferecia um lar, no qual encontrou os afetos que não tinha em sua fria casa em Lorena.

Margot e Suzón o consultavam a respeito de tudo. Às vezes, saíam com ele para fazer compras e, em alguns domingos, iam os três juntos de várias amigas para jogar críquete em uma pradaria em Neuilly. Margot era séria; Suzón, por sua vez, era alegre e faladeira, uma menina imprudente, um anjo cheio de travessuras. Margot era loira, de natureza pensativa e energética, tinha misteriosos olhos verdes e um olhar duro, que sempre parecia investigar a intenção oculta por detrás de cada frase ouvida.

Como Margot pensava de forma fria e serena, seus pais a consultavam para tudo: era ela, na realidade, a dona da casa. Suzón, não tão loira como sua irmã, tinha dois anos a menos, era mais crua e precipitada para tudo: tinha impetuosidades encantadoras que iluminavam seu rosto e faziam com que seus olhos de corça brilhassem. A todo momento, Suzón pregava peças em Ernesto e nada era mais delicioso do que as suas risadas cristalinas.

Certa noite, Ernesto passou mal. No entanto, muito acostumado a ir ler o jornal para o velho cego no apartamento da família Gerault, preferiu não deixar de ir. Estava pálido e febril, mas procurou esconder seu mal-estar. Margot o observava atentamente e disse em voz baixa à sua irmã:

— Olha, Suzón, Ernesto está doente e, ainda assim, veio ler o jornal para o papai.

Suzón se levantou, correu até onde estava Ernesto e lhe deu um beijo sonoro na testa, dirigindo-se a ele com adorável veemência:

— Como você é bom, Ernesto!

A partir daquele momento, o pobre rapaz se sentiu realmente doente, ou melhor, compreendeu que a sua doença física era insignificante perto da doença moral que lhe afligia há algum tempo sem que sequer tivesse notado: o amor. Ele estava apaixonado, não por Margot, cujo caráter se assemelhava ao dele, mas por Suzón, a animada e indisciplinada. A fraternidade que o unia às irmãs Gerault era uma fraude, inventada por sua paixão secretamente com o intuito de penetrar de forma arteira em seu coração, a fim de evitar as reprovações que sua honestidade lhe faria. Sim, ele amava Suzón, não como uma irmã, mas sim como uma amante, adorava-a como namorada, desejava-a como mulher.

Nos cinco dias em que a sua enfermidade permaneceu e que esteve de cama, a senhora e as senhoritas Gerault cuidaram dele com carinho e presteza. Quando se pôs de pé, ele e Suzón confessaram mutuamente o amor que nutriam um pelo outro. Ele, com o respeito e a tímida ternura de sua alma honrada; ela, com a veemência de seu caráter e a ferosa paixão com que fazia tudo.

Suzón adorava crianças. Dois ou três meninos, que moravam em um dos andares do prédio, traziam-lhe doces quando ela voltava da escola e ela os agradecia com sonoros beijos nas bochechas, levando-os ao seu quarto para brincar.

O casal estava namorando, iriam se casar assim que ele se formasse médico. Naquela época, uma tia de Suzón chegou a Paris, vinda de uma cidade da Auvérnia. Era uma senhora que falava um *patois*¹⁰ incompreensível. Ela se alojou na casa dos Gerault com seus três filhos: uma menina de doze anos, um rapazote de quinze e outro com treze. Esses hóspedes eram um incômodo para Ernesto, já que as três crianças não largavam às saias da prima Suzón, cuja personalidade jovial e travessa as encantava. Por conta disso, o casal passou a ter poucas oportunidades para falar sobre seu amor e seus planos. Os três meninos eram pervertidos para a idade que tinham, pois, assim que viam Suzón e Ernesto falarem em voz baixa, piscavam um para o outro com malícia, o que lhe despertava uma antipatia cordial.

Certa noite, enquanto Ernesto lia o jornal para o cego, soube que as senhoras e as moças marcaram uma visita ao Louvre e a Luxemburgo. A provinciana queria conhecer algumas das maravilhas de Paris para ser capaz de surpreender, lá

10 Dialeto local e rural francês.

em sua fazenda nos rincões da Auvérnia, o padre, o prefeito e o boticário. Ernesto soube, com muito prazer, que a sua namorada ficaria com o pai cego.

Às duas da tarde do dia seguinte, Ernesto desceu para conversar um pouco com Suzón. A provinciana já tinha saído com a senhora Gerault, Margot, a priminha e, provavelmente, com os dois meninos. Ao entrar na sala, viu que o cego estava lá cochilando em um divã. Sem a intenção de acordá-lo, Ernesto penetrou para o interior da casa. Chegou ao quarto de Suzón, supondo que ela também estaria cochilando recostada. Em consideração ao seu sono, pensou em voltar mais tarde. Mas, *é claro que* Suzón preferiria conversar. Empurrou a porta e entrou... Melhor seria se tivesse caído morto no umbral! Voltou, passou novamente pelo cego adormecido, desceu as escadas e saiu para a rua como se nada tivesse acontecido. Ele sentiu, no entanto, que algo dentro dele fervia silenciosamente, sentiu como se algo tivesse morrido e apodrecido em um segundo. Oh, infantilidade da imaginação que evoca associações, por vezes, ridículas, mesmo nas situações mais amargas! Ernesto se recordava, persistentemente, de uma ocasião em que foi ao consultório de um dentista para fazer uma pequena operação na mandíbula inferior, lugar em que ocorreu uma exostose na raiz de um dente. O cirurgião injetou nele uma boa dose

de cocaína, anestesiando completamente a região enferma. Ernesto sabia que o bisturi e a serra destruiriam seus ossos e músculos, mas, mesmo assim, não sentiu dor alguma. Esse mesmo fenômeno, porém, de ordem moral, aconteceu com ele. Sabia que todas as suas ilusões por aquela mulher tinham se destroçado, mas não sentia dor. E, enquanto Ernesto ia pela rua Marbeuf até minha casa, pensava em banalidades, detinha-se em lojas, observava os ciclistas e se observava os mil incidentes que aconteciam nas ruas, que, em qualquer outra ocasião, lhe passariam despercebido. Ao chegar à minha porta, sentiu algo similar a uma bofetada no coração, e a sua alma, em uma espantosa reação de dor, se deu conta do completo cataclismo do seu amor.

Depois de ter soluçado um pouco em meus braços e se recuperado, ele me contou o que acabei de relatar. O seu rosto pálido e nobre tinha uma expressão de infinita tristeza.

Durante três dias, Ernesto dormiu em minha casa e obriguei a minha harpista a não vir por algum tempo. Ernesto agora tinha horror ao seu quartinho no terceiro andar da rua Marbeuf. Certa noite, ele me disse:

— Quem irá ler o jornal para o pobre velho? Mas não, eu não quero ir, porque sinto que a amo e que a perdoaria apesar de tudo. Bastaria que eu a visse e esse amor maldito me faria ver a infâmia cometida por ela como algo inocente.

Seria fácil perdoá-la. Ela me diria com aquele ar de ingênua paixão: “Eu te amo, Ernesto, e o que te fez sofrer tanto foi uma calúnia dos teus sentidos”. E eu pensaria que realmente estou mentindo para mim mesmo. Não, não quero mais vê-la.

Pobre Ernesto! Não há infortúnio maior do que amar uma mulher que se despreza. Uma noite, não foi para casa dormir. Pensei que meu bom amigo tinha escolhido acreditar que a alma de sua namorada continuava imaculada, apesar do que aconteceu e que, ao regressar, finalmente tinha voltado a ler o jornal para o cego. Estava criado um cisne, cujas asas brancas e oleosas não se molham, nem se mancham na lama. *Bah!* Fraquezas humanas! Provavelmente, escreverei à Ivette amanhã para dizê-la que pode voltar.

Mas não era isso. Ernesto, ao invés de se conciliar com o seu amor, optou pelo modo mais tolo, é verdade, mas também o mais simples e eficaz de extinguir o problema: suicidar-se. Certa noite, trancou-se numa pensão, tapou as frestas das portas e janelas, pôs muito carvão no fogão e impediu a passagem da chaminé. Isso não lhe bastou, porque estava resoluto em dar um fim à sua paixão e tomou boas doses de láudano e atropina. Tampouco se satisfez, queria morrer do modo mais doce possível, então, pendurou na cabeceira da cama um funil com algodões embebidos de clorofórmio. Ele ajustou seu aparato para que, a cada quinze ou

vinte segundos, caísse uma gota grossa em um pano que ele amarrou sobre suas narinas. A absorção do líquido mortífero seria contínua durante seu sono, esse sonho que era a primeira página em direção à morte. Pobre Ernesto! Que triste uso ele deu a toda a terapêutica estudada na faculdade! Que estranha forma de curar as doenças da alma! Seu otimismo foi brutalmente ferido, a retidão honrada de seu coração e seu idealismo sentimental o mataram muito mais do que a luxúria hipócrita de sua namorada. Nós o enterramos em Montparnasse.

Seis anos mais tarde, eu soube que Suzón tinha se casado com um oficial francês e que, depois disso, foram para São Petersburgo, lugar no qual ele tinha se tornado um adido militar na embaixada. Um dia, uma mulher me traiu, meu espírito azedou e, sem nenhum motivo além do desejo de me vingar do sexo feminino, escrevi um pequeno obituário ao esposo de Suzón, cujos dizeres eram:

“Sr. Louis Herbart, São Petersburgo.

Sou um velho conhecido seu e de sua estimada esposa e, antecipando as possíveis desavenças conjugais, permito-me dedicar a vocês um aforismo que, provavelmente, não ocorreu a Claude Larcher ao escrever sua Fisiologia do amor moderno. Aqui está: “Os ouriços são menos

inofensivos do que parecem". Não deixe que Madame Hebart acaricie nenhuma criança além das suas próprias. Madame Hebart sabe a razão pela qual estou lhe dando este conselho, inspirado nos maneirismos infortunados de meu amigo Ernesto Rousselet. Creia em mim, um servo afetuoso seu e de sua esposa".

OS OLHOS DE LINA

O tenente Jym da armada inglesa era nosso amigo. Quando entrou na Companhia Inglesa de Barcos a Vapor, nós o víamos todos os meses e passávamos uma ou duas noites com ele em alegres beberagens. Jym tinha passado grande parte de sua juventude na Noruega, sendo um ilustre consumidor de uísque e absinto. Sob a ação desses destilados, ele começava a cantar, com sua voz fortíssima, lindas baladas escandinavas, as quais traduzia para nós em seguida. Certa tarde, fomos nos despedir dele em sua cabine, pois, no dia seguinte, ele zarparia em um vapor para São Francisco. Jym não podia cantar a plenos pulmões em seu camarote, como de costume, por razões de disciplina naval, e por isso decidimos passar a noite contando histórias e aventuras de nossas vidas, temperando os relatos com um ou dois goles de bebida. Eram duas da manhã quando nós, os visitantes de Jym, terminamos nossas contações. Faltava apenas Jym e exigimos que ele fizesse a sua parte. Jym se acomodou em um sofá, pôs em uma mesa próxima uma pequena garrafa

de absinto e um aparelho para destilar água. Acendeu um charuto e começou a falar do seguinte modo:

Não vou contar aa vocês uma balada, nem uma lenda do Norte, como em outras ocasiões. Hoje, vou narrar uma história verdadeira, de um episódio da minha vida amorosa. Vocês já sabem que, até dois anos atrás, eu morava na Noruega. Por parte de mãe, eu sou norueguês; mas meu pai me fez ser súdito inglês. Na Noruega, eu me casei. A minha mulher se chama Axelina ou Lina, como eu a chamo. Quando lhes apetecer dar um passeio em Christiania, venham até a minha casa, que minha esposa fará as honras com muito gosto.

Devo começar dizendo que Lina tinha os olhos mais estranhamente diabólicos do mundo. Ela tinha dezesseis anos e eu estava arrebatado de amor por ela, mas dedicava aos seus olhos o ódio mais raivoso que pudesse caber no coração de um homem. Quando Lina fixava seus olhos nos meus, sentia-me desesperado, inquieto e com os nervos à flor da pele, parecia que alguém tinha esvaziado em meu cérebro uma caixa de alfinetes e que eles se espalharam pela minha coluna. Um frio doloroso galopava pelas minhas artérias e a minha epiderme se eriçava, como acontece com a maioria

das pessoas ao sair de um banho gelado; ou tocar em uma fruta peluda; ou ver o fio de uma navalha; ou roçar com as unhas no veludo; ou ouvir o farfalhar da seda; ou, até mesmo, olhar para um abismo. Eu experimentava essa mesma sensação ao fixar os olhos de Lina. Consultei vários médicos de minha confiança sobre esse fenômeno e nenhum deles me deu uma explicação. Eles apenas sorriram e me disseram para que eu não me preocupasse, que eu estava histérico e não sei quais outras bobagens. E o pior é que eu adorava ver Lina irritada, louca, apesar do efeito desastroso que seus olhos tinham sobre mim. E esses efeitos não se limitavam apenas ao aumento da tensão do meu sistema nervoso, tinham algo ainda mais maravilhoso. Quando Lina tinha alguma preocupação ou passava por certas questões psíquicas ou fisiológicas, eu via passar por suas pupilas, ao me observar, na forma de pequenas sombras fugazes coroadas por pequenos pontos de luz, suas ideias. Sim, senhores, as ideias. Essas entidades imateriais e invisíveis que todos, ou quase todos (pois existem muitos que não têm ideias na cabeça), temos dentro de nós, elas passavam pelas pupilas de Lina de formas inexprimíveis. Eu disse “sombras” por ser a palavra mais próxima e essas “sombras” saíam por

de trás da esclera, cruzaram a pupila e, quando chegaram à retina, brilhavam. E, então, eu senti que, no fundo do meu cérebro, uma vibração dolorosa das células respondia, fazendo surgir uma ideia dentro de mim. Ocorreu-me comparar os olhos de Lina ao vidro da escotilha da minha cabine, pela qual eu via passar, ao anoitecer, os peixes atordoados pela luz do meu candeeiro, chocando suas cabeças esquisitas contra o vidro maciço que, devido à espessura e à convexidade, tornava suas silhuetas borradas e deformadas. Cada vez que eu via aquela farra de ideias nos olhos de Lina, eu dizia: Uau! Os peixes estão passando! Só que eles cruzavam a pupila de minha amada de forma misteriosa e formavam seu esconderijo nas cavernas escuras do meu encéfalo.

Mas, bah! Eu sou muito atrapalhado. Falei para vocês do fenômeno sem ter descrito os olhos e a beleza da minha Lina. Lina é morena e pálida, seus cabelos ondulados se enrolam na nuca com um encanto magnífico, de forma que beleza nenhuma jamais conseguiu me seduzir tanto quanto a parte de trás do pescoço de Lina, que submerge na escuridão sedosa de seus cabelos. Os lábios de Lina, quase sempre entreabertos, repuxados de forma infantil pelo lábio superior, são tão vermelhos

que pareciam acostumados a comer morangos, a beber sangue ou ser depositários de intensos rubores, muito provavelmente, devia ser em razão do último, porque, quando as bochechas de Lina coravam, a boca empalidecia. Debaixo daqueles lábios ela tinha dentes minúsculos de tão brancos, os quais iluminavam seu rosto quando um raio de sol brincava sobre eles. Era um prazer meu ver Lina morder cerejas. De boa vontade, eu deixaria que aquela boquinha deliciosa me mordesse, caso os seus olhos diabólicos não vivessem mais acima. Que olhos! Lina, repito, é morena: desde os cabelos até as sobrancelhas e os cílios pretos. Se você alguma vez a visse dormindo, teria se perguntado: que cor tem os olhos de Lina? Certamente, guiado pela cor de seus cabelos, sobrancelhas e cílios, você teria me respondido: negros. Que decepção! Bem, não, senhor! Os olhos de Lina tinham cor, é claro, mas nem todos os oculistas do mundo, nem mesmo todos os pintores seriam capazes de determiná-la ou reproduzi-la. Seus olhos tinham um corte perfeito, amendoados e grandes; debaixo deles, uma linha azulada formava a olheira, parecendo uma sombra tênue de seus longos cílios. Até agora, como vocês puderam ver, não há nada de incomum nos olhos de Lina quando estão fechados

ou semicerrados. No entanto, uma vez que as pupilas estejam abertas e brilhando, começam as minhas angústias. Ninguém será capaz de me tirar da cabeça que o escritório de Mefistófeles¹¹ ficava atrás daquelas pupilas. A tonalidade oscilava entre toda a gama de cores, bem como combinações mais complicadas. Às vezes, eles se pareciam com duas grandes esmeraldas, iluminados por rubis brilhantes. Os clarões esverdeados e avermelhados emitiam, gradualmente, iridescências e passavam por mil mutações, então, vinha uma cor indefinível ainda que uniforme, cobrindo tudo e, no meio, palpitava um pontinho de luz, do tipo mais mortificante, em função dos tons felinos e diabólicos que assumia. Os fervores do sangue de Lina, suas tensões nervosas, suas irritações, seus prazeres, as pretensões e os jogos de seu espírito, a cor que esse ponto de luz misterioso adquiria denunciava tudo isso.

Com a contínua convivência, cheguei a ser capaz de traduzir algo dos múltiplos brilhos dos olhos de Lina. Seus

11 Entidade diabólica da Idade Média, encarnava a ideia do mal que corrompia as almas puras através da sedução e do desejo. Na lenda alemã original, Fausto — baseado no alquimista alemão Johannes Georg Faut — faz um pacto com o demônio. A obra mais famosa a respeito dessa história é de autoria de Johann Wolfgang von Goethe.

sentimentalismos de menina romântica eram verdes; suas alegrias, violetas; seus olhos amarelos, ciúmes; e quando estavam vermelhos, ardores de mulher apaixonada. O efeito desses olhos em mim era desastroso. Imperavam sobre minha pessoa horrivelmente e, na verdade, eu sentia que minha dignidade masculina era humilhada com essa espécie de escravidão misteriosa, exercida sobre a minha alma por aqueles olhos que eu odiava como se fossem pessoas. Eu tentava resistir em vão; os olhos de Lina me subjugavam e eu sentia que arrancavam a minha alma na intenção de triturá-la e carbonizá-la entre as duas faíscas daqueles olhares de Luzbel.¹² Finalmente, com a alma pulsando de amor e raiva, eu baixei os olhos, porque sentia que meu sistema nervoso se contorcia violentamente e que meu cérebro saltava dentro da minha cabeça como um zangão trancado em um forno. Lina não se dava conta do efeito desastroso que seus olhos exerciam sobre mim.

Toda a gente de Christiania os elogiava pela sua beleza e não causavam em mais ninguém, além de mim, aquela terrível impressão: somente eu nasci para ser a última deles. Eu tinha reações de orgulho. Às vezes, eu

12 Sinônimo de Lúcifer.

pensava que Lina abusava do poder que exercia sobre mim, comprazendo-se em me humilhar. Assim, a minha dignidade masculina se tornou vingativa, reivindicando privilégios imaginários. E, por minha vez, passei a me divertir tiranizando minha namorada, exigindo sacrifícios de sua parte e a mortificando ao ponto de fazê-la chorar. Na realidade, eu tinha uma intenção, que tentei concretizar dissimuladamente. Sim, nessa brava revolta contra a tirania de suas pupilas se escondia a minha covardia: ao fazer Lina rezar, eu a fazia fechar os olhos e, com seus olhos fechados, sentia-me livre dos meus grilhões. Mas a pobrezinha não sabia da arma terrível que tinha contra mim. Simples e ingênua, a boa menina tinha um coração de ouro, e me adorava e me obedecia. O mais curioso era que eu, que odiava seus lindos olhos, a amava por causa deles. Mesmo quando eu saía derrotado, sempre voltava para lutar contra aquelas terríveis pupilas, tendo a esperança de vencer. Quantas vezes os clarões vermelhos do amor tiveram o mesmo efeito que cem tiros de canhões disparados contra os meus nervos! Por amor a mim mesmo, não quis revelar a Lina a minha escravidão. Nosso amor deveria ter uma solução igual a de todos os outros: ou eu me casava com Lina, ou rompia com

ela. Essa última era impossível, então, tive de me casar com Lina. O que me aterrorizava na vida de casado era a persistência que esses olhos teriam em iluminar a minha velhice. Quando se aproximou o momento de pedir a mão de Lina para seu pai, um rico armador, a obsessão em seus olhos se tornou insuportável para mim. De noite, eu os via fulgurar como brasas na escuridão do meu quarto. No teto, eu os via tão terríveis quanto teimosos. Na parede, estavam incrustados. Ao fechar os olhos, eu os via colados em minhas pálpebras com uma tenacidade luminosíssima, cujo fulgor iluminava tanto o tecido das artérias como as veias da membrana ocular. Finalmente, rendido ao sono, eu adormecia. Os olhares de Lina enchiam meu sonho com redes que apertavam e estrangulavam a minha alma. O que fazer? Fiz mil planos, mas, não sei se por orgulho, amor ou uma noção de dever profundamente gravada em meu espírito, nunca me passou pela cabeça renunciar Lina. No dia em que a pedi em casamento, Lina ficou contentíssima. Oh, como seus olhos brilhavam diabolicamente! Segurei-a em meus braços, delirante de amor, e, ao beijar seus lábios sanguíneos e túbios, fechei os olhos para não desmaiar.

— Feche os olhos, minha Lina, eu te imploro!

Lina, surpreendida, os abriu ainda mais e, ao me ver pálido e chateado, quis saber:

— O que você tem, Jym? Fale. Santo Deus! Está doente? Fale.

— Não... me desculpe! Não tenho nada, nada — respondi, sem fitá-la.

— Você está mentindo, algo está acontecendo com você.

— Foi uma tontura, Lina, vai passar...

— E por que queria que eu fechasse meus olhos? Você não quer que eu te olhe, meu bem?

Não a respondi e a encarei com medo. Oh! Ali estavam aqueles olhos terríveis, com todos os seus insuportáveis fulgores de surpresa, de amor e de inquietude. Lina, notando o meu silêncio incômodo, alarmou-se ainda mais. Ajoelhada diante de mim, segurou minha cabeça entre suas mãos e me disse com violência:

— Não, Jym, você não me engana. Faz algum tempo que algo estranho acontece contigo: você fez algo de errado, porque só aqueles que têm peso na consciência não conseguem olhar alguém nos olhos. Eu serei capaz de saber observando os seus olhos. Olhe para mim, olhe. Fechei os olhos e beijei a sua testa.

— Não me beije, olhe, olhe para mim.

— Oh, por Deus, Lina, deixe-me...!

— E por que você não olha para mim? — insistiu, quase chorando.

Eu senti muita pena ao vê-la mortificada e, ao mesmo tempo, muita vergonha de confessar a minha estupidez:

— *Eu não te olho, porque os seus olhos me matam, eu morro de medo deles. É algo que nem sei explicar, nem mesmo controlar.*

Depois disso, fiquei calado e voltei para minha casa. Lina saiu dali aos prantos.

No dia seguinte, quando voltei para vê-la, fui encaminhado até o seu quarto. Lina acordara doente, com uma crise de angina. Minha noiva estava na cama e o quarto quase às escuras. Quanta alegria este último fato me causou! Sentei-me no leito ao seu lado e desfiei apaixonadamente os meus planos para o nosso futuro. À noite, comecei a pensar que a melhor forma de sermos felizes, era confessar meus sofrimentos ridículos. Talvez, nós pudéssemos entrar em um acordo... Usar óculos escuros, talvez. Depois que contei a ela sobre meus martírios, Lina ficou em silêncio por um momento.

— *Mas quanta bobagem!* — foi tudo o que ela respondeu. *Durante vinte dias, Lina não saiu da cama e a ordem médica foi para que não me deixassem entrar. No dia em que Lina se levantou, mandou me chamar. Faltavam*

poucos dias para o nosso casamento e ela já tinha recebido uma infinidade de presentes de seus amigos e parentes. Lina me chamou para mostrar o vestido com estampa de flores de laranjeira, trazido para ela enquanto estava doente, assim como outros presentes. O quarto estava envolto em penumbra, e eu mal podia ver Lina. Ela se sentou em um sofá, de costas para uma janela entreaberta. Então, começou a me mostrar braceletes, anéis, colares, vestidos, uma pomba de alabastro, pingentes. Brincos e não sei quantas outras preciosidades. Ali, estava o presente de seu pai, o velho armador: consistia em um pequeno iate de passeio, quer dizer, não era o iate em si, mas o documento de propriedade dele. Meus presentes também estavam lá, assim como o que Lina fez para mim: uma caixinha de cristal de rocha forrada com veludo vermelho.

Lina me entregou, sorridente, os presentes e eu, com a galanteria de um homem apaixonado, beijei sua mão. Por fim, trêmula, entregou-me a caixinha.

— Olhe na luz — ela disse —, são pedras preciosas, cujo brilho deve ser apreciado devidamente.

Ela abriu uma das folhas da janela. Abri a caixa e meus cabelos se eriçaram de espanto. Eu devo ter ficado monstruosamente pálido. Levantei a cabeça horrorizado

e vi Lina me olhar fixamente com uns olhos negros, útreos e imóveis. Um sorriso, entre amoroso e irônico, dobrava-se nos lábios de minha noiva, feitos do sumo de morangos silvestres. Desesperado, dei um salto e agarrei violentamente a mão de Lina.

— O que você fez, desgraçada?

— Este é o meu presente de casamento! — respondeu, tranquilamente.

Lina estava cega. Como hóspedes assustados, os olhos de cristal preenchiavam suas órbitas. E os dela, os da minha Lina, aqueles estranhos olhos que me mortificavam tanto, fitavam os meus, ameaçadores e zombeteiros, do fundo da caixa vermelha, com o mesmo olhar demoníaco de sempre.

Quando Jym terminou, ficamos todos em silêncio, profundamente comovidos. Na verdade, a história era terrível. Jym pegou seu copo de absinto e o bebeu de um só gole. Então nos fitou com um ar melancólico. Meus amigos observavam, pensativos: um olhava para a escotilha da cabine; o outro, para o candeieiro que balançava com o movimento do navio. De repente, Jym soltou uma risada debochada, que explodiu no meio de nossas reflexões como o chocalho de uma enorme cascavel.

— Homens de Deus! Vocês acreditaram que existe uma mulher capaz de fazer um sacrifício como o que lhes contei? Se os olhos de uma mulher te machucam, vocês sabem como ela irá remediar isso? Pois bem, irá arrancar os seus olhos para que não sejam mais vistos. Não, meus amigos, a história que lhes contei é inverossímil, cujo autor tenho a honra de lhes apresentar.

E ele nos mostrou, levantando bem alto, a garrafinha de absinto, que parecia uma solução concentrada de esmeraldas.

CONTO DE FANTOCHES¹³

I

Momo, Arlequim e Polichinelo, camareiros de prestígio de Vossa Majestade Pierrot IV, esforçavam-se para distrair o rei de sua imensa e inexplicável tristeza.

— O que Vossa Majestade tem?

13 Principalmente durante os séculos 15 e 16, o teatro popular italiano, conhecido como *Commedia all'improvviso* ou *dell'arte*, se opunha à *Commedia erudita* — cuja função era a encenação das peças da Antiguidade Clássica. De cunho popular e sem um texto definido, confiava em personagens que se dividiam entre patrões e criados e tinha grande influência (e vice-versa) sobre o teatro de fantoches da época — já que os atores utilizavam máscaras no palco e representavam sempre os mesmos personagens. O teatro de fantoches, por sua vez, remonta a tempos ancestrais em que tais bonecos eram utilizados dentro de templos, então, valendo-se do seu poderio religioso, a Igreja proibiu as encenações de fantoches, que só foram retomadas a partir do surgimento dos teatros itinerantes dessa mesma época.

Essa era a pergunta que, cheios de espanto, os cortesãos faziam entre si. Os valetes de Ouro, de Copas, de Espadas e de Paus, ministros do rei, tentaram mil diversões para dissipar sua misteriosa angústia, mas foi tudo em vão. O gorro de Pierrot já não se agitava com alegria, fazendo com que os sinos de ouro ficassem em silêncio. Nem mesmo a Colombina, saltando em seu pônei branco através de um aro de papel, teve sucesso em tirar o pobre monarca de sua apatia.

— Não há dúvida de que o rei está apaixonado, mas por quem? — perguntaram-se os palacianos.

Todas as noites, Pierrot subia ao terraço e, ao chegar lá, passava longas horas contemplando o céu, perdido em um êxtase incompreensível. Após a meia-noite, ele se retirava para o seu quarto com o intuito de dormir.

Certo dia, encontrou Colombina no vestíbulo, que aguardava esperançosamente que Pierrot jogasse o lenço ao passar. E o rei pareceu ignorar até mesmo o significado do lenço, passando diante da bela dama com grande indiferença. Colombina passou a noite toda chorando como uma louca. No dia seguinte, causou um escândalo no palácio, chicoteou seus sábios cachorros, esbofeteou os pajens, consultou os ciganos para saber sua sorte, falou em incendiar o palácio e até em comer uma caixa de fósforos. Desmaiava a cada cinco

minutos e, por fim, trancou-se em seus aposentos, onde se embriagou com champanhe e kirshenwasser.¹⁴

No palácio, corriam mil conjecturas a respeito da pessoa que havia impressionado tão profundamente o rei. Alguns diziam que Pierrot perdera sua equanimidade quando a senhorita Fuller, a Serpentina, partiu para a Cracóvia; Para outros, não restava nenhuma dúvida de que o rei estava apaixonado por Sara Bernhardt, atriz que ele tinha assistido interpretar Cleópatra. Não faltou quem jurasse por Meelecarte e os Sete Cabires que a mortal felizarda era Ivette Guilbert, a linda e picaresca cantora, que tinha encantado a cidade no inverno passado. Por último, existia um indivíduo, alguém tão digno de fé quanto de crença, que acreditava que quem tinha perturbado a paz do coração de Pierrot era ninguém mais, ninguém menos que a princesa Caramán Chimay. A verdade é: todas essas conjecturas pareciam isso e nada mais; as birras de Colombina ficaram cada vez mais frequentes; e o rei ficava mais abatido e triste a cada dia.

14 Bebida alcoólica e destilada de suco fermentado de cereja negra, diferente das demais bebidas e licores de cereja, seu sabor não é doce.

II

Na corte, ninguém jamais teria descoberto quem era a pessoa cujos encantos causavam admiração cega em Pierrot, caso ele próprio não tivesse dito ao mestre Triboulet,¹⁵ seu camareiro e secretário para assuntos particulares:

— Ai, meu caro Triboulet! — disse o rei, apertando os olhos na tentativa de enxergar melhor, porque era extremamente míope. — Ai, ai, ai!

Triboulet, que naquele momento estava vestindo o rei com suas calças, levantou a cabeça alarmado:

— O que Vossa Majestade tem? Alguma dor?

— Sim, Triboulet, uma dor.

— Avisarei ao mestre Althotas!¹⁶

— Não, Triboulet, minha dor não pode ser curada, nem aliviada com tisanas.¹⁷

— Ah, sim! — disse o camareiro, piscando o olho. — Vossa Majestade sofre do coração, de dor de amor.

15 O mais famoso bobo da corte, Nicolau Ferriol viveu entre 1479 e 1536, recebendo a alcunha de “bobo do rei e rei dos bobos”.

16 Ocultista, alquimista e curandeiro que cuidou de Cagliostro na infância. Cagliostro é uma figura que ficou famosa na corte francesa por ter supostos poderes mágicos.

17 Chá que mistura duas ou mais ervas em infusão para potencializar sua ação.

O rei não o contestou, mas se limitou a dar um profundo suspiro.

— E quem é essa pessoa que faz Vossa Majestade sofrer? Por Hércules, deveria se considerar muito honrada para que Vossa Majestade tenha se dignado a baixar os olhos para ela!

— Oh, Triboulet! É uma pessoa de alta estirpe.

Triboulet começou a pensar nas princesas e rainhas da Europa, Ásia, África e Oceania.

— Por acaso, é a princesa de Astúrias? — perguntou.

— Oh, não!

— A rainha do Taiti, Pomaré IV?

— Ora!

— A imperatriz da China?

— Mais alto, Triboulet, mais alto!

— A czarina?

— Mais...

— A rainha da Inglaterra?

— Mais alto, homem!

— Mais alto? A filha do fiorde islandês.

— Pois suba mais.

— Mais alto ainda? Será a rainha dos esquimós?

— Mais, mais.

— Caramba! Mais alto do que isso são as nuvens.

— Uma multa de cem ducados pelo palavrão... Ainda mais alto, Triboulet.

— Diabos! Vossa Majestade está apaixonado pela Lua?

— Duzentos ducados! Exatamente, meu bom amigo.

— Hum!

Triboulet coçou o nariz, pegou um pouco de pó de rapé com o consentimento do rei, espirrou, coçou o nariz de novo, pegou outro punhado de pó, espirrou de novo, preparou-se para coçar de novo o nariz e assim por diante, parecia que iria fazer isso até que o cavaleiro do cavalo esquelético do livro das sete cabeças, de que nos fala São João, no Apocalipse, chegasse. Mas Pierrot não tinha paciência para esperar o Juízo Final.

— Ei! O que achas?

— Nada...

— Como assim “nada”?

— Quero dizer... quase nada.

— Como assim “quase nada”?

— Bem, vamos lá... é que Vossa Majestade me parece um solene idiota.

— Olha, quando tu acabares de me vestir, eu vou mandar te afogar por ser um patife. Mas, antes, explique-se.

— Vossa Majestade não parou para refletir que é um amor impossível? É mais fácil crescer pelo em rã do que satisfazer seus desejos amorosos.

— Ah, Triboulet! Bem, eu não tenho escolha a não ser morrer de tristeza, se eu não conseguir possuir minha doce e desdenhosa tirana — murmurou Pierrot, lacrimejando. Por um momento, ambos ficaram em silêncio, interrompido apenas pelos suspiros do rei. Por fim, Pierrot se despediu do secretário, dizendo-lhe: — Eu te proíbo, terminantemente, de se referir sobre meus problemas amorosos a qualquer pessoa.

Naturalmente, dez minutos depois, graças a discrição do confidente para assuntos privados, todo mundo no palácio estava ciente de que Pierrot estava apaixonado pela pálida e inacessível Selene.

III

A corte de sua majestade Pierrot IV ficou consternada: o rei estava decidido a definhar até a morte, porque não conseguia encontrar uma forma de possuir a dama de seus pensamentos e sonhos. Todos os palacianos imaginavam que o rosto de Selene deveria ser maravilhosamente belo, já que tinha cativado tão profundamente o coração do rei. Colombina ficou furiosa ao saber quem era a sua rival, então, passou longas horas da noite cuspidando em direção ao céu, dizendo à Lua coisas desavergonhadas e atirando nela

rolhas das garrafas de Veuve Clicquot. Enquanto isso, no terraço, Pierrot se desmanchava de amores, entregando-se a sua contemplação apaixonada. E, a cada dia que passava, tornava-se mais debilitado e pálido.

No entanto, certa tarde, o duque do Egito, um velho cigano, astuto e malandro que, nas feiras, para a grande estupefação dos bobos, engolia algodões em chamas e enfiava longas espadas retráteis na garganta; que percorria o interior vendendo pomada de urso branco e poções de amor aos camponeses; esse mesmo duque do Egito, repito, pediu uma conferência com a Colombina. O fato a deixou contentíssima, pois o cigano ofereceu a ela, em troca de vinte libras turnesas e o monopólio da venda de raiz de mandrágora, curar radicalmente o rei de seu amor extravagante.

IV

Certa noite, o duque do Egito subiu no terraço do palácio para encontrar o rei em seu costumeiro êxtase. Aproximando-se, sem que Pierrot notasse a sua presença, tocou em seu ombro. Dolorosamente, Pierrot se virou.

— Duque, entrastes aqui sem minha permissão. Amanhã, mandarei que açoitem seu ventre com rabos de porco e que, em seguida, te enfiem dentro de um saco com sete gatos sarnentos.

— Senhor, eu vim até aqui para dar fim aos vossos problemas amorosos e, mesmo assim, Vossa Majestade me recebe de maneira tão pouco amável.

— O que disseste, duque? Assim enlouqueço de alegria. Oh! Finalmente terei a sorte de... veja, duque, eu te perdoo e farei de ti chanceler ou ministro, ou príncipe herdeiro, se quiseres. Tudo para ter a minha pálida e desdenhosa adorada. Me devolves a vida! Mas já te aviso que, se mentires, a minha fúria não terá limites e eu farei com que seja esquartejado por quarenta asnos selvagens. Fale, por Júpiter! Diga!

— Estás apaixonado, senhor, pela pálida Selene. Pois bem, sou capaz de trazê-la ao alcance de suas mãos, submissa e obediente.

— Quando, duque, quando?

— Agora mesmo.

— Tens cento e dezenove segundos de prazo para realizar a minha felicidade, sob a pena de que eu te quebre o pescoço com o às de paus.

Pierrot ergueu ameaçadoramente o ás que lhe servia de cetro. No mesmo instante, o duque do Egito tirou de debaixo do seu manto esfarrapado um tubo de cobre com cerca de um metro de comprimento, o qual poderia crescer até o dobro do tamanho. Colocou seu aparelho no parapeito

do terraço, direcionando-o e, então, chamou o rei, que o observava fazer aquilo boquiaberto e atordoado.

— Veja, senhor.

Pierrot, tropeçando e tremendo de emoção, aproximou-se, espiou e deu um grito, ficando espantosamente pálido. Cambaleou como se tivesse sentido algo morrer dentro de si. Duas ou trezes vezes, ele se desviou do tubo para observar a lua a olho nu. Aos poucos, as cores voltaram ao seu rosto e reapareceu nele uma expressão divertida, que há muito tempo havia se perdido. Por fim, o rei explodiu em uma gargalhada zombeteira e inextinguível, que ressoou por todos os cantos do palácio. O que tinha acontecido? Simplesmente, graças a sua miopia, no lugar em que antes ele via um rosto pálido de virgem, divinamente belo, agora estava um rosto chato, velho, risível e abominável, cheio de protuberâncias e verrugas. A ilusão estava desfeita. Os ministros, os camareiros e os cortesãos foram na direção da algazarra e, um após o outro, olharam pelo telescópio. Todos eles, após se separarem do objeto, riram descontroladamente, apontando zombeteiramente com uma das mãos para o rosto largo de Selene enquanto com a outra apertavam a barriga para conter os espasmos do riso incontrolável. Colombina, que também tinha comparecido, estava lindíssima com seu traje vermelho e negro

de *écuyère*¹⁸ e seus cabelos loiros, que escapavam sob seu incrível tricórnio.¹⁹ Quando Pierrot se retirou para o seu quarto, encontrou Colombina no vestíbulo, cuja expressão era tão travessa e adorável que ele não teve opção a não ser pegar o lenço para ela.

Apesar de Sua Majestade Pierrot IV dever a sua cura e a tranquilidade do Estado ao duque do Egito, o rei tomou ojeriza por ele de tal forma que, em certa ocasião, por um erro pequeno — comer ovos sem sal, coisa proibida pelas leis do reino —, baniu-o para viver longe, muito longe, acredito que nas Ilhas Molucas ou no Arquipélago das Marquesas. Mistérios do coração!

Pierrot e Colombina, atualmente, estão muito felizes. Nas noites de luar, sobem ao terraço, embriagados, entre gargalhadas e beijos, e atiram contra a pálida Selene tiros de arcabuzes e garrafas vazias de *Veuve Clicquot*. Triboulet afirma que, várias vezes, ao levar o rei para a cama completamente bêbado, observou os olhos do monarca cheios de lágrimas. Pierrot nunca mais quis usar telescópios.

18 Palavra de origem francesa, denomina uma amazona de circo, ou seja, uma mulher capaz de cavalgar.

19 Tricórnio é um chapéu de três pontas, um estilo de chapéu muito popular entre os séculos 16 e 17.

Nota:

Vocês esperava que eu escrevesse um conto *moral*, porque acha de que a maior parte do que eu escrevo carece de uma ou, muito espirituosamente, os chama de imorais. Acredito que te agradou o conto dos fantoches que acabou de ler. A moral é fácil de desvendar: no amor, não se deve chegar à posse, à apreciação fiel do objeto amado. Possuir ou conhecer é matar a ilusão, é odiar, é achar ridículo o objeto em questão, é fazer com que ele perca todo o valor e encanto que tinha em nossa imaginação. Uma distinta cortesã, Liane de Pougy, termina um livro delicioso com essa frase: *Rien ici bas ne vaut qu'un baiser*.²⁰ O amor não deve se basear no beijo, nem na vergonha que a nossa alma se coloca ao olhar através do telescópio do duque do Egito. E adeus ilusão! Mas amor assim é um refresco idealista, você pensará, assim como eu penso e como pensam todos os que são jovens de corpo e alma e veem no casamento, ou seja lá no que for, a coroação razoável do amor. “Está certo!”, respondo, desconcertado. E te confesso com toda ingenuidade que a moral idealista do meu conto... não funciona. Sabe por quê, minha amiga? Porque a vida e, conseqüentemente, o amor não têm moral.

20 “Nada aqui vale mais que um beijo”

O QUINTO EVANGELHO

À D. Juan Valera

Era noite. Jesus, pregado na cruz, ainda não tinha morrido. De vez em quando, os músculos de suas pernas se contorciam com câimbras de dor intensa. Seu lindo rosto continuava belo mesmo durante as longas convulsões de agonia, sua expressão se contraía em profundo sofrimento. Por que seu Pai não o enviava, como consolo, para a carícia paralisante da morte? Parecia a ele que o horizonte iluminado pela luz vermelha se dilatava imensamente. Pouco a pouco, a lua foi surgindo e iluminou as suas carnes enfraquecidas com uma magnificência sarcástica, cavidades ocas geradas por espasmos se formavam em seu ventre e flancos, suas chagas e suas feridas, seu rosto sofrido e angustiado.

— Meu pai, por que me abandonastes? Por que essa zombaria cruel da Natureza?

Os outros dois crucificados estavam mortos há muito tempo. Rígidos e gelados, expressavam em seus rostos a

última sensação da vida: um deles tinha uma careta horrível de maldição congelada nos lábios; o outro, um sorriso de esperança. Por que eles morreram e Jesus, filho de Deus, não? Uma nova expiação estava reservada a ele? Ainda havia um resto de amargura no cálice sacrificial?

Naquele momento, Jesus ouviu uma espantosa gargalhada vinda detrás da cruz. Oh! A risada parece o uivo de uma hiena faminta que ele já a ouvira antes, durante suas quarenta noites no deserto. Ele sabia agora quem é que zombava de sua dolorosa agonia: Satanás. Satanás que, sem sucesso, o tentou durante quarenta dias estava ali, parado e empoleirado, na cruz. Jesus sentiu o hálito corrosivo queimar seu ombro, martirizando suas escoriações com a ação dolorosa do ácido. Ouviu a voz zombeteira sussurrar em seu ouvido:

— Pobre visionário! Sacrificaste tua vida em prol da realização de um ideal estúpido e irrealizável. Salvar a Humanidade! Como pôde acreditar, jovem infeliz, que iria tirá-la de minhas garras, se desde que surgiu o primeiro homem, a Humanidade vive muito confortável entre elas? Saiba, mártir infeliz, que sou eu a Carne, que sou eu o Desejo, que sou eu a Ciência, que sou eu a Paixão, que sou eu a Curiosidade, que sou eu todas as energias e estímulos da natureza viva, que sou eu tudo o que convida o homem a viver. Querer aniquilar para o futuro o que eu sabiamente

esculpi ao longo do passado é um empenho insano e uma vaidade tola!

A língua de Jesus já se paralisava, o frio da morte o invadia como uma maré. Ele fez um grande esforço para falar:

— Aquele que ouvir minhas palavras e acreditar que Ele me enviou, terá a vida eterna e não irá a julgamento, passando da morte à vida.

— Sim, passará a ter uma vida estéril e fria no Nada. A vida é bela. Tua doutrina representa a morte, Nazareno. Tua memória perdurará entre os homens; os homens te adorarão e exaltarão a tua doutrina, mas tu terás morrido. E eu, que sempre estarei vivo porque sou a Vida em si, arruinarei tua urdidura divina com um mísero fio de meus cabelos. Oh, mestre! Não era o que tu pretendias, certamente. Tu querias salvar a Humanidade e não a salvarás, porque a salvação que tu ofereces é a morte e a Humanidade quer viver. A vida é meu alento. A vida é bela, profeta iludido. Queres viver para ti mesmo velar pela integridade e pureza da tua Boa-Nova? Eu te darei vida com todas as tuas glórias, alegrias e prazeres: eu te darei de minhas mãos.

O peito de Jesus convulsionou em seus últimos espasmos de agonia, suas pálpebras se fecharam como se os pecados de todos os homens gravitassem sobre elas com o peso de gigantescos blocos de pedra. Jesus queria responder

com uma energética negativa, mas foi incapaz: sua garganta estava congelada.

— Está tudo acabado — murmurou Satanás com uma raiva surda. — Ah, não! Tu ainda tens um segundo de vida para que possas contemplar teu trabalho através dos séculos. Olhe, Nazareno, olhe!

No espasmo supremo do último instante, Jesus arregalou os olhos desmesuradamente e viu, e viu, em ambos os lados de sua cabeça, os braços estendidos de Satanás evocando uma visão desoladora sobre o céu cinzento.

Ele viu no céu, na direção do Oriente, sua própria pessoa orando no jardim de Getsêmani, enquanto uma quantidade abundante de suor banhava seu rosto e seu corpo. De repente, uma súbita e luminosa aparição o preencheu de angústia e de prazer. Era um anjo enviado por seu Pai, que oferecia a ele um cálice de ouro repleto de babosa até a borda: “Meu Pai, bebê-lo-ei até a última gota!” e, ao bebê-lo, selou assim o compromisso de redimir a Humanidade. A luz viva que se desprendia do enviado de seu Pai arrancou de seu corpo uma sombra imensa, longa e soturna que se estendia até o céu do Ocidente, através de muitos séculos, de muitas raças e de muitas cidades. E a primeira coisa que apareceu sob aquela enorme sombra, que cobria o tempo e o espaço, foi o topo do monte onde ele, Jesus, morreu crucificado entre dois ladrões.

E, depois, seguiu-se uma infinidade de traições, de lutas, de conflitos, perseguições e controvérsias entre os que acreditavam entender sua bela doutrina e aqueles que não a entendiam. Viu-se ser transportado para Roma, a Cidade Eterna, o núcleo dos seguidores da Boa-Nova. E viu uma longa série de cidades ímpias que, apesar de ostentarem os pináculos de mil catedrais erguidas ao céu, eram antros dos vícios mais infames e das paixões mais baratas. Em toda parte, ele viu pulular as duas mulheres de Ezequiel: Oolá e Oolibá. Elas não apareciam mais como símbolos, mas sim como seres reais, reproduzidos ao infinito, ainda que com rostos diferentes. Viu nos conventos, nos tribunais, nas ruas e nos templos. E todos eles usavam no pescoço colares, fitas ou fios que sustentavam uma cruz. Ele viu abadias, as quais pareciam colônias de Gomorra, também viu festivais religiosos que eram semelhantes às Saturnálias. E guerras, matanças e assassinatos cometidos em seu nome, em nome da paz, do amor ao próximo, da piedade, da misericórdia infinita que o levou ao seu próprio sacrifício. Assim como seus conterrâneos zombaram dele, quando Anás o condenou para ser açoitado e o procônsul o mandou para a morte, as novas cidades zombaram de sua doutrina, a única diferença é que o fizeram em alguns idiomas estranhos, em que as palavras tinham corpo de oração e alma de ironia. Nos confins do horizonte, viu erguer-se uma cidade cheia de cúpulas, de

chaminés fumegantes, de cercados, de torres altas, como a de Babel, e de estranhas construções: essa cidade era Lutécia, de onde vinha um zumbido de fervura. Um sumo sacerdote, que era, na verdade, o próprio Satanás disfarçado, subiu em uma torre cristã e se dirigiu a ele: “Nazareno, fostes um visionário sublime, acreditastes nos redimidos e nos que não se redimiram. O pecado reina hoje tão onipotente quanto antes, até mais do que antes. O pecado original, cuja mancha quisestes nos lavar, é o nosso mais deleitoso e adorado pecado. Tu já não passas de um nome qualquer, Nazareno...” A voz do orador se extinguiu em um sonoro riso de prazer e de loucura. Além dessa, havia outra cidade: Londres. Um sacerdote, semelhante ao anterior, repetiu as mesmas palavras; e o mesmo aconteceu na Cidade Eterna, em Berlim, em São Petersburgo, em Madri, em Washington e em mil outras cidades, que repetiram a mesma coisa em mil línguas diferentes. De repente, as cidades se iluminaram como se estivessem em chamas, ecoando o estampido de canhões e um ruído ensurdecedor de uma folia louca. Esse era o momento em que a Humanidade se despediu do século 20 e saudou a chegada do século 21. Jesus não queria ou não tinha mais forças para ver o futuro vergonhoso das raças. Olhando para o céu, em vez de ver projetada a silhueta de seu corpo orando e bebendo do cálice sacrificial, viu uma forma bizarra, um indivíduo esquelético armado com lança e

escudo, cavalgando um cavalo esquelético. Era o anjo da Morte que João descreveria, mais tarde, no Apocalipse?

Logo, ele saberia. Satanás, com um sorriso zombeteiro e irônico, aproximou-se de seu ouvido e disse:

— Eis aqui, Mestre, que além dos evangelhos escritos por Mateus, Marcos, Lucas e João, será escrito, dentre dezesseis séculos, outro que começará assim: “Num lugar da Mancha, de cujo nome não quero lembrar, vivia há não muito tempo um desses fidalgos que usam lança em hastilheira, adarga antiga, cavalo magro e galgo corredor...”²¹

Mas Jesus já estava morto e foi incapaz de ouvir a zombaria perversa do gênio do mal. Seus belos olhos claros ficaram arregalados e suas pupilas refletiam em duplicata aquele vasto panorama da ironia de seu sacrifício ao longo do tempo e do espaço. Satanás desceu da cruz e tudo desapareceu com ele. No entanto, nas pupilas azuis do Salvador, o quadro cruel permaneceria para sempre.

Foi piedade ou impiedade? Satanás, mais uma vez, se empoleirou na cruz. Com sua desonrada mão, ele fechou as pálpebras da vítima divina.

E então fugiu, deixando-se rolar nas pedras do Calvário, sobre as quais quicava como uma bola de borracha.

21 Referência ao Dom Quixote, de Miguel Cervantes.

A ÚLTIMA LOIRA

Para Dom Antonio Rubió e Lluch

Nas entranhas e na superfície da terra, o ouro estava absolutamente esgotado. A escassez desse metal precioso era tal, que somente um ou outro estudioso tinha conhecimento de sua existência. Em um museu de Chicago, havia duas moedas de dez dólares, guardadas em uma urna de cristal, consideradas curiosidades das mais valiosas. Em outro museu, em Papeete (Taiti), um ídolo primitivo foi preservado, moldado na substância extinta. Em Paris, Timbuctu,²² Rio de Janeiro e Estocolmo, os museus guardavam, com rigorosa vigilância, dois luíses, uma de 50 *paras*, uma de 10.000 réis e uma de 20 coroas suecas, respectivamente. Se não fossem todos esses museus, a antiga

22 Timbuctu localiza-se no oeste africano, em Mali. Foi uma das cidades mais ricas do mundo durante o século 14, justamente por produzir mais da metade do consumo mundial de ouro e sal.

palavra ouro, *auro*, em esperanto, teria se tornado uma palavra inútil, mesmo que fosse para expressar a memória de uma substância que, repito, somente alguns eruditos conheciam. Por outro lado, a elaboração do diamante tinha se aperfeiçoado tanto que, por cinquenta francos, era possível obter, no ano de 3025, um do tamanho de uma laranja.

A investigação da pedra filosofal foi feita com muito mais furor do que na remota Idade Média. Um alquimista conseguiu obter, em algumas caixas de urânio fosforescente, um depósito de luz solar, que submetidos a uma pressão de 12.000.000.000.000.000.000.000.813 atmosferas, criava uma pasta dourada capaz de substituir o ouro: tinha a mesma consistência, peso atômico, propriedades químicas e até poderia ter as mesmas aplicações industriais, caso não tivesse a detestável propriedade de se desfazer com o frio e, assim, evaporar. O químico esperava que, ao acrescentar três ou quatro bilhões de pressão, faria com que a substância se tornasse mais durável. Outro alquimista esmagava os estames da flor-de-lis em um almofariz, adicionando bile de urso polar e polvilhando a mistura com granalha de selênio ou de molibdênio. Em seguida, envolvia essa mistura em barro de coque e a submetia a descargas elétricas de uma bobina Rumkffork de 20 metros de comprimento, e assim obtinha uma substância amarela-metálica

que dizia ser ouro, mas que tinha o inconveniente de oxidar com sangue e se dissolver em amônia.

Mas eu, que adorava a arte e a ciência antigas, leitor de muitos livros antiquíssimos, como os de Flamel, Paracelso, Cornélio Agrippa e tantos outros notabilíssimos alquimistas, sabia de uma receita segura para obter ouro, receita que li em um desses livros, por meio de uma nota manuscrita à margem. Eu a traduzi do latim para que o leitor, caso seja capaz de encontrar o ingrediente principal, possa se aproveitar disso para ficar rico: “pegue o cabelo de uma mulher loira (*rubicundae fomine capellae*) e o coloque, durante cinco lunações, mergulhado em um frasco com uma medida de ácido muriático; após estar dissolvido, ponha o frasco exposto ao sol, mas somente no momento em que Vênus for uma estrela da manhã (*venere stelle matutinae esse*), com o intuito de evitar que seus raios nocivos (*letalium*) atinjam o frasco. Em seguida, derrame no líquido meia gota de sangue de dragão, meia gota de licor que cheire a louro, e, finalmente, encha o frasco com água do mar (*aquae maris*). Deixe-o evaporar completamente na mais escura caverna salgada (*cava nitrous*) e, depois de um mês, encontrará metade do frasco cheio de um pó da cor de licopódio, que é ouro puro (*aureum vere*) e que, quando derretido, pode lhe render em peso até cinco ducados”.

Imagine, então, a enorme fortuna que valeria a cabeça de uma mulher loira. Mas, assim como o ouro acabou, as loiras também desapareceram. No ano de 2279, os mongóis e os tártaros, das malditas raças amarelas, inundaram o mundo e arruinaram as raças europeias e americanas com a mistura de seu sangue impuro. Não existiu sequer um canto no mundo que aquela gente não chegou e estampou a marca de sua maldita etnia: não havia um rosto que não levasse um par de olhinhos puxados e um nariz chato; não havia nenhuma cabeça que não estivesse coberta por cabelos densos e pretos. Com verdadeira raiva, aqueles selvagens macularam a beleza europeia, como se quisessem aniquilar aquilo que eram incapazes de produzir. Talvez, fosse assim que pretendiam assegurar as vitórias do futuro. Essa raça se espalhou pela miscigenação, como uma imensa hera que cobriu o mundo e, depois de três séculos, restava um ou outro exemplar de raça pura. A beleza germânica, o tipo grego, a gentileza italiana, a elegância francesa, a integridade britânica, a graça espanhola, hoje em dia, são meras tradições das quais somente os livros antigos podem nos contar. Uma ou outra família montanhesa conservaram os traços primitivos das raças europeias, cuja miscigenação imunda estragou. Assim como, por exemplo, a minha família preservou a pureza da raça, ao menos, até quatro gerações atrás, quando a minha

bisavó se casou por puro interesse com um rico fabricante de aviões elétricos, de perfeita origem afegã. De acordo com os livros e documentos da família, descobri que meus ancestrais tinham sido loiros como o sol, e que existiam quatro ramos da família, dos quais três tinham se miscigenado. Um, o meu, com sangue afegão; o segundo, com as de um mestiço chinês; e, o último, com um alfaiate samoiedo, de origem manchu. Eu não sabia qual era o destino do quarto ramo. Quando lhe contei sobre o ramo perdido, meu pai me disse em esperanto, a língua universal:

— Esses parentes são uns imbecis, eles têm a loucura da pureza do sangue.

Eu, apesar de ser um mestiço afegão de pele bronzeada, sentia no fundo do meu sangue o orgulho aristocrático e o amor pela beleza daquelas antigas raças que a onda asiática envolveu e aniquilou para sempre. Aplaudi intimamente o isolamento daquele ramo que tinha se escondido, numa caverna secreta ou numa montanha inexpugnável. Eles eram os últimos de sua linhagem. Pobres povos europeus! Durante algum tempo, eram formados por raças viris e dominantes, cujas energias, em constante ação, se desgastaram e decaíram rapidamente. Esse foi o momento em que a raça amarela invadiu o mundo como uma avalanche gigantesca e se mesclou e se fundiu com as raças vencidas, extinguindo o

espírito antigo por toda a eternidade. Por mais que as ciências progredissem, as artes tinham retrocedido, não para a Grécia, mas sim para a caverna de um troglodita ou para o curral de uma tribo selvagem. Nesse cataclismo de formas e belos ideais substituídos por noções utilitárias e concepções monstruosas, apenas um ou outro espírito retrógrado, como o meu, tinha um apreço psicológico às noções antigas, a um sentido estético tradicional, a um salto no gosto pelas formas e pelos ideais do passado, submergidos no esquecimento pela onda de sangue infecto. Eu estava obcecado em procurar, por todas as regiões da terra, o ramo perdido ou ignorado de minha ascendência latina, que ainda conservasse os traços da beleza atávica. Sentia um desejo vívido e avassalador de contemplar uma dessas cabeças loiras, as quais eu somente podia ver em gravuras na biblioteca de curiosidades de Timbuctu. No entanto, devo declarar em honra da verdade que grande parte da minha ânsia era devida ao desejo de realizar o experimento alquímico que me faria um dos homens mais ricos.

Certa manhã, voei em meu avião, levando uma boa provisão de carnalita — essência de carne —, legumina, ar líquido etc., o suficiente para sobreviver por um mês. Cruzei e investiguei extensivamente as serranias e vales do Afeganistão e da Tartária, as ilhas da Polinésia, as florestas e

cordilheiras da América do Sul, todos os caminhos tortuosos da acidentada Islândia: por toda parte, eu encontrei a maldita raça amarela que infectou a minha, espalhando-se pelo mundo como uma mancha de óleo. Foi na grande cidade de Upernavik que encontrei a primeira pista da família que eu procurava. Os documentos familiares diziam que meus ancestrais europeus se chamavam Houlot. Num posto aéreo em Upernavik, no livro *fônico* de passageiros, ouvi esse nome ser pronunciado por uma voz estranha. Ouvi a mesma palavra em vários outros postos. E a escutei de novo no hotel mais distante que visitei, através de um espelho *fotogenófono*, em que estão gravadas a imagem e a voz dos passageiros. Vi, repito, a figura de um homem de uns cinquenta anos e de duas mulheres, e ouvi, ao tocar o registro, o seguinte: “Jean Houlot, esposa e filha (em esperanto), últimos descendentes da raça gaulesa (falado em francês), passaram por aqui em 18 de março de 3028, rumo ao Cabo Kane, nas margens do Mar Paleocrístico, paralelo 87”. Enlouqueci de alegria e, no dia seguinte, na primeira hora da manhã, fui até o local indicado, chegando lá quatro horas depois.

Na porta de um casebre coberto de sulfeto de rádio, o que o tornava extremamente fosforescente, estava o homem cujo rosto eu havia contemplado no espelho-registro do hotel. Eu falava três línguas mortas: espanhol, latim e

francês. Aproximei-me do indivíduo solitário e lhe disse no último idioma:

— Senhor Houlot, você é meu tio. Eu vim de Timbuctu somente para conhecê-lo e saudá-lo. Você é o último vestígio de nossa gloriosa e malfadada raça.

— Seja bem-vindo... sobrinho — respondeu-me, com ar taciturno e desconfiado. — Você está me vendo mas, diga-me, se você pertence mesmo a minha raça, deve estar disfarçado. Por que seu rosto é bronzeado?

— Meu pai é afegão e minha mãe era uma Houlot. Resumo todo o meu orgulho na poção de sangue materno que corre em minhas veias. Tio, quero viver perto de você para que possamos ser os últimos fragmentos dessa raça que morre conosco.

— Ora! Você não vê que já está contaminado pelo sangue asiático?

— Oh, tio! Mas eu conservo o espírito de sua raça sem manchá-lo.

— Bem, fique se quiser, mas já aviso que não há lugar para você em minha casa.

E eu realmente fiquei. Mandei alguns samoiedos construírem uma casa para mim, a cerca de cinquenta léguas de distância, o que daria três quartos de hora de viagem de avião. Houlot era muito pobre e eu, continuamente, lhe dava

presentes valiosos de carnalita e oxigênio, com o intuito de mantê-lo aquecido, pois o frio acima do paralelo 85 era terrível. O frio penetrava até mesmo sob as peles de urso e de foca que vestíamos, as quais revelavam apenas nossos rostos. Houlot e eu nos tornamos íntimos, e ele ficou admirado que, mesmo eu sendo rico, sacrificava o meu bem-estar nos países do Sul por uma simples fantasia. Ele também era muito avarento e exagerava em sua pobreza para poder me explorar ainda mais. Um dia, apesar de suas precauções, sua filha e eu nos encontramos em um iceberg. Ela era uma jovem com cerca de vinte e cinco anos, branca, pálida, de aspecto frágil, com olhos e sorrisos travessos e com algo daquela beleza perdida, que eu tinha contemplado apenas nas gravuras de Timbuctu.

Daquele dia em diante, ao que parecia, passamos a nos amar loucamente: durante três meses nos encontrávamos no mesmo lugar e na mesma hora. Falávamos de amor, iluminados pela luz violácea da aurora boreal! E, ainda assim, eu não sabia se ela era loira, eu nunca tinha visto seus cabelos, porque seu traje de pele de raposa azul somente me permitia ver seu rosto e suas mãos.

— Ah, se você fosse loira, bela menina, eu te amaria ainda mais, te adoraria com delírio e... você faria a minha fortuna!

— Eu sou loira — ela me respondeu com um adorável beicinho travesso.

Pouco depois, Holout e eu saímos para caçar morsas em um banco de gelo situado a 68 léguas ao Norte. Durante o trajeto, aproveitei para expor minhas pretensões com minha prima.

— Meu bom tio, é provável que você nunca encontre um homem de sua raça para ser marido de vossa Suzón. Eu a amo e sou correspondido. Conceda-me a mão dela, pois, afinal, também sou da sua raça.

— Você não passa de um mestiço infame. É mais provável que eu mate vocês dois do que consinta essa união, que manchará o último vestígio de sangue nobre na terra. Asiático ruim, asiático ruim... — murmurava enfurecido.

Eu, que conhecia a avareza de meu tio, ignorei os seus insultos e acrescentei:

— Eu estou em posse de um segredo industrial que me tornará riquíssimo. Se me conceder Suzón, eu farei de você meu sócio e lhe darei um terço de minha fortuna atual e futura.

Meu tio se abrandou. Pouco depois, ele concordou e, finalmente, ficou combinado que Suzón e eu nos casaríamos dali a seis meses.

No mês seguinte, fomos para Terra Nova passar o verão. Pouco depois de nossa chegada, pedi à minha noiva uma mecha de seus cabelos. Suzón sorriu. Ela tirou o gorro

de pele e exibiu, diante de meus olhos, uma cabeleira loira bela como âmbar.

— Escolha você...

Caí de joelhos, extasiado. Com a mão trêmula, selecionei dez ou doze fios, os quais coloquei cuidadosamente em minha bolsa.

Em uma sala, eu tinha preparado meus frascos e vasilhas. Desci à caverna e fiz os devidos preparativos com os fios de cabelo de Suzón, observando estritamente a fórmula alquímica. Quando tirei o frasco no momento indicado, ele estava tão manchado e esfumaçado, que não era possível ver seu interior. Impaciente, esvaziei o conteúdo: era um pó avermelhado mesclado com cristais de sal marinho e pedaços de resina. No meio disso tudo, haviam alguns fios escuros e opacos de cabelo. Não havia o menor resquício de ouro. Muito desconsolado e pensativo, fui à casa de Suzón para lhe pedir mais cabelos e repetir a experiência com precauções maiores. Entrei e, sem encontrar o velho tio na casa, fui na ponta dos pés até o tocador de Suzón. Ela estava de costas para a porta, com a cabeça submersa em uma bacia.

— Pai — disse ao ouvir meus passos.

— Não é seu pai, sou eu — respondi, carinhosamente.

Suzón deu um grito de surpresa e se virou: seus cabelos gotejavam uma água de cor indefinível.

— Ah, traiçoeiro, você me assustou!

— Sim, me desculpe, mas que água esverdeada é essa?

— Isto é... oras! Por que não te contar, se não é crime?

Você não me disse que me amaria, delirantemente, se eu fosse loira?

— Sim. E então...? — respondi pálido, com o rosto contorcido pela raiva, pois eu começava a compreender.

— Todas as manhãs, eu pinto o cabelo para que me ame mais — contou e, como uma carinhosa sedutora, passou seus braços úmidos ao redor do meu pescoço.

Senti aquilo como o golpe de um machado. E, afastando-a violentamente, exclamei com raiva estremecedora:

— Imbecil! O que eu amava em você era que era uma loira autêntica, a última loira, aquela que morreu com sua avó!

E, sem perder mais tempo, voltei a Timbuctu, lugar em que, revisando melhor os documentos familiares, fiquei sabendo que, em 2222, um Houlot tinha exercido a profissão de cabelereiro, perfumista e tingidor de cabelos, em Iquitos (uma grande cidade de dois e meio milhões de habitantes, na Confederação Sul-Americana).

Provavelmente, não voltará a existir ouro no mundo, mas, mais provavelmente ainda, eu terei de me casar em Timbuctu com uma jovem de olhos oblíquos, pele amarelada e cabelos pretos e lisos.

O FILHO PRÓDIGO

Nestor, o pintor Nestor, tão conhecido por suas extravagâncias, um dia nos contou em seu ateliê a ideia que tinha concebido pintar um grande quadro, *O filho pródigo*, que embora excomungado, ainda assim, obteve grande sucesso em virtude da magistral execução, inovação e originalidade do projeto. E, sobretudo, em razão da extravagância ou comicidade da composição, agradando dos puristas da arte até os refinados admiradores do ideal; os filhos transtornados desse *fin de siècle* que, frios e impassíveis diante do período glorioso da arte, vibram de emoção diante de paletas exóticas, simbolismos estranhamente sugestivos, figuras pérfidas, carnes mórbidas e voluptuosamente malignas, enigmáticos *chiaroscuros*, luzes cinzentas ou macabras e sombras iridescentes. Numa palavra, diante de tudo o que significava “novidade”, uma pulsão que mortifica o pensamento e sacode violentamente nosso já exaurido sistema nervoso. E isso tudo estava em *O filho pródigo*.

Imagine: o filho pródigo era, ninguém mais ninguém menos, do que Luzbel, o Anjo Caído, o Maligno, cujas maldades provocaram a ira do Pai Eterno e o terror e execração da humanidade. Esse Maligno, que levou visões infames e voluptuosas aos olhos do ancião Santo Antônio em seu refúgio espiritual em Tebaida, que inflama as piores paixões nos homens, que atíça a alma das mulheres e lhes turva os cérebros, que joga maliciosamente com os nervos e produz os piores exageros concupiscentes e perturbações das mais libidinosas.

Somente um louco, um degenerado, poderia ter a ideia de fazer Satanás o simpático protagonista de uma pintura. Somente um desequilibrado, um neurótico poderia ter a ideia de arrancar o Rebelde de sua detestável morada para conduzi-lo ao céu, interessante e belo, com os mágicos recursos da cor e da expressão.

Nestor nos mostrou uma infinidade de esboços de seu quadro e fragmentos nos quais estudava o movimento, a expressão de um rosto ou outro detalhe importante. Repito, a ideia era execrável, diabólica. Luzbel redimido! Luzbel regressando ao Céu! Luzbel, como o filho pródigo, retornando ao seio de seu pai! Que hediondo! Vossa Excelência fez bem em conceder a Nestor a triste honra de ver seu quadro excomungado. O que não impediu que tivesse uma maravilhosa execução.

Eis como nos *historiou* Nestor a respeito de seu quadro, que continha dentro de si uma teologia infernal. Ficamos horrorizados!

~~*

Sempre acreditei que, algum dia, Luzbel seria reabilitado e carregado pela humanidade nos ombros em direção ao Céu. Durante milhares de séculos, ele viveu em exílio da glória. E, o seu lugar, à direita do Deus Pai, foi ocupado indevidamente por alguém que representa um princípio inferior (a humildade e a mansidão que, indubitavelmente, significam forças passivas, inferiores às forças ativas da rebeldia e do orgulho), por alguém que não tinha cumprido suas ofertas de felicidade e salvação, por alguém que teve a vaidade de acreditar que, com seu altruísmo evangélico, poderia fazer uma revolução moral, resgatando a humanidade do mal, rompendo os laços que as uniam às mãos de Luzbel. Não se cumpriu: o triunfo de suas doutrinas era evidente. Jesus reinou, mas não foi capaz de dominar, desgraçadamente... Por quê? Era uma questão simples de estratégia filosófica e, mais que filosófica, fisiológica. O Anjo Caído aceitou a luta e, com a luta, seu poder cresceu. Jesus subiu

aos cumes luminosos da alma, coroou as alturas da vida moral. Luzbel, ao contrário, desceu aos sombrios mistérios da carne, aos abismos vermelhos do sangue, aos intrincados labirintos dos nervos e, com essa astuta estratégia, pôde manipular as verdadeiras fontes ocultas da vida. Não importa que os maiores sistemas éticos da Moral, desde o Calvário, sejam iluminados vivamente pela caridade da filosofia evangélica. Importa se o pensamento moderno é envolvido entre as águas do poderoso rio da moralidade cristã? Não. O que importa é que esse fio de água corrosiva — que tem as suas fontes na carne — se ramifica por todos os filetes nervosos e termina nos sentidos. Não são os grandes sistemas filosóficos que importam, não, são esses pequeninos motivos, essas pequeninas e sucessivas aspirações, esses pequeninos desejos, esses pequeninos ideais, esses pequeninos instintos, essas pequeninas determinações, esses pequeninos atos sem transcendência aparente. Em uma palavra, tudo aquilo que não tem força coesiva para formar um sistema filosófico ou um corpo de especulações, porque oscila entre a elucubração abstrata, a sensação agradável e a paixão instintiva. E, ainda assim, tudo isso constitui a filosofia íntima, a filosofia de cada um, a filosofia ativa, a filosofia sem palavras, a

filosofia inconsciente. É assim que Luzbel nos manipula. Essa corrente nervosa é o oceano turbulento em que navega, com a proa em direção ao inferno, essa frota triunfante de Satanás. A partir daí ele reina e domina todo o império como um imperador absolutista, apesar da religião e das doutrinas moralistas. A partir daí ele é o verdadeiro pai e o senhor dos corpos e de todas as almas, ainda que estas se cubram com a veste branca da milícia cristã. A partir disso, ele imprime em todos os homens a marca de sua formidável garra... A caridade é em vão, o ascetismo e a fé, em vão; a luta do espírito para escapar da carícia da mão de chamas é em vão: ninguém, nem mesmo os santos escaparam. O que era casto, o orgulho tentou; ao caridoso, a gula; a indolência física entorpeceu o moralista severo, incendiado pela fé mais ardente; a intransigência apaixonada manchou a ira cega; e, em quase todos, Luzbel fez fulgurar a chama púrpura de sensualidade, brilhando intensamente da mesma maneira que a perda, a loucura ou a debilidade das carnes mortificadas, maceradas, aniquiladas pela penitência, o tormento ou o jejum; assim como uma efervescência irreprimível, uma grande palpitação da vida em corpos saudáveis. Todos, todos são escravos do pecado físico ou ideológico, todos são vassalos de

Luzbel, ainda que o pensamento se eleve para regiões celestes, ainda que as almas se acerquem das antigas iluminações da contemplação mística ou mergulhem nas misteriosas sombras da metafísica teológica. Oh, a pureza do pecado, a emancipação da vassalagem satânica é impossível! Entre a Pureza e nós se localiza, interceptando as radiações divinas, a vasta alameda do Rebelde triunfante!

Luzbel tinha sido o filho predileto de Deus: daí vem seu espantoso poder sobre a Criação. Deus, como bom pai, amou a seu filho. Ele estava orgulhoso de ver nele a rebeldia infinita, essa altivez indomável própria de um Deus. Mais do que um castigo, foi-lhe imposta uma prova. Passaram-se um milhão, cem, um bilhão de séculos, e o filho expulso não teve um segundo de desânimo, de debilidade, de arrependimento. Ele odiava seu pai? Não. Ele o amava. Precisamente porque o amava, não cedia: ceder seria renunciar à sua estirpe, seria aniquilar em um só golpe a Criação de seu pai, seria afogar as aspirações de perfeição da Humanidade e do Universo no nirvana obscuro. Luzbel sabia que toda a Glória de seu Divino Pai se sustentava em seus ombros malditos. Todo o Céu repousava sobre seus dois fortes braços: o direito, o Mal; o esquerdo, a Dor. Luzbel amava a seu pai. O Universo

inteiro tendia a favor de Deus porque ele, o Mal; ele, a Dor; ele, Satanás; ele, o Maligno; ele, o Rebelde; ele, o Exilado; ele, o Baixíssimo, o que aguilhoava, picava, tentava, mortificava, feria a Humanidade e, como expressão desse sofrimento, surgiu o hino de adoração, a súplica de misericórdia, a oração palpitante de fé e de esperança de todos os que sentiam dor, de todos os que se contorciam na terra assombrados por Satanás, de todos aqueles que alçavam as mãos ao Céu, aspirando a felicidade suprema. Luzbel amava a Deus; era o Divino Pastor que, pastoreando os flancos do rebanho humano, condizia todos ao Céu. Era o pai da atividade e do esforço, porque ele era o pai da Dor e do Mal. Lubrificava as almas e as recompensava pela conquista de alturas excelsas. Luzbel amava a seu pai e, por isso, a sua maldade era infinita e a sua obsessão era indomável. Foi por isso que se passaram milhões de séculos e ele seguiu tão altivo, tão orgulhoso e tão resoluto como no primeiro dia, como no dia do castigo, em que os arcanjos brandiram suas espadas flamejantes e o expulsaram da posição do Braço Direito do Deus Pai e o lançaram em direção à escuridão do abismo. Luzbel foi testado e era chegada a hora de seu perdão. Jesus mesmo, que lutou com ele durante quarenta dias no deserto, o perdoou depois por ter vencido a campanha

entre a carne e a alma. Jesus, as virgens, os santos, os anjos, os arcanjos, os serafins, as dominações, os tronos e as demais potestades, as quais formam a hierarquia branca, disseram ao Pai:

— Pai de todos, que estais no céu, santificado seja o vosso nome, rogamos a vós que Luzbel venha ao vosso reino, e assim como nós perdoamos aos nossos ofensores na terra, perdoai, oh, Pai amantíssimo, a Luzbel no Céu! O Bom Deus o havia perdoado. Ele o perdoou desde o momento de sua prova e, na oração de seus filhos, quis manifestar ostensivamente a sua infinita misericórdia para com o seu favorito, para com o filho que mais se assemelhava a ele, para com o filho que, com a infinidade de seu orgulho, colocou em evidência a Divina Grandeza de sua estirpe. E Luzbel, o que não era domado, voltou ao seio de seu pai. Fazia muito tempo que os esplendores da glória não feriam os seus olhos feitos para as trevas, como os olhos de certas aves nictalopes...! Comovido, mas sempre altivo, sempre orgulhoso, recebeu o beijo de perdão, sem que seu rosto revelasse espanto ou ternura.

Sentou-se à Direita de Deus Pai. E, dali, olhou ao seu redor. Um sorriso triunfante alegrou a sua alma, sem subir aos lábios: seu olhar penetrante enxergou debaixo

das alvas e luminosas túnicas dos santos, mártires, ascetas e os demais que uma vez foram exemplos de virtudes na terra. Ele viu, repito, a marca avermelhada de sua mão incandescente impressa no momento em que a tentação voluptuosa ou a efervescência de alguma paixão era atizada por ele. E nem mesmo o Todo Poderoso exibiu o branco deslumbrante das almas absolutamente puras. Somente uma mulher permaneceu intocada e imutável: a Virgem Mãe... E não existia mais distinção, nem na forma, nem na essência, entre o Bem e o Mal, entre a Virtude e o Pecado. E esse foi o Grande Cataclismo da Criação: sem Luzbel no Universo, o Universo morreu. Faltou-lhe sua alma, e, por isso, tornou-se o Nada novamente.

A GRANJA BLANCA

I

Realmente se vive ou a vida é apenas uma ilusão prolongada? Somos seres autônomos e independentes em nossa existência? Somos, efetivamente, viajantes na jornada da vida ou somente personagens que habitam o sonho de alguém, entidades de mera forma aparente, sombras trágicas ou grotescas que ilustram pesadelos ou sonhos alegres de alguém eternamente adormecido? E, se sim, por que sentimos prazer e sofrimento? Deveríamos ser indiferentes e insensíveis. O sofrimento ou o prazer deveriam ser correspondentes ao eterno sonhador, dentro de sua imaginação, nós representamos nosso papel de sombras, de criações fantásticas.

Eu sempre expus essas ideias obstinadas ao meu antigo professor de filosofia, que ria dos meus desvarios e censurava carinhosamente a minha constante tendência de desvirtuar

as teorias filosóficas, fazendo-as seguir por uma trilha puramente imaginativa. Mais de uma vez, ele me explicou o verdadeiro significado do princípio hegeliano: *todo real é racional, todo racional é real*, um princípio que, segundo meu professor, eu glosava e interpretava de forma errada, com o intuito de aplicá-lo a mim mesmo na forma de conceitos ultrakantianos. O filósofo de Koenisberg afirmava que o mundo, em nossa representação, era uma visão distorcida, um reflexo inexato, um *númeno*, uma sombra muito vaga da realidade. Eu sustentei, para o meu professor, que Kant estava equivocado, visto que admitia uma realidade mal representada dentro do nosso eu. Não existe tal mundo real: o mundo é um estado intermediário do ser colocado entre o nada (que não existe) e a realidade (que também não existe), um ato de simples imaginação, um sonho puro, no qual os seres flutuam com aparências de personalidade, porque é necessário se divertir e se fazer sentir mais intensamente do que esse sonhador eterno, esse adormecido insaciável, em cuja imaginação nós vivemos. Em todo caso, Ele é a única realidade possível.

O bom ancião e eu passávamos longas horas discutindo os problemas ontológicos mais difíceis e complexos. Era meu professor quem estabelecia a conclusão de nossos debates em termos mais ou menos assim: que eu nunca seria

um filósofo, mas um louco; que eu distorcia, deformava e deslocava toda a teoria filosófica por mais clara que fosse, como bolas de cera expostas ao calor do sol da extravagância; que eu não tinha a seriedade necessária para seguir firmemente um sistema ou teoria, ao contrário, minha fantasia se exaltava e eu transformava as ideias mais claras — e até os axiomas — em questionamentos intrincadas. Eu fazia os seixos do caminho se transformarem em rochas gigantescas, lançando mão de sutilezas absurdas e insuportáveis. E meu professor pontuava que eu parecia com uma daquelas flores ornamentais que começam como plantas extremamente perfeitas mas que terminam com corpos de grifos, cabeças de sátiros ou feras enlouquecidas; ou um potro selvagem cego, que galopa sem rumo no meio de uma floresta em chamas. Ele nunca quis admitir que seus filósofos eram sonhadores e fantasiosos, potros selvagens e sem rumo, e que eu era o sereno adivinho das situações. No entanto, no *meu* caso, no qual tive um certo papel, creio que ele tenha mudado um pouco as suas ideias filosóficas.

II

Desde os meus oito anos, eu costumava me encontrar com minha prima Cordélia, a mulher que deveria ser a minha

esposa. Seus pais e os meus arranjaram esse matrimônio, apoiados pelo carinho que nos unia e que, mais tarde, seria convertido em um amor louco e impetuoso. Cordélia, poucos meses mais nova do que eu, foi minha companheira de infância. Com ela, passei pelo sofrimento da perda de meus pais e, já adolescentes, nos tornamos professores um do outro. Desse modo, compreendemos que nossos espíritos tinham impressões similares diante das mesmas leituras e diante dos mesmos objetos. Eu era seu professor de matemática e de filosofia; ela me ensinava música e desenho. Naturalmente, o que eu ensinava a Cordélia era uma deturpação detestável da ciência de meu professor. Nas noites de verão, Cordélia e eu subíamos ao terraço para discutir à luz da lua.

Cordélia era alta, esbelta e pálida, seus cabelos loiros e abundantes como os do milho contrastavam com o vermelho intenso de seus lábios e o brilho febril de seus olhos castanho-escuros. Não sei o que havia de estranho na admirável beleza de Cordélia que me deixava pensativo e triste.

Havia na catedral da cidade uma pintura chamada *A ressurreição da filha de Jairo*, de um pintor flamengo. A protagonista era uma menina de cabelos descoloridos, cujo rosto era muito parecido com o de Cordélia, assim como a expressão de espanto ao despertar do pesado sonho da morte. Via-se que naqueles olhos não existia a marca dos mistérios

encontrados nas trevas da tumba. Sempre que eu estava com Cordélia, a lembrança do quadro da donzela que voltava a vida se fixava em minha mente.

Cordélia discutia comigo serenamente, recostando sua cabeça pálida de arcanjo em meu ombro. As ideias de Cordélia seguiam o mesmo processo mental que as minhas, e nossos cérebros transbordavam em um fluxo delicado e puro de idealismo. Então, nossas almas, ligeiramente separadas no começo da discussão, se uniam de novo como velhos camaradas que se encontram na encruzilhada de um caminho e prosseguiam a jornada juntos. Já nesse ponto de junção, abandonávamos a filosofia ou a arte de lado e falávamos apenas de nosso amor.

O amor é vida. Por quê, cegamente apaixonado por Cordélia, eu sentia o hálito impalpável da morte? O sorriso luminoso de Cordélia era vida. A felicidade íntima que nos alienava, ocupando com alegria e fé as nossas almas, era vida, mas ainda assim, eu tinha a impressão de que Cordélia estava morta, de que Cordélia era incorpórea. No inverno, enquanto a neve caía do lado de fora, passávamos longas noites em saraus, tocando as mais belas sonatas de Beethoven e os noturnos apaixonados de Chopin. Aquela música brotava impregnada de um sentimento que nos unia e, não obstante, ao mesmo tempo que eu experimentava uma felicidade

inefável, sentia como se algo da neve que caía do lado de fora se infiltrasse em minha alma, como se, no tecido das harmonias, deslizesse um pedaço de fio já cortado, manejado pelas parcas. Eu tinha uma impressão triste e indefinível, um peso da laje sepulcral.

III

Cordélia e eu nos casaríamos depois de completarmos vinte e três anos, e ainda nos faltava um.

As terras que eu herdei produziam uma grande renda. Uma das minhas posses rurais era a *Granja Blanca*, originalmente uma capela que um dos meus antepassados convertera em um palácio. Ela se situava no meio de uma imensa floresta, longe do tráfego humano. Fazia dois séculos que ninguém a habitava: não se parecia em nada com uma fazenda, mas, no testamento de meu pai e nos papéis e livros da família, era assim que a designavam. Seu nome era *Granja Blanca*. Cordélia e eu resolvemos estabelecer nossa vida ali, desfrutando de nosso amor, sem testemunhas, diante da liberdade oferecida pela natureza. A cada três ou quatro meses, Cordélia, eu e meu professor fazíamos viagens à *Granja Blanca*. Com muita dificuldade, consegui trocar os móveis da fazenda por novos, e minha noiva cuidou da decoração dos cômodos com seu

gosto refinado. Como era bela em sua túnica branca e seu sombreiro de abas largas, caídas sobre suas faces, envolvendo seu rosto pálido em uma penumbra na qual fulgurava sua alegria infantil e suas grandes e misteriosas pupilas. Assim que descesmos da charrete, Cordélia correu pela floresta e encheu seu avental de lírios, maravilhas e rosas silvestres. As borboletas e libélulas revoavam travessas ao redor de sua cabeça, como se aguardassem o momento de cair gulosas sobre seus lábios, frescos e vermelhos quanto morangos. Provocadora, ela se perdia na floresta para que eu fosse procurá-la, e quando eu a encontrava, ora nas sombras de limoeiros, ora à margem de um riacho, ora escondida entre roseiras, eu a tomava em meus braços e lhe dava um longo beijo, muito longo, nos lábios ou nas bochechas pálidas, tão pálidas e tão suaves... E, apesar de minha felicidade, tive, de modo distante e indefinível, depois de beijos tão puros e apaixonados, a impressão de que tinha beijado as pétalas sedosas de uma grande flor-de-lis que brotara das rachaduras de uma tumba.

IV

Faltava aproximadamente um mês para que se realizasse a nossa união. Cordélia e eu concordamos em fazer uma última visita à *Granja Blanca*. Fui buscá-la pela manhã

em uma charrete, acompanhado do professor. Cordélia se sentia doente e não pôde sair. Entrei para vê-la, mas ela sequer conseguia se levantar da cama. Assim que entrei em seu quarto, sorriu para me tranquilizar e me estendeu a mão para que eu a beijasse. Sua mão ardia e sua semelhança com a filha de Jairo era ainda maior! Nos dias seguintes, a febre piorou. Cordélia estava com malária! Suas mãozinhas esquentavam horrivelmente e os meus lábios queimavam ao pousarem sobre sua testa pálida. O que fazer, meu Deus? Cordélia estava morrendo. Ela sentia e sabia que, em breve, seria fechada em uma caixa branca e levada para sempre, para muito, muito longe de mim e da *Granja*, que ela tinha preparado para que fosse o ninho misterioso de nossa felicidade. Ela iria para muito longe da floresta que ela atravessava vestida de branco como um grande lírio entre as rosas e as maravilhas. Por que tal injustiça? Por que a tiravam de meu lado? Poderia a minha pequena virgem ser feliz no céu sem os meus beijos? Seria ela capaz de encontrar lá uma mão que acariciaria seus cabelos pálidos e finos com mais ternura? A mais indescritível angústia se apoderou de mim ao ouvi-la delirar com a *Granja Blanca*. As maldições e as súplicas, as blasfêmias e as orações se sucediam em meus lábios, exigindo que fosse devolvida a saúde de minha Cordélia. Não me importava se eu a pedia a Deus ou ao diabo. O que eu queria era Cordélia sã. Eu a teria

comprado com minha alma, minha vida e minha riqueza. Eu faria o que fosse, de imundo ou criminoso. Eu atrairia a indignação do Universo e a maldição eterna de Deus. Eu derramaria o sangue de toda a humanidade, desde Adão até o último homem das gerações futuras e o ferveria no inferno com o fogo destinado à minha condenação, se eu pudesse obter um remédio que devolvesse a saúde à minha Cordélia. Não uma, mas mil condenações eternas, eu teria suportado sucessivamente, como preço dessa felicidade que a natureza me arrebatava com uma maldade implacável. Oh, quanto sofri!

Certa manhã, Cordélia acordou melhor. Como eu estava há quatro noites sem descansar, fui para casa dormir. Despertei no dia seguinte, já após o almoço. Que tarde terrível! Ao chegar à rua da casa de Cordélia, vi a porta fechada e uma grande multidão. Perguntei o motivo, lívido de ansiedade, louco de angústia. Um imbecil me respondeu:

— A senhorita Cordélia morreu!

Senti uma dor aguda em minha cabeça e caí no chão. Não sei quem me socorreu, nem por quanto tempo, horas, anos ou séculos fiquei privado dos meus sentidos. Quando voltei a mim, eu estava na casa de meu professor, próxima à casa de Cordélia. Voei até a janela e a escancarei: a casa de Cordélia estava ali. Eu saí correndo como um louco e entrei na casa de minha noiva.

V

A primeira pessoa que encontrei foi sua mãe. Peguei a sua mão, cheio de ansiedade:

— E Cordélia, minha mãezinha?

— Vá buscá-la, filho, no jardinzinho, ela deve estar por lá, regando as suas violetas e heliotrópios.

Comovido, fui ao jardim e, de fato, encontrei Cordélia sentada em um banco de mármore, regando suas flores. Delirando de amor e emoção, beijei sua testa e, em seguida, me pus a chorar como um menino com a cabeça em seus joelhos. Fiquei assim por muito tempo, sentindo suas mãos acariciando meus cabelos. Eu a ouvia murmurar frases de consolo em meu ouvido, com sua voz doce e meiga:

— Você achou que eu iria morrer? Verdade?

— Sim, eu achei que você estava morta. Pior ainda, pensei ter visto o seu funeral, meu anjo. Oh, que infâmia gigantesca teria sido me roubarem sua luz, a única luz da minha vida!

— Que louco você é! Morrer sem termos sido felizes! Dizem que a malária não perdoa e, veja, ela me deixou ir em consideração ao nosso amor, e se contentou em roubar apenas um pouco do meu sangue.

Realmente, os lábios de Cordélia estavam quase brancos e, em geral, a pele, especialmente as mãos e o rosto, tinha

uma palidez e uma transparência exageradas. Mas, apesar da malária tê-la debilitado tanto, ela ainda conseguia estar mais bonita do que antes.

Um mês depois, Cordélia e eu nos casamos com grande pompa e, no mesmo dia de nossas núpcias, tranquei meu tesouro na distante *Granja Blanca*.

VI

O primeiro ano de nossa felicidade transcorreu com a velocidade de uma estrela cadente. Não consigo imaginar algum mortal mais afortunado que eu durante esse ano com Cordélia, na tranquila e isolada morada que escolhemos. Muito mais tarde, algum caçador perdido ou aldeão curioso passou em frente da *Granja*. Para nos servir, tínhamos uma velha criada, surda como uma porta. Outro morador, que não posso esquecer, era o meu cão fiel Ariel. No final do ano, fui à cidade uma vez e trouxe uma parteira para a *Granja Blanca*. Cordélia deu à luz a uma bela menina, que veio para encher de felicidade o nosso novo lar.

Creio ter dito que Cordélia era uma desenhista habilidosa. Nos momentos em que os cuidados de nossa filha a permitiam descansar, ela se pôs a fazer um retrato meu. Que belas manhãs passamos em meu escritório. Eu lia em voz alta

e minha esposa reproduzia minha efígie na tela! A obra levou tempo para ficar pronta, porque sempre parávamos para nos entregar às loucuras e sonhos do nosso amor. Depois de três meses, estava terminada, mas, devo confessar que, por mais irrepreensível que fosse na execução, sua semelhança era medíocre. O que eu desejava ardentemente era que Cordélia fizesse um autorretrato. Ela resistiu a fazê-lo por vários meses, mas, em uma manhã, ela se ofereceu a me dar esse prazer. Fiquei surpreendido com o tom estranho e melancólico de sua voz ao me comunicar sua decisão: *tinha a voz que a filha de Jairo deveria ter*. Ela me suplicou: *“enquanto estiver fazendo meu autorretrato, não entre em seu escritório, nem tente ver a tela antes de estar pronta”*.

— Isso é maldade, minha rainha. Deixar de te ver durante duas ou três horas por dia! Veja, eu renuncio ao meu pedido, prefiro ficar sem o retrato do que me privar de sua presença. Depois de tudo, para que eu preciso da imagem se tenho o original para sempre?

— Ouça — respondeu, pendurando-se em meu pescoço —, só vou pintar em um dia da semana. Vou saber te pagar qualquer privação que tiver, em troca desse tempo que eu te roubar. Você aceita?

— Para que fique registrado: faço-o com relutância e apenas pelo interesse da recompensa.

Daquela semana em diante, todos os sábados pelas manhãs, Cordélia se trancava em meu escritório por duas horas. Ao terminar, saía agitada, com as bochechas pálidas, ainda mais do que de costume, e seus olhos brilhavam como se tivesse chorado. Cordélia me explicou que aquilo se devia ao estado de intensa atenção e abstração em que se colocava para captar a sua imagem do espelho e reproduzi-la na tela com a maior fidelidade.

— Oh, minha vida, isso lhe faz mal! Declaro que estou renunciando de bom grado ao retrato.

— É impossível! — murmurou com a voz por um fio, como se falasse consigo mesma. — Se ao mesmo a produção pudesse durar mais um ano! O prazo é fatal!

Ela, em seguida, fez de mim objeto das mais extremas manifestações de carinho. Durante o dia todo, não se separava nem de mim e nem de nossa filha por um segundo sequer, como se quisesse repor com excesso de amor as horas que tinha estado separada de nós.

VII

Chegava ao fim o segundo ano de nossa estada na *Granja Blanca*. Cordélia estava concluindo o seu autorretrato. Certa manhã, tive a imprudência de espiar pelo buraco da fechadura

de meu escritório e o que vi me fez estremecer de angústia: Cordélia chorava amargamente, suas mãos cobriam o rosto e o seu peito arfava com soluços sufocantes. Às vezes, eu ouvia um ligeiro murmúrio de súplica. Quem? Não sei. Saí cheio de ansiedade. Nossa filhinha chorava. Consolei a pequena Cordélia e esperei que minha esposa saísse. Quando saiu, tinha a expressão de profunda e secreta tristeza, a qual já tinha observado nos muitos sábados que passaram, mas Cordélia logo se recobrou, carinhosa, alegre e apaixonada como de costume. Ela cobriu a mim e nossa filha com carícias. Sentei-a sobre meus joelhos e, quando seu rosto estava bem próximo ao meu, falei diretamente para seus olhos:

— Diga-me, Cordélia de minha alma, por que você estava chorando no meu escritório?

Cordélia ficou surpresa e descansou sua cabeça sobre meus ombros.

— Ah, você me viu, você me prometeu que não iria olhar meu modo de trabalhar. Insolente! Eu acordei muito nervosa hoje e fiquei muito triste ao ver que você faltou com sua palavra. Chorei muito porque senti que você estava perto da porta.

Pelo tom trêmulo e constrangido com que Cordélia falava comigo, entendi que estava mentindo, mas, como eu realmente faltei com a minha palavra, não quis insistir.

— Desculpe-me, Cordélia!

— Sim, eu te perdoo, te perdoo, meu senhor, te perdoo com todo meu coração! — Tomando a minha cabeça entre suas mãos, beijou minhas pálpebras.

No sábado seguinte, completavam dois anos desde nosso casamento. Ao se levantar, Cordélia tinha o costume de vir me acordar. Nesse dia, eu já estava desperto e, quando Cordélia se inclinou na minha direção, agarrei-a pela cintura.

— Sabe que dia é hoje? É o dia de nosso aniversário.

O corpo de Cordélia estremeceu e, através de nossas roupas, senti em minhas mãos algo que parecia uma corrente de sangue gelada passando pelas veias de minha esposa.

Às dez horas da manhã, Cordélia me chamou do escritório, clamando de alegria. Acudi ao seu chamado, correndo: Cordélia escancarou a porta e, cheia de um alvoroço infantil, conduziu-me pela mão até o cavalete, sobre o qual estava uma moldura coberta por um pano vermelho. Quando ela removeu o pano, gritei de surpresa. A semelhança era maravilhosa; era impossível levar à tela com mais fidelidade e arte a expressão de amor e melancolia tão adorável de Cordélia. Nela, estava sua palidez sobrenatural, seus olhos escuros e brilhantes como diamantes brutos, sua boca adorável... Um espelho seria capaz de reproduzir o rosto de Cordélia com igual fidelidade, mas não teria copiado o reflexo sugestivo

de sua alma, voluptuosa e trágica, sua centelha de amor e de tristeza, de paixão infinita, de mistério, de distinto realismo, de ternura sobre-humana. Não teria sido capaz de copiar essa semelhança indefinível que existia entre as almas de Cordélia e da filha de Jairo, que eu percebi, sem que eu pudesse me indagar por qual preciso traço fisionômico, qual determinada expressão provocava em minha alma a recordação, ou melhor, a ideia da mulher ressuscitada na lenda evangélica.

E, naquele dia, nosso amor foi uma loucura, um completo desvanecimento. Cordélia parecia querer absorver toda a minha alma e meu corpo. E então nosso amor foi de um desespero e volúpia amargos, foi algo parecido com o desejo de esbanjar em um único dia, a imensidão do amor de toda eternidade. Foi como a ação de um ácido que corroía as nossas entranhas. Foi uma demência, uma sede insaciável, que crescia numa progressão alarmante e estranha. Foi um delírio divino e satânico, um vampirismo total e carnal, que tinha como deusa a amável e pródiga piedade e os ardores diabólicos de uma alquimia infernal.

VIII

Acordei assustado por volta de uma da manhã. Nos sonhos, tive a impressão de que uma boca fria de mármore

me beijava os lábios; que uma mão gelada arrancava o anel do meu dedo anelar; que uma voz apagada e triste murmurava em meu ouvido uma palavra desoladora: “Adeus!” Uns segundos depois, ouvi o estalo de um beijo e o grito agudo da pequena Cordélia, chamando por sua mãe em sua língua incipiente.

— Cordélia — chamei com a voz débil, procurando ver através da escuridão o leito de minha esposa e ouvir o mais pequeno ruído. Nada. — Cordélia! — repeti em voz alta, sentando-me. O mesmo silêncio. O suor banhou minhas têmporas e um calafrio de terror sacudiu meu corpo. Acendi a luz e olhei em direção ao leito de minha esposa. Estava vazio. Louco de horror e de surpresa, pulei da cama.

— Cordélia! Cordélia!

Abri as portas e saí, chamando por minha esposa com a voz rouca de dor.

— Cordélia!

Percorri todos os cômodos, todos os cantos da *Granja Blanca*. No corredor, Ariel, com o rabo entre as pernas e os pelos eriçados, uivou, e os lobos da floresta responderam sua tristeza.

— Cordélia!

Conduzi Ariel até o quarto, silenciando-o e confiando-lhe aos cuidados da pequena Cordélia. Em seguida, peguei

o primeiro cavalo que encontrei no estábulo, um potro negro. Montei de um salto e galopei pela espessa escuridão da floresta.

— Cordélia! Cordélia!

Fui respondido pelos uivos furiosos dos lobos, cujos olhos brilhavam, eu via, de ambos os lados da vereda, como respingos de óleo fosfórico sobre a relva. Cegado e enlouquecido pela dor, eu não refletia sobre o perigo que eu corria. Os lobos, encorajados pelo galope vertiginoso do meu cavalo, nos perseguiram e uivavam de modo ensurdecador. Atrás do potro, estendia-se uma longa e negra mancha movediça, semeada de pontos luminosos.

— Cordélia! Cordélia!

O vento por entre as folhas, o voo das aves noturnas assustadas, o golpe seco do casco na trilha e o uivo faminto e raivoso das feras selvagens me respondiam. Não sei quantas léguas percorri desde a *Granja Blanca*. Meu potro, guiado pelo instinto, fez um desvio imenso e, quando a aurora já polvilhava a parte leste do céu com um sutil pó de nácar, me devolveu à desolada *Granja*, rendido pela angústia e vencido pela inexorável crueldade do destino. Fiquei, por muito tempo, deitado sobre os degraus, enquanto os passarinhos saudavam a aurora com sua estúpida e bela oração.

IX

Voltei a procurar Cordélia em todos os cômodos; voltei a ver seu leito vazio. Os travesseiros ainda conservavam o perfume de seus cabelos e o rastro de sua presença. A pequena Cordélia dormia no berço, vigiada pelo fiel Ariel. Pobrezinha! Para não a despertar, fui ao escritório. Levantei o tecido que cobria o autorretrato de Cordélia e meus cabelos se eriçaram. A tela estava em branco! No lugar que os olhos ocupavam no retrato que eu tinha visto, haviam duas manchas, duas manchas imperceptíveis que simulavam duas lágrimas! Senti que meu cérebro vacilava, parecia que minha inteligência caminhava como um equilibrista à beira do abismo: o menor impulso a teria precipitado. A morte e a loucura me puxavam. Eu precisava chorar para que nenhuma delas triunfasse. Ouvi minha filha chorar nesse momento e essa foi minha salvação: chorei também.

Depois, um fenômeno estranho me acometeu: uma invasão de indiferença, de estoicismo, de esquecimento, que subia como uma marca de atonia. Era como se um novo indivíduo surgisse de dentro de mim, rompendo a identidade do meu eu com a superposição ou a intromissão de uma nova personalidade. Eu estava convencido, com uma segurança inabalável, de que não veria Cordélia nunca mais. Algumas

horas atrás, uma tragédia misteriosa e sobrenatural se realizara e eu não tinha medo dela, como se uma longa série de séculos tivessem se colocado entre o passado e o presente. Parecia que, entre o momento atual e a terrível noite, havia um imenso vidro embaçado, que apenas me deixava perceber vagamente os contornos dos acontecimentos e das minhas emoções. Em minha mesa repousava o retrato que Cordélia fizera de mim; no outro cômodo, estava nossa filha e o leito de minha mulher; e, em todas as partes, existiam objetos que ela tinha usado, flores que tinha colhido. De tudo o que cercava nossa vida: só ela, minha Cordélia, não estava. E, ainda assim, a situação psíquica em que eu me encontrava me deu a impressão de que nada tinha mudado e de que nada tinha existido.

Logo, ouvi o galope de um cavalo. Olhei para fora e reconheci meu velho professor que, vestido de preto, dirigia-se à *Granja Blanca*.

X

Ele veio me trazer uma carta da mãe de Cordélia:

Dois anos se passaram desde que morreu aquela que era a luz da minha vida, minha filha adorada, minha

Cordélia, sua prometida, a quem tanto amava. Poucos minutos antes de dar o seu último suspiro, ela me encarregou que, no dia em que se completassem dois anos da data marcada para o matrimônio de vocês, que eu te enviasse o anel de noivado, a cruz de marfim colada sobre o ataúde dela e a miniatura que Stein pintou para ela. Eu cumpro a ordem da minha pobre filha. Eu sei que sua dor foi imensa e que você vive até hoje, solitário e taciturno, em seu retiro na Granja Blanca, acompanhado pelas lembranças de sua noiva. Chore por ela, meu filho, porque Cordélia era digna de seu amor. Receba um beijo maternal desta pobre velha que não tem mais nenhum consolo do que a esperança de se reunir em breve com sua filha.

Por singular coincidência, o pequeno baú que continha os objetos citados estava envolto de uma folha da “Gazeta”, com a data em que minha Cordélia fora enterrada. Sob uma cruz negra, eu li o convite para a cerimônia fúnebre. Li tranquilamente a carta e a “Gazeta”. Então, abri a caixa e vi, minuciosamente, os objetos que continha. Quantos beijos eu tinha dado no magnífico retrato de Cordélia, feito pelo primoroso Stein! Lembrei-me da noite em que Cordélia e eu trocamos alianças. Como estava bela vestida de branco, com seus cabelos de um

loiro opaco caindo em cachos abundantes sobre os ombros! Eu não me lembrava do Cristo de marfim. Fiquei enjoado ao ver a expressão fria de dor convencional exibida em seu rosto.

Enquanto isso, o professor me observava um pouco espantado por não me ver fazer nem mesmo uma pequena expressão de dor. Houve um longo momento de silêncio.

— Você insiste, professor, em acreditar na realidade da vida e da morte? Ora! Pois eu lhe digo que não existe nem uma nem outra. Ambas são ilusões, devaneios episódicos, que não se diferenciam senão na consciência do grande adormecido, em cuja imaginação vivemos uma vida fantástica. Você dirá, meu querido professor, que sigo sendo o louco das fantasias filosóficas de outrora...

— Não, o que eu te digo é que eu não entendo sua afeição por Cordélia, nem o respeito que tem pela sua memória. Você me fala de bobagens filosóficas quando todos os seus pensamentos, por ocasião dessas sagradas recordações que te trago, deveriam se dirigir àquela menina tão linda quanto infeliz, que te amava e morreu faz dois anos.

— Que morreu ontem à noite — interrompi, friamente.

— Que morreu para ti faz cinquenta anos! — corrigiu o velho, com uma ironia amarga.

— Ah, professor! Você, com seus sessenta e cinco anos, vai me dar lições de amor? Você a mim? Vou contar o que

Hamlet disse a Laertes no funeral de Ofélia: “Eu amava Ofélia, quarenta mil irmãos não poderiam tê-la amado tanto quanto eu. O que você faria por ela?” Mas não seja agressivo, professor: eu ia falar sobre Cordélia. Você, a carta da minha sogra e a “Gazeta” me trazem a estranha notícia de que Cordélia está morta faz dois anos. Pois bem, se você tivesse vindo ontem, Cordélia e eu teríamos recebido você com risos de alegria. Se tivesse vindo ontem à noite, nós teríamos nos encontrado na floresta que acaba de atravessar, claro, se os lobos não tivessem te devorado primeiro. Você veio hoje e eu simplesmente lhe digo que Cordélia não morreu há dois anos. Cordélia foi minha esposa, minha amada esposa, Cordélia viveu aqui até noite passada. As mudanças em seu rosto são curiosas. Antes, expressava indignação por minha indolência quanto a memória da bela e infeliz menina, que tanto me amou; agora, expressa o absoluto oposto: o temor de que o sofrimento tenha me tirado o juízo. Oh, não faça essa cara de pena, professor querido, não estou louco. Escute isso, mesmo que não acredite, aceite-a como uma hipótese cuja comprovação fará depois: Cordélia morou na *Granja Blanca*, de corpo e alma. Se Cordélia morreu há dois anos, como você me garante, a vida e a morte são iguais para mim e, portanto, a sua filosofia positivista se desmorona.

— Meu pobre filho! Você está delirando... o que me diz é um absurdo.

— Pois, então, professor, o absurdo é a realidade.

— As provas... as provas!

— Você se lembra da caligrafia de Cordélia?

— Sim, reconheceria algo escrito por ela sem hesitar.

Fui até a minha mesa e peguei uma cópia de minha correspondência. Muitas das minhas cartas tinham sido escritas por Cordélia e ditadas por mim. Mostrei-as ao professor.

— Sim, sim... é a caligrafia dela, muito bem imitada. Desculpe, não estou dizendo que você quer mentir para mim... mas, inconscientemente, você poderia ter assimilado a forma da letra de sua noiva e, portanto, esses caracteres apresentados podem ser *como* os dela. Além disso, sua assistente...

— Não tenho assistente. Eu sabia que você duvidaria. Você se lembra dos desenhos de Cordélia, de seu estilo? Olhe para este retrato que minha esposa fez de mim no início deste ano.

O professor estremeceu ao ver o trabalho de Cordélia. Mas, por fim, ainda sem dizer nada, vi cruzar pela sua cabeça a persistente ideia de uma trapaça. Eu lhe implorei para que me esperasse um pouco. Regressei, sendo seguido por Ariel e trazendo em meus braços a nossa filha.

— Aqui está, professor, a prova mais convincente: aqui está a filha do nosso amor!

— Cordélia! — exclamou o ancião, lívido de terror. Seus olhos queriam saltar das órbitas e as suas mãos tremiam.

— Sim... a pequena Cordélia, professor.

— É o seu rosto e a sua expressão.

— Sim, a mesma expressão de Cordélia e da filha de Jairo.

O bom velho parecia hipnotizado pelo olhar curioso, inteligente e doce da menina e, como se alguém tivesse dito em seu ouvido que aquele homem era um velho amigo, ela estendeu os braços, sorrindo. O professor, tremendo como varas verdes, tomou-a em seus braços.

— É Cordélia, é Cordélia! — murmurou.

Eu, implacável em meus argumentos, continuei:

— Então, professor, eu tenho sido o marido de uma mulher morta durante dois anos. Então, a morte de Cordélia foi, apesar de você, do médico que a assistiu nos últimos instantes, do coveiro que a enterrou, um incidente sem realidade positiva no devaneio de alguém. A sua vida, professor, a minha, a de todos, são ilusões aéreas, sombras que, sem lógica ou firmeza, cruzam a região do ideal; navios fantasmas que, sem rumo, navegam no mar agitado do absurdo e cujas ondas nunca açoiaram as margens da realidade, por mais que imaginemos ver se destacar no horizonte extensas praias ou íngremes falésias. Sim, professor, não existe a realidade, ou seja, a realidade nada tem a ver com formas.

— Cale-se, cale-se! Minha razão está perturbada diante desse absurdo tangível, diante desse mistério que vive aqui, em meus braços. Não, não está mentindo, não pode mentir... Essa menina é Cordélia com um ano de idade... ela me olhou exatamente da mesma maneira e me estendeu os braços... É Cordélia que voltou à vida... É Cordélia que renasceu. Santo Deus! Eu estou louco, você está...! Mas é ela, é ela...!

Essas foram as incoerências do aterrorizado professor e exclamou: “É Cordélia que renasceu!”, abriram diante de meus olhos um horizonte imenso, terrível... Se a ilusão da vida pode se repetir, a ilusão da felicidade também pode voltar... “É Cordélia que renasceu”, exclamei, e a minha alma inteira foi transportada para o futuro. Lá, eu vi mãe e filha se fundirem em uma só entidade.

— É Cordélia que renasceu! — repetiu com a voz um tanto rouca e alterada, até que olhou para mim. O que viu na minha expressão? Não sei. — O que pretende fazer? Você não pode ficar na *Granja Blanca*. Você tem de educar a sua filha.

— Vou ficar — respondi como se falasse comigo mesmo —, a alma de minha Cordélia vive na alma desta menina, ambas são inseparáveis da *Granja*. Aqui, morreremos, mas aqui também seremos felizes. Por que não continuar com esses devaneios de vida, felicidade e morte, minha Cordélia? Oh, Cordélia! A ilusão de sua vida está recomeçando...

— Desgraçado! — interrompeu o professor, olhando-me com horror. — Você pretende fazer sua filha de esposa?

— Sim — respondi, laconicamente.

Então, o velho, sem que eu pudesse impedi-lo, levou a menina até a janela, deu-lhe um rápido beijo na testa e a jogou de cabeça sobre a escada de pedra da *Granja*. Ouvi o baque surdo do pequeno crânio se quebrar... Você acha que meu desespero pedia vingança, que eu peguei meu professor pelo pescoço e o rasguei em pedaços? Nada disso. Eu o vi se afastar, montar em seu cavalo e se perder na sombra fatídica da floresta. Fiquei recostado contra a janela. Parecia que eu estava vazio, sem o mais insignificante dos elementos que constituem a personalidade humana. A velha servente veio me chamar várias vezes e, por meio de sinais, fiz com que compreendesse que Cordélia e a menina tinham se ausentado e que eu não queria comer. Ali, a três metros abaixo da minha janela, a pequena Cordélia estava morta; ali estava ela sobre uma poça de seu próprio sangue, o mesmo que teria, mais tarde, reproduzido minha felicidade perdida. Estava ali e eu não sentia nada, eu estava vazio. Não sofri, não gozei e nem sequer um pensamento cruzava minha cabeça. Assim, transcorreram a tarde e a noite. Ariel passou muito tempo guardando o cadáver da menina na escuridão. O pobre animal uivava e ladrava. Os lobos cheiraram o sangue e, pouco a

pouco, se aproximaram, esgueiravam-se pelo portão e, até o amanhecer, eu não ouvi nada além de grunhidos surdos e ossos sendo triturados entre os dentes afiados e formidáveis das feras.

Ao amanhecer, eu me dediquei mecanicamente, sem me dar conta, de encharcar os móveis e os muros da *Granja Blanca* com substâncias combustíveis e, antes que o sol resplandecesse sobre as copas das árvores da floresta, botei fogo nos quatro lados da *Granja*. Montei em meu potro negro e, esporeando cruelmente seus flancos, parti para sempre daquela região maldita em galope desenfreado. Esqueci de dizer que, quando incendiei a *Granja*, a pobre surda estava lá dentro.

A LENDA DE *HACHISCH*²³

I

Letícia tinha olhos negros, dos quais sempre irradiava um olhar carinhoso e curioso de animal doméstico. Como era bela! Que bem-estar delicioso eu sentia ao vê-la perto de mim, enquanto eu escrevia em minha mesa de trabalho. Alta, magra, pálida, extremamente pálida, sentava-se à minha frente com um livro no colo. Durante sua leitura, não se ouvia nada além do febril galope de minha caneta sobre as folhas. Quando eu interrompia meu trabalho e levantava a cabeça, encontrava o doce olhar de Letícia, que tentava investigar o motivo de minha pausa... Outras vezes, ela entrava furtivamente em meu escritório e, encostando-se no espaldar da minha poltrona, lia os contos de amor que eu

23 No decorrer do conto, observaremos que o *hachisch* é uma substância estranha ao protagonista. Por isso, optamos por não traduzir do termo.

tinha escrito. A presença da minha amada era denunciada pelo perfume de seus cabelos, mas eu fingia não a notar enquanto escrevia uma daquelas frase de amor que dizia a ela, somente a ela; uma daquelas declarações ardentes e apaixonadas que eu destinava somente a ela. Ao se ver descoberta, Letícia passava seus braços em volta do meu pescoço e me beijava nas pálpebras e nos lábios. Minha pobre rainha!

Eu me recordo muito bem das noites claras de verão em que subíamos ao terraço e passávamos duas ou três horas investigando o céu com nosso pequeno telescópio, banhados pela luz astral que nos cobria como se fossemos a sutil poeira branca das asas de uma pálida borboleta. Letícia, nesse momento, parecia abrigar dentro de si, a alma casta das estrelas. Uma atmosfera de amor místico nos tomava e, por conta disso, nossos beijos tinham uma distinta pureza como se fossem capazes de traduzir o misterioso espírito que animava aquele infinito abismo acima de nossas cabeças. E as lembranças impuras de nossas loucuras apaixonadas, dos caprichos e refinamentos em que nos desvanecíamos e aniquilávamos nossa vida, nos incomodavam e nos envergonhavam. Nesses momentos, nosso amor era um culto: sentíamos-nos impregnados da alma serena do cosmos, nossos olhares vagavam pelo espaço sideral, por Sirius e Canopus, por Vega e Betelgeuse e pela ampla cabeleira de Berenice e

o imensurável jato lácteo que partia do seio de Juno. Talvez acreditássemos que éramos andróginos e que cruzávamos os mistérios da noite vinculados por uma fraternidade assexual profunda... Depois, quando o frio da noite nos obrigava a ir para cama, vinham nossos temperamentos exasperados e a reação impura de nosso amor contra os idealismos de nossas divagações astrais.

Viajei muito para tentar me esquecer da memória da delicada Letícia. Nossas loucuras e costumes acabariam por matá-la, e assim aconteceu. Seu corpo anêmico tinha nascido para o amor burguês metódico, sereno, higiênico, e não para o amor louco, inquieto e extenuante exigido por nossos cérebros cheios de curiosidades insanas, por nossas fantasias efervescentes e atrevidas, por nossos nervos sempre ansiando por sensações fortes e novas. As minhas viagens e as distrações foram inúteis para enfraquecer a memória e a saudade de minha Letícia. Nas minhas horas de imoralidade e nas de descanso, persistia em minha retina a imagem de minha amada, que nunca mais voltaria. Eu senti o vazio deixado por sua inesquecível palidez. Eu o sentia em meio a insensata embriaguez a que recorri, ou quando beijava os lábios de outras mulheres, ou o quando meditava, quando escrevia em minha solidão. Minhas noites eram desoladoras e minhas insônias eram angustiantes. Nelas, com o olhar

mergulhado nas trevas, eu acreditava ver as linhas difusas de seu contorno, a curva de seu corpo vivo e quente, a curva moderada e nobre, a linha elegante, sem as ousadias que cria o artifício; a curva mística que, nos corpos das jovens santas de alguns vitrais góticos, expressa melhor a exaltação do fogo interior. O corpo de Letícia tinha a delicada pureza da virgindade perpétua, o encanto infantil e a graça de uma adolescente congelada antes da expansão que experimentam os músculos, antes de a jovem visitar a ilha de Citera. Acreditei ouvir o som de meu travesseiro sob o peso da adorável cabeça; acreditei sentir em minhas faces o leve roçar de seus cabelos negros, tão negros como a dor da ausência de minha amada; acreditei sentir seu olhar morno, carinhoso e pacífico de minha corça doméstica.

Certa noite, sem conseguir dormir, cruelmente castigado pela inesquecível visão, lembrei-me de uma caixinha em minha mesa, primorosamente esculpida e adornada com arabescos. Um velho amigo a tinha enviado para mim do Cairo, onde ele desempenhava uma função no consulado. A caixa continha o misterioso manjar do Velho da Montanha, o *hachisch* divino. Eu me levantei, toquei o interruptor com um pequeno abridor de cartas de prata, cortei um pedaço da pasta e a comi. Em seguida, eu me sentei para esperar os efeitos. Aqui estarão narradas as impressões que experimentei

e as extravagâncias que vi durante as várias horas em que estive submerso nesses estranhos delírios.

II

Eu morava na antiga Taprobana, levando uma vida errante, quando senti o mais ardente fogo místico se apoderar da minha alma. Subitamente, tive uma noção clara da vaidade das coisas mundanas e resolvi entregar minha vida à contemplação. Percorrendo uma selva, enquanto meu pensamento se deleitava nas elevadas concepções teológicas, encontrei um antigo faquir chamado Djolamaratta, muito austero e muito erudito nas ciências teológicas e um profundo conhecedor das propriedades ocultas e íntimas das coisas. Djolamaratta tinha lido e estudado todos os livros sagrados da Índia. Graças à força da meditação, era capaz de vislumbrar através da neblina espessa a infinitude de Brahma. E a proximidade de uma polegada com o Grande Ser o fazia infinitamente superior em ciência e poder sobre o resto dos mortais. O rosto de Djolamaratta era da cor de cedro úmido, suas barbas brancas chegavam até os joelhos e, emaranhadas nelas, najas e escorpiões do deserto se enroscavam carinhosamente e ali também repousavam tranquilamente uma infinidade de pequenos peçonhentos, cujo simples contato poderia causar

a morte. Djolamaratta vivia nu, porque Brahma não gosta de roupas extravagantes e porque o velho faquir queria que o formidável sopro da Grande Causa o penetrasse livre e completamente, em todos os poros do corpo. O ancião, desde a sua primeira contemplação, tinha as mãos perfuradas como as de um homem crucificado. Cinquenta anos atrás (e já era velho), ele tinha sido enterrado com a língua dobrada em direção ao palato, o céu da boca, os olhos voltados para cima e os punhos cerrados. Durante oito meses, ele assim permaneceu assim, e a umidade da terra fez com que suas unhas crescessem de tal forma que perfurassem suas palmas. Nesse lapso — o tempo em que dura o piscar de uma estrela —, ele viu a sombra de Brahma. E apenas isso já resultou em uma felicidade tão grande e indescritível que qualquer verso de louvor sânscrito e sacerdotal se tornou infinitamente pálido, o mais próximo do oposto, e somente em um dos Puranas ele encontrou uma palavra que muito remotamente podia expressar a suprema felicidade que experimentou.

Djolamaratta me recebeu afavelmente como discípulo e, durante dois anos, recebi suas sábias lições.

Nada era mais terrível do que seus êxtases: os olhos saltavam; suas veias inchavam até quase estourar; sua respiração parava, fazendo com que uma espuma abundante saísse de seus lábios e muito suor brotava de seu corpo. De

repente, o mestre se erguia no ar como se poderes terríveis o dominassem; as cobras dançavam em baixo dele. Equilibradas sobre suas caudas, recebiam as gotas de suor do corpo do sábio em suas línguas bifurcadas. Assim que Djolamaratta voltava a si, corria como louco até um riacho e mergulhava junto aos leões, hipopótamos e elefantes selvagens que ali bebiam. Lá, ele afundava sua cabeça, passando entre as ferozes bestas que lhe abriam caminho, como que amendrotadas, e bebia, bebia até se fartar.

Com frequência, fazíamos longos passeios pelas selvas e o mestre me instruía nos mistérios sagrados; nos segredos mais recônditos da natureza; na razão dos males deste mundo; nos feitiços para atrair auxílio dos poderes sobrenaturais; narrava os pensamentos dos animais e das flores; traduzia para mim, no mais puro e nobre *pali*,²⁴ as manifestações mais sutis da vida, da dor e da alegria na natureza.

Certo dia, Djolamaratta me levou a um vale escuro, cercado de sombrias montanhas altas como o Himalaia.

Por toda parte, podia-se ver as estranhas copas das árvores emaranhadas, cujos troncos estavam cobertos de pústulas. O ar tinha um odor repugnante, como o de uma

24 Língua litúrgica antiga similar a falada por Buddha, pertencente ao tronco linguístico indo-europeu.

enfermaria de um hospital para pessoas com gangrena. As aves que cruzavam o céu tinham corpos purulentos. Com penas soltas, elas voavam devagar, lançando grasnados lastimáveis. As feras cruzavam nosso caminho com dificuldade, aleijadas pela elefantíase, seus pelos desbotados e os flancos afundados, como se tivessem sido internamente corroídas por um mal implacável. As flores, mal abertas, se espalhavam moribundas sobre a relva ressecada e cinzenta. Suas pétalas ardiavam de uma febre violenta e seus estames estremeciam e se retorciam em convulsões de intensa dor. Os animais peçonhentos rastejavam com dificuldade, vítimas de alguma doença horrorosa. As serpentes perderam a agilidade vibrante que as caracterizava, pelo contrário, seus corpos emaciados agora rastejavam lentos, deixando no chão uma marca úmida como a das lesmas e, ao passar, nos olhavam languidamente com seus olhinhos sanguíneos e lacrimosos. Uma leoa, com sua cria, repousava no meio do caminho, desmaiada com o corpo coberto de pústulas, infestado de moscas verdes. As moscas saltavam porque não conseguiam voar. A pobre fera tinha a língua para fora da boca, ofegante e chorosa, enquanto seus filhotes, magros como galgos ingleses e com a frágil espinha dorsal aparente sob a pele, lutavam para mamar em suas tetas vazias e flácidas, das quais nada tiravam além de sangue doente.

— Mestre, que desolação é essa que cobre a terra? — perguntei a Djolamaratta aterrorizado. — Por acaso esse é o país da morte? O reino amaldiçoado de Shiva?

— Meu filho — respondeu o ancião, expressando um sarcasmo que nunca vi, e que me pareceu ser algo como um reflexo espiritual de outra casta que não a sua —, por pouco tempo, este foi o reino da Felicidade. Aqui, viveu Adima, o primeiro homem e o primeiro malévolos. Quando ele morreu, os espíritos jogaram o seu cadáver naquele lago ali, que você vê a sua esquerda. A esposa de Adima ainda vive e reina nesta região putrefata e enferma. Deste lago, saem os cinco rios que irrigam todas as regiões da terra. Veja, meu filho...

Olhei em direção ao lago. Enormes corpos de lagartos com a barriga para cima, roídos por vermes, flutuavam na superfície. Por toda parte, subiam vapores malévolos e quentes como o hálito de um forno em que se assam tarântulas. Na superfície da água nadavam peixes nus, quase sem escamas, com os olhos nublados e espinhas lascadas em seus dorsos. Nas rochas das margens se formavam escoriações, e nelas cresciam fungos repugnantes e asquerosas samambaias que se pareciam com cistos. Os anfíbios não tinham suas formas primitivas, pois a gangrena havia devorado seus membros, deixando no lugar restos coagulados onde antes existiram patas ou um rabo.

— Diga-me, ó, mestre! Onde está essa mulher tantas vezes milenar, obrigada por Vishnu a reinar em meio a tanta desolação e miséria? Mostre-a para mim e me diga seu nome.

Assim que fiz essa pergunta, uma estranha transformação ocorreu no rosto de Djolamaratta. No lugar de sua cabeça, surgiu a cabeça de Ovídio Naso,²⁵ tal como eu a tinha visto reproduzida em uma coleção de gravuras intitulada: *Effigies virorum illustribus antiquitatae*,²⁶ editada em 1692. Um sorriso zombeteiro e perverso passou por seus lábios e, com um sotaque de iniquidade perfeitamente latino, ele respondeu à minha pergunta:

— *Venus Syphiliae, regina urbis...! Videor, fili mihi!*²⁷

Então, eu vi. No centro do lago uma ilha na qual se erguia um gigantesco cogumelo de formato obscuro. Na sombra dele, sentava-se essa estranha rainha com o comportamento igual ao dos ídolos orientais. Ela parecia meditar e não tinha nenhum outro adorno, além de uma coroa de adelfas. De repente, ela levantou a cabeça e olhou em minha direção. Senti um frio terrível gelar até a minha medula e o mais doloroso espanto paralisou minha vida. Eram o rosto e o corpo de minha Letícia, minha pura e inesquecível Letícia.

25 Púlio Ovídio Naso, conhecido como Ovídio, foi um poeta romano.

26 Em latim: *Efigies de homens ilustres da Antiguidade*.

27 Em latim: *Vênus, da Sífilia, rainha da cidade...! Veja, meu filho!*

Ela, minha amada, minha esposa, reinava lá, solitária e melancólica, no meio de tanta desolação e horror, reinava desde os primórdios da humanidade sobre a Natureza corroída pela febre e pela podridão.

Seus grandes olhos negros me dirigiram um olhar bondoso e pacífico como o de um pálido animal doméstico. E toda a paisagem aterrorizante desvaneceu.

III

Meu cérebro teve uma reação imediata. Tirado das regiões extraordinárias do devaneio, vi-me sentado à minha mesa. Diante de mim estava o retrato de Letícia, seu retrato de corpo inteiro, pintado com singular sucesso pelo grande Carolus.²⁸

Pouco a pouco, o ar pareceu se tornar muito leve e sutil, como se os átomos tivessem se reduzido em número e aumentado enormemente suas dimensões. Eu vi o ar como se através de uma poderosa lente biconvexa. Voltei a me observar e notei que agora eu estava dotado de forças imensuráveis, hiperbólicas: tudo em mim era força. Eu era

28 Charles Auguste Émile Durand, conhecido como Carolus-Duran, foi um renomado pintor francês.

o núcleo de onde os impulsos partiam em todas as direções. Falei e a minha palavra ressoou com a intensidade de cem tiros de canhão. Eu tinha certeza de que fora da minha casa, nas ruas, nos bosques e nas cidades vizinhas, a minha voz passava como uma inundação ruidosa, como uma onda sonora que ensurdecia as pessoas, quebrando vidraças e fazendo os fios dos postes vibrarem como cordas de violão. E não era uma suposição, eu conseguia enxergar os efeitos da minha voz, porque as paredes não impediam a minha visão. Todos os meus sentidos superavam em energia, de maneira incomensurável, a o que a natureza designa normalmente aos homens. Meu olhar atravessara paredes, corpos e montanhas; e a força visual, cavalcando em um raio vibrante de éter, penetrava sem se esgotar nos infinitos e obscuros abismos do espaço. Me assustei, mas também fiquei tranquilo depois de encontrar em meu cérebro a explicação científica do fenômeno: “Na Natureza, não há força em repouso, impulso perdido, ou energia esterilizada porque tudo é movimento e transformação. Por menor que seja um movimento da minha mão, ele empurra e põe em movimento as moléculas do ar que o cerca. Por sua vez, essas moléculas pressionam as próximas, as da parede, as que estão do outro lado. E assim o movimento é transmitido de molécula em molécula por meio dos obstáculos que se interpõem, continuando pelo

éter através dos corpos planetários e siderais”. E, com os movimentos do meu punho, eu fiz vibrar toda a criação. Que divertido era para mim: primeiro, fazer Marte se desequilibrar sob a minha vontade; depois, Júpiter; Saturno; Urano; Netuno; e a infinidade de estrelas que povoam o cosmos! Tudo em mim era uma potência extraordinária, não existia obstáculo para meus olhos como se neles eu tivesse poderosos aparelhos radiográficos.

Observei meu próprio organismo com facilidade, como se o meu seu corpo fosse feito de cristal de rocha. Todas as vísceras me revelaram seu funcionamento, vi o coração distribuir o sangue por todo o corpo com a regularidade e isocronismo de uma máquina à vapor. Vi a fermentação dos mil sucos, a atividade torpe e irregular do sistema digestivo, a rígida gravidade e o esqueleto se sustentando como um complicado escoramento de um arquiteto extravagante, as mil máquinas, cujo trabalho simultâneo constitui a vida. Também vi como o cordame de uma distinta galera, o conjunto de veias, artérias e filetes nervosos, os quais eram amarrados aqui e se separavam acolá. Parecia que meus olhos estavam montados em eixos e podiam se virar para dentro. Foi assim que consegui ver a vida cerebral. O cérebro era uma pasta tênue, feita de gelatina e opala. No centro, existia uma pequena caldeira com um líquido em ebulição e bolhas subiam

à superfície: bolinhazinhas delicadas e cheias de mudanças e irisações, como bolhas de sabão. Antes de estourarem, pequeninos gnomos as caçavam com suas redinhas, as mesmas que servem para pegar borboletas. Depois de as pegarem, eram armazenadas em diversos compartimentos, os quais se abriam por todos os lados da mesma forma que uma colmeia circular de abelhas! Mas quantas bolhas estouram antes de serem apanhadas e colocadas no lugar? Talvez sejam as ideias que morrem, as ideias que nunca chegam a existir. Acima de tudo a *pia-máter* se estendia ilimitada, cheia de constelações, como o céu da terra.

IV

Quando voltei dessa minha segunda viagem de delírio, pensei ter se passado cinquenta anos. Acreditei estar com a cabeça branca, mas logo me dei conta de que era apenas uma ilusão provocada pelo *hachisch*. Não sei por qual razão achei isso excessivamente engraçado. Eu ri, e meu próprio riso me excitou cada vez mais, a ponto de irromper, por fim, em uma gargalhada ruidosa e incontrolável. Com as gargalhas, parecia que algo tinha saído da minha boca e, de fato, fixando a minha atenção, observei que eram insetos alados. Cada nota do meu riso era um animal: mosquitos, grilos, vespas, borboletas e

enxames intermináveis de muitos outros insetos. Mas o mais curioso era que, no tórax ou corselete, todos tinham cinco linhas negras paralelas e, nelas, uma notação musical. Todos aqueles bichos em uma folia selvagem, circulavam pelo meu quarto, indo, finalmente, alinhar-se nos apertados vãos das prateleiras, nas cadeiras e nos demais móveis. Uma fileira de libélulas brancas pousou sobre a moldura do retrato de Letícia. Então me calei, pois ao mesmo tempo chegaram aos meus ouvidos de forma confusa os acordes distantes de um clavicórdio. Novos instrumentos foram se intrometendo: primeiro, um violoncelo; depois, um contrabaixo; em seguida, uma viola; uma harpa; e, por fim, uma flauta. À medida em que esses instrumentos se tornavam parte música, mais distante e menos eu ouvia a melodia tocada por eles. Primeiro, foi uma ária de Paisiello, que foi se transformando em uma sonata de Cimarosa. De repente, as frases musicais se tornaram sérias e eruditas, surgindo um quinteto de Bach cheio de gravidade mística. Cada melodia produzia em mim uma impressão muitíssimo profunda, como se a minha alma traduzisse os sons em imagens sugestivas ou frases narrativas. Por exemplo, no momento em que a misteriosa orquestra tocou *La Estepa*, de Borodino, a música teve para mim o alívio de uma visão: vi uma ilimitada planície pedregosa de horizontes desiguais e obscuros, coberta por um céu cinzento. No centro, um

cachorro asmático uivava junto do cadáver de seu dono. Ao longe, calmucos a cruzavam à galope, vestidos em peles de lobo, com os olhos acesos pela velocidade e a ânsia do saque. Caía a noite, e o vento boreal brincava com a neve e o granizo. Uma multidão de hienas com os lombos eriçados veio cercar o cadáver, com risos lúgubres de fome e fúria. Em seguida, a festa da carniça. Depois de *La Estepa*, a música se tornou suave e doce, de uma melancolia cristalina. Era um *andante pianissimo* tão misterioso, tão tristemente apaixonado, que minha alma se impregnou de uma angústia agradável e profunda, semelhante a essas tristezas doces e inusitadas que às vezes se apoderam das meninas românticas e tensas na idade das ilusões e do primeiro amor. Meus olhos se encheram de lágrimas enquanto a melodia parecia se fundir e os insetos se desvaneciam. Eu não conseguia conter minha tristeza e, por mais que eu me esforçasse em reprimir as lágrimas, mais abundantes elas corriam pelas minhas faces, causando-me uma grande vergonha por ter esse traço de donzela sentimental.

— Que bobagem! Que bobagem! — murmurei, mas minhas lágrimas seguiam escorrendo em uma abundância constrangedora.

“Nunca um ser humano chorou tanto!”, pensei apavorado ao ver que o chão de meu quarto estava inundado e, mesmo assim, minhas lágrimas não paravam de escorrer. A

água chegava à minha cintura e os móveis flutuavam como balsas. Quando amanheceu, eu abri a janela e olhei para a rua. Que horror! Meu sentimentalismo havia submergido toda a cidade. Acima do mar de minhas lágrimas, eu vi os telhados, terraços e sobrados apinhados de pessoas que sacudiam seus punhos ameaçadoramente em minha direção. Vi pobres cães nadando desesperadamente. Vi cavalos atrelados às carroças lutando para flutuar, mas que arrastados pelo peso da carga, no final, afundavam, agitando a superfície com milhares de bolhas, portadoras de sua cruel agonia. Vi a cúpula do Observatório, os domos e as torres dos templos. O reflexo anjo dourado que coroava um belo monumento estava invertido sobre a imensa e serena superfície da água. Assim, de cabeça para baixo, poderia ser confundido com uma Luzbel dourada, lançada do céu em direção ao abismo. Voltei os olhos para minha mesa com medo. Ao acaso, estava aberta uma antiga edição da *Cosmographia*, de Munster,²⁹ no final de um capítulo adornado com uma vinheta, que representava uma bela cabeça de ninfa, coroada de folhas de videira e murtas que se estendiam por ambos os lados da cabeça, transformando-se em ornamentos de folhagens

29 Obra alemã de descrição mais antiga do mundo, bem como famosa, que começou a ser publicada a partir de 1544.

retorcidas que, por sua vez, se convertiam em cabeças de grifos, de cavalos-marinhos e de gnomos. De repente, a vinheta começou a derreter como se fosse cera exposta ao sol. A vinheta derretida se derramou por uma das bordas da mesa, guinchando como ferro escaldante submergindo em água. Eu me levantei apressado para ver o que estava acontecendo. Ao pé da minha mesa uma galera de prata polida cravejada de esmeraldas, seu mastro era de ouro e sua vela era fenícia, de pano branco, tecida em fios de seda, de cristal e de prata. Sobre o banco da popa, formado por uma lâmina de âmbar negro, uma dama vestida ao estilo grego esperava. Seu rosto era o da ninfa da vinheta.

— Venha! — ela me chamou.

Eu me sentei em uma cadeira de ônix na popa do esquife, sustentada por cariátides de aço azul. A minha condutora começou a remar. Na medida em que passávamos, nos dirigiam maldições e injúrias das margens longínquas. Logo, abandonamos a cidade e nos vimos no meio de um mar sereno e imenso, sobre o qual o misterioso barco deslizava silenciosamente. De vez em quando apareciam perto da amurada da galera o dorso de um golfinho, a cabeça atônita de um tritão, o corpo híbrido e voluptuoso de alguma sereia que me dirigia um sorriso provocante e temeroso antes de se esconder.

— Aonde vamos? — perguntei a minha guia. — Ao inferno ou ao paraíso?

O Caronte feminino não me respondeu, limitando-se a sinalizar que eu deveria confiar em sua habilidade. Ficamos assim por muito tempo, até que vi grandes blocos de gelo no horizonte. O mar se enfurecia à medida em que a galera avançava, e entramos, por fim, numa zona silenciosa e gelada, iluminada apenas pela aurora boreal. Numa praia, vi uma triste aldeia, habitada por alguns homens cobertos de peles.

— Onde estamos? — perguntei com angústia à minha silenciosa piloteira.

— Upernavick! — ela me respondeu secamente. E seguimos.

O barco de prata resvalava sobre o gelo e, ao nos aproximarmos, manadas de focas fugiam para se esconder nas fendas. Acima, no meio da cinzenta noite semestral, a carruagem da Ursa e o Boötes brilhavam com fulgores intensos. E seguimos. Estávamos perto do paralelo 85. As florestas de pinheiros nus já estavam muito longe, muito para trás. E a flora dessa região de sombras e gelo — algumas espécies de fungos, samambaias, musgos e líquenes — estava cada vez mais escassa. De vez em quando, uma rena esquelética aparecia sobre algum bloco de gelo escavando a neve com o casco. Ou então uma urso que, navegando sobre um iceberg,

ensinava a sua cria a caçar morsas. Em outra região, vi homenzinhos assustadores com grandes cabeças eriçadas.

— Os demônios de Dante? — perguntei, horrorizado.

— Não, são os runoyas.

E seguimos. Mais adiante, passamos por algumas mulheres em peplos de linho branco. Elas pareciam procurar ativamente algo entre as rachaduras do gelo, indo de um lado para o outro, regressavam, inclinavam-se e apertavam seus ouvidos contra o solo como se quisessem ouvir os passos das pessoas do outro lado do mundo. Pálidas, esquálidas e ao sprantos, elas expressavam em seus rostos tristes e em seus olhos febris, a mais patente ansiedade. Quando nossa galera se aproximou, todas elas uivaram e correram na direção da borda do iceberg, com o intuito de nos observar com olhos de loucura e de dor.

— São as noivas falecidas que buscam seus amantes infiéis! — murmurou a minha companheira.

— Oh, ninfa misteriosa! — eu disse. — Aonde você está me levando? Por acaso essa lúgubre peregrinação terá seu fim no país da Morte?

— Não — ela respondeu —, vamos ao país da vinheta!

E seguimos.

Chegamos a um mar amplo, negro como nanquim, um mar livre de blocos de gelo. A natureza pareceu se reanimar,

voltar a pulsar com a vida exuberante dos trópicos. Ao longe, uma ilha marrom, coroada por penachos de vegetação abundante. O rosto da minha guia se iluminou. Com a mão ágil, fez a manobra necessária com a vela para levar o esquife em direção à ilha. Por toda parte, eu observava a vida retornar, não à vida natural, e sim a uma vida nova e desconhecida. O céu estava avermelhado como ao tom que colore as pálpebras fechadas quando se aproxima uma luz da membrana. As aves que cruzavam o espaço eram muito raras: tinham cabeças de cobras e seus rabos e asas eram feitos de ramos de flor-de-lis. Chegamos a uma costa em que as rochas eram de cristal opaco. Desembarcamos e, em pouco tempo, estávamos dentro de uma floresta de cogumelos gigantescos, os quais vertiam sangue quando feridos no tronco. As flores e os frutos tinham vida, e os ventres das árvores se moviam como se estivessem respirando. Os animais não eram menos curiosos, além de centauros, faunos, esfinges e hipogrifos, também vi muitos outros seres híbridos. Cães com folhas em vez de pelos e patas de aves com membradas, serpentes com cabeças humanas, salamandras que brotavam com campânulas. Existiam violetas, heliotrópios e camélias aladas que, como insetos, sugavam, mas não o suco e o néctar das flores, e sim o sangue-seiva daqueles animais ambíguos. Em uma floresta de tulipas grandes tal como prédios, vi seres

humanos que passeavam sobre as pétalas. Eram mulheres, as mulheres mais idealmente belas que se poderia conceber, envolvidas por tules de fios de orvalho. Suas carnes eram como marfim e nácar, seus olhos azuis dirigiam olhares inocentes e angelicais, seus lábios pareciam impregnados com o sangue das romãs e seus cabelos, loiros como o xerez branco, desciam em mechas até mais abaixo de suas coxas... Assim que me viram, fui cercado com graça e ternura. Suas inocentes carícias, desprovidas de qualquer pudor, causaram em mim um prazer puríssimo, como um menino acariciado por serafins. Senti por uma delas um amor tradicional, sem desejos, sem embaraços, uma espécie de paixão mística e inefável, que teria me feito ficar lá pela eternidade, caso minha guia não tivesse me arrancado violentamente de meu êxtase enquanto olhava para elas como se fossem uma desdenhosa sarna.

— Os anjos, eles são esses seres divinos? — perguntei a ela, suspirando.

— Não — ela me respondeu com um sorriso irônico —, são mulheres sem sexo... seu amor é o amor do limbo, desgraçado.

Separado da influência desses seres pela minha guia, chegamos a uma planície coberta de pó e areia de ouro, no centro da qual existia um disco de prata polida encravado no

chão. Então, a guia se voltou para mim e me deixou deslumbrado: seu rosto tinha adquirido a beleza ilustre e triunfante de Helena. De seus olhos, brilhava o fogo do orgulho divino, da compaixão e da complacência. Eu fiquei constrangido e cai de joelhos enquanto ela me dizia:

— Olhe para mim... Eu sou o Amor, com todas as energias... eu sou a eterna paixão com todos os seus mistérios de prazer e de vida. Eu sou o delírio louco do amor e das almas vibrando nos nervos mais sutis e na menor gota de sangue. Ame a mim, que sou o Supremo Espasmo, a dupla felicidade das almas e dos corpos. Olhe-me, tal como o princípio do mundo, eu nasci no Egeu, Eu sou a Forma Pura, a Beleza Imortal!

Suas vestes brancas caíram, e ela ficou nua diante dos meus olhos deslumbrados. Branca, sublime, triunfante, inclinou-se sobre minha testa e beijou meus lábios. Oh, divina Afrodite! Eu queria abraçá-la e morrer ali. A deusa deu um passo para trás e, lentamente, elevou-se para o céu. Seu corpo esculpido em neve, como o corpo de nenhuma outra mulher, desfazia-se no espaço como se fosse neblina. Eu avancei angustiado, sem olhar o caminho, com os braços estendidos, louco e hipnotizado pela visão sublime.

— Adeus, espere-me, pois voltaremos a nos ver algum dia... adeus — ela disse.

Com um salto desesperado, consegui alcançar uma mecha de seus cabelos, a qual permaneceu em minhas mãos. Mas ao cair eu pus os pés no disco de prata, no polo do mundo. Meu corpo ficou preso ao disco por um estranho magnetismo, que começou a girar vertiginosamente. Senti uma tontura e, em minhas angústias, vi minha amada se perder no éter, enquanto a carruagem da Ursa e o Böotes descreviam pequenos e rápidos círculos em torno dela. A dor em minhas têmporas estava cada vez mais aguda, uma nuvem de sangue cobria meus olhos e eu caí desmaiado no momento em que, da Estrela Polar, veio até mim o último adeus da imortal Afrodite.

V

Sentado à minha mesa, eu segurava em minhas mãos uma mecha dos finos cabelos de Letícia. Sobre a mesa estava uma cópia de uma velha edição da *Cosmographia*, de Munster, aberto no final de um capítulo adornado com uma vinheta. Diante de mim, o retrato a óleo da implacável amada falecida, cujo amor me perseguia até em meus delírios. Lá estava ela, a vencedora anêmica, pálida e inesquecível, me observando com seus bondosos e gentis olhos de animal doméstico.

Camille Pezzino

É tradutora, revisora, pesquisadora e crítica literária. Mestre em Letras Clássicas na Área de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade Clássica, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, estudou, durante seu percurso acadêmico como pesquisadora, Filosofia e História da Antiguidade, Literatura e Linguística. Atua como crítica literária através do site Caneta Tinteiro (2017).



POISON
PACKED BY

100 x 80 (7/10)



Handwritten text in a decorative, calligraphic script, possibly a signature or a title, overlaid on the right side of the image.

ato
leu
est
Vic
lan
mo
lab

Valde

Cuentos malévolos

Clemente de Palma

PREFACIO DE MIGUEL DE UNAMUNO

Sr. D. Clemente Pinteralma.

Mi estimado amigo: Acabo de leer los Cuentos Malévolos, que ha tenido á bien darme á conocer antes de entregarlos al público. Me ha movido á leerlos pronto y con interés el saberle á usted joven y el prestigio que para conmigo le presta el nombre de su padre, mi señor don Ricardo, de cuyo ingenio nos queda tan deleitoso dejo a todos los que le hemos leído. Quería ver si se corroboraba aquel dicho decidero: de tal palo tal astilla, y todos los de la misma suerte, que no son pocos. Y le aseguro que no se han quebrado mis esperanzas.

Me han entretenido y distraído un buen rato la novedad, la frescura y la intención de sus CUENTOS Malévolos, aunque á decir verdad, he de confesarle que no he visto, sino muy en parte, su malevolencia.

Y es que debo advertirle que desconfío casi siempre de los títulos esos en que se trata de prevenir al lector, cuando no de alarmarle siquiera una chispita. La verdadera malevolencia muy rara vez, me atrevo á afirmar que nunca, se declara de antemano presentándosenos como tal. No suele ser cínica ó perruna, sino hipócrita ó comediantesca. (Esta palabra se la brindo á su señor padre.)

Parece como que supone usted que la mayoría de los cuentos que ha escrito carecen de *moraleja*, ó tienen más bien en vez de ella, *inmoraleja*. Para el caso es lo mismo. Y aquí encaja por todos costados algo por el estilo de lo que dijo Taine refiriéndose á la religión, y es que el único que no la tiene es quien no se ocupa de ella. Si no fuese por el temor de que se arrecie y endurezca el prejuicio que respecto á mí abrigan algunos de los que me leen, y que es que me complazco en cultivar la paradoja, si no fuese por esto, le diría que uno de los modos más sutiles de afirmar á Dios es negarlo adrede y con ensañamiento. Atañadero á lo cual se me viene á las mientes aquel graciosísimo disparate, creo que de Stendhal, de que “la única excusa de Dios es que no existe.”

Pero viniendo a la malevolencia ó á las *inmoralejas* de sus cuentos y recordando lo que dice usted al final de su *Cuento de marionetes*, de que “la vida y por consiguiente el amor no tienen moraleja,” me ha de permitir usted que me

aparte de esta sentencia. Yo creo que la vida, el amor y todo cuanto existe, sea astro ó motita de polvo, peñasco ó nube, perfume ó color, todo tiene moraleja y sentido moral. El punto está en saber sacárselo.

Ya le veo aquí argüirme que el decir que todo tiene moraleja, es como decir que nada la tiene, por aquello de que las posiciones absolutas se aúnan y confunden, y que tanto vale decir que todo es milagroso como negar el milagro. De esto he escrito en un ensayo que titulo: *Plenitud de plenitudes y todo plenitud*, y que habrá de publicarse este mismo año en alguna de nuestras revistas españolas, y á él remito á usted y á nuestros lectores. Y aquí me estrecharé á decir: que aunque parezca lo mismo el afirmar que todo tiene moraleja y el afirmar que nada la tiene, acusan dos muy diferentes maneras de ver el mundo. Y por lo que á mí hace, me atengo a la concepción ó más bien sensación ética del Universo, creyendo que no hay más que un asiento firme para la metafísica, y es la moral. Por lo que llamaría á la metafísica *metética*.

Y usted mismo, señor Palma, tiene la preocupación ética. Como que es ella la que da substancia á sus Cuentos Malévolos.

Claro está que no voy a hacer aquí un desmenuce, y menos un extracto, de los cuentos malévolos de usted, ya

que el lector ha de leerlos. Sería hasta una impertinencia el que fuese señalándole aquellos pasajes que á mí más me han gustado, como cuando en *El último fauno* pide la hermana Agata (ó Agueda) de la Cruz al fauno que la robó, que crea en la divinidad de Nuestro Señor Jesucristo, y llora luego derramando dos lágrimas ardientes que caen sobre la espalda blanca y tersa del faunillo, al oír que la campana del monasterio dobla á muerto por ella. Pero sin ir señalando cuentos ó pasajes de ellos, voy á dejar correr la pluma con algunos comentarios que me han sugerido dos de sus cuentos.

Es el uno el que usted intitula *El quinto Evangelio*, y cuyo principio, se lo diré lisamente, arañó algo mis sentimientos cristianos. Jesús no pudo hablar de burla cruel de la Naturaleza, ni hay, digan lo que dijeren el desgraciado Nietzsche y otros de la misma frasca, nada más natural ni más humano, por lo tanto, que la religión de Jesús.

En este cuento y en el que ha tenido usted la atención de dedicarme y titula: *El hijo pródigo*, y del que le diré en seguida algo, encuentro un eco de juicios acerca del cristianismo y de la obra de Jesús, que proceden de un muy imperfecto conocimiento de ellos, permítame que se lo diga. Y no en son de reproche, porque en eso va usted con la inmensa mayoría de nuestros escritores que de tales cosas escriben, aunque sea de pasada y refilón, y la culpa más que de ellos

es del modo cómo ha venido transmitiéndose entre nosotros, desde muy antiguo, la doctrina evangélica, mezclada y remejida con todo género de broza. De aquí afirmaciones tan corrientes, sí, pero en el fondo tan precipitadas como la que hace usted, y otros la hacen, de que la humildad y la mansedumbre son fuerzas inferiores. Lo cual proviene de que lo más de lo que se llama mansedumbre y humildad por aquí, no son tales, sino refinadísima soberbia, la soberbia del que se humilla para ser ensalzado. Y también aquí le remito á otro ensayo que tengo escrito *Sobre la soberbia* y que verá pronto la luz.

Leyendo estos dos cuentos de usted que he citado, me retintinaban en los oídos del espíritu remembranzas del himno de Carducci á Satanás. Pero lo que nunca se me hubiera ocurrido, y es sin duda de gran efecto literario, es hacer que al morir Jesús vea la figura de Don Quijote. Al cual D. Quijote tampoco creo que se le ha comprendido bien, por no ver en él la encarnación del cristianismo español con su más entrañable y arraigado sentimiento, cual es el ansia de inmortalidad. No hay en todo el Nuevo Testamento pasaje que mejor sintamos los españoles, — aun sin conocerlo la casi totalidad, — que aquellas palabras de Pablo de Tarso en su primera epístola a los Corintios, versillos 13 y 14 del capítulo XV, en que dice: “Si no hay resurrección de muertos, Cristo

tampoco resucitó, y si Cristo no resucitó, vana es nuestra predicación, vana es también nuestra fe.”

Por eso protesto como español, y como Miguel de Unamuno, del final del precioso cuento que me dedica, — *El hijo pródigo*, — en que hace usted que muera el Universo y vuelva a ser la Nada. No, señor Palma, no y mil veces no: la Nada no puede *volver* á ser porque no ha sido nunca, y el Universo y usted y yo y los americanos todos y todos los españoles, y los hombres todos, y cuanto ha sido, es y será, es in mortal. Vale más creer esto.

Y vamos, para no digresionar en estas alturas, como perro que se pasea por las nubes, vamos, digo, á este su cuento: *El hijo pródigo*, en el cual palpita una de las concepciones más profundamente evangélicas, y es la del infinito perdón, la del perdón absoluto.

Si usted conoce cierto sermón que les hace unos años en el Ateneo de Madrid y en que comentaba la historia de Nicodemo el fariseo, tal como se nos narra en el cuarto Evangelio, si usted lo conoce verá cuán hondamente concuerdo con usted en esto.

La idea del perdón al ángel caído, de su final redención, y de la redención, con él, de todos los pecadores por grandes que hayan sido sus pecados, es idea profundamente evangélica. Cuéntase del malicioso Enrique Heine, que hallándose

moribundo, y como alguien le hablara de la misericordia divina y de que tuviese fe en que Dios habría de perdonarle, replicó: “De seguro, ese es su oficio.” Y aunque quiso decir un chiste, dijo una gran verdad. Y de nuestro no menos malicioso Campoamor se cuenta que en cierto álbum, con pensamientos y firmas que se remitió á Pío IX, puso que si él hubiera sido Papa habría mandado cerrar el infierno.

Mil veces se ha dicho y repetido que comprender es perdonar, y no cabe duda de que cuanto más á lo hondo conozcamos la conciencia de un malhechor, tanto más hacederamente disculparemos sus malhechurías y hasta se las perdonaremos si contra nos otros van. Y así Dios, que todo lo ve y escudriña los más escondidos escondrijos y recovecos del alma, lo perdona todo.

Tengo la sospecha de que eso del infierno, entendido como lugar de eterno penar y achicharramiento del alma, es invención de la poca fe y la mezquindad de corazón de los fariseos honrados que temen resulte el cielo muy chico para todos y haya que andar allí á codazos y muy á las estrechas, ó quedarse á la puerta los que lleguen tarde. Y entendido como esta do de inacabable infelicidad, sospecho sea invención de cierta malevolencia de las gentes que se llaman honradas.

Fijese usted, en efecto, en ese fondo de mezquina malevolencia de las personas honradas y decentes, que pasan

por este bajo mundo sin haber hecho mal á nadie y sin haber querido tampoco á nadie bien. Estallan de indignación cuando se comete algún crimen y piden que se haga migas al criminal, pero no es por sentimiento de justicia, — porque la justicia verdadera consiste en perdonar, — sino por saciar por mano del verdugo sus malos sentimientos y saciarlos de una manera honorable y so capa de justicia. Y, en cambio, hay gentes que no paran de cometer fechorías y tienen un corazón limpio y generoso; gentes que no hacen el bien que quieren, sino el mal que no quieren hacer, para servirme de palabras del ya citado Pablo de Tarso. Y por ahí se ve cuán profunda es la intuición moral del pueblo que se enamora del bandido generoso y rechaza al honrado mezquino. Por algo el divino Maestro prometió la gloria eterna, en sus últimos momentos, á un bandolero que moría junto á Él en la cruz. Y por algo se dice que hasta el fin nadie es dichoso, y que una buena muerte justifica una mala vida. ¿Y quién no muere bien? ¿Quién sabe lo que en las últimas congojas pasa entre nuestra alma y el Alma Suprema que nos recibe entonces? Entonces es cuando se cumple el misterio del perdón.

Y aquí quiero transcribirle una hermosa sentencia que he leído en un libro judío de oraciones, escrito en ladino, es decir, en el interesantísimo y rico castellano en que habla aún, después de cuatro siglos de expulsado, el medio millón de judíos

españoles esparcidos por Oriente. Escríbenlo con caracteres rabínicos o hebraicos, ya redondos, ya cuadrados, y es lengua en cuyo estudio me ocupo ahora y en que verbenean voces, giros y acepciones de que podemos tomar mucho. Seguro estoy de que esto le interesaría á su señor padre, porque ¡si viera usted con qué sencillez y facilidad forman nuevos derivados con sujeción a las más estrechas reglas de la fábrica del castellano! Le digo, pues, que en uno de estos libros he leído esto: “Non creas en ti mesmo hasta la hora de tu morir.” Y cuando á Luzbel le toque morir para renacer á nueva vida creada en sí mismo, verá que no fué realmente soberbio y que amo siempre a Dios, — como con profunda intuición afirma usted, — se limpiará de desesperación su espíritu, se le quitará el remordimiento y quedará ya redimido y salvo. Y con él todos los desesperados, todos los que no creyeron en su salvación, porque el salvarse consiste en creer uno en su propia salvación. Porque no le quepa á usted duda de que si se derramara por los hombres todos la fe de que todos nos salvaremos al cabo, de que hay un perdón último y una dicha perdurable para todos, fuere la que fuese su vida, no le quepa duda de que se sentiría un alivio tan grande y desaparecería una tan grande pesadumbre, que todos habríamos de hacernos mejores. Digan lo que quieran los hombres de poca fe, yo le digo que la certidumbre del perdón nos aparta del mal mucho más que el temor del castigo.

Por esto me apena que un tan profundo y precio so cuento, como el que usted me dedica, esté algo es tropeado con las desconsoladoras reflexiones de las páginas 108 y 109.

Pero advierto que esta carta va á convertirse en el cuento de nunca acabar y voy á cortarla por lo sano.

Desde que me metí á crítico, aunque limitándome á producciones americanas en lengua española, voy comprendiendo mejor la vanidad de la crítica profesional. Es cosa terrible leer para criticar, en vez de criticar por haber leído. Lo único sano y natural es el espontáneo estallido de admiración, de simpatía, de agrado ó de indignación, asco ó enojo que brota al terminar un libro. El mejor y más natural comentario á un libro de versos es ponerse el lector á hacerlos apenas lo acabó de leer. Si al concluir la lectura de un tomo de poesías no le sale á usted, aun sin quererlo, una estrofa, es ó que los versos leídos no merecen que usted los leyera ó que usted no merece leerlos, ó son indignos de usted ó usted es indigno de ellos. Y del mismo modo al concluir un tomo de cuentos, si el lector no siente que le escarabajean de seos de escribir otro cuento y hasta que se le fragua su argumento ó idea central, es que los cuentos no le han hecho mella alguna.

Y yo, mi señor Palma, he sacado de la lectura de sus cuentos, amén de otras cosas más, el huevecillo, no diré de un cuento, pero sí de un ensayo acerca del perdón. Y así los cuentos que usted quiso hacer malévolos, me han resultado bienhechores. Y no quiero dejarme resbalar por aquí, pues sé que iría á dar en disertaciones sobre los bienhechores malévolos y benévolos, y los malhechores benévolos y malévolos, y á sutilezas respecto al querer bien y hacer mal, y al querer mal y hacer bien y otras disquisiciones ético-escolásticas, regladas por la ley de la combinación y permutación de los conceptos. Le debo á usted un favor y le deseo que a todos los lectores les ocurra lo mismo. Aunque sea infiriéndoles usted tan grave daño, que les quede profundo recuerdo de usted y de su libro.

Le da las gracias por el favor recibido, su afectísimo amigo y servidor:

Miguel de Unamuno.

Salamanca 17 de Abril de 1904.

LOS CANASTOS

Entre hacer un pequeño servicio que apenas labre huella en la memoria del beneficiado o un grave daño que le deje profundo recuerdo, elegid lo segundo.

Os contaré lo que me sucedió una tarde de invierno con un pobre hombre llamado Vassielich.

Os juro que yo soy bueno, que soy un buen padre de familia, pero sólo en la época en que hay sol en este cielo brumoso. ¡Oh!, la bruma invernal me hace daño y me convierte en malvado. Si yo fuera *poppe*, en verano rendiría culto a Dios, pero en invierno le volvería la espalda y me entregaría a darle gusto al diablo. En el invierno le amo, siento que se introduce en mi ser, que estruja mi espíritu y aviva el fuego de mis malos instintos; entonces me siento nihilista, capaz de ser ladrón y asesino; lo rojo me excita, y lo afilado y lo agudo me fascinan. Cuando llega la época de las primeras nevadas, mi mujer me dice: “Marcof, padrecito mío, ya las malas ideas comienzan a fulgurar en tus ojos. Ya viene el tiempo en que no vives sino gruñendo y blasfemando, en

que nos aporrea a tus hijos y a mí. Mira, no te alejes de la estufa, porque el hielo te hace malvado...” Pero decía hace poco que iba a referiros una aventura que tuve: ya lo había olvidado. Escuchadme:

Iba yo una tarde caminando, con mi pipa en la boca, por un largo y estrecho puente. Un carretero sordo llamado Vassielich seguía el mismo camino que yo, conduciendo en su carro más de veinte canastos de pescado fino, que diferentes dueños le habían comisionado que llevara al mercado para la venta del siguiente día. El carro, a causa de la curvatura del puente, se inclinaba hacia el borde derecho, pero no había peligro de que cayese, porque el pretil era suficientemente alto para impedir la caída. Con todo, hubiera querido darle un buen susto a Vassielich. Creedme que no soy malo, pero deseaba con toda mi alma darle un susto, aunque no fuera sino arrojarle con carreta y todo al río. De repente, la cuerda que sujetaba los canastos rompió o desató... A fe que sentí un vuelco en el corazón. El puente es estrecho y largo, el carro caminaba despacio y saltaba mucho, el suelo del puente tiene una inclinación sensible del centro hacia los bordes... A los pocos segundos, ¡pum!, uno de los canastos se desprendió, cayó pesadamente sobre el pretil y desde allí se precipitó al río. Lo vi caer y una voz muy débil murmuraba dentro algo así como: “avisa a ese infeliz carretero que su carga se va al

río". Pero el invierno me gritaba más alto: "cállate, hombre, y límitate a mirar, ¿no es curioso y entretenido ver caer veinte canastos, uno detrás de otro, como una manada de estúpida; carneros?" Y la verdad es que preferí esto. Ciertamente que Vassielich, un buen hombre que jamás me había hecho daño alguno, iba a sufrir mucho con esta desgracia, pero ¿a mí qué me importaba?, ¿perdía yo algo con el desastre de Vassielich? No; al contrario, ganaba una diversión durante el trayecto del puente, que tiene unos cien metros de largo. Callé y vi caer la segunda canasta, luego la tercera y la cuarta, y la quinta y otras muchas. El pobre Vassielich, sea porque fuera sordo, o porque iba distraído, no advirtió el ruido delicioso de los canastos al romper la superficie ondulosa del río, haciendo saltar chorros de espuma. El caballo advirtió mejor lo que pasaba, pues, al sentir el carro menos pesado, aligeró el paso. Cuando llegamos al término del puente, corrí hacia la carreta:

—¡Eh, Vassielich, amiguito!

El carretero no me oía; tuve que avanzar más y tocarle la pierna con el extremo de mi pipa, gritándole:

—¡Vassielich! ¡Vassielich!

—¡Eh!, ¿qué deseas? Tengo prisa...

—¡Ay, padrecito, no la tengas ya! Voy a comunicarte una gran desgracia.

—¡Dios de Dios! ¿Ha muerto Ivanowna, mi mujer?

–No, te juro que no; es algo peor y de más trascendencia social.

–¿Ha muerto el Zar?

–¿Eh? ¡así reventara!...

–Habla, habla...

–Pues, detén el carro, que es algo grave lo que voy a decirte.

–Pero... está anocheciendo y tengo prisa de llegar a la ciudad.

–No la tengas ya.

–¿Por qué? Habla. ¡Dios de Dios! –exclamó Vassielich impaciente deteniendo el carro.

Yo encendí lentamente mi pipa, que se había apagado:

–Te decía, padrecito, que no tuvieras ya prisa en ir a la ciudad... Verás si tengo razón.

–¡Maldición! Pero ¿por qué?

–Porque... Créeme que me duele decírtelo, padrecito. Óyeme bien: no debes apresurarte, porque, porque el señor río se ha engullido, bocado tras bocado, tus canastos de peces. Soy testigo ocular. Te aconsejo que otro día hagas uso de cuerdas más fuertes.

Vassielich volvió el rostro violentamente y al asegurarse de su desgracia se puso horriblemente pálido, luego enrojeció y apeándose de la carreta se asomó al río.

–¡Eh, amigo!, ¿buscas los agujeros que hicieron los canastos al atravesar la superficie? Ya se taparon.

Vassielich se puso a llorar; no tenía dinero con qué pagar; le embargarían sus cosas. Ivanowna y sus hijos sufrirían miserias espantosas, y si no alcanzaba a pagar toda la deuda, le meterían en la cárcel. ¡Y el invierno que era tan crudo! El pobre sordo lloraba amargamente. ¡Era cosa de matarse!

–¡Sí, padrecito, es cosa de matarse! –afirmé yo con acento filosófico.

Y, en efecto, creí que iba a arrojarse al río de cabeza, pues asomó el cuerpo por el pretil. Abrí los ojos desmesuradamente para ver con toda mi alma el chapuzón. Quizás el caballo por una de esas asombrosas fidelidades de que hablan las historias se precipitaría también arrastrando consigo el carro. Y si no lo hacía yo le obligaría a ello. El puente estaba solitario y la ciudad distaba dos verstas. Pero no, lo que hizo Vassielich fue ponerse a gritar y a maldecir su suerte... Se desvaneció mi esperanza, e irritado por la estupidez de ese carretero que por un cobarde amor a la vida no cumplía con su deber, le dije sonriéndome:

–Pude avisarte, padrecito, desde que vi caer el primer canasto. Mas ¿para qué? Mañana habrías olvidado el favor que te hacía: en cambio, cuando te lleven a la cárcel, y tu

mujer y tus hijos lloren en la miseria, te acordarás de mí, cierto que para maldecirme, pero te acordarás...

Vassielich no me respondió, sea porque no me oyera, sea porque estaba aturdido con su desastre. Me encogí de hombros y proseguí mi camino, fumando mi pipa. Después de todo, el sitio de los peces era el río y no los canastos. He restablecido, pues, el equilibrio de la naturaleza.

IDEALISMOS

Una noche encontré en un asiento de un coche de ferrocarril un cuadernito de cuero de Rusia, que contenía un diario. En las páginas finales estaba consignado el extraño drama, que transcribo con toda fidelidad:

Noviembre 14

Estoy contentísimo: mi buena Luty se muere. Luty era hasta hace poco una muchacha rozagante, alegre y que ofrecía vivir mucho. ¡Quién la reconocería hoy en esta jovencita pálida, delgada y nerviosa! ¡Cuán hermosos eran sus grandes ojos azules y su amplia cabellera de color de champaña! Mi novia se muere y afirman los sabios que ello es debido a la doble acción de una aguda neurastenia y de una clorosis invencible.

Hoy la he visto; tenía la cabeza entre los almohadones de fino encaje, parecía una flor de lis desfallecida. Luty me miró con los ojos brillantes de fiebre y me tendió su mano alba y enflaquecida; me estreché la mía con misteriosa

intención. Me pareció comprender su pensamiento: “No olvides, amigo mío, de poner en mi ataúd pensamientos y gardenias, esas flores amadas que yo he colocado tantas veces en tu pecho; no olvides, amigo mío, mientras los que velen mi cadáver dormiten rendidos por el cansancio y el dolor, no olvides el darme un beso muy largo y apretado en los pálidos y rígidos labios”. ¡Pobre amada mía! Se moría sin guardarme rencor, y, sin embargo, era yo quien la mataba, yo, que la adoraba. Vosotros, los espíritus burgueses, si leyeráis estas páginas no podríais comprender jamás que la muerte de mi adorada prometida, de mi inocente Luty, pudiera alegrarme profundamente. Al contrario, sentiríais hacia mi viva repulsión y gran horror por mi crueldad. ¡Bah, pobres hombres!, no pensáis ni amáis como yo, sino que sois simplemente ridículos sentimentales. Quiero a mi novia con todas las energías de mi juventud —y oídme bien, que esto os espeluznará, como si sintieseis pasar rozando vuestro pecho una serpiente fría, viscosa y emponzoñada—: si el beso que he de dar a su cadáver pudiera resucitarla... no se lo daría.

Noviembre 18

Cuando comenzaba Luty su adolescencia le hablé de amor. ¡Pobre nerviosa! El primer amor fue penetrando

paulatinamente hasta lo más profundo de su ser. La gestación de su alma, el modelado de su corazón y de su cerebro se realizó conforme a mi deseo, formé su alma como quise, en su corazón no dejé que se desarrollaran sino sentimientos determinados, y su cerebro no tuvo sino las ideas que me plugo. ¡Oh!, ¡no sé qué prestigio tan diabólico, qué cohibimiento tan absoluto, qué influencia tan poderosa llegué a ejercer y ejerzo aún sobre Luty! Era tan grande la sugestión que obraba mi alma sobre la suya, que podía hacer llorar a Luty como una chiquilla o enfurecerla, hacerla gozar las mayores delicias ideales o mortificarla con las más horribles torturas y casi sin necesitar hablarla. Cuando yo iba donde ella, mortificado por algún pensamiento doloroso o por alguna pesadumbre, la pobre muchacha palidecía como un cadáver, como si sintiera súbitamente la repercusión centuplicada de mis angustias íntimas. Asimismo sentía resonar en su espíritu la jovialidad y la ventura con que el amor inundaba mi alma. A pesar de la temprana perversión con que estaban contaminadas mi filosofía y mi vida íntima, jamás había tratado de pervertir el alma de Luty, ni de poner en juego sus energías sensuales. Luty era pura aún, sin malicia, sumida en la ignorancia más profunda de las miserias e ignominias del amor.

Una noche de insomnio, sentí rebullir en mi cerebro la tentación inicua, y como un escarabajo de erizadas antenas, el deseo de corromper la inocencia de mi Luty. ¡Ah!, ¡maldito insomnio! Felizmente, vi con colores sombríos el derrumbe espantoso de la pureza moral de mi prometida, vi la explosión de fango salpicando la albura incólume de su alma. Yo era el amo absoluto de Luty, el tirano de su vida interior, ¿para qué someterla a una nueva tiranía, a la tiranía innoble de la carne?; ¿para qué someterla a esa inicua autocracia, en la que el dogal acaba a la postre por estrangular el cuello del mismo tirano? Ya era yo bastante infame con haber esclavizado el alma de Luty. Más de una vez sentí, en las agitaciones del insomnio, las impulsiones malvadas de mis instintos, y más de una vez me vencí. Pero ¿podría vencerme siempre? Mi deber era libertarla. ¿Cómo? Casarme con mi novia era sujetarla para siempre entre mis garras; y mi dignidad, en una violenta sublevación, rechazaba con horror ese anonadamiento del alma de Luty, esa absorción de su ser por el mío, ese nirvana de la voluntad, del pensamiento y del deseo revelados en esa sumisión incondicional, en esa fe irreflexiva y confiada que había nacido entre las inocentes expansiones del amor

puro y había de terminar en las ignominias carnales de la vida conyugal, en las que muere toda ilusión y todo encanto, para ceder el sitio a una amalgama de animalidad y respeto. Yo la amaba, la amo con todas las fuerzas de mi alma y me horrorizaba, por ella y por mí, el inevitable desencanto, el rebajamiento del espíritu de Luty y al mismo tiempo el remache de esa cruel tiranía de mi alma. Mi deber era libertarla de la demoniaca influencia que yo ejercía sobre Luty, libertarla por un último acto de la tiranía moral, que había de ser la única forma noble posible de mi absolutismo; crear la libertad por un acto de opresión, puesto que ya el regreso a la primitiva independencia era imposible; esto os parece, señores burgueses, una absurda paradoja. Y desde ese momento toda una labor sugestiva fue la de imponer al alma de Luty la necesidad de morir, la necesidad dulce y tranquila de desaparecer del mundo, de este mundo ignominioso. —Te amo —la decía mentalmente a mi Luty—, te amo y eres mi esclava. La mayor prueba de amor que te doy es la de romper la cadena que te une a mi ser, envileciéndote; muere, Luty mía, muere sin sufrir, muere de un modo paulatino, como por una recobración lenta e inconsciente de tu dignidad moral...

Noviembre 19

No hay temor de que mi Luty se salve. Se muere, se muere. Apenas tienen fuerzas sus grandes ojos azules para mirarme y absorber la matadora influencia de mi amor. Luty, con mis caricias apasionadas, con mis frases de amor tóxico, se estremece y cada emoción de Luty es un salto que da la muerte hacia ella. Bien claro lo dijo el médico: "Evítadla emociones fuertes, que le son mortales..."

Noviembre 21

Siento la necesidad de evocar recuerdos. Mi obra, desde hace tiempo, ha sido imbuir en Luty cierto pesimismo celestial, ir matándola moralmente con nociones ideales mortíferas. La convencí de que la muerte es una dulce ventura, un premio inefable de los amores profundos y castos, el nudo infinito del amor. Todas mis palabras y mis caricias llevaban escritas con caracteres invisibles, pero hipnóticos, la orden: "Muere, Luty mía, muere". Y yo sentía que desde el fondo de su ser había algo que me respondía: "Se te obedece como siempre". La idea de la muerte era el sedimento impalpable que quedaba en el alma de Luty después de todas nuestras conversaciones, aun de las más apasionadas.

¡Oh!, lo recuerdo muy bien. Una noche estrellada estuve hasta muy tarde conversando con Luty en la terraza y haciendo observaciones con el telescopio. ¡Qué paseos tan hermosos dimos con la imaginación por los mundos astrales! ¡Todo ello sentaba la premisa de la muerte de ambos! Nuestras almas con formas imponderables, unidas en abrazo estrechísimo, cruzaban los espacios planetarios, como visiones del Paraíso de Alighieri. Yo, con amoroso desvarío, prendía a Aldebarán, rojo como un rubí incendiado, en los rubios cabellos de mi amada; arrancaba perlas a la Vía Láctea y formaba collares para la garganta de Luty. Luego seguíamos en maravillosos ziszás recorriendo eternamente mundos encantados en donde los seres tenían sentidos nuevos, en donde la corporeidad desaparecía y las formas se esfumaban entre gases sutiles y tules luminosos... En Urano vimos una flora colosal, en que las rosas eran como catedrales y entre los pétalos vagaban microzoarios humanos, de formas vaporosas, repartidos en enamoradas parejas, que se entregaban a deliquios sublimes, aspirando deliciosas fragancias. Luego seguíamos subiendo; siempre teníamos delante mundos nuevos, y a cada instante encontrábamos en nuestro camino amantes, como nosotros, que hacían la misma

peregrinación. La ruta era interminable, eterna; la creación infinita. Con frecuencia nos deteníamos para ver algo esplendoroso: ya era un cometa que surcaba el abismo, ya la explosión de una estrella. Vimos llegar a Venus trayendo sus idilios de amor: pequeña, lejana primero, creció luego, creció hasta que percibimos sus enormes bosques perfumados, poblados por hermosas jóvenes, bellos mancebos y niños alados que atravesaban las praderas bailando bulliciosas farándulas y luego se perdían en la poética umbría de una selva. Pasó Venus ante nuestros ojos deslumbrados con tanta dicha, y bien pronto se confundieron los suspiros, los besos y los cantares de ese mundo feliz, con el estallido de un bólido chispeante o con el zumbido de algún cometa que pasaba agitando su deslumbradora cauda...

Para ver esto era necesario morir: morir joven, morir antes de que la vida nos encenagara y obturase nuestra facultad de apreciar las bellezas del ideal; cortar a tiempo la cuerda que sujetaba el globo cautivo de nuestra alma a las miserias de la tierra. Luty, entusiasmada, anhelosa, viajaba conmigo por las profundidades insondables del Cosmos. Temblorosa, cogida a mi cuello, me escuchaba desvanecida, como si sintiera el vahído de lo infinito, sin sospechar que detrás de mi narración

estaba embozado, como un bandido hidalgo, mi deseo de verla muerta, de verla libre de esa tiranía infernal a que la tenía sujeta.

Poco después Luty cayó enferma, con gran contentamiento mío, y entonces continué con más bríos mi obra matadora. La anemia, esa enfermedad romántica, acudió en auxilio de mis deseos y de mi trabajo sordo. Luty se muere; sus nervios, enfermos y espoleados por mí, contribuyen eficazmente a estrangular, en una red de emociones vivísimas y de extravagancias increíbles, esa vida que yo deseo aniquilar. Hoy Luty está agonizando, es decir, está reconstituyendo su dignidad moral de persona; resucita...

Noviembre 21 (3 de la madrugada)

Todo ha terminado, Luty ha muerto; ha muerto tenuemente, como yo deseaba, contenta, feliz, satisfecha de mi amor, sospechando acaso en la lucidez de los postreros instantes, mis escrúpulos por su esclavitud y mi alegría profunda y noble por su muerte. Creo que me agradece mi conducta. Guardo en mis labios, como un tesoro, su último beso: el de la cita para la eternidad venturosa. ¡Pobre Luty! Siento alegría melancólica de haberla liberado y, además, la satisfacción de haber creado su alma

y haberla extinguido. ¿Contribuye esto a hacer impura mi alegría? No sé; pero pienso que quizá la felicidad es, más que el poder de crear, el placer de destruir.

Ahora comprenderéis espíritus burgueses, que desear y cooperar en la muerte de una novia joven, bella, inocente, amada y amante, no es en ciertos casos, una paradoja espeluznante, ni mucho menos una crueldad espantosa, sino un acto de amor, de nobleza y de honradez.

EL ÚLTIMO FAUNO

Todo lo había invadido la religión cristiana desde hacía mucho tiempo. Los dioses del Olimpo habían renunciado honrosamente a la inmortalidad en la Tierra. El orgulloso Júpiter ¿para qué había de vivir si no había de reinar? Y lo mismo Venus, Saturno, Diana y Marte. Toda la excelsa raza abandonó la Tierra; unos dioses se embarcaron en el navío de Argos y fueron a cruzar los negros mares del abismo; otros fueron a llorar su destierro, sentados en el carro de la Osa, recorriendo el amplio camino de la Vía Láctea; y no pocos ocuparon un sitio en la barca de Carón, el viejo bogador de la Estigia.

Los sátiros, envejecidos y degenerados, en vano trataron de sostenerse en las umbrías de los bosques; la nueva mitología triunfaba en todo el orbe; los pobrecillos eran arrojados hacia el Bóreas por la invasión. Algunos, en un arranque de altivez, se ahorcaron en las encinas de un monasterio. Otros quisieron capitular, y se pusieron al habla con San Antonio; le enviaron un mensajero que dijo al santo: «Yo soy un mor-

tal como tú y uno de los habitantes de los bosques que los paganos adoran bajo el nombre de faunos, sátiros e íncubos. Vengo en este momento a ti, enviado por mis semejantes, para suplicarte que intercedas por nosotros al Dios común.» Nada. Fue en vano este intento de conciliación, que enterneció a San Antonio «hasta hacerle derramar lágrimas». En la nueva religión eran detestados, y las candidas vírgenes del cristianismo los rechazaron. ¿Cómo admitir a esos lúbricos profanadores de la virginidad, a esos verdugos de la castidad, a esos silvestres y brutales apologistas de las glorias rojas del Falo? Los pobres faunos, empujados por la repugnancia del nuevo espiritualismo, fueron subiendo hasta el polo y allí murieron ahogados entre los témpanos, devorados por los osos blancos, y no pocos asesinados por los runoyas, que no podían ver, dada su sangre fría de anfibios, las pícaras costumbres y desenfrenos de esos hijos del Sur.

Las ninfas de Diana encontraron refugio en las poéticas selvas de la Germania y cambiaron de nombre. ¿No conocéis a Loreley, no conocéis a las hadas? Pues son ellas...

Las ondinas, sirenas y nereidas se ocultaron en sus palacios de nácar y perlas. De vez en cuando, alguna ondina se asoma a una ventana y mira hacia arriba, creyendo ver a través de las aguas glaucas la quilla del barco de Ulises... Y cómo se trueca en iracunda la curiosa mirada al ver la hélice

rugiente de un *steamer*, y, asomando por las bordas, la cara placentera de una lady o la faz rojiza de un contraamaestre fumando en pipa...

De esa gran catástrofe, que convirtió el Olimpo en una montaña solitaria, quedó un faunillo que contaba dieciséis años, quien, por razones que no es del caso referir, no pudo seguir la vertiginosa carrera de los dioses y se vio obligado a quedarse en la tierra, en medio de los intrusos. A medida que el tiempo pasaba, crecía su odio hacia aquellos invasores que le dejaron huérfano, que sacrificaron su juventud anhelosa de amores, condenándole al aislamiento, a la vida oculta y a las fugas precipitadas. Las pastoras huían de él haciéndose cruces; los guardadores de ganado le perseguían, como se persigue al lobo, agitando los cayados y tirándole piedras. El faunillo recordaba aquellas alegres cacerías de ninfas y de pastoras, aquellas gloriosas fiestas de Baco, aquellas saturnales, en las que en loca ronda, danzaban en torno de la estatua de Sileno. ¡Qué hermosos tiempos aquellos! Nocherniego y solitario, cruzaba las campiñas, atravesaba desiertos, ascendía montañas y vadeaba ríos buscando a sus hermanos, que habían desaparecido para siempre. Y los siglos corrían...

En su peregrinación veía a veces cruzar por las ventanas de algún castillo feudal a las hermosas castellanas, y una fulguración de cólera y deseo brotaba de sus ojos. Otras noches

se había detenido por un rato para contemplar desde una colina las siluetas vaporosas de las monjas de algún convento gótico, proyectadas por la luz sacra del coro. Más de una vez, alguna pastora desvelada había visto asomarse por la ventana de su cabaña una cara hermosamente diabólica en la que brillaban unos ojos encandilados. —¡El lobo!— había exclamado, ocultándose entre las sábanas. No, no era el lobo, era el pobre fauno errante, el expulsado de la nueva civilización, que acechaba el sueño de las mujeres jóvenes y bellas. Al día siguiente los gañanes, armados de picos y horquillas, salían a perseguir al imaginario lobo. En muchas ocasiones estuvo el faunillo a punto de perecer entre los dientes de una jauría o de caer atravesado por el venablo de algún caballere te entregado a los placeres cinegéticos, que le había tomado por un venado o jabalí. Sólo la rapidez de su carrera pudo salvarle.

Así, en esta vida aventurera y nocturna, comiendo dátiles en los desiertos y bellotas en los bosques, bebiendo la leche de las cabras montaraces y el agua de los arroyos, cruzando sierras, bosques y llanuras, costean do las ciudades, pasando a nuevos continentes, huyendo de los hombres y persiguiendo a las mozas incautas que tenían la imprudencia de salir de noche (él fue el padre de esa generación de

íncubos que alarmaba a los teólogos de la Edad Media), vio transcurrir cerca de treinta siglos.

Por fin, una tarde llegó a la orilla del mar y vio frente a la costa un islote. De pronto tuvo una agradable sorpresa: vio en él formas humanas que le recordaron las antiguas fábulas y hasta creyó oír el inolvidable ¡Evohé! de Anacreonte... Se arrojó al mar y fue nadando, como cuando cruzaba los lagos de la Arcadia. Efectivamente, debajo del islote vivían muchas ondinas que recibieron locas de alegría al joven rezagado de la muerta Mitología.

Las ursulinas, huyendo de los calores ciudadanos, habían ido a pasar el verano a un monasterio de la orden, que tenían a orillas del mar. ¡Qué batahola formaban las jóvenes novicias, retozando alegres sobre la playa solitaria! Las muchachas daban tregua a las maceraciones y severidades de la vida mística, y sentían hervir bulliciosa en sus venas la sangre inquieta de una infancia no lejana. Figuraos que la mayor de las novicias no tenía veinte años. Vestidas de baño bajaban la pequeña colina. Albas como las santas hostias, parecían una resurrección de los tiempos del peplo. Las habríais creído, al verlas bajar en formación, serias y púdicas, catorce Ci-

modeceas conducidas al circo para que sus carnes vírgenes fueran devoradas por los leones. Pero una vez en la playa, las hubierais tomado por catorce vestales que hubieran enloquecido por habérseles extinguido el sagrado fuego del ara. La hermana Ágata de la Cruz (entre ellas se denominaban con los nombres que pensaban adoptar el día de la profesión), rubia, resplandeciente, con sus veinte años de pureza dedicados a los santos ensueños, era la más endiablada y juguetona. Toda la playa parecía alegrarse con sus carcajadas cristalinas, con sus bromas inocentes, sus carreras y movimientos llenos de gracia y ligereza. Sus carnes, castamente veladas por la capa de baño, se estremecían al entrar en el agua con la ascensión paulatina del frío. ¡Qué hermosa se ponía cuando cruzaba las manos y apretaba los dientes a cada caricia brutal de la ola! Y la pálida Lucía del Sagrario, siempre con los ojos bajos, pero fulgurantes, como si llevara detrás de las pupilas una luminosa visión beatífica. Y Ana del Corazón de Jesús con sus ojazos negros, profundos y apasionados, y unos labios que parecían hechos con sangre de fresas y granadas. Y Rosa del Martirio, un poco gorda, pero admirablemente modelada, rebosando salud por sus frescas mejillas. Y Teresa de los Dolores, nerviosa, enfermiza, pero expresiva y graciosa en todos sus movimientos. Y todas, todas eran hermosas, la que no con la hermosura prestigiosa del rostro, con la belleza del

cuerpo o con la gracia del movimiento; todas eran bellas con el perfume inefable de la pureza, con el atractivo incomparable de la juventud. Nada más adorable que ese grupo de niñas saltando, riendo, gritando, chapaleteando entre las olas, burlándose de las caricias del mar, que salpicaba con sus espumas todos esos encantos ofrendados piadosamente a la Divinidad. Las hermanas Ágata, Rosa y Ana eran las más valientes y atrevidas, pues se aventuraban a alejarse de la playa en peligrosos ejercicios de natación, seguras de domar con su audacia, las audacias del océano.

Entretanto, la madre Clara, sentada a la sombra de una roca, leía devotamente en su libro de horas, y levantaba con frecuencia la cabeza, bien para sonreír a alguna de las novicias que le dirigía alguna zalamería, bien para reprender suavemente a otra que había dicho algo vagamente pecaminoso, bien para observar con inquietud a las atrevidas nadadoras o bien para consultar la hora en un modesto relojillo de acero.

El joven fauno, desde su lejano islote, veía la agitación de todos estos cuerpos puros y bellos. Las caricias de las ondinas, frías como peces, helaban todo apasionamiento. ¡Oh, cómo habían cambiado! No eran ya las amorosas y vehementes siervas de Calipso. No eran siquiera como esas cristianas, cuya austera religión le había dejado huérfano. A la vista de ellas, toda la sangre que fermentaba en él hacía

veinte siglos le habló al oído inspirándole innobles deseos: todas las truhanadas de su estirpe le acudieron a la cabeza y recordó los raptos fáunicos en las penumbras del bosque.

Una mañana vio a las tres nadadoras cerca del islote. El fauno cogió un pulpo y nadó por debajo del agua hacia el sitio en que, tranquilas y descuidadas, nadaban charlando y riéndose las tres jóvenes religiosas.

De pronto, Ágata vio una sombra que se movía debajo de ella, se volvió asustada, quiso huir, llamó a sus compañeras, pero ya era tarde. Unos brazos viscosos y fríos se prendieron a sus lozanas pantorrillas, impidiéndola todo movimiento; gritó desesperada, hizo esfuerzos inauditos, se debatió con toda la energía que da la perspectiva de una muerte horrible en plena juventud, todo fue en vano. Los tentáculos, sembrados de ventosas de los pulpos, seguían subiendo y entorpeciéndole todo movimiento. Loca de terror, comenzaba a sentir el desfallecimiento de la muerte, cuando una faz hermosa y joven, como la de un Cristo marino, se juntó a su rostro. Volvió Ágata a la vida, y, llena de esperanza, se confió a su salvador, acallando con cierto íntimo goce el pudor que sentía de verse en brazos de un hombre. ¡Qué diría la madre Clara! Pero cuando la impresión mortal que recibiera se fue desvaneciendo un poco, notó que el joven la llevaba mar adentro. Quiso detener a su guía:

—¿A dónde me llevas?

El faunillo contestó:

—Cristiana, bajo esta faz juvenil llevo veinte siglos de desesperación. Mírame bien: soy un fauno, el último de mi raza. Durante veinte siglos he buscado vanamente una mujer amable. No ha llegado... hasta hoy. Te he espiado, cristiana, te he espiado, y al verte tan hermosa se ha incendiado mi corazón en amor. Te amo, cristiana, te amo; eres más bella que las hijas de la Grecia difunta. Eres mía, y bendigo los veinte siglos de sufrimiento que he pasado; te he sorprendido en el mar, como sorprendían mis hermanos a las pastoras en la selva. Te llevaré a una isla solitaria; arrullaré tu sueño con las canciones del viejo Anacreonte... ¡Ámame, cristiana, ámame!

¿Qué pensó la espiritual hermana Ágata de la Cruz? Se encontraba en medio del mar. Allá, muy lejos, estaba la madre Clara, rodeada de las novicias, a quienes habían llevado sus dos compañeras la noticia de su muerte, devorada por un monstruo marino; las veía pequeñas, las cabezas no más grandes que cabezas de alfileres... Veía sobre la colina el monasterio, la casa de Jesús, el Bien Amado. Aquí, junto a ella, estaba el fauno, apasionado, hermoso, tembloroso de amor con lágrimas en los ojos, ofreciéndole un cariño que había fermentado veinte siglos... Los faunos no pertenecían a la raza de los judíos. Se habría dejado morir mil veces antes

que consentir que la tocaran un cabello las manos de un judío, manos asesinas, manos enrojecidas con la sangre divina del Salvador. ¿Qué más pensó la espiritual hermana Ágata de la Cruz?... Después de un rato de silencio y de reflexión, la novicia comprimió ligeramente el hombro del fauno, y con voz tímida, que traducía sus escrúpulos, le dijo:

—Júrame, fauno, que creerás en la divinidad de Nuestro Señor Jesucristo.

—Te lo juro, cristiana.

Y el fauno, con su valiosa carga, loco de alegría, siguió nadando hacia una isla que vagamente se bosquejaba en el horizonte. Media hora después habían perdido de vista la tierra, pero llegó a los oídos de Ágata el sonido lúgubre de la campana del monasterio que doblaba por ella. Entonces oró, y dos lágrimas ardientes cayeron sobre la espalda blanca y tersa del faunillo. Y siguieron nadando.

El *Gulf of Christiania*, de la P.S.N.C., de 7.000 toneladas de desplazamiento, capitán Pfeiffer (noruego), dos máquinas, 18 millas de andar, 104 metros de eslora y 19 de manga, llevaba un cargamento de carbón para California, e iba a todo vapor conduciendo a su bordo 183 pasajeros. Entre ellos se

contaba Sara Bernhardt, la egregia artista, una compañía de saltimbanquis, seis sacerdotes, y una pareja de recién casados. He aquí lo que pasó:

Turanio, el clown, un clown francés que había hecho furor en Nueva York por la donosura de sus saltos mortales y lo estrambótico de sus gestos, había cogido uno de los anteojos, y, recostado sobre la barandilla, escudriñaba el mar imitando los gestos del piloto. Sara Bernhardt leía, por centésima vez, *Las memorias de Sara Barnum*, libelo que escribió contra ella María Colombier... ¡Qué gracioso era Turanio! La recién casada se reía hasta derramar lágrimas. De pronto, Turanio, haciendo una pirueta de terror cómico, exclamó:

—¡Un tiburón blanco!...

En efecto, allá lejos, se veía algo que vagamente parecía el dorso de un pez blanco, que aparecía y se ocultaba constantemente. Stirno, el otro clown, llegó con una nariz descomunal, armado de una carabina inglesa de balas explosivas. Las carcajadas atronaron el buque: se entabló la disputa. Turanio afirmaba haber visto un tiburón blanco, y Stirno juraba como un condenado que aquello era un lobo viejo, que estaba blanco de canas. El modo de convencerse era darle caza (Sara Bernhardt lo propuso); Stirno se echó la carabina a la cara y estuvo acechando el momento en que apareciera el monstruo. Todos los pasajeros rodearon al

tirador. A Sara le brillaban los ojos de entusiasmo; la recién casada se tapó los oídos y parpadeaba nerviosamente, esperando la detonación. Pasaron cinco, diez, quince segundos.

—¡Pum!...

Hubo un hurra formidable y la ilustre actriz aplaudió frenéticamente al ver agitarse la mancha blanca. Pero después llegó el vapor al sitio y todos los pasajeros se inclinaron sobre las bordas para ver al lobo o tiburón. Cuando llegaron, encontraron dos cuerpos humanos atravesados por la bala explosiva del gracioso Stirno. ¡Pero qué ojazos de asombro y espanto abrieron la afamada Sara y los pasajeros! De todos los labios salió este grito:

—¡¡Oh!!...

Así fue como murieron la hermana Ágata de la Cruz y el último fauno.

PARÁBOLA

Mi tío, el prior de los Camaldulenses, era hombre de muy buen humor, a pesar de vivir entregado a la lectura de viejas hagiografías, vetustos cronicones y apergaminados infolios, de los que sacaba datos para la historia de la Orden, que, desde hacía mucho tiempo, estaba escribiendo. Yo pasaba entonces por una dolorosa crisis moral, debida no sé si a la seriedad con que tomé ciertas lecturas filosóficas, o al pesar que me produjo la muerte de mi Susana, una novia un poco diabólica que tuve, y a la que, probablemente por eso, amé con pasión. Lo cierto es que tuve una racha de misticismo y acudí en confesión donde mi buen tío, quien, con gran afabilidad, descargó mi conciencia del peso de algunos miles de gordos pecados, cometidos durante muchos años de descreimiento e impiedades. No se contentó mi buen tío con este aseo de mi alma, sino que, comprendiendo que mi estado moral y nervioso me ponían en peligro de caer en uno de estos dos abismos: la locura o el suicidio, me llevó al convento a fin de

que las lecturas piadosas, la meditación y la paz de la celda contribuyeran a devolverme la paz del espíritu. En un principio la tranquilidad conventual me permitió concentrarme, y fueron más agudos mis dolores y más mortificantes mis recuerdos y meditaciones. Pero, poco a poco, la paz exterior fue invadiendo mi alma. Mi virtuoso tío acudía en las noches a la biblioteca del convento, en donde yo me había instalado, y entre la lectura de dos enrevesados capítulos, disertaba conmigo sobre alguna cuestión architeológica; me refería anécdotas y curiosidades históricas o me hacía alguna relación, mística con sus puntas de picardía profana. A los dos meses mi espíritu estaba ya curado y me parecían cortas las noches para escuchar la alegre charla de mi tío y sus claras y profundas disertaciones. No olvidaré decir que cada velada terminaba con una buena jícara de chocolate, como saben tomarlos los priores, toda vez que León Pinelo, teólogo y bibliófilo insigne, ha probado que el chocolate no quebranta el ayuno prescrito por el ritual para la Consagración. Después, mi tío se iba a maitines.

Sin embargo de que no me quedaba de Susana sino un recuerdo melancólico de sus malignidades y de su amor extraño; sin embargo de que de mis negras meditaciones filosóficas sólo conservaba un dejo ligeramente amargo, tenía a veces mis recrudescencias por obra y gracia de la luna o

de mi crónica dispepsia. Una noche me puse a porfiar a mi tío que Leibnitz había sido un solemne bellaco, al asegurar que este mundo era el mejor de los mundos posibles. En mi concepto, Dios era un tirano cruel, que se complacía en las angustias de los hombres, y cualquier pelagatos que hubiera asesorado a Dios, le habría hecho indicaciones acertadas para hacer un mundo mejor. Entonces mi tío, después de sermonearme de lo lindo, llamarme sandio y desahogarse contra el siglo, los filósofos y darle la gran tostada al archihereje Voltaire, me refirió la siguiente parábola:

Después de diez y nueve siglos de redención, tuvo el Salvador la peregrina ocurrencia de dar un paseo por la tierra, con el objeto de ver en qué estado se encontraba el mundo bajo el imperio de las caritativas doctrinas que él había predicado, y de las que la Iglesia había quedado depositaria. Como era natural, había traído Jesús plenos poderes de su Padre para hacer y deshacer, y hasta para repetir, si lo creía conveniente, la tragedia del Calvario. Jesús encontró esta tierra más pervertida y malvada que antes; sin gran trabajo habría encontrado muchos Judas que le vendieran y Pilatos que le condenaran de nuevo. Inmensa pena tuvo el buen Jesús al ver que su sacrificio había sido inútil. Pero comprendió que gran

parte de la culpa de ese desastre moral y del fracaso de la buena nueva se debía, ya a la solapada intoxicación de las almas, realizada por unos malos hombres llamados filósofos, ya a la errónea manera como habían popularizado sus doctrinas de fe, de piedad y de consuelo algunos de los encargados de la propaganda evangélica. (Debo decirte que los Camaldulenses no estaban comprendidos entre éstos). En cierto modo, los hombres eran inculpables, y por eso el corazón de Jesús se llenó de amargo desconsuelo y tierna compasión; y ni un momento fulguraron sus ojos azules un destello de cólera o despecho. ¡Qué hacer! Nada; dejar que el mundo siguiera rodando y el demonio engulléndose las almas a más y mejor. No había remedio. Y dos lágrimas fueron a perderse entre los rizos de su barba castaña. Jesús comenzó a ascender una montaña para lanzarse al cielo desde la cumbre, cuando encontró a un viejo ermitaño que recogía hierbas medicinales. El viejo, a pesar de sus setenta y ocho años, tenía muy buena vista, y se fijó en que las manos de ese joven estaban perforadas y en que algo como un nimbo de luz muy tenue circundaba su cabeza. Inmediatamente corrió, dejando su atado de hierbas sobre una roca, alcanzó al Salvador y se echó a sus pies derramando abundantes lágrimas.

—¡Ah, mi buen viejo, me has reconocido! —le dijo Jesús levantándole afablemente—. ¿Qué gracia quieres que te haga?

—Para mí ninguna, Señor, pero sí para la humanidad.

—Bien quisiera yo llevarme a la humanidad al cielo, pero no es posible, anciano... Están muy malogrados los hombres y me convertirían el cielo en un infierno.

—¡Oh, Señor! —siguió el anciano con candorosa ingenuidad—, la humanidad ha sufrido mucho por él pecado del primer hombre, que dio, entrada al infortunio sobre la tierra. Si volvieras a ella tu mirada de perdón, volvería la felicidad a acariciar las almas; la fe y la ventura correrían como un río apacible por las conciencias, y se apaciguaría para siempre, al soplo de tu infinita misericordia, la tormenta espantosa en que tantos hijos tuyos sucumben y se hunden por una eternidad en los abismos del infierno.

—¡Pobre anciano! Eres el portador de las angustias humanas, de los arrepentimientos tardíos y de las plegarias de los desdichados... Pero ¿no sabes acaso que el mal y el dolor son floraciones inevitables del pecado?

—¡Oh, Señor!, pero tú podrías cegar una de las muchas fuentes del pecado.

Jesús no respondió. El viejo era testarudo y siguió exigiendo:

—Si suprimieras la enfermedad, Señor... la enfermedad engendra la desesperación, Señor, y ella es el asidero del demonio para conducir a las almas a su horrible imperio.

—Bien, compasivo anciano; voy a complacerte: desde hoy no habrá enfermedades. Dentro de algún tiempo nos veremos en este mismo lugar y me referirás cómo le va a la humanidad gozando de salud.

El cuerpo de Jesús se deshizo como un jirón de niebla súbitamente besado por un rayo de sol canicular, quedando en el espacio que ocupó su cuerpo un perfume superior al de todas las florestas. Desde ese día sanaron los enfermos de todos los hospitales, como por ensalmo; las heridas cerraron inmediatamente; los médicos y boticarios se dedicaron a otras profesiones, y las Facultades de Medicina de todos los países se clausuraron por inútiles. La enfermedad llegó a ser una tradición, y la terapéutica se convirtió en un estudio de mera erudición, como el viejo sánscrito. La gente se moría dulcemente al llegar a los noventa años. Pero el número de condenados no disminuyó.

Al cabo de algún tiempo volvieron a encontrarse Jesús y el ermitaño.

—¿Y bien, buen anciano? —interrogó el Salvador con sonrisa enigmática, que iluminó su rostro melancólico con fulgores de bondadosa picardía.

—¡Oh, Señor!, los hombres se condenan lo mismo que antes, pero yo sé por qué es: por la miseria, Señor; por la miseria se desesperan y condenan. Suprime la miseria, Jesús mío.

—Sea —contestó Jesús.

Inmediatamente se llenaron de oro las gavetas de los comerciantes quebrados, que estaban a punto de suicidarse. Los árboles hacían alarde de derrochar sus frutos, y los campos de trigo dieron abundantes cosechas. Todo el mundo tuvo con qué satisfacer ampliamente sus necesidades, y Roschildt, por un capricho de archimillonario, ofreció obsequiar con la mitad de su fortuna al que le llevara un mendigo. ¡Qué deliciosa abundancia la de la tierra! Y, sin embargo, en la teneduría del demonio la lista de ingresos permanecía inalterable.

Al año siguiente se repitió la entrevista.

—Señor, es el odio de unos hombres a otros lo que les hace infelices y les arrastra al pecado y del pecado a la condenación. Si los hombres se vincularan por una

confraternidad dulce y tranquila, si se sintieran instintivamente impulsados al mutuo amor, se habría salvado la humanidad. ¡Oh, Señor, apaga con tu divino aliento la tea roja del odio, extingue la sangrienta llamarada de la guerra, y verás cómo el ángel de la felicidad cierra las puertas del infierno!

—Anciano, lo que me pides es más difícil... En fin, sea. Desde ese día no hubo celos, porque los hombres se amaban y respetaban tanto, que no deseaban la mujer del prójimo y evitaban toda convergencia de amor. La pólvora adquirió la buena propiedad de no arder, y, por consiguiente, perdieron su objeto las fundiciones de cañones y las fábricas de armas de fuego. Las espadas y los puñales se volvieron quebradizos y se rompían al menor golpe; de modo, pues, que no habiendo ya el medio de hacer eficaz y activo un odio, éste tuvo que desaparecer, como desaparecería el sentido de la vista si desapareciera la luz. Era de verse cómo todos los hombres se hablaban y se acariciaban con sincera cordialidad. Todos los asuntos se arreglaban tan satisfactoriamente, que, cuando más, había que recurrir a los amigables componedores. Los abogados, jueces y escribanos tuvieron que dedicarse a dormir, para ocuparse en algo.

Durante varios años no volvió a aparecerse Jesús al buen ermitaño, ¿qué más podía desear éste para la humanidad? Era seguro que el demonio estaría me-sándose los chamuscados cabellos y dando cornadas de impaciencia contra la puerta del infierno, puesto que era probable que nadie se condenaría. ¿Quién iba a pecar en condenarse gozando de perfecta salud, sintiendo, como inefable caricia del alma, esa fraternidad universal, y, para colmo de dichas, de despreocupación del porvenir? Había pan, amor y salud para todos, y era indudable que en esta apacible y tranquila condición la vida sería una bendición de Dios...

Pues, no, señor; a los tres años de esta vida los hombres se condenaban tanto como antes. Como nada se puede tener oculto, llegaron los hombres a saber que debían ese delicioso estado de fácil bienaventuranza a nuestro buen ermitaño, y un día enviaron delegados al anciano con una plegaria tan extraña que éste se horrorizó. Cuando estuvo solo el ermitaño se puso a llorar de vergüenza y conmiseración hacia esa humanidad tan ingrata como ingobernable, tan insaciable como loca. Esperaba con tristeza y desconsuelo el día de la entrevista con el Señor. ¡Cuál no sería su asombro al entrar un día en su gruta y ver resplandeciente el cuerpo de un

tosco crucificado que había en el fondo de su alcoba de piedra! La faz del Cristo tenía una expresión de cariñosa ironía. El ermitaño cayó en tierra acongojado por la humillación y el dolor.

—¡Señor, Señor —murmuró—; muérame yo de vergüenza si volviera a interesarme por una humanidad tan ingrata e inicua; no hay salvación para los hombres: el vicio está muy arraigado en sus almas!

—¿Qué pasa, buen anciano? ¿No están contentos con la paz, la salud y la holgura?... No te desconsueles, que les concederé la nueva gracia que me pidas. Habla.

La vergüenza y sufrimiento del ermitaño crecieron.

—¡Oh, Señor!...

—Habla.

—Señor, los mortales de la tierra están desesperados con su felicidad y quieren que te dirija en su nombre esta plegaria: Señor, vuélvanos a nuestra primitiva condición de víctimas del mal y del dolor, porque ella es infinitamente preferible a esta bienaventuranza fácil, que extingue el deseo y que no es obra del esfuerzo.

—Tienen mucha razón los hombres —respondió Jesús. Esto era tan incomprensible para el ermitaño, que si lo hubiera escuchado de otros labios que no fueran los divinos, habría pensando que oía la más espantosa

herejía. No se atrevió a interrogar, pero en sus labios palpitaba la pregunta.

—¿Por qué? —prosiguió el Salvador, sonriéndose—, porque suprimiendo la enfermedad, la miseria y la lucha hemos creado, buen anciano, la inercia y el hastío; es decir, el mayor pecado y la mayor condenación.

Y nuevamente los tres suprimidos flagelos cayeron sobre la Tierra.

UNA HISTORIA VULGAR

Un joven médico francés me refirió una historia trágica de amor, que se quedó vivamente grabada en mi memoria y que hoy refiero casi en los mismos términos en que la escuché. Hela aquí:

Ernesto Rousselet era un muchacho que intimó conmigo en virtud de no sé qué misteriosas afinidades. Era lorenés y de una familia protestante. Fui el único amigo a quien amó y con quien tuvo verdadera intimidad. Era, sin embargo, de una educación, de un carácter y de un modo de pensar muy distintos a los míos; más aún, completamente opuestos. Ernesto era un puritano: por nada del mundo dejaba de ir los viernes a los oficios y los domingos a oír la lectura de la Biblia en una capilla luterana. A veces le acompañaba yo, y, a pesar de mi espíritu burlón, no podía menos de respetar la honradota fe de mi buen amigo. Ernesto era serio, incapaz de una deslealtad, y su alma noble de niño grande se transparentaba en todos sus actos y brillaba en la mirada de sus grandes ojos azules, en sus francos apretones de mano, y en la dulzura y firmeza de

su voz. Nada de esto quiere decir que Ernesto fuera bisoño y meticulado, ni que se asustara con las truhanadas propias de los mozos, ni que fuera un mal compañero de diversiones. Ciertamente es que a muchas asistía sólo por complacerme. Uno de los grandes placeres de Ernesto era hacer conmigo excursiones en bicicleta, de la que era rabioso aficionado.

Por más que me esforcé en convencer a Ernesto de que el hombre era ingénitamente perverso y de que la mujer, cuando no era mala por instinto, lo era por *dilettantismo*, no lo conseguí. El buen Ernesto no creía en el mal; decía que los hombres y las mujeres eran inmejorables, y que la maldad se revelaba en ellos como una forma pasajera, como una condición fugaz, como una crisis efímera, debida a una organización social deficiente; como una ráfaga que pasaba por el alma humana sin dejar huellas; la maldad era, según él, un *estado* anormal como la borrachera o la enfermedad.

Nada más curioso que las discusiones que teníamos, ya en mi cuarto, ya en el suyo; él, queriendo empapar mi alma en su condescendiente optimismo; yo, tratando de atraerle a mi humorismo, o mejor dicho, a mi pesimismo complaciente también. La conclusión era que nos convencíamos de la ineficacia de los esfuerzos de nuestra dialéctica, y que encima de nuestras divergencias brillaba más que nunca la luz pura de nuestra amistad.

Jamás se permitió Ernesto el lujo de tener una querida. Pensaba que ello era vincular demasiado a una mujer con nosotros por medio de lazos inicuos, y una vez dentro del laberinto impuro, ya no había más puerta de salida que la infamia del abandono. No se cansaba de censurarme que yo tuviera una amiga.

—Eres un loco —me decía—, en amar *así* con tanta prodigalidad. Llegarás a viejo con el alma brumosa y el cerebro y los nervios agotados; llegarás a viejo sin conocer amor puro, el verdadero amor con sus delectaciones espirituales, más duraderas, más hondas y más nobles que el amor epidérmico de que hablaba Chamfort. Conocer mucho a la mujer en ese aspecto es aprender a despreciarla.

—Conocer el alma de la mujer —le respondía yo— es despreciarla más aún. Pero ¿crees tú, Ernesto, que una amiga es sólo un animal de lujo, una muñeca con la que se simula el amor? He ahí tu error. Quizá lo que menos huella hace en un hombre, es lo que tú consideras como principal fin de este género de relaciones. El verdadero goce es el mero convencimiento de la posesión absoluta de una mujer; es saber que somos amados y deseados; es sentir, mientras estudiamos (Ernesto y yo éramos entonces estudiantes de medicina), el pasito menudo de una mujer joven y hermosa, que volteja en torno de nuestra mesa de trabajo; es la satis-

facción que sentiría un cazador de raza al dormir con las manos metidas dentro de las lanas de su perro; es un placer psíquico, aquel de sentir, en medio de una disertación sobre un cistosarcoma o una mielitis, que unos brazos sedosos enlazan nuestro cuello, y una boca, sabia en amor, nos besa en los labios; es reñir y hasta injuriar a una mujer o sufrir sus genialidades y sus nervios, y satisfacer sus caprichos y exigencias; y más que todo eso, es tener la conciencia de que todo ello lo soportamos porque nos da la gana, y en cualquier momento que se nos antoje podemos poner a esa mujer de patitas en la calle. Todo esto y mucho más es el goce que nos proporciona la querida, y que tú no conoces, Ernesto. Crees que esto es el amor incompleto y deformado, porque no tiene la inefable ternura, la fe, el respeto mutuo, el cariño espiritual... Convengo en algo de lo que me dices, por más que esos elementos inmateriales del amor a la *amada*, no sean completamente ajenos al amor por la *querida*. Pero a mi vez te pregunto yo: ¿ese cariño que tú preconizas es completo, careciendo de aquello que censuras? Indudablemente que no. Y entre dos amores incompletos, prefiero aquel en que lo que falta es el *ensueño* a aquel en que lo que falta es la *realidad*.

—Es que casándote después de haber amado con el corazón, obtienes el complemento perfecto, salvándote de las infamias de la inmoralidad y de los inconvenientes del vicio.

—Te agradezco, Ernesto, el buen deseo, pero pienso no seguirlo en mucho tiempo. Opto por mi sistema, que tiene los goces del amor y carece de los horrores de la vinculación legal.

A pesar de la intimidad que nos unía, jamás había querido Ernesto explayarse conmigo sobre sus relaciones con unas muchachas que vivían en la misma casa que él, en la calle Marbeuf. Probablemente temía que yo formulara algún juicio torcido o arriesgara alguna broma subida que le habría hecho sufrir. Una noche, un amigo le hizo al respecto no sé qué alusión, y Ernesto se ruborizó como una niña.

Estaba yo una tarde escribiendo a mi familia, mientras que mi arpista, una buena muchacha que me hacía compañía, ensayaba en la alcoba un trozo difícil de *Tristán e Isolda*, cuando entró Ernesto pálido y convulso. Me echó los brazos al cuello y se puso a llorar. Nunca he oído sollozos más angustiosos y que expresaran un dolor más agudo.

—¿Qué es eso, Ernesto, amigo mío?... ¿Qué tienes? ¿Cartas de Lorena?... ¿Alguna mala noticia sobre tus padres? —le pregunté consternado.

—No, no...

Hizo un poderoso esfuerzo para tranquilizarse y, cuando lo consiguió, me refirió en voz baja que a ratos se enronquecía, el motivo de su desesperación.

Hacía siete años que era amigo íntimo de dos muchachas llamadas Margot y Suzón Gerault, muchachas muy dignas que vivían con cierta comodidad, debido a una renta de 8.000 francos anuales que producía un inmueble rústico que tenía su padre. Éste era un buen señor que, desde que cegó, no quiso salir a la calle, y la vida sedentaria le había hecho engordar hasta la obesidad. Sus hijas le adoraban, y su esposa era una señora muy pequeñita y activa. Ernesto había ido a vivir al piso superior y todas las mañanas, al dirigirse al Liceo primero, y a la Facultad después, veía a las niñas alegres y cariñosas mirando al pobre enfermo. Al poco tiempo ya era amigo de la familia Gerault y pronto intimó. Posteriormente, iba Ernesto todas las noches a leerle el periódico al papá ciego. Cada vez quedaba Ernesto más hechizado de la sencillez de esa familia, de la sincera cordialidad con que le trataban y de la ingenuidad e inocencia de Margot y Suzón. Ernesto no tenía hermanos y se encontró con que París le ofrecía un hogar, donde halló afectos que no tuvo en su fría Lorena.

Margot y Suzón le consultaban todo; a veces salían con él a hacer compras, y algunos domingos iban con él y varias amigas a jugar el *cricket* a una pradera en Neuilly. Margot era seria; Suzón alegre y bulliciosa, una locuela, *un ángel lleno de diablura*. Margot era una rubia reflexiva de carácter enérgico; tenía unos ojos verdes, misteriosos, de mirada dura

que siempre parecían investigar la intención recóndita de cada frase escuchada.

Como Margot tenía un criterio frío y sereno, la consultaban sus padres para todo: era en realidad el ama de la casa. Suzón, no tan rubia, tenía dos años menos, y era alocada y precipitada en todo: tenía encantadoras vehemencias que le iluminaban la cara y le hacían brillar los ojos de cervatilla. A cada momento Suzón estaba haciendo jugarretas a Ernesto, y nada había más delicioso que sus carcajadas cristalinas.

Una noche, Ernesto se sintió enfermo; pero como estaba tan acostumbrado a ir al departamento de la familia Gerault a leer el periódico al anciano ciego, fue también esta vez. Estaba pálido y febril, pero procuraba ocultar su malestar. Margot le observaba atentamente y le dijo en voz baja a su hermana:

—Mira, Suzón, Ernesto está enfermo y, sin embargo, ha venido a leerle el periódico a papá...

Suzón se levantó, corrió donde estaba Ernesto, y dándole un sonoro beso en la frente le dijo con adorable vehemencia:

—¡Qué bueno eres, Ernesto!...

El pobre mozo desde este momento se sintió realmente enfermo, o, mejor dicho, comprendió que su dolencia física era insignificante al lado de la dolencia moral que desde hacía tiempo le aquejaba sin que él lo hubiera notado: el

amor; estaba enamorado, no de Margot, cuyo carácter tenía más afinidades con el suyo, sino de Suzón, la vivaracha y revoltosa. Aquello de la fraternidad que la unía con las hermanas Gerault, era una superchería que su pasión había inventado solapadamente para penetrar de un modo artero en su corazón, con el objeto de prevenir los reproches que le hubiera hecho su honradez. Sí, él amaba a Suzón, no como a hermana, sino como a amante, la adoraba como novia, la deseaba como mujer...

En los cinco días que duró su enfermedad, y en los que tuvo que guardar cama, la señora y las señoritas Gerault le cuidaron con cariño y asiduidad. Cuando se levantó, ya Suzón y él se habían confesado mutuamente su amor; él, con el respeto y tímida ternura de su alma honrada; ella, con la vehemencia de su carácter, con el fogoso apasionamiento con que lo hacía todo.

Suzón adoraba los niños; dos o tres chicuelos que vivían en uno de los pisos de la casa, la llevaban confites al regreso de la escuela, y Suzón les correspondía con sonoros besos en las mejillas, y llevándoles a su cuarto a jugar.

Suzón y Ernesto eran novios; se casarían cuando él se recibiera de médico. Por aquella época llegó a París una tía de Suzón que venía de una ciudad de Auvernia. Era una señora que hablaba un *patois* incomprensible. Se alojó en casa

de los Gerault con sus tres hijos: una niña de doce años, un mozalbete de quince y otro de trece. Estos huéspedes fueron una contrariedad para Ernesto, pues los tres muchachos no estaban sino adheridos a las faldas de su prima Suzón, cuyo carácter jovial y travieso les encantaba, y por tanto dejaban a los novios muy pocas ocasiones de hablar de su amor y de sus proyectos. Los tres muchachos eran algo perversos para su edad, pues, apenas veían que Suzón y Ernesto conversaban en voz baja, se hacían guiños maliciosos, por lo que éste les profesaba muy cordial antipatía.

Una noche, mientras Ernesto leía el periódico al ciego, oyó que las señoras y las niñas concertaban una visita al Louvre y al Luxemburgo; la provinciana quería conocer algunas de las maravillas de París para embobar allá, en su caserío de un rincón de Auvernia, al cura, al alcalde y al boticario. Ernesto oyó con gran gusto que su novia se quedaría con el ciego.

A las dos de la tarde del día siguiente bajó Ernesto para charlar un rato con Suzón. Ya habían salido la provinciana con la señora Gerault, Margot y la primita, y probablemente los dos muchachos. Ernesto entró a la sala: allí estaba el ciego dormitando en un diván. Ernesto no quiso despertarle y penetró en las habitaciones interiores. Llegó a la habitación de Suzón; supuso que ella estaría también recostada dormitando.

Pensó volver más tarde en consideración a su sueño; pero ¡bah!, Suzón preferiría conversar. Empujó la puerta y entró... ¡Ojalá se hubiera caído muerto en el umbral! Regresó, pasó nuevamente cerca del ciego que dormía, bajó las escaleras y salió a la calle como si nada hubiera pasado. Sentía, sin embargo, que algo le hervía sordamente dentro de su ser, sentía como si algo se le hubiera muerto y podrido en un segundo. ¡Oh, puerilidades de la imaginación que evoca asociaciones a veces ridículas hasta en las situaciones más amargas! Ernesto recordaba persistentemente una ocasión en la que fue al gabinete de un dentista para que le hicieran una pequeña operación en la mandíbula inferior, en donde se le había producido una exóstosis en la raíz de un diente. El cirujano le inyectó una buena dosis de cocaína que le anestesió completamente la región enferma. Ernesto sabía que el bisturí y la sierra le destrozaban los huesos y los músculos y, sin embargo, no sentía dolor alguno. Ese mismo fenómeno, pero en el orden moral, se realizaba en él. Sabía que todas sus ilusiones las había destrozado esa mujer, y no sentía el dolor. Y mientras Ernesto iba de la calle Marbeuf a mi casa, pensaba en banalidades, deteniéndose en las tiendas, observando a los ciclistas y atendiendo a los incidentes mil que se realizan en las calles, y que en otra ocasión le encontraban distraído. Al llegar a la puerta de mi casa, sintió como una bofetada

en medio del corazón, y su alma, en una espantosa reacción de dolor, se dio cuenta completa del cataclismo de su amor.

Después de haber sollozado un rato en mis brazos y de haberse repuesto, me contó lo que acabo de referir. Su rostro pálido y noble tenía la expresión de una infinita tristeza.

Durante tres días durmió Ernesto en mi casa, y obligué a mi arpista a que no viniera por algún tiempo. Ernesto tenía horror a su cuartito del tercer piso de la calle Marbeuf. Una noche me decía:

—¿Quién le leerá el periódico al pobre viejo?... Pero no, no quiero ir, porque siento que la amo y que la perdonaría a pesar de todo; bastaría que la viera para que este maldito amor me hiciera ver como cosa inocente la infamia que ha cometido. Me volvería sutil para perdonar. Ella me diría con ese aire de ingenua pasión: «Te amo, Ernesto, y lo que tanto te ha hecho sufrir fue una calumnia de tus sentidos». Y yo pensaría que realmente soy un calumniador. No, no quiero verla más.

¡Pobre Ernesto! No hay mayor infortunio que amar a una mujer a quien se desprecia. Una noche no fue a dormir a casa. Pensé que mi buen amigo había optado por creer que el alma de su novia continuaba inmaculada, a pesar de lo que había sucedido, y que al fin había regresado a leerle el periódico al ciego. —La cree un cisne, cuyas alas blancas y oleosas

ni se mojan ni se manchan en el fango. ¡Bah! ¡Debilidades humanas! Probablemente mañana escribiré a Ivette que ya puede regresar—. Mas no había sido así. Ernesto, antes que transigir con su amor, había optado por el medio más tonto, es cierto, pero el más sencillo y eficaz para extinguirlo: matarse. Se encerró una noche en una casa de huéspedes, tapó las rendijas de las puertas y ventanas, puso bastante carbón en la estufa e interrumpió el tiro de la chimenea. No le bastó eso, porque estaba resuelto a poner fin a su pasión y tomó una buena dosis de láudano y atropina; tampoco le satisfizo: quería morir del modo más dulce posible: colgó de la cabecera de la cama un embudo con algodones empapados en cloroformo; puso su aparato de modo que cada 15 ó 20 segundos cayera una gruesa gota en un lienzo que ató sobre sus narices; la absorción del líquido mortífero fue continua durante el sueño de Ernesto, ese sueño que era la primera página de la muerte... ¡Pobre Ernesto! ¡Qué uso tan triste hizo de la terapéutica estudiada en la facultad; qué aplicación tan extraña a la curación de las dolencias del alma! Su optimismo tan brutalmente herido, la honrada rectitud de su corazón, su idealismo sentimental le mataron más que la lujuria hipócrita de su novia. Le enterramos en Montparnasse.

Seis años más tarde, supe que Suzón se había casado con un oficial francés, que fue después a San Petersburgo

de agregado militar en la embajada. Un día que me engañó una mujer, se me agrió el espíritu y sin más razón que el deseo de vengarme en el sexo, escribí al esposo de Suzón una pequeña esquela en que decía lo siguiente:

«M. LOUIS HERBART

San Petersburgo

«Soy un antiguo conocido de usted y de su estimable esposa, y, en previsión de posibles desavenencias conyugales, me permito dedicarle un aforismo que, probablemente, no se le ocurrió a Claude Larcher al escribir su Fisiología del amor moderno. Helo aquí: “Los pilluelos son menos inofensivos de lo que parecen”. No consienta usted que madame Herbart acaricie más chicuelos que los propios. Madame Herbart sabe por qué doy a usted este consejo, que me lo inspiran los manes de mi infortunado amigo Ernesto Rousselet. Créame afectísimo servidor de usted y de su esposa».

Ignoro si Mr. Herbart habrá recibido mi esquela.

LOS OJOS DE LINA

El teniente Jym de la armada inglesa era nuestro amigo. Cuando entró en la Compañía Inglesa de Vapores le veíamos cada mes y pasábamos una o dos noches con él en alegre francachela. Jym había pasado gran parte de su juventud en Noruega, y era un insigne bebedor de whisky y de ajeno; bajo la acción de estos licores le daba por cantar con voz estentórea lindas baladas escandinavas, que después nos traducía. Una tarde fuimos a despedirnos de él a su camarote, pues al día siguiente zarpaba el vapor para San Francisco. Jym no podía cantar en su cama a voz en cuello, como tenía costumbre, por razones de disciplina naval, y resolvimos pasar la velada refiriéndonos historias y aventuras de nuestra vida, sazonando las relaciones con sendos sorbos de licor. Serían las dos de la mañana cuando terminamos los visitantes de Jym nuestras relaciones; sólo Jym faltaba y le exigimos que hiciera la suya. Jym se arrellanó en un sofá; puso en una mesita próxima una pequeña botella

de ajeno y un aparato para destilar agua; encendió un puro y comenzó a hablar del modo siguiente:

No voy a referiros una balada ni una leyenda del Norte, como en otras ocasiones; hoy se trata de una historia verídica, de un episodio de mi vida de novio. Ya sabéis que, hasta hace dos años, he vivido en Noruega; por mi madre soy noruego, pero mi padre me hizo súbdito inglés. En Noruega me casé. Mi esposa se llama Axelina o Lina, como yo la llamo, y cuando tengáis la ventolera de dar un paseo por Cristianía, id a mi casa, que mi esposa os hará con mucho gusto los honores.

Empezaré por deciros que Lina tenía los ojos más extrañamente endiablados del mundo. Ella tenía diez y seis años y yo estaba loco de amor por ella, pero profesaba a sus ojos el odio más rabioso que puede haber en corazón de hombre. Cuando Lina fijaba sus ojos en los míos me desesperaba, me sentía inquieto y con los nervios crispados; me parecía que alguien me vaciaba una caja de alfileres en el cerebro y que se esparcían a lo largo de mi espina dorsal; un frío doloroso galopaba por mis arterias, y la epidermis se me erizaba, como sucede a la generalidad de las personas al salir de un baño helado, y a muchas al tocar una fruta peluda, o

al ver el filo de una navaja, o al rozar con las uñas el terciopelo, o al escuchar el frufrú de la seda o al mirar una gran profundidad. Esa misma sensación experimentaba al mirar los ojos de Lina. He consultado a varios médicos de mi confianza sobre este fenómeno y ninguno me ha dado la explicación; se limitaban a sonreír y a decirme que no me preocupara del asunto, que yo era un histérico, y no sé qué otras majaderías. Y lo peor es que yo adoraba a Lina con exasperación, con locura, a pesar del efecto desastroso que me hacían sus ojos. Y no se limitaban estos efectos a la tensión álgida de mi sistema nervioso; había algo más maravilloso aún, y es que cuando Lina tenía alguna preocupación o pasaba por ciertos estados psíquicos y fisiológicos, veía yo pasar por sus pupilas, al mirarme, en la forma vaga de pequeñas sombras fugitivas coronadas por puntitos de luz, las ideas; sí, señores, las ideas. Esas entidades inmateriales e invisibles que tenemos todos o casi todos, pues hay muchos que no tienen ideas en la cabeza, pasaban por las pupilas de Lina con formas inexpresables. He dicho sombras porque es la palabra que más se acerca. Salían por detrás de la esclerótica, cruzaban la pupila y al llegar a la retina destellaban, y entonces sentía yo que en el fondo de mi cerebro res-

pondía una dolorosa vibración de las células, surgiendo a su vez una idea dentro de mí.

Se me ocurría comparar los ojos de Lina al cristal de la claraboya de mi camarote, por el que veía pasar, al anochecer, a los peces azorados con la luz de mi lámpara, chocando sus estrafalarias cabezas contra el macizo cristal, que, por su espesor y convexidad, hacía borrosas y deformes sus siluetas. Cada vez que veía esa parranda de ideas en los ojos de Lina, me decía yo: —¡Vaya! ¡Ya están pasando los peces!—. Sólo que éstos atravesaban de un modo misterioso la pupila de mi amada y formaban su madriguera en las cavernas oscuras de mi encéfalo.

Pero ¡bah!, soy un desordenado. Os hablo del fenómeno sin haberos descrito los ojos y las bellezas de mi Lina. Lina es morena y pálida: sus cabellos undosos se rizaban en la nuca con tan adorable encanto, que jamás belleza de mujer alguna me sedujo tanto como el dorso del cuello de Lina, al sumergirse en la sedosa negrura de sus cabellos. Los labios de Lina, casi siempre entrea-biertos, por cierta tirantez infantil del labio superior, eran tan rojos que parecían acostumbrados a comer fresas, a beber sangre o a depositar la de los intensos rubores; probablemente esto último, pues cuando las

mejillas de Lina se encendían, palidecían aquéllos. Bajo esos labios había unos dientes diminutos tan blancos, que iluminaban la faz de Lina, cuando un rayo de luz jugaba sobre ellos. Era para mí una delicia ver a Lina morder cerezas; de buena gana me hubiera dejado morder por esa deliciosa boquita, a no ser por esos ojos endemoniados que habitaban más arriba. ¡Esos ojos! Lina, repito, es morena, de cabellos, cejas y pestañas negras. Si la hubierais visto dormida alguna vez, yo os hubiera preguntado: —¿De qué color creéis que tiene Lina los ojos?—. A buen seguro que, guiados por el color de su cabellera, de sus cejas y pestañas me habríais respondido: —negros—. ¡Qué chasco! Pues, no, señor; los ojos de Lina tenían color, es claro, pero ni todos los oculistas del mundo, ni todos los pintores habrían acertado a determinarlo ni a reproducirlo. Los ojos de Lina eran de un corte perfecto, rasgados y grandes; debajo de ellos una línea azulada formaba la ojera y parecía como la tenue sombra de sus largas pestañas. Hasta aquí, como veis, nada hay de raro; éstos eran los ojos de Lina cerrados o entornados; pero una vez abiertos y lucientes las pupilas, allí de mis angustias. Nadie me quitará de la cabeza que, Mefistófeles tenía su gabinete de trabajo detrás de esas pupilas. Eran

ellas de un color que fluctuaba entre todos los de la gama, y sus más complicadas combinaciones. A veces me parecían dos grandes esmeraldas, alumbradas por detrás por luminosos carbunclos. Las fulguraciones verdosas y rojizas que despedían se irisaban poco a poco y pasaban por mil cambiantes, como las burbujas de jabón, luego venía un color indefinible, pero uniforme, a cubrirlos todos, y en medio palpitaba un puntito de luz, de lo más mortificante por los tonos felinos y diabólicos que tomaba. Los hervores de la sangre de Lina, sus tensiones nerviosas, sus irritaciones, sus placeres, los alambicamientos y juegos de su espíritu, se denunciaban por el color que adquiría ese punto de luz misteriosa. Con la continuidad de tratar a Lina llegué a traducir algo los brillos múltiples de sus ojos. Sus sentimentalismos de muchacha romántica eran verdes, sus alegrías, violadas, sus celos amarillos, y rojos sus ardores de mujer apasionada. El efecto de estos ojos en mí era desastroso. Tenían sobre mí un imperio horrible, y en verdad yo sentía mi dignidad de varón humillada con esa especie de esclavitud misteriosa, ejercida sobre mi alma por esos ojos que odiaba como a personas. En vano era que tratara de resistir; los ojos de Lina me subyugaban, y sentía que me arrancaban el alma para

triturarla y carbonizarla entre dos chispazos de esas miradas de Luzbel. Por último, con el alma ardiente de amor y de ira, tenía yo que bajar la mirada, porque sentía que mi mecanismo nervioso llegaba a torsiones desgarradoras, y que mi cerebro saltaba dentro de mi cabeza, como un abejorro encerrado dentro de un horno. Lina no se daba cuenta del efecto desastroso que me hacían sus ojos. Todo Cristianía se los elogiaba por hermosos y a nadie causaban la impresión terrible que a mí: sólo yo estaba constituido para ser la víctima de ellos. Yo tenía reacciones de orgullo; a veces pensaba que Lina abusaba del poder que tenía sobre mí, y que se complacía en humillarme; entonces mi dignidad de varón se sublevaba vengativa reclamando imaginarios fueros, y a mi vez me entretenía en tiranizar a mi novia, exigiéndola sacrificios y mortificándola hasta hacerla llorar. En el fondo había una intención que yo trataba de realizar disimuladamente; sí, en esa valiente sublevación contra la tiranía de esas pupilas estaba embozada mi cobardía: haciendo llorar a Lina la hacía cerrar los ojos, y cerrados los ojos me sentía libre de mi cadena. Pero la pobrecilla ignoraba el arma terrible que tenía contra mí; sencilla y candorosa, la buena muchacha tenía un corazón de oro y me adoraba y me obedecía.

Lo más curioso es que yo, que odiaba sus hermosos ojos, era por ellos que la quería. Aun cuando siempre salía vencido, volvía siempre a luchar contra esas terribles pupilas, con la esperanza de vencer. ¡Cuántas veces las rojas fulguraciones del amor me hicieron el efecto de cien cañonazos disparados contra mis nervios! Por amor propio no quise revelar a Lina mi esclavitud.

Nuestros amores debían tener una solución como la tienen todos: o me casaba con Lina o rompía con ella. Esto último era imposible, luego tenía que casarme con Lina. Lo que me aterraba, de la vida de casado, era la perduración de esos ojos que tenían que alumbrar terriblemente mi vejez. Cuando se acercaba la época en que debía pedir la mano de Lina a su padre, un rico armador, la obsesión de los ojos de ella me era insoportable. De noche los veía fulgurar como ascuas en la oscuridad de mi alcoba; veía al techo y allí estaban terribles y porfiados; miraba a la pared y estaban incrustados allí; cerraba los ojos y los veía adheridos sobre mis párpados con una tenacidad luminosa tal, que su fulgor iluminaba el tejido de arterías y venillas de la membrana. Al fin, rendido, dormía, y las miradas de Lina llenaban mi sueño de redes que se apretaban y me estrangulaban el alma. ¿Qué hacer? Formé mil

planes; pero no sé si por orgullo, amor, o por una noción del deber muy grabada en mi espíritu, jamás pensé en renunciar a Lina.

El día en que la pedí, Lina estuvo contentísima. ¡Oh, cómo brillaban sus ojos y qué endiabladamente! La estreché en mis brazos delirante de amor, y al besar sus labios sangrientos y tibios tuve que cerrar los ojos casi desvanecido.

—¡Cierra los ojos, Lina mía, te lo ruego!

Lina, sorprendida, los abrió más, y al verme pálido y descompuesto me preguntó asustada, cogiéndome las manos:

—¿Qué tienes, Jym?... Habla. ¡Dios Santo!... ¿Estás enfermo? Habla.

—No... perdóname; nada tengo, nada... —le respondí sin mirarla.

—Mientes, algo te pasa...

—Fue un vahído, Lina... Ya pasará...

—¿Y por qué querías que cerrara los ojos? No quieres que te mire, bien mío.

No respondí y la miré medroso. ¡Oh!, allí estaban esos ojos terribles, con todos sus insoportables chisporroteos de sorpresa, de amor y de inquietud. Lina, al notar mi turbado silencio, se alarmó más. Se arrodilló sobre

mis rodillas, cogió mi cabeza entre sus manos y me dijo con violencia:

—No, Jym, tú me engañas, algo extraño pasa en ti desde hace algún tiempo: tú has hecho algo malo, pues sólo los que tienen un peso en la conciencia no se atreven a mirar de frente. Yo te conoceré en los ojos, mírame, mírame. Cerré los ojos y la besé en la frente.

—No me beses, mírame, mírame.

—¡Oh, por Dios, Lina, déjame!..

—¿Y por qué no me miras? —insistió casi llorando.

Yo sentía honda pena de mortificarla y a la vez mucha vergüenza de confesarle mi necedad:

—No te miro, porque tus ojos me asesinan; porque les tengo un miedo cerval, que no me explico, ni puedo reprimir.

Callé, pues, y me fui a mi casa, después que Lina dejó la habitación llorando.

Al día siguiente, cuando volví a verla, me hicieron pasar a su alcoba: Lina había amanecido enferma con angina. Mi novia estaba en cama y la habitación casi a oscuras. ¡Cuánto me alegré de esto último! Me senté junto al lecho, le hablé apasionadamente de mis proyectos para el futuro. En la noche había pensado que lo mejor para que fuéramos felices era confesar mis ridículos sufrimientos.

Quizá podríamos ponernos de acuerdo... Usando anteojos negros... quizá. Después que le referí mis dolores, Lina se quedó un momento en silencio.

—¡Bah, que tontería! —fue todo lo que contestó.

Durante veinte días no salió Lina de la cama y había orden del médico de que no me dejaran entrar. El día en que Lina se levantó me mandó llamar. Faltaban pocos días para nuestra boda, y ya había recibido infinidad de regalos de sus amigos y parientes. Me llamó Lina para mostrarme el vestido de azahares, que le habían traído durante su enfermedad, así como los obsequios. La habitación estaba envuelta en una oscura penumbra en la que apenas podía yo ver a Lina; se sentó en un sofá de espaldas a la entornada ventana, y comenzó a mostrarme brazaletes, sortijas, collares, vestidos, una paloma de alabastro, dijes, zarcillos y no sé cuánta preciosidad. Allí estaba el regalo de su padre, el viejo armador: consistía en un pequeño yate de paseo, es decir, no estaba el yate, sino el documento de propiedad; mis regalos también estaban y también el que Lina me hacía, consistente en una cajita de cristal de roca, forrada con terciopelo rojo. Lina me alcanzaba sonriente los regalos y yo, con galantería de enamorado, le besaba la mano. Por fin, trémula, me alcanzó la cajita.

—Mírala a la luz —me dijo—, son piedras preciosas, cuyo brillo conviene apreciar debidamente.

Y tiró de una hoja de la ventana. Abrí la caja y se me erizaron los cabellos de espanto; debí ponerme monstruosamente pálido. Levanté la cabeza horrorizado y vi a Lina que me miraba fijamente con unos ojos negros, vidriosos e inmóviles. Una sonrisa, entre amorosa e irónica, plegaba los labios de mi novia, hechos con zumos de fresas silvestres. Salté desesperado y cogí violentamente a Lina de la mano.

—¿Qué has hecho, desdichada?

—¡Es mi regalo de boda! —respondió tranquilamente. Lina estaba ciega. Como huéspedes azorados estaban en las cuencas unos ojos de cristal, y los suyos, los de mi Lina, esos ojos extraños que me habían mortificado tanto, me miraban amenazadores y burlones desde el fondo de la caja roja, con la misma mirada endiablada de siempre...

* * *

Cuando terminó Jym, quedamos todos en silencio, profundamente emocionados. En verdad que la historia era terrible. Jym tomó un vaso de ajeno y se lo bebió de un

trago. Luego nos miró con aire melancólico. Mis amigos miraban, pensativos, el uno la claraboya del camarote y el otro la lámpara que se bamboleaba a los balances del buque. De pronto, Jym soltó una carcajada burlona, que cayó como un enorme cascabel en medio de nuestras meditaciones.

—¡Hombres de Dios! ¿Creéis que haya mujer alguna capaz del sacrificio que os he referido? Si los ojos de una mujer os hacen daño, ¿sabéis cómo lo remediará ella? Pues arrancándoos los vuestros para que no veáis los suyos. No; amigos míos, os he referido una historia inverosímil cuyo autor tengo el honor de presentaros.

Y nos mostró, levantando en alto su botellita de ajenjo, que parecía una solución concentrada de esmeraldas.

CUENTO DE MARIONETTES

I

Momo, Arlequín y Pulcinella, grandes chambelanes de S.M. Pierrot IV, hacían inauditos esfuerzos para distraer la inmensa e inexplicable tristeza del rey.

—¿Qué tiene su majestad? —era la pregunta que, llenos de estupor, se hacían unos a otros los cortesanos. Fue en vano que las sotas de oros, de copas, de espadas y de bastos, ministros del rey, intentaran mil diversiones para disipar su misteriosa congoja: el gorro de Pierrot ya no se agitaba alegremente haciendo sonar los cascabeles de oro. Ni Colombina cuando saltaba en su jaca blanca, a través del aro de papel, lograba conmover la apatía del pobre monarca.

—No hay duda de que el rey está enamorado... ¿pero de quién? —se preguntaban los palaciegos.

Pierrot subía todas las noches a la terraza y pasaba allí largas horas contemplando el cielo y sumido en incomprensi-

ble éxtasis. Pasada la medianoche iba a su alcoba a acostarse; en el vestíbulo encontraba a Colombina, quien le aguardaba con la esperanza de que Pierrot la arrojara el pañuelo al pasar. El rey parecía ignorar hasta el uso de esta prenda, y cruzaba ante la hermosa con la mayor indiferencia. Toda la noche se la pasaba Colombina llorando como una loca, y al día siguiente formaba un escándalo en palacio, azotaba a sus perros sabios, abofeteaba los pajes, consultaba la buenaventura los gitanos, hablaba de incendiar el palacio y comerse una caja de cerillas, se desmayaba cada cinco minutos, y concluía por encerrarse en sus habitaciones, en donde se emborrachaba con champaña y *kirschenwasser*.

Corrían mil conjeturas en palacio respecto a la persona que tan profundamente había impresionado al rey. Unos aseguraban que Pierrot había perdido su ecuanimidad desde que miss Fuller, la Serpentina, se había ido a Cracovia; para otros no cabía duda de que el rey estaba enamorado de Sara Bernhardt, a la que había visto hacer la *Cleopatra*; no faltaba quien jurase por Melecarte y los Siete Cabires, que la mortal afortunada era Ivette Guilbert, la deliciosa y picaresca *chanteuse*, que había sido el encanto de la ciudad en el pasado invierno; por último, había individuo, para quien era cosa tan digna de fe como el credo, que quien había turbado la paz del corazón de Pierrot era nada menos que la princesa

de Caramán Chimay. Lo cierto es que todas estas conjeturas tenían visos de probabilidad y nada más; que las rabetas de Colombina eran más frecuentes, y que el rey estaba cada día más mustio y entristecido.

II

Y nunca se hubiera sabido en la corte quién era la persona cuyos encantos tenían a Pierrot con el seso sorbido, si él mismo no se lo hubiese dicho a maese Triboulet, su camarero y secretario de asuntos reservados.

—¡Ay, mi buen Triboulet! —dijo el rey bizcando los ojos y entornándolos para ver mejor, pues era extremadamente miope—. ¡Ay, ay, ay!

Triboulet, que en ese momento le ponía las calzas a la real persona, alzó la cabeza alarmado:

—¿Qué tiene vuestra majestad? ¿Algún dolor?...

—Sí, Triboulet, un dolor.

—Avisaré al maese Althotas...

—No, Triboulet; mi dolor no se cura ni se alivia con tisanas.

—¡Ah, ya! —dijo el camarero guiñando un ojo—, vuestra majestad sufre del corazón... dolor de amores.

El rey no contestó: se limitó a dar un profundo suspiro.

—¿Y quién es esa persona que hace sufrir a vuestra majestad? ¡Por Hércules, que debía considerarse muy honrada de que vuestra majestad se haya dignado en bajar a ella sus ojos!...

—¡Ay, Triboulet! Es persona muy alta...

Triboulet se puso a pensar en las princesas y reinas de Europa, Asia, África y Oceanía.

—¿Será acaso la princesa de Asturias? —preguntó.

—¡Oh, no!

—¿La reina de Tahití, Pomaré IV?

—¡Bah!

—¿La emperatriz de la China?

—¡Más alta, Triboulet, más alta!

—¿La zarina?

—Más...

—¿La reina de Inglaterra?

—¡Más arriba, hombre!

—¿Más arriba? La hija del Fjord de Islandia.

—Pues sube más.

—¿Más arriba aún? ¿Será la reina de los esquimales?

—Más, más.

—¡Caracoles! Más altas están las nubes.

—Cien ducados de multa por la interjección... Más arriba, Triboulet.

—¡Diablo! ¿Estará vuestra majestad enamorado de la luna?

—¡Doscientos!... Exactamente, mi buen amigo.

—¡Hum!

Y Triboulet se rascó la nariz, tomó un polvo de rapé con el asentimiento del rey, estornudó, se volvió a rascar la nariz, tomó otro polvo, volvió a estornudar y se preparaba a volver a rascarse y así sucesivamente, hasta que se realizara aquello del jinete en un caballo macilento, del libro de las siete cabezas, de que nos habla San Juan en el Apocalipsis; pero Pierrot no tuvo paciencia para esperar el Juicio Final.

—¡Eh! ¿Y qué te parece?

—Nada...

—¿Cómo nada?

—Es decir... casi nada.

—¿Cómo, es decir casi nada?

—Pues, vamos... que me parece vuestra majestad un solemne majadero.

—Mira, en cuanto acabe de vestirme te haré ahorcar, por bellaco; pero antes, explícate.

—¿No reflexiona vuestra majestad que ese amor es un imposible? Primero saldrá pelo a las ranas que ver satisfechas sus amorosas ansias.

—¡Ay, Triboulet!, pues no me queda más recurso que dejarme morir de pena, si no consigo poseer a mi dulce y desdeñosa tirana —murmuró Pierrot con tono lacrimoso.

Hubo un rato de silencio, interrumpido por los suspiros del rey. Por fin, Pierrot despidió al secretario, diciéndole:

—Te prohíbo severamente que refieras a nadie mis cuitas amorosas.

Naturalmente, diez minutos después, gracias a la reserva del confidente de asuntos reservados, todo el mundo sabía en palacio que Pierrot estaba enamorado de la pálida e inaccesible Selene.

III

La corte de su majestad Pierrot IV estaba consternada: el rey había resuelto dejarse morir al no se encontraba medio de traerle a la dama de sus cavilaciones y ensueños. Y todos los palaciegos se imaginaban que el rostro de Selene sería maravillosamente hermoso, puesto que había cautivado tan hondamente el corazón del rey. Colombina se puso furiosa al saber quién era su rival, y se pasaba largas horas de la noche escupiéndole al cielo, diciendo desvergüenzas a la luna y disparando los corchos de sendas botellas de «Veuve Clicquot». Intertanto, Pierrot en la terraza se deshacía de amor entrega-

do a su apasionada contemplación. Y cada día que pasaba se desmejoraba y empalidecía más.

Pero una tarde, el duque de Egipto, viejo gitano, marrullero y truhán, que en las ferias tragaba algodones encendidos y se metía en el gaznate luengas espadas de resorte, con gran estupefacción de los bobos; que recorría los campos vendiendo a los labriegos pomada de oso blanco y filtros de amor, el duque de Egipto, repito, pidió una conferencia a Colombina, la cual accedió y quedó contentísima, pues el gitano la había ofrecido, a cambio de veinte libras tornesas y el monopolio de la venta de raíz de mandrágora, curar radicalmente al rey de su extravagante amor.

IV

El duque de Egipto subió una noche a la terraza del palacio; encontró al rey sumido en su acostumbrado éxtasis. Se acercó, sin que Pierrot notara la presencia, y le tocó en el hombro. Pierrot se volvió penosamente.

—Duque, has entrado sin mi permiso. Mañana haré que te azoten en el vientre con colas de cerdos y que en seguida te metan dentro de un saco con siete gatos sarnosos.

—Señor, he venido a poner fin a vuestras cuitas amorosas y, sin embargo, vuestra majestad me recibe de un modo poco amable.

—¿Qué es lo que has dicho, duque?... Me enajenas de gozo... ¡Oh!, con que al fin voy a tener la ventura de... Mira, duque, te perdono y te haré chambelán y ministro, y príncipe heredero, si quieres... todo por tener cerca a mi pálida y desdeñosa adorada. Me vuelves la vida. Te advierto que si mientes, mi furor no tendrá límites y te haré descuartizar por cuarenta onagros salvajes. ¡Habla, por Júpiter, habla!

—Estáis enamorado, señor, de la pálida Selene; pues bien, yo puedo ponérsela al alcance de las manos sumisa y obediente.

—¿Cuándo, duque, cuándo?

—Ahora mismo.

—Tienes ciento diez y nueve segundos de plazo para realizar mi felicidad, so pena de que te desnude con el as de bastos.

Y Pierrot alzó amenazador el as que le servía de cetro. Al mismo tiempo el duque de Egipto sacó de debajo de su capa andrajosa un canuto de cobre como de un metro de longitud que podía alargarse hasta el doble. Acomodó su aparato sobre la balaustrada de la terraza, lo orientó y luego llamó al rey, que le miraba hacer boquiabierto y alelado.

—Mirad, señor.

Pierrot, dando traspiés y tembloroso por la emoción, se acercó, y miró y dio un grito, poniéndose espantosamente

pálido, tambaleándose como si hubiera sentido dentro de sí la muerte súbita de algo. Dos o tres veces se separó del tubo para ver a la luna a la simple vista. A poco volvióronle los colores al rostro y reapareció en él la expresión truhanesca y alegre, que hacía tiempo había desaparecido. Por fin, estalló el rey en una carcajada burlona e inextinguible que resonó por todos los ámbitos de palacio. ¿Qué había sucedido? Sencillamente, que allí donde él había visto, a causa de su miopía, un rostro pálido de virgen, divinamente bella, veía ahora una cara chata, una cara de vieja, una cara ridícula y abominable, llena de protuberancias y verrugones. Estaba deshecha la ilusión. Al ruido acudieron los ministros, los chambelanes y los cortesanos, y unos tras otros fueron mirando por el ocular del antejo, y todos se separaban desternillándose de risa, señalando burlo-namente con una mano la ancha faz de Selene, mientras con la otra se apretaban el vientre en las sacudidas nerviosas de una risa incontenible. Colombina, que también había acudido, estaba lindísima con su vestido rojo y negro de *ecuyère* y su rubia cabellera, que se escapaba bajo el tricornio de *incroyable*. Cuando Pierrot se retiró a su alcoba encontró en el vestíbulo a Colombina, la cual tenía expresión tan picaresca y adorable, que no tuvo más remedio que arrojarla el pañuelo.

A pesar de que su majestad Pierrot IV debía al duque de Egipto su curación y la tranquilidad del Estado, le tomó tal

ojeriza que, en una ocasión, por una falta leve, cual era la de comer huevos sin sal, cosa prohibida por las leyes del Reino, le desterró por vida lejos, muy lejos, creo que a las Molucas o a las islas Marquesas. ¡Misterios del corazón!

Pierrot y Colombina son actualmente muy felices. En las noches de luna suben a la terraza y, entre carcajadas y besos, le disparan a la pálida Selene una serie de arcabuzazos con las botellas de «Veuve Cliquot», que se beben hasta emborracharse. Triboulet afirma que varias veces, al llevar cargado al rey a su lecho, en completo estado de embriaguez, ha observado que los ojos del rey estaban llenos de lágrimas. Pierrot no ha querido más anteojos.

ENVÍO

Quería usted que yo escribiera un cuento con *moraleja*, pues opina usted que la mayoría de lo que he escrito carecen de ella o tienen lo que usted, con mucho *esprit*, llama *inmoralaja*. Creo haberla complacido con el cuento de marionetes que acaba de leer. La moraleja es fácil de desentrañar: en amor no debe llegarse a la posesión, a la apreciación exacta del objeto amado. Poseer o conocer es matar la ilusión; es odiar, es encontrar ridículo el objeto amado, es hacerle perder todo el prestigio y encanto que tenía para nuestra

imaginación. Una insigne amadora, Liane de Pougy, termina un libro delicioso con esta frase: *Rien ici bas ne vaut qu'un baiser*. En amor no debe pasarse del beso, so pena de que nuestra alma se ponga a mirar por el antejo del duque de Egipto. Y ¡adiós la ilusión! —¡Pero el amor así es una horchata idealista!— pensará usted sin decirlo, como lo pienso yo y lo digo, como lo piensan todos los que son jóvenes de cuerpo y alma y ven en el matrimonio, o en lo que lo valga, la coronación razonable del amor. —¡Es cierto!— la respondo desconcertado, y confieso a usted con toda ingenuidad que la moraleja idealista de mi cuento... no resulta. ¿Sabe usted por qué, amiga mía? Porque la vida y, por consiguiente, el amor no tienen moraleja.

EL QUINTO EVANGELIO

À D. Juan Valera

Era de noche. Jesús, enclavado en el madero, no había muerto aún; de rato en rato los músculos de sus piernas se retorcían con los calambres de un dolor intenso, y su hermoso rostro, hermoso aun en las convulsiones de su prolongada agonía, hacía una mueca de agudo sufrimiento... ¿Por qué su Padre no le enviaba, como un consuelo, la caricia paralizadora de la muerte?... Le parecía que el horizonte iluminado por rojiza luz se dilataba inmensamente. Poco a poco fue saliendo la luna e iluminó con sarcástica magnificencia sus carnes enflaquecidas, las oquedades espasmódicas que se formaban en su vientre y en sus flancos, sus llagas y sus heridas, su rostro desencajado y angustioso...

—Padre mío, ¿por qué me has abandonado? ¿Por qué esta burla cruel de la Naturaleza?

Los otros dos crucificados habían muerto hacía ya tiempo, y estaban rígidos y helados, expresando en sus rostros

la última sensación de la vida; el uno tenía congelada en los labios una mueca horrorosa de maldición; el otro una sonrisa de esperanza. ¿Por qué habían muerto ellos, y él, el Hijo de Dios, no? ¿Se le reservaba una nueva expiación? ¿Quedaba aún un resto de amargura en el cáliz del sacrificio?...

En aquel momento oyó Jesús una carcajada espantosa que venía de detrás del madero. ¡Oh! Esa risa, que parecía el aullido de una hiena hambrienta, la había él oído durante cuarenta noches en el desierto. Ya sabía quién era el que se burlaba de su dolorosa agonía: Satán, Satán que infructuosamente le había tentado durante cuarenta días, estaba allí a sus espaldas, encaramado a la cruz; sentía que su aliento corrosivo le quemaba el hombro martirizando las desolladuras con la acción dolorosa de un ácido. Oyó su voz burlona que le decía al oído:

—¡Pobre visionario! Has sacrificado tu vida a la realización de un ideal estúpido e irrealizable. ¡Salvar a la Humanidad! ¿Cómo has podido creer, infeliz joven, que la arrancarías de mis garras, si desde que surgió el primer hombre, la Humanidad está muy a gusto entre ellas? Sabe, ¡oh, desventurado mártir!, que yo soy la Carne, que yo soy el Deseo, que yo soy la Ciencia, que yo soy la Pasión, que yo soy la Curiosidad, que yo soy todas las energías y estímulo de la naturaleza viva, que yo soy todo lo que invita al hombre a vivir... ¡Loco empeño

y necia vanidad es el querer aniquilar en el futuro lo que yo sabiamente he labrado en un pasado eterno!...

La lengua de Jesús estaba ya paralizándose, y el frío de la muerte le invadía como una marea... Hizo un poderoso esfuerzo para hablar:

—El que oyere mis palabras y creyere en el que me envió, tendrá vida eterna y no vendrá a juicio y pasará de muerte a vida.

—Sí, pasará a la vida estéril y fría de la Nada... La vida es hermosa, y tu doctrina es de muerte, Nazareno. Tu recuerdo perdurará entre los hombres; los hombres te adorarán y ensalzarán tu doctrina; pero tú habrás muerto, y yo, que siempre vivo, que soy la Vida misma, malograré tu divina urdimbre deslizándose en ella astutamente uno solo de mis cabellos... ¡Oh, maestro!, no es eso lo que tú querías, por cierto; tú querías salvar a la Humanidad y no la salvarás; porque la salvación que tú ofreces es la muerte y la Humanidad quiere vivir, y la vida es mi aliento. La vida es hermosa, iluso profeta... ¿Quieres vivir para velar tú mismo por la integridad y pureza de tu Buena Nueva? Yo te daré la vida con todas sus glorias, venturas y placeres: yo te la daré de mis manos...

El pecho de Jesús se convulsionaba en los últimos estertores de la agonía, sus párpados se cerraban como si los pecados de todos los hombres gravitaran sobre ellos con el

peso de gigantescos bloques de piedra; quiso responder con una enérgica negativa, no pudo; su garganta se había helado.

—Todo ha concluido —murmuró Satán con rabia sorda—. ¡Ah, no! Aún tienes un segundo de vida para que contemples tu obra a través de los siglos. Mira, Nazareno, mira...

En el espasmo supremo del último instante, Jesús abrió desmesuradamente los ojos y vio, y vio a ambos lados de su cabeza los brazos extendidos de Satán evocando sobre el cielo gris una visión desconsoladora. Vio en el cielo, hacia el Oriente, su propia persona orando en el huerto de Gethsemaní; copioso sudor bañaba su rostro y su cuerpo; de pronto, una aparición súbita y luminosa le llenó de congoja y de placer, un ángel enviado por su Padre le ofreció un cáliz de oro lleno de acíbar hasta los bordes: «¡Padre Mío, lo beberé hasta las heces!», y lo bebió, sellando así el compromiso de redimir a la Humanidad. Y la viva luz que despedía el enviado de su Padre le arrancaba del cuerpo una sombra inmensa, una larga y oscura cauda que llegaba hasta el cielo de Occidente, a través de muchos siglos, de muchas razas, de muchas ciudades. Y lo primero que aparecía bajo esa enorme sombra que cubría el tiempo y el espacio, fue la cumbre de un monte en donde él, Jesús, moría crucificado entre dos ladrones. Y seguían después infinidad de perfidias, de luchas, de cismas, persecuciones y controversias entre

los que creían entender su hermosa doctrina y los que no la entendían. Y vio transportarse a Roma, la Eterna Ciudad, el núcleo de los adeptos a la Buena Nueva. Y vio un larga serie de ciudades irredentas, la que, a pesar de que ostentaban elevadas al cielo las agujas de mil catedrales, eran hervidero de los vicios más infames y de las pasiones más bajas. Y en todas partes veía pulular, no ya como símbolos, sino como seres reales, reproducidos hasta el infinito, pero con rostros distintos, a esas dos mujeres de Ezequiel: Oolla y Oolliba. Las veía en los conventos, en las cortes, en las calles, en los templos. Y todas llevaban al cuello collares, cintas o hilos que sostenían una cruz. Y vio abadías que parecían colonias de Gomorra, y vio fiestas religiosas que parecían saturnales. Y guerras, matanzas y asesinatos que se hacían en su nombre, en nombre de la paz, del amor al prójimo, de la piedad, de esa piedad infinita que le llevó al sacrificio. Y así como sus compatriotas se burlaban de él, cuando Anán le condenó a ser azotado y cuando el Procónsul le envió a la muerte, así también las nuevas ciudades se burlaban de su doctrina, sólo que lo hacían en unos idiomas extraños, en los que las palabras tenían cuerpo de plegaria y alma de ironía. En los confines últimos del horizonte vio levantarse una ciudad llena de cúpulas, de chimeneas fumantes, de alambres, de torres altas, como la de Babel, y de construcciones extrañas: esa

ciudad era Lutecia; de allí salía un murmullo de hervidero. Un sumo sacerdote, que era el mismo Satán disfrazado, subió a una torre cristiana y dirigiéndose a él dijo: «Nazareno, has sido un sublime visionario, creíste redimirnos y no nos has redimido. S.M. el Pecado reina hoy tan omnipotente como antes y más que antes. El pecado original, de cuya mancha quisiste lavarnos, es nuestro más deleitoso y adorado pecado. Ya no eres sino un nombre convencional, Nazareno...» Y un inmenso rumor de risas de placer y de locura extinguió la voz del orador. Más allá había otra ciudad: Londres; un sacerdote semejante al anterior repitió las mismas palabras; y la Ciudad Eterna, Berlín, San Petersburgo, Madrid, Washington y mil ciudades más le repitieron lo mismo en mil lenguas distintas. De pronto, las ciudades se iluminaron como incendiadas; se oyó el estampido de los cañonazos y el ruido ensordecedor de un jolgorio loco. Era que la Humanidad despedía al siglo XX y saludaba la venida del siglo XXI. Jesús no quiso o le faltaron las fuerzas para ver el futuro afrentoso de las razas. Levantó la mirada al cielo, y en vez de ver allí proyectada la silueta de su cuerpo orando en el momento en que bebía el cáliz del sacrificio, vio la silueta extraña de un individuo escuálido, armado de lanza y escudo y cabalgando en macilento caballo... ¿Era el ángel de la Muerte que describía después Juan en el Apocalipsis?...

Pronto lo supo. Satán, con burlona sonrisa e irónico acento, le dijo inclinándose a su oído:

—He aquí, Maestro, que además de los Evangelios que escribirán Mateo, Marcos, Lucas y Juan, se escribirá dentro de diez y seis siglos otro que comenzará así: «En un lugar de la Mancha, de cuyo nombre no quiero acordarme, no ha mucho tiempo que vivía un hidalgo de los de lanza en artillero, adarga antigua, rocín flaco y galgo corredor...»

Pero Jesús ya había muerto y no oyó la inicua burla del genio del mal; sus hermosos ojos claros quedaron desmesuradamente abiertos, y en sus pupilas se reflejaba duplicado aquel vasto panorama de la ironía de su sacrificio a través del tiempo y del espacio. Bajó Satán del madero y todo ello desapareció; pero en las azules pupilas del Salvador permaneció estereotipado el cuadro cruel.

¿Fue piedad o impiedad? Satán volvió a encaramarse en el madero, y con su oprobiosa mano cerró los párpados de la divina víctima.

Y luego huyó dejándose rodar sobre las peñas del Calvario en las que rebotaba como una pelota de goma.

LA ÚLTIMA RUBIA

A don Antonio Rubió y Lluch

El oro se había agotado absolutamente en las entrañas y en la superficie de la tierra. Era tal la escasez de este precioso metal que sólo uno que otro erudito tenía noticias de que hubiera existido. En un museo de Chicago había dos monedas de diez dólares, guardadas en una urna de cristal, que se consideraban como una de las más valiosas curiosidades. En otro museo de Papeete (Tahití), se conservaba un idolillo primitivo, tallado en la extinguida substancia; en París, Tombuctú, Río de Janeiro, Estocolmo, guardaban los museos, con extrema vigilancia, dos luises, una moneda de 50 paras, una de 10.000 reis y una de 20 kroners respectivamente. Si no hubiera sido por todos estos museos la antigua palabra *oro*, auro, en esperanto, habría sido una palabra inútil, aún para expresar el recuerdo de una substancia que, repito, sólo conocían unos cuantos eruditos. En cambio, la elaboración del diamante se había perfeccionado

tanto, que por cincuenta francos se conseguía en el año 3025 uno del tamaño de una naranja.

La investigación de la piedra filosofal se hacía con mucho mayor furor que en la remota Edad Media. Un alquimista logró obtener en unas cajas de uranio fosforescente, un depósito de rayos de sol, que sometidos a una presión de 12.000.000.000.000.000.000.000.813 atmósferas, daba una pasta dorada que podía substituir al oro: tenía su consistencia, su peso atómico, sus propiedades químicas y podría tener las mismas aplicaciones industriales si no tuviera la detestable propiedad de liquidarse con el frío y evaporarse; esperaba el químico que, añadiendo tres o cuatro billones de presión, obtendría una substancia más durable. Otro alquimista machacaba en un mortero los estambres de la flor de lis, adicionaba bilis de oso polar, y espolvoreaba la mezcla con granalla de selenio o molibdeno. En seguida envolvía este menjurje en barro de coke, y lo sometía a las descargas eléctricas de una bobina de Rumkffork de 20 metros de largo, y obtenía una substancia amarilla y metálica que decía ser oro, pero que tenía el inconveniente de oxidarse con la sangre, y disolverse en el amoniaco.

Pero yo, que adoraba el arte y la ciencia antiguos, que había leído los libros vetustísimos de Flamel, Paracelso, Cornelio Agrippa y otros muy notables alquimistas, sabía

una receta segura para obtener el oro, receta que leí en uno de esos libros en nota marginal manuscrita, que traduzco del latín para que el lector, caso de encontrar el principal ingrediente, la aproveche si quiere hacerse rico: «Tomarás un cabello de mujer rubia (*rubicundae foemine capellae*) y lo pondrás durante cinco lunaciones a remojar en un matraz con una dracma de ácido muriático; cuando se haya disuelto pondrás el matraz al sol, pero sólo en la época en que Venus es estrella matutina (*venere stelle matutinae esse*) para evitar que sus rayos nocivos (*letalium*) toquen el matraz. En seguida echarás en el líquido media dracma de sangre de drago, media dracma del licor que resuda el laurel, y llenarás por fin el matraz con agua marina (*aquae maris*). El todo lo dejas a evaporar en lo más oscuro de una cueva salitrosa (*cava nitrosa*) y al cabo de un mes encontrarás la mitad del matraz lleno de un polvillo de la color del licopodio, que es oro puro (*aureum vere*) y que fundido en un crisol te podrá dar hasta el peso de cinco ducados».

Figuraos qué enorme fortuna representaba la cabeza de una mujer rubia. Pero es el caso que así como se había acabado el oro, se habían acabado las rubias. En el año 2279 los mongoles y los tártaros, esas malditas razas amarillas, habían inundado el mundo y malogrado las razas europeas y americanas con la mezcla de su sangre impura. No había

rinconcillo del mundo a donde esa gente no hubiera llegado y estampado la huella de su maldición étnica: no había un rostro que no condujera un par de ojillos sesgados y una nariz chata; no había cabeza que no estuviera cubierta de cerdosa y negra cabellera. Con verdadera rabia esos salvajes macularon la belleza europea, como para anonadar lo que ellos no podían producir. Quizá para asegurarse así las victorias del porvenir. Esa raza se extendió por el mestizaje, como una hiedra inmensa que hubiera cubierto el mundo, y al cabo de tres siglos apenas había uno que otro ejemplar de raza pura. La belleza germana, el tipo griego, la gentileza italiana, la elegancia francesa, la corrección británica, la gracia española son hoy meras tradiciones de las que sólo en los libros antiguos se encuentran relaciones. Unas que otras familias de montañeses habían conservado los rasgos primitivos de las razas europeas, que el inmundo mestizaje malogró. Así, por ejemplo, mi familia había conservado, hasta hacía cuatro generaciones, la pureza de su raza; pero mi bisabuela se había casado morganáticamente con un acaudalado fabricante de aeroplanos eléctricos, de perfecto origen afgán. Por libros y papeles de familia sabía que mis ascendientes habían sido rubios como el sol, que de las cuatro ramas, tres se habían mezclado: una, la mía, con sangre afgana, otra con las de un mestizo chino y la otra con la de un sastre samoyedo

de origen manchú. La cuarta rama se ignoraba qué suerte había corrido. Mi padre me decía, cuando yo le hablaba de la rama perdida:

—Esos parientes son unos estúpidos que tienen la chifladura de la pureza de la sangre.

Me lo decía en esperanto, que es el idioma universal. Yo, a pesar de ser mestizo de afgán, a pesar de mi color bronceado, sentía en el fondo de mi sangre el aristocrático orgullo y el amor a la belleza de esas razas añejas que la ola asiática envolvió y anonadó para siempre; y aplaudía íntimamente el aislamiento de esa rama que había ido a esconder, en oculta cueva o inexpugnable montaña, los últimos rezagos de su estirpe. ¡Pobres pueblos europeos! Un tiempo fueron formados por razas viriles y dominadoras, cuyas energías, en constante acción, se desgastaron y decayeron rápidamente: ése fue el momento en que la raza amarilla invadió el mundo, como un alud gigantesco se amalgamó, se fundió con las razas vencidas y extinguió para una eternidad el espíritu antiguo. Todo lo que habían progresado las ciencias, habían retrocedido las artes, pero no hacia Grecia sino hacia la caverna del troglodita o al kraal de la tribu salvaje. En ese cataclismo de los bellos ideales y de las bellas formas substituidos por nociones utilitarias y concepciones monstruosas, sólo en uno que otro espíritu retrógrado, como el mío, había un regreso

psicológico a las nociones antiguas, un sentido estético añejo, un salto atrás en el gusto por los ideales y las formas que la ola de sangre infecta había sumergido en el olvido. Tenía la obsesión de buscar por todas las regiones de la tierra la rama perdida o ignorada de mi ascendencia latina, en donde aún se conservaban los rasgos de la antigua belleza. Sentía vivo, avasallador deseo de contemplar una de esas cabezas rubias, que sólo podía ver en los grabados de algunos libros de la biblioteca de curiosidades de Tombuctú; pero debo declarar, en honor de la verdad, que gran parte de mi afán era debido al deseo de realizar el experimento de alquimia que había de hacerme uno de los hombres más ricos.

Una mañana me lancé por los aires en mi aeroplano, llevando buena provisión de *carnalina* o esencia de carne, *legumina*, aire líquido, etc., todo lo que necesitaba para proveer a mi vida durante un mes. Crucé e investigué prolijamente las serranías y valles de Afganistán y la Tartaria, las islas de la Polinesia, las selvas y cordilleras de la América austral, todos los vericuetos de la accidentada Islandia: en todas partes encontraba la maldita raza amarilla que había inficionado a la mía, y se había extendido sobre el mundo como una mancha de aceite. En la gran ciudad de Upernawick, fue donde encontré la primera huella de esa familia que yo buscaba. Por los vetustos papeles de la familia sabía que mis antece-

sores europeos se llamaban Houlot. En un paradero aéreo de Upernawick oí en el libro *fónico* de pasajeros este nombre pronunciado por una voz extraña. En varios paraderos oí la misma palabra. Y aun en un hotel más adelantado vi, en el espejo *fotogenófono* en que se inscriben la imagen y la voz de los pasajeros, vi, repito, la figura de un hombre de unos cincuenta años y de dos mujeres, y oí, al tocar el registro, lo siguiente: «Jean Houlot, mujer e hija (esto en esperanto), últimos vástagos de la raza gala (esto en francés), pasaron por aquí el 18 de marzo de 3028, con dirección a cabo Kane, orillas del mar Paleocrístico, 87 paralelo». Me puse loco de contento y al día siguiente, a primera hora, me dirigí al lugar indicado, a donde llegué cuatro horas después.

En la puerta de una casucha embadurnada de sulfuro de radio, que la hacía en extremo fosforescente, había un hombre cuyo rostro era el que yo contemplé en el espejo-registro del hotel. Yo había aprendido tres lenguas muertas: el español, el latín y el francés. Me acerqué al solitario individuo y le dije en este último idioma:

—Señor Houlot, vos sois mi tío, y vengo desde Tombuctú, sólo por conoceros y saludar en vos al último vástago de nuestra gloriosa y malograda raza.

—Bien venido seas... sobrino —me respondió, con aire huraño y desconfiado—. Ya me conoces... pero dime, pues si eres de mi raza lo disimulas, ¿por qué tu rostro es bronceado?

—Mi padre es afgán; mi madre era una Houlot. Cifro todo mi orgullo en la porción de sangre materna que corre por mis venas. Dejadme, tío, vivir cerca de vos para que seamos los últimos jirones de esa raza que muere con nosotros.

—¡Bah!... no reflexionas que ya en tu sangre hay la mancha asiática.

—¡Oh, tío!, pero conservo sin mancha el espíritu de vuestra raza.

—Bueno, quédate si quieres... pero te advierto que en mi casa no hay sitio para ti.

Y me quedé efectivamente. Hice que unos samoyedos me construyeran una casa a unas cincuenta leguas, o sea tres cuartos de hora de viaje en aeroplano. Houlot era muy pobre y yo continuamente le hacía obsequios valiosos de carnalita y oxígeno para calentarse, pues el frío que hacía encima del 85 paralelo era terrible, y se sentía debajo de las pieles de oso y de foca que vestíamos, dejando al descubierto las facciones solamente. Houlot y yo llegamos a intimar, y se admiraba de que siendo yo rico sacrificara mi bienestar en los países del Sur por mera fantasía. Houlot era muy avaro y exageraba su pobreza para explotarme a su gusto. Un día,

a pesar de sus precauciones, nos encontramos su hija y yo sobre un témpano. Era una joven de unos 25 años, blanca, pálida, de aspecto enfermizo, de ojos y sonrisas picarescos y con algo de esa belleza perdida que yo había contemplado en las estampas de Tombuctú.

Desde ese día nos amamos locamente al parecer: durante tres meses nos vimos en el mismo sitio y a la misma hora. ¡Cuánto hablamos de amor, iluminados por la luz violácea de la aurora boreal! Y, sin embargo, yo no sabía si era rubia: nunca había visto sus cabellos, pues su vestido de piel de zorro azul, sólo permitía verla el rostro y las manos.

—¡Oh, si fueras rubia, hermosa niña, te amaría más si cabe, te adoraría con delirio y... harías mi fortuna!

—Rubia soy —me respondió con adorable mohín de picardía.

Poco después salimos Houlot y yo a coger morsas en un banco de hielo, situado a 68 leguas más al Norte, y durante el camino aproveché esta circunstancia para exponer mis pretensiones sobre mi prima.

—Mi buen tío, es probable que jamás encontréis, para marido de vuestra Suzón, un hombre de su raza. Yo la amo y soy correspondido. Concedédmela, que al fin y al cabo de vuestra raza soy.

—Tú no eres sino un mestizo infame... Primero os mataré a ambos que consentir en esa unión que ha de mancillar el último resto de sangre noble que hay sobre la tierra. Ruin asiático, ruin asiático... —murmuraba enfurecido.

Yo, que conocía la avaricia de mi tío, no hice caso de sus injurias y añadí:

—Estoy en posesión de un secreto industrial que me hará riquísimo. Si me concedéis a Suzón, os haré mi socio, y os daré un tercio de mi fortuna actual y de la futura.

Mi tío se ablandó; a poco accedió y al fin quedó convenido en que Suzón y yo nos casaríamos dentro de seis meses.

Al mes siguiente nos dirigimos a Terranova a pasar el verano. Poco después de nuestra llegada, pedí a mi novia un rizo de sus cabellos. Suzón se sonrió: quitose la toca de piel y expuso ante mis ojos una hermosa cabellera rubia como ámbar.

—Escógelo tú...

Caí extasiado de rodillas, y con mano temblorosa escogí diez o doce hebras, que guardé cuidadosamente en mi cartera.

En una habitación tenía preparados mis matraces y retortas. Bajé a la cueva e hice con los cabellos de Suzón las preparaciones convenientes, con estricta observancia de la fórmula alquimista. Cuando saqué en la época oportuna el matraz, estaba éste tan empañado y cubierto de mitro, que

no podía verse el interior. Lleno de impaciencia vacié el contenido: era un polvillo rojizo entremezclado de cristallitos de sal marina y pedacillos de resina. En medio de todo estaban unas cuantas hebras de cabello negruzco y sin lustre. De oro no había el menor rastro. Quedé profundamente desconsolado y caviloso. Fui a casa de Suzón para pedirle nuevamente cabello, y repetir la experiencia con mayores precauciones. Entré, y no encontrando al viejo tío en la casa, llegué de puntillas hasta el tocador de Suzón. Ella estaba de espaldas a la puerta con la cabeza sumergida en una jofaina.

—Padre —dijo al sentir mis pasos.

—No es tu padre, soy yo —contesté cariñosamente.

Suzón dio un grito de sorpresa y se volvió: sus cabellos goteaban un agua de color indefinible.

—¡Ah, pícaro, me has sorprendido!

—Si... perdóname... pero ¿qué agua verdusca es ésa?...

—Eso es... ¡Bah! ¿Por qué no decírtelo, si no es un crimen? ¿No me dijiste que me amarías con delirio si yo fuese rubia?...

—Sí, ¿y qué? —respondí pálido, con el rostro contraído por la rabia, pues comenzaba a comprender.

—Que todas las mañanas me tiño el cabello para que me quieras más —contestó, y con cariñosa coquetería me tendió los brazos húmedos al cuello.

Yo sentí como si me hubieran dado un hachazo. Y, rechazándola violentamente, exclamé vibrante de cólera:

—¡Bestia! ¡Lo que yo amaba en ti era a la rubia auténtica, a la última rubia, a la que murió con tu abuela!...

Y, sin perder más tiempo, regresé a Tombuctú, donde revisando mejor los papeles de familia he venido a saber que allá por los años 2222, un Houlot había ejercido en Iquitos (gran ciudad de 2.500.000 habitantes, en la Confederación Sud-Americana), la profesión de peluquero perfumista y tintorista de cabelleras.

Probablemente no volverá a existir oro en el mundo, y más probablemente aún, tendré que casarme en Tombuctú con alguna joven de ojillos oblicuos, tez amarillenta y cabellos negros e hirsutos.

EL HIJO PRÓDIGO

Néstor, el pintor Néstor, tan conocido por sus extravagancias, nos refirió un día en su taller la idea que había concebido para pintar un gran cuadro, *El hijo pródigo*, que fue excomulgado y, sin embargo, obtuvo un gran éxito por la maestría en la ejecución, la novedad y rareza de la factura, y, sobre todo, por la extravagancia o humorismo de la composición, que agradó hasta el entusiasmo a los *exquisitos* del arte, a los *gourmets* del ideal, a los hijos trastornados de este *fin de siècle* que, fríos e impasibles ante los lienzos del periodo glorioso del arte, vibran de emoción ante las coloraciones exóticas, los simbolismos extrañamente sugestivos, las figuras pérfidas, las carnes mórbida y voluptuosamente malignas, los claroscuros enigmáticos, las luces grises o biliosas y las sombras fosforescentes, en una palabra, ante todo lo que significa una novedad, una impulsión será que mortifique el pensamiento y sacuda violentamente nuestro ya gastado mecanismo nervioso. Y de todo esto había en *El hijo pródigo*.

Figuraos que el hijo pródigo era, ni más ni menos, Luzbel, el Ángel Caído, el Maligno, cuyas maldades provocaron la cólera del Padre Eterno y el terror y la execración de la Humanidad; ese Maligno, que llevó visiones infamemente voluptuosas a los ojos del anciano San Antonio en su retiro de la Tebaida, que enciende las malas pasiones de las hombres y atiza en el alma de las mujeres las pequeñas perfidias y las bajas que turba los cerebros, que juega inicualemente con los nervios y produce las exacerbaciones más concupiscentes, las irritaciones más libidinosas.

Sólo un loco, un desarreglado, podía tener la idea de hacer de Satán el protagonista simpático de un cuadro; sólo un desequilibrado, un neurótico podría tener la idea de arrancar al Rebelde de su mansión detestable para conducirlo al cielo, interesante y hermoso, con los mágicos recursos del colorido y de la expresión.

Néstor nos mostró infinidad de bocetos de su cuadro y fragmentos en los que estudiaba una actitud, la expresión de una faz o un detalle importante. Repito, la idea era execrable, diabólica. ¡Luzbel redimido!, ¡Luzbel regresando al Cielo!, ¡Luzbel, como el hijo pródigo, volviendo al seno de su padre! ¡Qué horror! Bien hizo Su Ilustrísima en conceder Néstor el triste honor de ver excomulgado su cuadro. Lo que no obstó para que fuera de una ejecución maravillosa.

He aquí cómo nos *historió* Néstor su cuadro, que encerraba una teología infernal. ¡Nos horrorizó!...

* * *

Siempre he creído que Luzbel será algún día rehabilitado y conducido en hombros al Cielo por la Humanidad. Durante miles de siglos ha vivido desterrado de la gloria, y su sitio, a la diestra de Dios Padre, ha sido indebidamente ocupado por alguien que representa un principio inferior (la humildad, la mansedumbre indudablemente significan fuerzas pasivas, inferiores las fuerzas activas de la rebeldía y el orgullo), por alguien que no ha cumplido sus ofertas de felicidad y salvación, por alguien que tuvo la vanidad de creer que con su altruismo evangélico podría hacer una revolución moral que arrancara a la Humanidad del mal, rompiendo los lazos que la unían a las manos de Luzbel. No cumplió: el triunfo de sus doctrinas fue aparente. Jesús reinó, pero no dominó, desgraciadamente... ¿Por qué? Fue una simple cuestión de estrategia filosófica y más que filosófica, fisiológica. El ángel caído aceptó la lucha y con la lucha ha crecido su poder. Jesús subió a las cumbres luminosas del alma, coronó las alturas de la vida moral;

Luzbel descendió a los sombríos misterios de la carne, a los rojos abismos de la sangre, a los intrincados laberintos de los nervios, y con esta astuta estrategia pudo manejar los verdaderos y ocultos resortes de la vida. No importa que la filosofía evangélica de la caridad alumbre vivamente desde el Calvario los sistemas éticos más grandes de la Moral moderna. ¿Qué importa que el caudaloso río de la moral cristiana envuelva entre sus aguas el pensamiento moderno? No; lo que importa es ese hilito de agua corrosiva que tiene sus fuentes en la carne, se ramifica por todos los filetes nerviosos y remata en los sentidos; lo que importan no son los grandes sistemas filosóficos, no; son esos pequeñitos móviles, esas pequeñitas y sucesivas aspiraciones, esos pequeñitos deseos, esos pequeñitos ideales, esos pequeñitos instintos, esas pequeñitas voliciones, esos pequeñitos actos sin trascendencia aparente, en una palabra, todo aquello que no tiene fuerza cohesiva para formar un sistema filosófico, un cuerpo de especulaciones, porque fluctúa entre la lucubración abstracta, la sensación delectable y la pasión instintiva. Y, sin embargo, todo eso constituye la filosofía íntima, la filosofía de cada uno, la filosofía activa, la filosofía sin palabras, la filosofía inconsciente. Eso es lo que maneja Luzbel. Ese arroyito

nervioso es el Océano turbulento que boga, con la proa al Infierno, la triunfadora flota de Satán. Desde allí reina y domina con todo el imperio de un emperador absoluto, a pesar de la religión y de las doctrinas de los moralistas; desde allí es el verdadero padre y señor de los cuerpos y de las almas todas, aunque éstas se cubran con la blanca veste de la milicia cristiana; de allí imprime en todos los hombres la huella de su formidable garra... En vano la caridad, el ascetismo y la fe, en vano; en vano la pugna del espíritu para escapar a la caricia de esa mano candente: nada, ni los santos escaparon. Al que fue casto, tentó el orgullo; al caritativo, la gula; al severo moralista adormeció la indolencia física: al incendiado por la fe más ardiente, manchó la ira ciega la intransigencia apasionada, y en casi todos hizo Luzbel fulgurar la purpúrea llama de la sensualidad, que chispeaba bien como extravío, locura o debilidad de las carnes mortificadas, maceradas, aniquiladas por la penitencia, el tormento o el ayuno; bien como una incontenible efervescencia como una gran palpitación de la vida en los cuerpos robustos. Todos, todo con esclavos del pecado físico o ideológico, todos vasallos de Luzbel, aunque el pensamiento se eleve por las regiones celestiales, aunque las almas se alleguen en

las claridades prístinas de la contemplación mística o se sumerjan en las misteriosas penumbras de la metafísica teológica. ¡Oh, la pureza de pecado, la emancipación del vasallaje satánico es imposible! ¡Entre la Pureza y nosotros está, interceptando las radiaciones divinas, la enorme ala abierta del Rebelde triunfante!..

Luzbel había sido el hijo predilecto de Dios: de ahí su espantoso poder sobre la Creación. Dios, como buen padre, amaba a su hijo; estaba orgulloso de ver en él esa rebeldía infinita, esa altivez indomable propia de un Dios. Más que un castigo fue una prueba la que le impuso. Pasaron un millón, cien, mil millones de siglos, y el hijo expulsado no tuvo un segundo de desmayo, de debilidad, de arrepentimiento. ¿Él odiaba a su padre? No. Le amaba; precisamente porque le amaba no cedía: ceder era renegar de su estirpe, era anonadar de un golpe la Creación de su padre, era hundir en el nirvana obscuro las aspiraciones de perfección de la Humanidad y el Universo. Luzbel sabía que toda la Gloria de su Padre divino la sostenía él sobre sus hombros malditos. Todo el Cielo descansaba sobre sus dos brazos fornidos: el derecho, el Mal; el izquierdo, el Dolor. Luzbel amaba a su padre. El Universo entero tendía a Dios porque él, el Mal; él, el Dolor: él, Satán; él, el Maligno; él, el

Rebelde; él, el Expulsado; él, el Bajísimo, agujoneaba, pinchaba, tentaba, mortificaba, hería a la Humanidad, y como expresión de ese sufrimiento surgía el himno de adoración, la súplica de misericordia, la plegaria sempiterna de dolor, la oración palpitante de fe y de esperanzas de todos los doloridos, de todos los que se retorcían en la tierra atenaceados por Satán, de todos los que alzaban las manos al cielo en la aspiración de la felicidad suprema. Luzbel amaba a Dios; era el Divino Pastor, que hincando los ijares de la manada humana la conducía al Cielo. Él era el padre de la actividad y el esfuerzo, porque él era el padre del Dolor y del Mal. Lubrificaba las almas, las bonificaba para la conquista de las alturas excelsas. Luzbel amaba a su padre, por eso su maldad era infinita y su obcecación fue indomable; por eso pasaron millones de siglos y él seguía tan altivo, tan orgulloso, tan resuelto como el primer día, como el día del castigo en que los arcángeles blandieron flamígeras espadas, y le expulsaron de la Diestra de Dios Padre y le despeñaron en las tenebrosidades del abismo. Luzbel estaba probado y había llegado el momento del perdón. Jesús mismo, el que luchó con él cuarenta días en el desierto, le perdonaba el haber vencido después en la campaña entre la carne y el alma. Jesús, las vír-

genes, los santos, los ángeles, arcángeles, serafines, dominaciones, tronas y demás potestades que forman la blanca jerarquía, dijeron al Padre:

—Padre común, que estás en el Cielo, santificado sea tu nombre, te suplicamos que venga Luzbel a tu reino, y así como nosotros perdonamos a nuestros ofensores de la tierra, perdona tú, ¡oh, Padre amantísimo!, a Luzbel en el Cielo.

El Buen Dios le había perdonado; le perdonó desde el momento de la prueba, y a la plegaria de sus hijos quiso manifestar ostensiblemente su misericordia infinita para con el predilecto, para con el hijo que más se asemejara a él, para con el hijo que con la infinidad de su orgullo ponía en relieve la Divina Grandeza de su estirpe. Y Luzbel, no domado, volvió al seno de su padre. ¡Hacía tanto tiempo que los resplandores de la gloria no herían sus ojos hechos ya para las tinieblas; como los de ciertas aves nictálopes!... Conmovido, pero altivo siempre, siempre orgulloso, recibió el beso del perdón, sin que su faz revelare ni asombro ni enternecimiento... Y se sentó a la Diestra de Dios Padre. Y desde allí miró en torno suyo. Y una sonrisa triunfante alborozó su alma sin que subiera a sus labios: su mirada penetrante veía bajo las albas y luminosas túnicas de

los santos, mártires, ascetas y demás que fueron en la tierra ejemplos de virtudes, vio, repito, la huella rojiza de su mano candente, impresa en el momento de la tentación voluptuosa o de la efervescencia de alguna pasión atizada por él... Y ni el Omnipotente ostentaba el blanco deslumbrador de las almas absolutamente puras... Y sólo una mujer se alzaba prístina e inmarcesible: la Virgen Madre... Y no hubo ya más distinción, ni de forma ni de esencia, entre el Bien y el Mal, entre la Virtud y el Pecado... Y fue el Gran Cataclismo de la Creación: faltando Luzbel en el Universo, el Universo murió: le faltaba el alma... Y volvió a ser la Nada...

LA GRANJA BLANCA

I

¿Realmente se vive o la vida es una ilusión prolongada? ¿Somos seres autónomos e independientes en nuestra existencia? ¿Somos efectivamente viajeros en la jornada de la vida o somos tan sólo personajes que habitamos *en el ensueño de alguien*, entidades de mera forma aparente, sombras trágicas o grotescas que ilustramos las pesadillas o los sueños alegres de *algún eterno durmiente*? Y si es así, ¿por qué sufrimos y gozamos por cuenta nuestra? Debiéramos ser indiferentes e insensibles; el sufrimiento o el placer debieran corresponderle al soñador sempiterno, dentro de cuya imaginación representamos nuestro papel de sombras, de creaciones fantásticas.

Siempre le exponía yo estas ideas pirronianas a mi viejo maestro de filosofía, quien se reía de mis descarríos y censuraba cariñosamente mi constante tendencia a desviar

las teorías filosóficas, haciéndolas encaminarse por senderos puramente imaginativos. Más de una vez me explicó el sentido verdadero del principio hegeliano: *todo lo real es ideal, todo lo ideal es real*, principio que, según mi maestro, yo glosaba e interpretaba inicualemente para aplicarlo a mí: conceptos ultrakantianos. El filósofo de Koenisberg afirmaba que el mundo, en nuestra representación, era una visión torcida, un reflejo inexacto, un *noúmeno*, una sombra muy vaga de la realidad. Yo le sostenía a mi maestro que Kant estaba equivocado, puesto que admitía una realidad mal representada dentro de nuestro yo; no hay tal mundo real: el mundo es un estado intermedio del ser colocado entre la nada (que no existe), y la realidad (que tampoco existe); un simple acto de imaginación, un ensueño puro en el que los seres flotamos con apariencias de personalidad, porque así es necesario para divertir y hacer sentir más intensamente a ese soñador eterno, o ese durmiente insaciable, dentro de cuya imaginación vivimos. En todo caso, Él es la única realidad posible...

El buen anciano y yo pasábamos largas horas discutiendo los más arduos e intrincados problemas ontológicos. La conclusión de nuestros debates era mi maestro quien la sentaba en términos más o menos parecidos a éstos: que yo jamás sería un filósofo, sino un loco; que yo retorció toda

teoría filosófica por clara que fuera, la dislocaba y deformaba, como si fueran pelotas de cera expuestas al calor de un sol de extravagancia que no tenía la serenidad necesaria para seguir con paso firme un sistema o teoría, sino que, muy al contrario, se me exaltaba la fantasía y trocaba las ideas más transparentes, y hasta los axiomas, en cuestiones intrincadas: hacía rocas gigantescas de los guijarros del camino, a fuerza de sutilezas absurdas e inaguantables. Y, añadía mi maestro, que yo le parecía bien una de esas flores de ornamentación que comienzan siendo correctamente vegetales y terminan en cuerpos de grifos, cabezas de silvanos o disparatadas bestias, bien un potro salvaje y ciego, que galopara desaforadamente en medio de una selva incendiada. Nunca quiso admitir que sus filósofos eran los imaginativos y fantaseadores, los potros salvajes y desenfrenados, y que yo era el sereno y clarividente. Sin embargo, *mi caso*, en el cual fue un poco actor, creo que le hizo modificar un tanto sus ideas filosóficas...

II

Desde que yo tenía ocho años me había acostumbrado a ver en mi prima Cordelia, la mujer que debía ser mi esposa. Sus padres y el mío habían concertado este enlace, apoyado por el cariño que nos unía y que más tarde había de

convertirse en un amor loco y vehemente. Cordelia, que era pocos meses menor que yo, fue la compañera de mi infancia; con mi prima pasé el dolor de la muerte de mis padres, y adolescentes ya, fuimos mutuamente maestros el uno del otro. De tal modo llegamos a compenetrarse nuestros espíritus que experimentábamos las mismas impresiones ante las mismas lecturas y ante los mismos objetos. Yo era su maestro de matemáticas y de filosofía, y ella me enseñaba la música y el dibujo. Naturalmente lo que yo enseñaba a Cordelia era una detestable tergiversación de la ciencia de mi maestro.

En las noches de verano subíamos Cordelia y yo a la terraza a discutir a la luz de la luna.

Era Cordelia alta, esbelta y pálida, sus cabellos abundantes, de un rubio de espigas secas, formaban contraste con el rojo encendido de sus labios y el brillo febril de sus ojos pardos. No sé qué había de extraño en la admirable belleza de Cordelia, que me ponía pensativo y triste. En la catedral de la ciudad había un cuadro, *La resurrección de la hija de Jairo*, de un pintor flamenco; la protagonista era una niña de cabellos descoloridos cuyo rostro era muy semejante al de Cordelia, así como la expresión de asombro al despertar del pesado sueño de la muerte: se veía que en aquellos ojos no se había borrado la huella de los misterios sondeados en

las tinieblas de la tumba... Siempre que estaba con Cordelia recordaba tenazmente el cuadro de la doncella vuelta a la vida.

Cordelia discutía conmigo serenamente, recostaba su pálida cabeza de arcángel sobre mi hombro. Las ideas de Cordelia seguían en su cerebro el mismo proceso mental que seguían las ideas en el mío, y se desbordaban en un raudal delicado y puro de idealismo; entonces nuestras almas, ligeramente separadas al comenzar la discusión, se unían nuevamente como viejos camaradas que se encontraran en la encrucijada de un camino y prosiguieran juntos la jornada. Ya en este punto de conjunción dejábamos la conversación filosófica o artística y hablábamos sólo de nuestro amor.

El amor es vida. ¿Por qué, adorando ciegamente a Cordelia, percibía como un hálito impalpable de muerte? La sonrisa luminosa de Cordelia era vida; la íntima felicidad que nos enajenaba llenando de alegría y fe nuestras almas, era vida; y, sin embargo, sentía la impresión de que Cordelia estaba muerta, de que Cordelia era incorpórea. En el invierno, mientras afuera caía la nieve, pasábamos largas veladas tocando las más bellas sonatas de Beethoven y los apasionados nocturnos de Chopin. Esa música brotaba impregnada del sentimiento que nos unía, y, sin embargo, al mismo tiempo que experimentaba inefable felicidad, sentía como si algo de la nieve que caía fuera se infiltrara en mi

alma, como si en el admirable tejido de armonías se hubiera deslizado un pedazo del hilo ya cortado, de la madeja de las parcas; sentía una impresión triste e indefinible de pesadez de losa sepulcral...

III

Cordelia y yo debíamos casarnos después de cumplida la edad de veintitrés años, y aún nos faltaba uno.

Las tierras del mayorazgo me producían cuantiosa renta. Una de mis posesiones rústicas era la *Granja Blanca*, que primitivamente fue ermita y uno de mis antepasados convirtió en palacio. Se encontraba en el fondo de un inmenso bosque, fuera del tráfico humano. Hacía dos siglos que nadie la habitaba: nada tenía de granja, pero en el testamento de mi padre y en los papeles y libros de familia se la designaba con el nombre de la *Granja Blanca*. Allí resolvimos Cordelia y yo radicar nuestra vida, para gozar de nuestro amor, sin testigos, frente a la libertad de la naturaleza. Cada tres o cuatro meses hacíamos excursiones a la *Granja Blanca* Cordelia, mi maestro y yo. Con grandes dificultades había logrado cambiar el vetusto mobiliario de la granja por muebles nuevos, y mi novia presidía el arreglo de las habitaciones con el gusto exquisito que la caracterizaba. Qué hermosa me parecía con

su túnica blanca y su sombrero de amplias alas plegadas sobre sus mejillas, encerrando su rostro pálido en una penumbra en la que fulguraban sus grandes y misteriosas pupilas. Con infantil alegría, apenas descendíamos del carricoche, corría Cordelia por el bosque y llenaba su delantal de lirios, clave-llinas y rosas silvestres. Las mariposas y libélulas revoloteaban traviesas en torno de su cabecita, como si acecharan el momento de caer golosas sobre sus labios, tan frescos y tan rojos como las fresas. La muy picarueta procuraba extraviarse en el bosque para que yo fuera a buscarla, y al encontrarla, ya a la sombra de unos limoneros, ya al pie de un arroyo, ya oculta entre un grupo de rosales, la cogía en mis brazos o le daba un beso largo, muy largo, en los labios o en las pálidas mejillas, tan pálidas y tan tersas... Y, sin embargo de mi felicidad, sentía de un modo lejano e indefinible, después de esos ósculos tan puros y apasionados, la impresión de haber besado los sedosos pétalos de una gran flor de lis nacida en las junturas de una tumba.

IV

Faltaba próximamente un mes para que se realizara nuestro enlace. Cordelia y yo habíamos convenido hacer la última excursión a la *Granja Blanca*. Fui una mañana con el

coche, acompañado del maestro, a buscarla. Cordelia no podía salir, porque se sentía enferma. Entré a verla; la pobre no se había levantado: apenas entré en su alcoba se sonrió para tranquilizarme y me tendió la mano para que se la besara. ¡Cómo ardía su mano y cuán grande era la semejanza del rostro de Cordelia con el de la hija de Jairo! En los días siguientes creció la fiebre de la enferma. ¡Cordelia tenía la *malaria*! Sus manitas ardían horriblemente y mis labios se quemaban al posarse sobre su pálida frente. ¡Qué hacer, Dios mío! Cordelia se me moría; ella lo sentía, ella sabía que pronto la encerrarían en una caja blanca y se la llevarían para siempre, lejos, muy lejos de mí; lejos muy lejos de la *Granja*, que ella había arreglado para que fuera el nido misterioso de nuestra felicidad; lejos, muy lejos de ese bosque ella cruzaba vestida de blanco como un gran lirio que cruzara entre las rosas y las clavellinas. ¿Por qué esa injusticia? ¿Por qué me la arrebataban de mi lado? ¿Podría mi virgencita ser feliz en el cielo sin mis besos? ¿Podría encontrar allí una mano que acariciara con más ternura sus cabellos pálidos y vaporosos?... La más espantosa angustia se apoderaba de mí al oírla delirar con la *Granja Blanca*. Las maldiciones y las súplicas, las blasfemias y las oraciones se sucedían en mis labios, demandando la salud de mi Cordelia. Díramela Dios o el diablo, poco me importaba. Yo lo que quería era la salud de Cordelia. La habría comprado con mi

alma, mi vida y mi fortuna; habría hecho lo más inmundo y lo más criminal; me habría atraído la indignación del Universo y la maldición eterna de Dios; habría echado en una caldera la sangre de toda la humanidad, desde Adán hasta el último hombre de las generaciones futuras, y hecho un cocimiento en el Infierno con el fuego destinado a mi condenación, si así hubiera podido obtener una droga que devolviera a mi Cordelia la salud. No una, sino *mil condenaciones eternas habría soportado sucesivamente*, como precio de esa ventura que con implacable malignidad me arrebatava la naturaleza. ¡Oh, cuánto sufrí!

Una mañana amaneció Cordelia mejor. Yo no había descansado en cuatro noches y me retiré a mi casa a dormir. Desperté al día siguiente por la tarde. ¡Qué tarde tan horrible! Al llegar a la calle de la casa de Cordelia vi la puerta cerrada y gran gentío. Pregunté el motivo, lívido de ansiedad, loco de angustia; un imbécil me respondió:

—¡La señorita Cordelia ha muerto!

Sentí un agudo dolor en el cerebro y caí al suelo... No sé quiénes me socorrieron, ni cuánto tiempo, horas, años o siglos estuve sin sentido. Cuando volví en mí me encontré en la casa de mi maestro, situada a poca distancia de la casa de Cordelia. Volé a la ventana y la abrí de par en par: la casa de Cordelia estaba como de costumbre. Salí corriendo como un loco, y entré en la casa de mi novia...

V

La primera persona a quien encontré fue a la madre de Cordelia. La cogí la mano lleno de ansiedad:

—¿Y Cordelia, madrecita mía?

—Ve a buscarla, hijo, en el jardincillo... debe estar allí, regando sus violetas y heliotropos.

Acudí conmovido al jardín y encontré efectivamente a Cordelia, sentada en un banco de mármol, regando sus flores. La besé, delirante de amor, en la frente, y luego, rendido por la emoción, me puse a llorar como un niño con la cabeza recostada en sus rodillas. Largo rato estuve así, sintiendo que las manos de Cordelia acariciaban mis cabellos, y oyéndola murmurar a mi oído, con voz dulce y mimosa, frases de consuelo:

—Creíste que me moriría, ¿verdad?

—Sí... te he creído muerta, más aún, he creído ver tu entierro, ángel mío. ¡Oh, qué infamia tan grande hubiera sido el robarme la luz, la única luz de mi vida!

—¡Qué loco eres! ¡Morirme sin que hubiéramos sido felices! Dicen que la malaria no perdona, y ves, me ha perdonado en consideración a nuestro amor: se ha conformado con robarme un poco de sangre.

Y realmente los labios de Cordelia estaban casi blancos, y en general la piel, especialmente en las manos y en el rostro,

tenía una palidez y una transparencia extremadas. Pero a pesar de que la malaria la había debilitado tanto, estaba más bella si cabe que antes.

Un mes después Cordelia y yo nos casábamos con gran boato, y, el mismo día de nuestras nupcias, fui a encerrarme con mi tesoro en la solitaria *Granja Blanca*.

VI

Con la rapidez de una estrella fugaz transcurrió el primer año de nuestra felicidad. No concibo que haya habido mortal más venturoso de lo que yo fui durante ese año con mi Cordelia en la tranquila y aislada morada que habíamos escogido. Muy de tarde algún extraviado cazador o algún aldeano curioso pasaba por delante de la *Granja*. Por toda servidumbre teníamos una anciana sorda como un ladrillo. Otro habitante que no debo olvidar era mi fiel perro *Ariel*. A fines del año fui una vez a la ciudad y conduje a la *Granja Blanca* a una comadrona. Cordelia dio a luz una hermosa niña que vino a colmar de ventura nuestro hogar novel.

Creo haber dicho que Cordelia era una hábil dibujante. En los momentos en que los cuidados de nuestra hija la permitían algún descanso, se propuso hacer un retrato mío. ¡Qué hermosas mañanas pasábamos en mi gabinete de trabajo, yo leyendo en

alta voz y mi mujer reproduciendo mi efigie en el lienzo! La obra se hizo larga, porque continuamente la paralizábamos para entregarnos a las locuras y ensueños de nuestro cariño. A los tres meses estuvo concluida, pero debo confesar que si bien era irreprochable como factura, era mediocre como parecido. Lo que yo deseaba ardientemente era que Cordelia me hiciera un retrato suyo. Ella se resistió varios meses a hacerlo, pero al fin una mañana me ofreció darme gusto. Me sorprendió el acento extraño y melancólico de su voz al hacerme su ofrecimiento: *temía la voz que debió tener la hija de Jairo*. Me suplicó que, *mientras estuviera haciendo su retrato, no penetrara en el gabinete, ni intentara ver el lienzo hasta que estuviera concluido*.

—Eso es inicuo, reina mía. ¡Dejar de verte dos o tres horas al día! Mira, renuncio a mi pretensión; prefiero quedarme sin el retrato a tener que privarme de tu presencia. Después de todo, ¿para qué necesito la imagen si poseo el original para siempre?

—Escúchame —respondió colgándose a mi cuello—, no pintaré sino un día a la semana; en cambio de lo que te robe, sabré pagarte de la privación que sufras. ¿Verdad que accedes?

—Que conste que lo hago de mala gana y sólo por interés de la recompensa.

Desde esa semana, todos los sábados por las mañanas encerrábase Cordelia en mi gabinete durante dos horas, al

cabo de las cuales salía agitada, pálidas las mejillas, más de lo que ya eran, y los ojos encendidos como si hubiera llorado. Cordelia me explicaba que ello era debido al estado de atención y abstracción sumas en que se ponía para coger del espejo su imagen y reproducirla en el lienzo con la mayor fidelidad.

—¡Oh, vida mía, eso te hace daño!... Te declaro que renuncio con gusto al retrato.

—¡Es imposible! —murmuraba con voz sorda, como si hablara consigo misma—. ¡Si pudiera durar su ejecución un año más! ¡El plazo es fatal!

En seguida me hacía objeto de las manifestaciones de cariño más extremadas; en todo el día no se separaba de mí un segundo ni de nuestra hija, como si quisiera reponer con exceso de amor las horas que había estado separada de nosotros.

VII

Llegaba a su término el segundo año de nuestra permanencia en la *Granja Blanca*. Cordelia estaba concluyendo su retrato. Una mañana tuve la imprudencia de atisbar por el ojo de la cerradura de mi gabinete, y lo que vi me hizo estremecer de angustia: Cordelia lloraba amargamente; tenía las

manos sobre el rostro, y su pecho se levantaba a impulsos de los sollozos ahogados... A veces oía un ligero murmullo de súplica: ¿quién? No lo sé. Me retiré lleno de ansiedad. Nuestra hijita lloraba. Consolé a la pequeña Cordelia, y esperé la salida de mi esposa. Al fin salió; tenía esa expresión de secreta, profunda tristeza, que yo había observado muchos sábados, pero reaccionando Cordelia sobre sí, estuvo cariñosa, alegre y apasionada como de costumbre. Nos colmó de caricias a la niña y a mí. La senté en mis rodillas, y cuando tuvo su rostro bien cerca del mío, la pregunté mirándola fijamente en los ojos:

—Dime, Cordelia de mi alma, ¿por qué llorabas en mi gabinete?

Cordelia se turbó y reclinó su cabeza sobre mis hombros.

—Ah, me has visto. Me habías ofrecido no mirar mi modo de trabajar. ¡Informal! Yo amanecí hoy muy nerviosa y me dio mucha pena ver que faltabas a tu palabra. Lloré en cuanto sentí que te acercabas a la puerta.

Por el acento tembloroso y turbado con que me hablaba Cordelia comprendí que mentía; pero como en realidad yo había faltado a mi compromiso, no quise insistir.

—¡Perdóname, Cordelia!...

—Ya lo creo; te perdono, te perdono, dueño mío, te perdono con todo el corazón —y cogiendo mi cabeza entre sus manos, me besó en los ojos.

El sábado siguiente se cumplían dos años de nuestro matrimonio. Apenas se levantaba Cordelia tenía la costumbre de venir a despertarme. Ese día estaba yo despierto, y cuando Cordelia se inclinó sobre mi frente la cogí de la cintura.

—¿Sabes qué día es hoy?... es el día de nuestro cumpleaños.

El cuerpo de Cordelia se estremeció, y a través de las ropas sentí en mis manos como si una corriente de sangre helada hubiera pasado por las venas de mi esposa.

A las diez de la mañana Cordelia me llamó desde mi gabinete dando voces de alegría. Acudí corriendo: Cordelia abrió las dos hojas de la puerta, y llena de un alborozo infantil, me condujo de la mano hasta el caballete, sobre el cual había un bastidor cubierto por una tela roja. Cuando quitó ésta di un grito de asombro. La semejanza era maravillosa; era imposible trasladar al lienzo con mayor fidelidad y arte la expresión de amor y melancolía que hacían a Cordelia tan adorable. Allí estaba su palidez sobrenatural, sus ojos oscuros y brillantes, como diamantes brunos, su boca admirable... Un espejo habría reproducido con igual fidelidad el rostro de Cordelia, pero no habría copiado el reflejo sugestivo de su alma, ese algo voluptuoso y trágico, esa chispa de amor y de tristeza, de pasión infinita, de misterio, de idealismo extraño, de ternura extrahumana; no habría copiado esa

indefinible semejanza de almas entre Cordelia y la hija de Jairo, que yo percibía, sin que pudiera indagar cuál rasgo fisonómico preciso, cuál expresión determinada eran las que provocaban en mi alma el recuerdo, o mejor, la idea de la resucitada de la leyenda evangélica.

Y ese día nuestro amor fue una locura, un desvanecimiento absoluto; Cordelia parecía querer absorber toda mi alma y mi cuerpo. Y ese día nuestro amor fue una desesperación voluptuosa y amarga: fue algo así como el deseo de derrochar en un día el caudal de amor de una eternidad. Fue como la acción de un ácido que nos corrojera las entrañas. Fue una demencia, una sed insaciable, que crecía en progresión alarmante y extraña. Fue un delirio divino y satánico, fue un vampirismo ideal y carnal, que tenía de la amable y pródiga piedad de una diosa y de los diabólicos ardores de una alquimia infernal...

VIII

Sería la una de la mañana cuando desperté sobresaltado; en sueños había tenido la impresión fría de una boca de mármol que me hubiera besado en los labios, de una mano helada que hubiera arrancado el anillo de mi dedo anular, de una voz apagada y triste que hubiera murmurado

a mi oído esta desoladora palabra: ¡Adiós! Unos segundos después oí el estallido de un beso y un grito agudo de la pequeña Cordelia, que en su lenguaje incipiente llamaba a su madre.

—¡Cordelia! —llamé con voz débil procurando ver a través de la obscuridad el lecho de mi esposa, y escuchar el más pequeño ruido. Nada.

—¡Cordelia! —repetí en voz alta e incorporándome. El mismo silencio. Un sudor frío bañó mis sienes, y un escalofrío de terror sacudió mi cuerpo. Encendí luz y miré el lecho de mi esposa. Estaba vacío. Loco de terror y de sorpresa salté de mi cama.

—¡Cordelia! ¡Cordelia!...

Abrí las puertas y salí llamando a mi esposa, ronco de dolor.

¡Cordelia!

Recorrí todas las habitaciones, todos los rincones de la *Granja Blanca*. En el corredor, *Ariel*, con el rabo entre las patas y erizados los pelos, aullaba, y los lobos del bosque respondían lúgubrementemente.

—¡Cordelia!

Conduje a *Ariel* a la alcoba, le hice callar y le encomendé el cuidado de la pequeña Cordelia. En seguida cogí en la cuadra el primer caballo que encontré, un potro negro; de

un salto le monté y le sumergí al galope en la espesa tiniebla del bosque.

—¡Cordelia! ¡Cordelia!

Me respondían los furiosos aullidos de los lobos, cuyos ojos veía brillar a ambos lados de la vereda como salpicaduras hechas sobre el césped con aceite fosfórico. Cegado, enloquecido por el dolor, no reflexionaba en el peligro que corría. Los lobos, envalentonados por el vertiginoso galope de mi caballo, se lanzaron en persecución nuestra aullando de un modo ensordecedor. Detrás del potro se extendía una larga mancha movediza y negra sembrada de puntos luminosos.

—¡Cordelia! ¡Cordelia!

Y me respondían el aire zumbando entre las hojas, el vuelo de las aves nocturnas asustadas, el golpe seco del casco en el césped y el aullido hambriento e hidrófobo de las bestias salvajes. No sé cuántas leguas me alejé de la *Granja Blanca*. Mi potro, guiado por el instinto, dio un inmenso rodeo, y cuando ya el alba espolvoreaba el cielo de oriente. Con sutil polvillo de nácar, me devolvió a la desolada *Granja*, rendido de angustia y vencido por la inexorable crueldad del destino. Largo rato estuve echado sobre la escalinata, mientras las avecillas saludaban la aurora con su entupida y hermosa plegaria...

IX

Volví a buscar a Cordelia en todas las habitaciones; volví a ver el lecho vacío; las almohadas conservaban aún el perfume de sus cabellos y la huella de la presión. La pequeña Cordelia dormía en la cuna vigilada por el buen *Ariel*. ¡Pobrecilla! Para no despertarla fui al estudio. Levanté el lienzo que cubría el retrato de Cordelia y mis cabellos se erizaron de espanto. ¡El lienzo estaba en blanco! ¡En el lugar que ocupaban los ojos en el retrato que yo había visto, había dos manchas, dos imperceptibles manchas que simulaban dos lágrimas! Sentí que mi cerebro vacilaba, me parecía que mi inteligencia se ponía a caminar como un funámbulo sobre la arista de un camino hecho al borde del abismo: la menor impulsión la habría precipitado. La Muerte y la Locura tiraban de mí. Necesitaba llorar para que no triunfara alguna de ellas; oí llorar en este momento a mi hija y me salvé: lloré también...

Después se verificó en mí un fenómeno extraño: una invasión de indiferencia, de estoicismo, de olvido, que subía como una marca de atonía. Me parecía que surgía dentro de mí un nuevo individuo, que se había roto la identidad de mi yo con la superposición o intromisión de una nueva personalidad. Estaba convencido, con seguridad inamovible, de que no vería más a Cordelia; hacía pocas horas que se

había realizado una tragedia misteriosa y sobrenatural y no me asombraba ya de ello, como si una larga serie de siglos se hubieran interpuesto entre el pasado y el presente. Me parecía que entre el momento actual y la terrible noche hubiera un inmenso cristal deslustrado que apenas me dejara percibir vagamente los contornos de los sucesos y de mis emociones. Sobre mi escritorio estaba el retrato que me hiciera Cordelia; en la otra habitación estaba nuestra hija y el lecho de mi esposa, y en todas partes había objetos que ella había usado, flores que había ella arrancado, todo lo que había rodeado nuestra vida: sólo ella, mi Cordelia, no estaba. Y, sin embargo, la situación psíquica en que me encontraba me hacía sentir la impresión de que *nada había cambiado y de que nada había existido nunca*.

A poco sentí el galope de un caballo; me asomé y reconocí a mi viejo maestro que, vestido de negro, se dirigía a la *Granja Blanca*.

X

Venía trayéndome una carta de la madre de Cordelia:

Se han cumplido dos años desde que murió la que era luz de mi vida, la adorada hija mía, mi Cordelia, tu

prometida, a la que tanto amabas. Pocos minutos antes de expirar encargó que el día en que se cumplieran dos años de la fecha que tú y ella habíais determinado para vuestra unión, te enviara el anillo de los esponsales, la cruz de marfil que se había de poner sobre su ataúd y la miniatura que le pintó Stein. Cumpló el encargo de la pobre hija mía. Sé que tu dolor ha sido inmenso, y que has vivido hasta hoy, solitario y huraño, en tu retiro de la Granja Blanca, acompañado del recuerdo de tu novia. Llórala, hijo mío, porque Cordelia era digna de tu amor. Recibe un beso maternal de esta pobre vieja, que no tiene más consuelo que la esperanza de reunirse pronto con su hija.

Por una coincidencia singular, el cofrecillo que contenía los objetos indicados estaba envuelto en una hoja de la *Gaceta*, de la fecha en que fue inhumada mi Cordelia. Bajo una cruz negra leí la invitación a la fúnebre ceremonia. Leí tranquilamente la carta y la *Gaceta*; luego abrí el cofre y vi minuciosamente los objetos que contenía. ¡Cuántos besos había dado al magnífico retrato de Cordelia hecho por el primoroso Stein! Recordé la noche en que Cordelia y yo cambiamos los anillos esponsalicios; ¡qué bella estaba vestida de blanco y con sus cabellos, de un rubio mortecino, que

caían profusamente en rizados sobre los hombros! El Cristo de marfil nada me recordó; sentí disgusto al ver la expresión fría de dolor convencional que había en su rostro...

Intertanto, el maestro me observaba, un poco asombrado de no verme hacer la más pequeña manifestación de dolor. Hubo un largo rato de silencio.

—¿Insiste usted, maestro, en creer en la realidad de la vida y de la muerte? ¡Bah! Pues yo le digo a usted que no existen ni la una ni la otra. Ambas son ilusiones, ensueños episódicos, que no se diferencian sino en la conciencia de ese *gran durmiente* en cuya imaginación vivimos una vida fantástica... Dirá usted, mi querido maestro, que sigo siendo el loco de las fantasías filosóficas de antaño...

—No; lo que digo es que no me explico tu cariño a Cordelia y el respeto a su memoria. Me hablas de necedades filosóficas cuando todos tus pensamientos, con motivo de estos sagrados recuerdos que te traigo, debían dirigirse hacia esa niña tan bella como infeliz que te amaba y murió ha dos años...

—Que murió anoche —interrumpí fríamente.

—¡Que murió para ti hace cincuenta años! —rectificó con amarga ironía el anciano.

—¡Ah, maestro! ¿Usted, con sus sesenta y cinco años, me da lecciones de amor? ¿Usted a mí? Le diré lo que Hamlet a

Laertes, en el entierro de Ofelia: «Amé a Ofelia; cuarenta mil hermanos no habrían podido quererla tanto como yo. ¿Qué harías tú por ella?» Pero no se violente usted, maestro: iba a hablarle de Cordelia. Tanto usted como la carta de mi suegra y la *Gaceta* me traen la peregrina noticia de que Cordelia ha dos años que murió. Pues bien, si hubiera usted venido ayer, Cordelia y yo le habríamos recibido con carcajadas de alegría; si hubiera usted venido anoche, nos habríamos usted y yo encontrado en el bosque que acaba de atravesar, si es que antes no le habían devorado los lobos. Ha venido usted hoy y simplemente le digo que Cordelia no murió hace dos años, que Cordelia ha sido mi esposa, mi adorada esposa, que Cordelia ha vivido aquí hasta anoche... Son curiosas las evoluciones del rostro de usted; antes expresaba la indignación por mi indolencia ante el recuerdo de esa bella e infeliz niña, que tanto me amé, y ahora expresa todo lo contrario: el temor de que el sufrimiento me haya enajenado el juicio. ¡Oh!, no ponga usted esa cara apenada, maestro querido, no estoy loco. Escuche usted esto; aunque no lo crea, acéptelo como una hipótesis cuya comprobación haré después: Cordelia ha habitado la *Granja Blanca*, la ha habitado en *cuero y alma*. Si Cordelia murió, como usted me asegura, hace dos años, la vida y la muerte son iguales para mí, y como consecuencia, se derrumba la filosofía positivista de usted.

—¡Pobre hijo mío! Tú desvarías... lo que me dices es un absurdo.

—Pues entonces, maestro, el absurdo es la realidad.

—¡Las pruebas... las pruebas!...

—¿Recuerda usted la letra de Cordelia?

—Sí; reconocería sin vacilar algo escrito por ella.

Fui a mi escritorio y cogí un libro copiador de mi correspondencia. Muchas de mis cartas las había escrito Cordelia y las había formado yo. Se las mostré al maestro.

—Sí, sí... es su letra, muy bien imitada... perdona, no digo que quieras engañarme... pero inconscientemente puedes haberte asimilado la forma de letra de tu novia, y de ahí que esos caracteres sean como los suyos. Además, tu escribiente...

—No lo tengo. Ya sabía yo que había usted de dudar. ¿Recuerda usted los dibujos de Cordelia, su estilo? Mire usted este retrato que me hizo mi esposa a principios de este año.

El maestro se estremeció al ver el trabajo de Cordelia. Pero al fin, aunque no me lo dijo, vi cruzar por su cerebro la persistente idea de una superchería. Le rogué que me esperase un momento. Regresé seguido de *Ariel* y trayendo en mis brazos a la niña.

—Aquí tiene usted, maestro, la prueba más convincente: ¡he aquí la hija de nuestro amor!

—¡Cordelia! —exclamó el anciano, lívido de terror. Sus ojos querían salirse de las órbitas y sus manos se agitaban temblorosas.

—Sí... la pequeña Cordelia, maestro.

—Es su rostro... su expresión.

—Sí, la misma expresión de Cordelia y de la hija de Jairo.

Y el buen viejo parecía hipnotizado por la mirada curiosa, inteligente y dulce de la niña, la cual, como si alguien le hubiera dicho al oído que ese hombre era un antiguo amigo, le tendió sonriendo los bracitos. El maestro, temblando como un azogado, la tomó en sus brazos.

—¡Es Cordelia, es Cordelia! —murmuraba, mientras yo, implacable en mis argumentaciones, seguía:

—Ergo, maestro, he sido el esposo de la muerta durante dos años; ergo, la muerte de Cordelia ha sido, a pesar de usted, del médico que la asistió en los últimos instantes, del sepulturero que la inhumó, un incidente sin realidad positiva en el *ensueño de alguien*. La vida de usted, maestro, la mía, la de todos, son ilusiones aéreas, sombra que sin lógica ni firmeza cruzan la región del ideal, buques-fantasmas que sin rumbo fijo surcan el mar agitado del absurdo, y cuyas olas no han azotado jamás las costas de la realidad, por más que nos imaginemos ver destacarse en el horizonte, ya extensas playas, ya abruptos acantilados. Sí, maestro,

no existe la realidad, o en otros términos, la realidad es la nada con formas.

—¡Calla... calla! Mi razón se turba ante este absurdo tangible, ante este misterio que vive aquí, en mis brazos. No, no mientes, no puedes mentir... Esta niña es Cordelia de un año... de igual modo exactamente me miró y me tendió los brazos... Es Cordelia que vuelve a la vida... ¡Es Cordelia que renace! ¡Dios santo! ¡Yo estoy loco, tú lo estás!... ¡Pero es ella, es ella!...

Las incoherencias del aterrado maestro y una frase que exclamó: «¡es Cordelia que renace!», abrieron ante mis ojos un horizonte inmenso, terrible... Si la ilusión de la vida puede repetirse, también la ilusión de la felicidad puede volver... «Es Cordelia que renace», exclamaba yo, y mi alma entera se transportaba al futuro, y allí veía fundirse en una sola entidad a la madre y la hija.

—¡Es Cordelia que renace! —repetí con la voz tan ronca y alterada, que el maestro me miró. ¿Qué vio en mi semblante? No lo sé.

—¿Qué piensas hacer? No has de quedarte en la *Granja Blanca*. Has de educar a tu hija...

—Me quedo —respondí como si hablara conmigo mismo—; el alma de mi Cordelia vive en el alma de esta niña, y ambas son inseparables de la *Granja*. Aquí moriremos, pero

aquí seremos felices. ¿Por qué no continuar estos ensueños da vida, felicidad y muerte, Cordelia mía? ¡Oh, Cordelia!, la ilusión de tu vida comienza nuevamente...

—¡Desgraciado! —interrumpió el maestro, mirándome con espanto—, ¿piensas hacer tu esposa a tu hija?

—Sí —contesté lacónicamente.

Entonces el anciano, sin que yo pudiera impedirlo, acercose con la niña a la ventana, la dio un rápido beso en la frente y la arrojó de cabeza sobre la escalinata de piedra de la *Granja*. Oí el ruido seco del pequeño cráneo al estrellarse... ¿Creéis que mi desesperación pidió venganza, que cogí al maestro por el cuello y le hice añicos? Nada de eso. Le vi alejarse, montar a caballo y perderse en la sombra fatídica del bosque. Me quedé recostado en la ventana. Me parecía estar vacío, sin el más insignificante de los elementos que constituyen la personalidad humana. La vieja sirvienta vino a llamarme varias veces, y por signos la hice comprender que Cordelia y la niña se habían ausentado y que yo no quería comer. Allí, a diez pies bajo mi ventana, estaba muerta la pequeña Cordelia; allí estaba, sobre un charco de su propia sangre, la que más tarde habría reproducido mi perdida felicidad. Allí estaba y yo nada sentía, estaba vacío; no sufría, no gozaba, y ni siquiera una idea cruzaba mi cerebro. Así transcurrieron la tarde y la noche. Largo rato estuvo *Ariel*

guardando en medio de las tinieblas el cadáver de la niña. El pobre animal aullaba y ladraba. Los lobos olieron la sangre y poco a poco fueron acercándose, se colaron por la verja, y hasta que vino el alba no estuve oyendo otra cosa que gruñidos sordos y trituraciones de huesos entre los dientes agudos y formidables de las bestias feroces.

Apenas amaneció, me dediqué mecánicamente, sin darme cuenta de ello, a empapar el mobiliario y los muros de la *Granja Blanca* con sustancias combustibles, y antes de que el sol resplandeciera sobre las copas de los árboles del bosque, prendí fuego a la *Granja* por sus cuatro costados. Monté mi potro negro, y espoleando cruelmente sus ijares, me alejé para siempre en desenfrenado galope de esa región maldita. Olvidaba decir que, cuando incendié la *Granja*, estaba dentro la pobre vieja sorda.

LA LEYENDA DEL HACHISCH

I

Leticia tenía unos ojos negros de los que siempre fluía una mirada cariñosa e interrogadora de *animal doméstico*. ¡Qué hermosa era! ¡Qué delicioso bienestar me producía el verla cerca de mí, mientras yo llenaba cuartillas de papel en mi mesa de trabajo! Alta, delgada, pálida, extremadamente pálida, venía a sentarse frente a mí con un libro sobre las faldas, en el cual leía, en tanto que no se oía más que el febril galope de mi pluma sobre las cuartillas. Cuando en mi trabajo se abría una solución de continuidad y levantaba la cabeza, me encontraba con la mirada dulce de Leticia que intentaba indagar la causa de mi interrupción... Otras veces entraba furtivamente en mi gabinete, y recostándose sobre el espaldar de mi sillón, leía los cuentos de amor que yo escribía. El perfume de sus cabellos me denunciaba la presencia de mi amada, pero entonces fingía yo no haberla advertido,

y escribía en el papel una frase de amor de aquellas que a ella, sólo a ella decía, una de aquellas solicitudes ardientes y apasionadas que sólo a ella dirigía. Al verse descubierta, Leticia enlazaba sus brazos a mi cuello y me besaba en los ojos y en los labios... ¡Pobre reina mía!

Recuerdo muy bien las claras noches de verano en que subíamos a la terraza y pasábamos dos o tres horas interrogando al cielo con nuestro pequeño telescopio, bañados por la luz astral que nos cubría como si fuera *el sutil polvillo blanco desprendido de las alas de una enorme mariposa pálida*. Leticia parecía entonces albergar en su alma, el alma casta de las estrellas. Un ambiente de amor místico nos saturaba, y nuestros besos tenían entonces una extraña pureza como si tradujeran el espíritu misterioso que animaba ese infinito abismo abierto encima de nuestras cabezas. Y nos desagradaban y nos avergonzaban los recuerdos impuros de nuestras locuras pasionales, de las exquisiteces y refinamientos en que nos desvanecíamos y aniquilábamos nuestra vida. En esos momentos nuestro amor era un culto: *nos sentíamos impregnados del alma serena del Cosmos*: nuestras miradas vagaban por las comarcas siderales, por Sirio y Canopo, por la Vega y Betelgeuse y por la amplia cabellera de Berenice y el inmensurable chorro lácteo que parte del seno de Juno. *Nos creíamos acaso andróginos y cruzábamos los misterios de*

la noche vinculados por una entrañable fraternidad asexualada...
Después, cuando el frío de la noche nos obligaba a retirarnos al lecho, venían las exasperantes exigencias de nuestros temperamentos, y la reacción impura de nuestro amor contra las Idealidades de nuestras divagaciones astrales.

Viajé mucho para debilitar el recuerdo de la delicada Leticia. Nuestras locuras y caprichos debían matarla y así fue. Su cuerpo anémico había nacido para el amor burgués metódico, sereno, higiénico, y no para el amor loco, inquieto y extenuante exigido por nuestros cerebros llenos de curiosidades malsanas, por nuestras fantasías bullentes y atrevidas, por nuestros nervios siempre anhelantes de sensaciones fuertes y nuevas... Los viajes y las distracciones que me procuré para debilitar el recuerdo, la nostalgia de mi Leticia, fueron inútiles. En mis horas de disolución y en las de descanso persistía en mi retina la Imagen de la amada, ida para siempre; sentía el vacío de la inolvidable pálida, lo sentía en medio de la insensata embriaguez a que recurría, lo sentía cuando besaba los labios de otras mujeres, lo sentía cuando meditaba, cuando escribía en mi ya solitaria estancia... Cuán desoladas eran mis noches, cuán angustiosos mis insomnios durante los cuales, con la mirada hundida en las tinieblas creía ver abocetarse, con líneas difusas, la curva de su cuerpo palpitante y febril, esa curva moderada y noble,

esa línea elegante, sin las osadías que crea el artificio; esa curva mística que, en los cuerpos de las santas jóvenes de algunas vidrieras góticas, expresa mejor la exaltación del fuego interior. El cuerpo de Leticia tenía la *delicada pureza de una virginidad cristalizada, el encanto infantil y la gracia de una adolescencia detenida en los músculos antes de la expansión que experimentan éstos, cuando una joven ha visitado la isla de Citeres...* Creía oír el crujido de mi almohada bajo el peso de la adorable cabeza, creía sentir en mis mejillas el leve roce de sus negros cabellos, tan negros como el dolor de la ausencia de mi amada, creía sentir la tibia mirada de sus ojos cariñosos y apacibles de *cierva doméstica*.

Una noche, en la que no podía dormir hostigado cruelmente por la visión de la inolvidable, recordó que tenía en mi escritorio una cajita de palma, primorosamente labrada y ornada con arabescos. Me la había enviado del Cairo un antiguo amigo que desempeñaba un consulado. La caja contenía el misterioso manjar del Viejo de la Montaña, el *hachisch* divino... Me levantó del lecho, toqué el botón eléctrico de la luz con una pequeña plegadera de plata, corté un pedazo de la pasta y comí. En seguida me senté a esperar los efectos. He aquí las impresiones que experimenté y las extravagancias que vi durante las varias horas que estuve sumergido en extraño ensueño.

II

Residía yo en la antigua Trapobana, haciendo vida errante, cuando sentí que se apoderaba de mi alma el más ardiente fuego místico; tuve súbitamente, la noción clara de la vanidad de las cosas humanas y resolví entregarme a la vida contemplativa. Recorriendo una selva, mientras mi pensamiento se deleitaba en altas concepciones teológicas, encontré un anciano *fakir* llamado Djolamaratta, muy austero y muy erudito en las ciencias teológicas, y profundo conocedor de las propiedades ocultas e íntimas de las cosas. Djolamaratta había leído y escoliado todos los libros sagrados de la India. A fuerza de meditación había llegado a vislumbrar, como a través de una espesa niebla, la infinitud de Brahma; y esa aproximación al gran Ser en una pulgada más que el resto de los mortales le hacía infinitamente superior a éstos en ciencia y en poder. El rostro de Djolamaratta era del color del cedro húmedo; sus blancas barbas le llegaban a las rodillas y en su enredado vellón se enroscaban cariñosamente los *cobracapellas* anidaban negros alacranes y reposaban tranquilamente infinidad de pequeñas alimañas, cuyo simple contacto podía producir la muerte. Djolamaratta estaba siempre desnudo, porque Brahma no gusta de los atavíos, y porque el viejo *fakir* quería que el

aliento formidable de la Gran Causa le penetrara libremente por todos los poros del cuerpo. El anciano, desde su primera contemplación, tenía las manos perforadas como las de un crucificado. Hacía cincuenta años (y ya era anciano) se había hecho inhumar; dispuso que le enterraran con la lengua doblada hacia el paladar, los ojos vueltos hacia arriba y los puños cerrados. Ocho meses permaneció así y la humedad de la tierra hizo crecer de tal modo sus uñas que le perforaron las manos. En ese lapso, y *durante el tiempo que dura el pestañeo de una estrella*, vio la sombra de Brahma, y eso sólo le produjo una felicidad tan grande e indescriptible, que toda frase sánscrita y sacerdotal de encomio es infinitamente pálida, la más aproximada es opuesta, y solamente en uno de los Puranas había encontrado una palabra que muy remotamente pedía expresar la suprema venturanza que experimentó.

Djolamaratta me recibió afablemente como discípulo, y durante dos años recibí sus sabias lecciones.

Nada más terrible que sus éxtasis: los ojos se le saltaban, sus venas se inyectaban hasta casi estallar; su respiración se paralizaba, abundosa espuma salía de sus labios y copioso sudor brotaba de su cuerpo. De pronto, el maestro se elevaba en el aire como si terribles poderes le subyugaran; las *cobras* se ponían a danzar debajo de él, parados sobre la cola

y recibiendo en sus lenguas bífidas las gotas de sudor que caían del cuerpo del sabio. En cuanto Djolamaratta volvía en sí, corría como un loco a precipitarse en un arroyo en el que abrevaban leones, hipopótamos y elefantes salvajes; allí hundía Djolamaratta la cabeza, pasando entre las feroces bestias que se separaban de él, como amedrentadas, y bebía, bebía hasta hartarse.

Con frecuencia hacíamos largas excursiones por las selvas y el maestro me instruía en los misterios sagrados, en los secretos más recónditos de la naturaleza, en la razón de los males de este mundo, en los conjuros para atraer el auxilio de los poderes sobrenaturales; me refería los pensamientos de las bestias y de las flores y me traducía al más puro y noble *pali* las palpitaciones más sutiles de la vida, del dolor y de la alegría de la naturaleza.

Un día me llevó Djolamaratta a un valle oscuro rodeado de pardas montañas tan altas como el Himalaya.

Por todas partes se veían las enmarañadas copas de árboles extraños, cuyos troncos estaban llenos de pústulas. El aire tenía un olor repugnante, como el de la sala de un hospital de gangrenados. Las aves, que cruzaban el espacio, tenían los cuerpos purulentos, con una que otra pluma desmalazada: volaban tardamente, lanzando graznidos lastimeros; las fieras cruzaban nuestro camino con paso

dificultoso de bestias baldadas por la elefantiasis, tiñosa la piel y los ijares hundidos, como interiormente corroídos por un mal implacable. Las flores, apenas abiertas, caían moribundas sobre el césped raquítrico y gris; sus pétalos ardían en violenta fiebre, y sus estambres se estremecían y retorcían en las convulsiones de intenso dolor. Las sabbandijas ponzoñosas se arrastraban con dificultad, presas de una horrorosa enfermedad. Las serpientes no tenían esa agilidad vibrante que las caracteriza; muy al contrario, sus cuerpos glutinosos reptaban en lentos ziszás, dejando en el suelo una huella húmeda como la de las babosas, y pasaban mirándonos lánguidamente con sus ojillos sanguinolentos y lacrimosos. Una leona, con su cría reposaba echada en medio del camino; estaba desfallecida y con el cuerpo cubierto de pústulas sobre las que saltaban moscas verdes, saltaban, porque no podían volar. La pobre bestia yacía con la lengua fuera, jadeante y quejumbrosa, mientras sus cachorros, flacos como galgos, con la desvencijada columna dorsal rompiéndoles la piel, se afanaban por mamar de unas ubres vacías y lacias de las que no manaba sino sangre viciada...

—Maestro, ¿qué tierra de desolación es ésta? —pregunté aterrado a Djolamaratta—, ¿es el país de la muerte acaso?, ¿el reino maldito de Siva?

—Hijo mío —me respondió el anciano con cierta expresión de sorna que no le conocía y que me pareció como un reflejo del espíritu de otra raza distinta de la suya—, aquí estuvo no tiempo el reino de la Felicidad: aquí vivió Adima, el primer hombre y el primer malvado... Cuando murió, los genios arrojaron su cadáver en aquel lago que ves a tu izquierda. *La mujer de Adima vive aún y reina en esta región de la putrefacción y la enfermedad.* De este lago salen cinco ríos que riegan todas las comarcas de la tierra. Mira, hijo mío...

Miré el lago. Flotaban en la superficie enormes cuerpos de lagartos con la panza arriba, roída por los gusanos. Por todas partes subían vahos infectos y calientes *como el aliento de un horno en que se asaran tarántulas.* A flor de agua vi pasar algunos peces escuetos, casi sin escamas, con los ojos velados por una nube y asomando por el dorso las espinas astilladas y carriadas. En las peñas de las orillas se formaban escoriaciones en las que crecían repugnantes hongos y asquerosos helechos que parecían quistes. Los anfibios habían perdido sus formas primitivas, porque la gangrena había devorado sus miembros dejando un muñón no cicatrizado donde hubo antes una pata o una cola.

—Dime, ¡oh, maestro!, ¿dónde está esa mujer tantas veces milenaria, obligada por Visnú a reinar en medio de tanta desolación y miseria? Muéstramela y dime su nombre...

Apenas hecha esta pregunta se verificó una transformación muy rara en el rostro de Djolamaratta; su cabeza se trucó con la cabeza de Ovidio Naso, tal como la había visto yo reproducida en una colección de estampas titulada: *Effigies virorum illustribus antiquitatae*, editado en 1692. Una sonrisa burlona y perversa vagaba en sus labios y, con acento de iniquidad perfectamente latina, respondió a mi pregunta:

—*Venus Syphiliae, regina urbis!... Videor, fili mihi!*

Y vi, vi en el centro del lago un islote en el que se alzaba un gigantesco hongo de forma obscena, a cuya sombra estaba sentada esa extraña reina en la actitud de los ídolos orientales. Parecía meditar y no tenía más adorno que una corona de adelfas. De pronto, levantó la cabeza y me miró... Sentí que un frío espantoso me helaba hasta la médula de los huesos y que el asombro más doloroso paralizaba mi vida... Eran el rostro y el cuerpo de mi Leticia, de mi pura e inolvidable Leticia. Ella, mi amada, mi esposa, reinaba allí, solitaria y melancólica, en medio de tanta desolación y espanto, reinaba desde la aurora de la Humanidad sobre esta Naturaleza corroída por la fiebre y la putrefacción...

Y sus grandes ojos negros me dirigieron una mirada bondadosa y apacible de pálido animal doméstico... Y todo el aterrador paisaje se desvaneció...

III

Tuve una reacción momentánea en mi cerebro, extraviado en las regiones extraordinarias del ensueño; me vi sentado junto a mi escritorio; frente a mí estaba el retrato de Leticia, el retrato de cuerpo entero que pintó con singular acierto el gran Carolus.

A poco me pareció que el aire se hacía muy ligero, muy sutil, como si sus átomos se hubieran reducido en número y ampliado enormemente en dimensiones; veía el aire como si lo percibiera a través de una poderosa lente biconvexa. Volví mi observación hacia mí y noté que estaba dotado de unas fuerzas desmesuradas, hiperbólicas, *todo en mí era fuerza; yo era el núcleo de donde partían impulsiones en todo sentido*. Hablé, y mi palabra resonaba con la intensidad de cien cañonazos. Estaba seguro de que fuera de mi casa, en las calles de la ciudad, en los bosques y en las ciudades vecinas, mi voz pasaba como una tromba sonora, como una ola de ruido que ensordecía a la gente, rompía los cristales y hacía vibrar, como cuerdas de guitarras, los hilos telegráficos. Y no era una presunción, sino que veía los efectos de mi voz, pues las paredes no oponían obstáculos a la fuerza de mi visión; todos mis sentidos superaban en energía, en proporción inmensurable, a los que la naturaleza ha puesto en la nor-

malidad de los hombres, mis miradas atravesaban paredes, cuerpos y montañas, y la fuerza visual, cabalgada en un rayo vibrante del éter, se hundía sin agotarse en los infinitos y oscuros abismos del espacio. Yo estaba asombrado, pero después quedé tranquilo al encontrar en mi cerebro la *explicación científica del fenómeno*: «En la Naturaleza no hay fuerza detenida, ni impulsión perdida, ni energía esterilizada porque todo es movimiento y transformación. Un movimiento de mi mano por ligero que sea, empuja y pone en movimiento las moléculas del aire que la rodea, a su vez estas moléculas presionan a las siguientes, a las de la pared, a las que están al otro lado, y así el movimiento va transmitiéndose de molécula en molécula a través de los obstáculos que se interpongan y continúa por el éter a través de los cuerpos planetarios y siderales». Y con movimientos de mi puño hacía vibrar la creación entera. ¡Qué divertido era para mí hacer vacilar a voluntad a Marte primero, luego a Júpiter, a Saturno, a Urano y a Neptuno y la infinidad de astros que pueblan el Cosmos! Todo en mí era potencia extraordinaria, no había obstáculo para mis ojos, como si llevara en ellos poderosos aparatos de radiografía.

Observé mi propio organismo con la facilidad que tendría cualquiera persona cuyo cuerpo fuera hecho de límpido cristal de roca. Todas las vísceras me revelaron su funcio-

namiento: veía el corazón repartiendo la sangre por todo el cuerpo con la regularidad e isocronismo de una máquina a vapor; veía la fermentación de los mil jugos, la actividad torpe e irregular del sistema digestivo; veía la rígida gravedad del esqueleto soportando, como un apuntalamiento complicado ideado por extravagante arquitecto, las mil maquinarias, cuyo trabajo simultáneo constituye la vida; veía, como el cordaje de una extraña galera, el conjunto de venas, arterias y filetes nerviosos, que se anudaban aquí y se separaban allá. Me parecía que mis ojos estaban montados en ejes y podían volverse hacia adentro. Así fue como pude observar la vida cerebral. El cerebro era una pasta tenue *que tenía de la gelatina y del ópalo*. En el centro había una pequeña caldera con un líquido en ebullición; subían las burbujas a la superficie, unas burbujitas delicadas y llenas de cambiantes e irisaciones, como las pompas de jabón; antes de que estallaran, unos pequeños gnomos las cazaban con esas canastillas con mango que se usan para coger mariposas; en seguida las cogían y las arrojaban a diversos compartimentos que se abrían por todos lados al modo de un panal circular de abejas... ¡Pero cuántas burbujas estallaban antes de ser cogidas y colocadas en su sitio! Debían ser las ideas que abortan, las ideas que no llegan a surgir. Encima de todo se extendía ilimitada la *píamater*, llena de constelaciones, a semejanza del cielo de la tierra.

IV

Cuando volví de esta segunda crisis de mi ensueño, pensé haber vivido cincuenta años. Creía estar blanco de canas, pero pronto me di cuenta de que ello era una ilusión provocada por el *hachisch*. No sé por qué encontré esto excesivamente gracioso; me reí, y mi propia risa me excitaba cada vez más, al extremo de estallar, por fin, en una hilaridad ruidosa e incontenible. Con las carcajadas me parecía que me salía algo de la boca, y, en efecto, fijando mi atención observé que salían insectos alados. Cada nota de mi risa era un animal: zancudos, grillos, avispas, mariposas y parvadas infinitas de otros muchos insectos salían. Pero lo más curioso es que, en el tórax o coselete, llevaban todos cinco líneas negras paralelas y en ellas una flotación musical. Todos aquellos bichos en desaforada parranda, daban vueltas por mi cuarto yendo, por fin, a alinearse en apretadas filas sobre los estantes, las sillas y los demás muebles de la estancia; una serie de libélulas blancas se posaron sobre el marco del retrato de Leticia. Entonces callé, porque al mismo tiempo llegaron a mis oídos de un modo confuso los acordes lejanos de un clavicordio. Nuevos instrumentos fueron interviniendo: primero un violoncello, luego un contrabajo, en seguida una viola, a continuación una arpa, y, por último, una flauta. A medida que estos ins-

trumentos tomaban parte, oía más distintamente la melodía ejecutada por ellos. Primero fue un aire de Paisiello, que se fue transformando en una sonata de Cimarosa; de pronto, las frases musicales se hicieron graves y eruditas, y surgió un quinteto de Bach lleno de gravedad mística. Cada melodía me producía una impresión hondísima, como si mi alma tradujera en cuadros sugestivos o en frases narrativas los sonidos. Por ejemplo, en un momento en que la misteriosa orquesta tocó *La estepa* de Borodino, la música tuvo para mí el relieve de una visión: veía una ilimitada llanura pedregosa de horizontes desiguales y oscuros, y cubierta por un cielo gris. En medio, un perro asmático aullaba junto al cadáver de su amo... A lo lejos cruzaban cabalgatas de calmuco, vestidos con pieles de lobo, con los ojos encendidos por la voluptuosidad de la carrera y las ansias de rapiña. Caía la noche, y el viento boreal jugaba con la nieve y el granizo; una turba de hienas con los lomos erizados acudía a rodear el cadáver, riéndose con risas lúgubres de hambre y ferocidad; luego, el festín de la carroña... Después de *La estepa*, la música se hizo suave, dulce, cristalina melancólica. Era un *andante pianissimo* tan misterioso, tan tristemente apasionado, que mi alma se impregnó de una angustia agradable y honda, semejante a esas dulces e inusitadas tristezas que se apoderan a veces de las muchachas románticas y nerviosas en la

edad de la ilusiones y del primer amor. Mis ojos se llenaron de lágrimas, en tanto que la melodía parecía hundirse en el pavimento y los insectos se desvanecían. Yo no podía contener mi tristeza, y por más esfuerzos que hacía para reprimir las lágrimas, corrían abundosas por mis mejillas, produciéndome una gran vergüenza este rasgo de sentimental doncella. —¡Qué tontería!, ¡qué tontería!— murmuraba yo; pero mis lágrimas seguían saliendo con una abundancia bochornosa.. —¡No ha habido ser humano que haya llorado tanto!— pensaba, aterrado, al ver que el suelo de mi cuarto estaba inundado, y mis lágrimas seguían corriendo. El agua me llegaba a la cintura y los muebles flotaban como balsas. Cuando amaneció, abrí la ventana de mi habitación y miré hacia la calle. ¡Qué horror! Por mi necio sentimentalismo toda la ciudad estaba sumergida. Sobre el mar de mis lágrimas destacábanse los pisos superiores de las casas, veía los tejados y terrazas atestados de gente que me dirigía amenazadora los puños, veía pobres perros que nadaban desesperadamente; caballos enganchados a los carros, pugnando por flotar, y arrastrados por el peso de la carga, se hundían al fin alborotando la superficie con millares de burbujas, portadoras de su cruel agonía; veía la cúpula del Observatorio, los dombos y las torres de los templos. El ángel dorado que coronaba un hermoso monumento, reflejábese invertido sobre la in-

mensa y serena superficie del agua: así, cabeza abajo, diríase un Luzbel de oro arrojado desde el cielo al abismo... Volví medroso los ojos a mi escritorio: abierto al azar tenía una edición antigua de la *Cosmographia* de Munster: era un final de capítulo adornado con una viñeta, que representaba una bella cabeza de ninfa, coronada de pámpanos y mirtos que se prolongaban a ambos lados de la cabeza, resolviéndose en retorcidos acantos de ornamentación que a su vez se convertían en cabezas de grifos, de hipocampos y de gnomos... De pronto, la viñeta comenzó a fundirse como si fuera una figura de cera expuesta al calor de un sol de canícula. La viñeta fundida se derramó por un borde de la mesa chirriando como un hierro candente que se sumergiera en el agua. Me levanté presuroso para ver lo que sucedía: al pie de mi escritorio había una galera de plata bruñida tachonada de esmeraldas: el mástil era de oro y la vela fenicia de tela blanca hecha con hilos de seda, de cristal y de plata. Sobre el banco de popa, formado por una lámina de azabache, estaba, en acritud de espera, una dama vestida a la usanza griega, cuyo rostro era el de la ninfa de la viñeta...

—¡Ven! —me dijo.

Me senté en la popa del esquife en un alto sillón de ónix, sostenido por cariátides de acero azul; y mi conductora comenzó a bogar. A nuestro paso, de todas las terrazas nos

dirigían maldiciones e injurias. Pronto abandonamos la ciudad y nos vimos en medio de un mar sereno, inmenso, sobre el que se deslizaba el misterioso barco silenciosamente. De vez en cuando veía, junto a las bordas de la galera, el dorso de un delfín, la cabeza azorada de un tritón, el cuerpo híbrido y voluptuoso de alguna sirena que se ocultaba rápidamente haciendo un elegante escorzo, y dirigiéndome una sonrisa provocativa y medrosa.

—¿A dónde vamos? —pregunté a mi guía—, ¿al infierno o al paraíso?

El Carón femenino no me respondió limitándose a indicarme con un signo que debía confiarme a su pericia. Mucho tiempo estuvimos así, hasta que vi aparecer en el horizonte grandes bloques de hielo. La mar se endurecía a medida que la galera avanzaba, y entramos, por fin, en una zona silenciosa y helada, alumbrada solamente por la aurora boreal. En una costa vi un triste caserío, habitado por unos cuantos hombres forrados de pieles.

—¿En dónde estamos? —pregunté con angustia a mi callado piloto.

—¡Upernawick! —me contestó secamente. Y seguimos.

La barca de plata resbalaba sobre los hielos y a nuestra aproximación huían manadas de focas a esconderse entre las grietas. Arriba, en medio de la gris noche semestral, brillaba

el carro de la Osa y el Boyero con fulgores intensos. Y seguimos; estábamos más allá del 85 paralelo. Los bosques de pinos escuetos habían quedado ya muy atrás, y la flora de esta región de las penumbras y de los hielos —algunas especies de hongos, helechos, musgos y líquenes— se hacía cada vez más escasa. De vez en cuando aparecía sobre algún *flint glass* un reno escuálido escarbando la nieve con la pezuña, o alguna osa que, navegando sobre algún carámbano, enseñaba a su cría la caza de la morsa. En otra comarca vi unos hombrecillos espantables con grandes cabezas erizadas.

—¿Los demonios de Dante? —pregunté horrorizado.

—No, son los runoyas. —Y seguimos.

Más adelante vi pasar unas mujeres envueltas en blancos peplos de lino; parecían buscar afanosamente algo perdido entre las grietas del hielo; iban de un lado a otro, regresaban, se inclinaban al suelo, en donde pegaban el oído como si quisieran oír los pasos de los antípodas. Pálidas, esqueléticas y llorosas expresaban en sus tristes caras y en sus ojos, que brillaban de fiebre, la ansiedad más vehemente. Cuando se aproximó nuestra galera, dieron todas un aullido y corrieron al borde del carámbano para mirarnos con ojos de locura y de dolor.

—¡Son las novias difuntas que buscan a sus amantes infieles! —murmuró mi compañera.

—¡Oh, ninfa misteriosa! —la dije—, ¿a dónde me llevas?, ¿terminará acaso esta lúgubre peregrinación en el país de la Muerte?

—No —me respondió—, ¡vamos al país de la viñeta!
—Y seguimos.

Llegamos a un mar amplio, negro como de tinta china, un mar libre sin bloques de hielo. La naturaleza parecía reanimarse, volver a latir con la vida exuberante de los trópicos. Lejos se veía una isla parda, coronada por penachos de abundante vegetación. La faz de mi guía se animó; con mano ágil hizo en la vela la maniobra necesaria para que el esquife se dirigiera a la isla. Por todas partes se observaba el regreso la vida; pero, no a la vida natural, sino a una vida nueva, desconocida y extraña. El color del cielo era rojizo semejante al tono que colorea los párpados, cuando, cerrados los ojos, se aproxima una luz a la membrana. Las aves que cruzaban el espacio eran muy raras: tenían cabezas de sierpes y por colas y alas ramos de lis. Llegamos a una costa en que las peñas eran de cristal opaco. Desembarcamos, y a poco nos hundimos en un bosque de hongos gigantescos, que vertían sangre cuando se les hería en el tronco; las flores y los frutos eran animados, y las panzas de los árboles se agitaban como a impulsos de la respiración. No menos curiosos eran los animales; además de los centauros, faunos,

esfinges e hipogrifos, observé otros muchos seres híbridos: perros cubiertos de hojas y con las extremidades de aves palmípedas, serpientes con cabezas humanas, salamandras que comenzaban siendo campánulas. Había violetas, heliotropos y camelias aladas que, como mosquitos, chupaban, no el jugo y néctar de las flores, sino la sangre-savia de todos aquellos animales ambiguos de ornamentación. En un bosque de tulipanes grandes como hoteles, vi seres humanos que paseaban sobre los pétalos: eran mujeres, las mujeres más idealmente bellas que se puede concebir, envueltas en tules de rocío hilado. Sus carnes eran como de marfil y nácar blandos, sus ojos azules dirigían miradas candorosas y angelicales, sus labios parecían impregnados en la sangre de las granadas, y sus cabelleras, rubias como el jerez pálido, descendían en apretadas guedejas hasta más abajo de los muslos... Apenas me vieron me rodearon con adorable gracia y ternura. Sus inocentes caricias, desprovista del menor impudor, me causaron un placer purísimo de niño acariciado por los serafines; sentí por una de ellas un amor típico, sin deseos, sin turbaciones, una especie de amor apasionadamente místico e inefable, que me habría hecho quedar allí una eternidad si mi guía no me hubiera arrancado violentamente de mi éxtasis tirándome de un brazo a la vez que las miraba con despreciativa sarna.

—¿Son los ángeles esos seres divinos? —la pregunté suspirando.

—No —me respondió con irónica sonrisa—; son mujeres sin sexo... su amor es el amor del Limbo, desgraciado.

Substraído por mi guía de la influencia de esos seres, llegamos a una llanura cubierta de polvo y arena de oro, en el centro de la cual había un disco de plata bruñida enclavado al suelo. Entonces el guía volvióse a mí y quedé deslumbrado: su rostro había adquirido la belleza ilustre y triunfadora de Helena, y de sus ojos de admirable brillo salía un fuego de orgullo divino, a la vez que de compasión y complacencia; me encontré turbado y caí de rodillas mientras ella me decía:

—Mírame... Yo soy el Amor con todas las energías... yo soy la eterna pasión con todos sus misterios de placer y de vida. Yo soy el delirio loco del amor de las almas vibrando en los nervios más sutiles y en la más pequeña gota de sangre viva... Ámame, que yo soy el Supremo Espasmo, en la doble ventura de las almas y de los cuerpos... Mírame, tal como en la aurora del mundo nací en el Egeo... ¡Yo soy la Forma Pura, la Belleza Inmortal!

Sus blancas vestiduras cayeron, y quedó ante mis ojos deslumbrados desnuda, alba, sublime, triunfal... Se inclinó sobre mi frente y besó mis labios. ¡Oh, divina Afrodita! Quise estrecharla en mis brazos para morir allí, y la diosa

retrocedió y se elevó al cielo lentamente. Su cuerpo níveo y moldeado, como jamás lo fuera cuerpo de mujer, se deshacía en el espacio como si fuera de niebla y se descongelara. Yo avanzaba angustiado, sin mirar el camino, con los brazos extendidos, loco, hipnotizado por la sublime visión...

—¡Adiós, espérame, que algún día nos volveremos a ver... adiós! —me dijo.

Di un salto desesperado y logré coger un rizo de sus cabellos, que quedó en mis manos. Pero había puesto el pie, al caer, en el disco de plata, en el Polo del mundo. Mi cuerpo, adherido al disco por extraño magnetismo, se puso a girar vertiginosamente. Sentí un mareo agudo, y en mis angustias veía a mi amada perderse en el éter, mientras el carro de la Osa y el Boyero describían en torno de ella pequeños y rápidos círculos. El dolor en mis sienes era cada vez más agudo, una nube sangrienta cubrió mis ojos y caí desmayado en el momento en que, desde la Estrella Polar, venía hasta mí el último adiós de la inmortal Afrodita.

V

Estaba sentado junto a mi escritorio, tenía en las manos un rizo de los finos cabellos de Leticia, sobre mi escritorio estaba un ejemplar de una vieja edición de la *Cosmographia*

de Munster, abierto en un final de capítulo engalanado con una viñeta; en frente de mí, el retrato al óleo de la implacable amada difunta, cuyo amor me perseguía hasta en mis ensueños. Allí estaba ella, la triunfadora anémica, la pálida e inolvidable, mirándome con esa mirada bondadosa y apacible de animal doméstico.

MANIFESTO PELA DEMOCRATIZAÇÃO DO DOMÍNIO PÚBLICO

Um Livro Extraordinário passou pelo teste do tempo e sobreviveu para nos contar sua história. Essas obras nos levam a outros lugares, nos apresentam pessoas e novos modos de pensar; nos transformam em exploradores e renovam as maneiras como experimentamos a vida cotidiana.

Ler é um ato de liberdade que transforma leitores em turistas imaginários. Todos têm o direito de visitar o País das Maravilhas, a Terra do Nunca, Lilliput, Camelot e até de viajar dentro da barriga de uma baleia. Queremos falar a mesma língua de Mowgli, do Pequeno Príncipe, do barão Münchhausen, de Mulan. Merecemos um passaporte universal. Nos recusamos a ser estrangeiros nos mundos extraordinários.

Libertaremos os mundos imaginários das estantes empoeiradas do domínio público. Abriremos suas portas escondidas sob o manto de outras línguas. Destruiremos as muralhas para revelar tesouros escondidos em outras línguas a leitores de zero a mil anos!

— •

literatura
livre

O projeto Literatura Livre, do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural, traduz para o português as melhores obras da literatura, gratuitamente, em formatos digitais. A biblioteca que formou a identidade humana ao longo de mais de dois milênios está sendo reconstruída e organizada por nossa equipe e nossos apoiadores como uma ponte temporal, com temas tão atuais hoje como quando foram escritos. Nossa missão é aproximar o antigo e o novo, desmistificar o desconhecido, iluminar o conhecimento. Histórias geram empatia e transmitem sentimentos desde antes da escrita, e nós as usamos para estreitar os laços que nos unem como uma só espécie. A realização deste bem social conta com o apoio de parceiros, instituições e pessoas. Conheça quem está fazendo essa magia junto com o Instituto Mojo em nosso site e em nossas redes.



Desde 2018 o Instituto Mojo promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pelos meios digitais e dividido pelas diferenças culturais e ideológicas, tomamos como nosso o esforço de reunir a todos os interessados em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros. Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras em domínio público nas mais diversas línguas, sempre em versões bilíngues. Visite nosso site e veja como apoiar as nossas ações.

  @institutomojo

www.mojo.org.br

FICHA TÉCNICA



**SESC — SERVIÇO SOCIAL DO
COMÉRCIO**

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

**Administração Regional no
Estado de São Paulo**

[Regional Administration of São Paulo State]

Presidente do Conselho Regional

[Regional Board Chairman]

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional

[Regional Department Director]

Danilo Santos de Miranda

Superintendente de Comunicação Social

[Social Communication Superintendent]

Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves

Superintendente Técnico-Social

[Social-Technical Superintendent]

Rosana Paulo da Cunha

Gerentes

[Departments]

Sesc Digital

Fernando Amoedo Tuacek

Ação Cultural

[Cultural Action]

Érika Mourão Trindade Dutra

Assessoria de Relações Internacionais

[International Affairs]

Heloisa Pisani



**INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO
INTERCULTURAL**

[MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION]

Diretor Executivo

[Executive Director]

Ricardo Giassetti

Vice-Diretor Executivo

[Vice Executive Director]

Bruno Girello

Diretoria

[Board]

Tatiana Bornato, Thiago Fogaça, Luiz Fuganti,

Paulo Buarque de Gusmão

Conselheiro de Negócios

[Business Advisor]

Abel Reis

Curadoria Acadêmica

[Scholar Curatorship]

Ana Maria Haddad Baptista

Organizador e Produtor Literatura Livre

[Executive Producer]

Ricardo Giassetti

Curadores e Editores

[Curators and Editors]

Ricardo Giassetti, Renato Roschel e Camille Pezzino

Revisores

[Proofreading]

Camilla Pezzino, Rebeca Benício e Adriana Zoudine

Direção de Arte

[Art Director]

George Farwell

Ilustrações

[Illustrations]

Chrismontez de Brito

Editoração Digital e Ebooks

[Digital Art and Ebooks]

Fernando Ribeiro

Desenvolvedor

[Developer]

Andre Resende

Tradutores

[Translators]

Adriana Zoudine, Bruno Anselmi Matangrano, Camille Pezzino, Carol Chiovatto, Francisco de Araújo, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva, Lica Hashimoto, Luciana Cammarota, Luis S. Krausz, Mamede Jarouche, Nana Yoshida, Nina Rizzi, Renato Roschel, Ricardo Giassetti, Safa AC Jubran.

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Primeira Temporada, 2020

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — First Season, 2022]

O Leviaatã (*Der Leviathan*, 1938), Joseph Roth (1894–1939);
Crônicas do Japão (*Nihonshoki*, 720), Príncipe Toneri (676–735)
e Ō-no-Yassumaro (?–723); ***Viagens de Gulliver*** (*Gulliver's
Travels*, 1726), Jonathan Swift (1667–1745); ***El Zarco*** (*El Zarco*,
1901), Ignacio Manuel Altamirano (1834–1893);
Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2 (*The Folk Tales from
Southern Nigeria* (1910), Elphinstone Dayrell (1869–1917);
Zanzibar Tales (1901), George W. Bateman (1850–1940);
Where Animals Talk (1912), Robert Hamill Nassau (1835–
1921); ***Os miseráveis*** (*Albukhalā'*, 868), Aljāhiz (776–868); ***Sra.
Fragrância Primavera*** (*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far
(Edith Maude Easton, 1865–1914); ***Contos de crianças chinesas***
(*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far (Edith Maude Easton,
1865–1914); ***As roupas fazem as pessoas*** (*Kleider machen Leute*,
1874), Gottfried Keller (1819–1890); ***Contos sardos*** (*Racconti
Sardi*, 1894), Grazia Deledda (1871–1936); ***Pássaros sem ninho***
(*Aves sin nido*, 1889), Clorinda Matto de Turner (1853–1909);
Coração das trevas (*Heart of Darkness*, 1899), Joseph Conrad
(1857–1924); ***Histórias do tio Karel*** (*Outa Karel's Stories: South
African Folk-Lore Tales*, 1914), Sanni Metelerkamp (1867–1945)

Literatura Livre

Sesc São Paulo — Segunda Temporada, 2022

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — Second Season, 2022]

Mil novecentos e oitenta e quatro (*Nineteen Eighty Four*, 1949), George Orwell (Eric Arthur Blair, 1903–1950) • **Contos de amor de loucura e de morte** (*Cuentos de amor de loucura y de muerte*, 1917), Horacio Quiroga (1878–1937) • **Contos da selva** (*Cuentos de la selva*, 1918), Horacio Quiroga (1878–1937) • **O boneco raivoso** (*El juguete rabioso*, 1926), Roberto Arlt (1900–1942) • **O ventre de Nápoles** (*Il ventre di Napoli*, 1884–1905), Matilde Serao (1856–1927) • **A metamorfose** (*Die Verwandlung*, 1915), Franz Kafka (1883–1924) • **Hōjōki — Anotações na solidão da cabana** (*Hōjōki ou 方丈記*, 1212), Kamo no Chōmei (1153 ou 55–1216) • **O retorno** (*Возвращение*, 1946), Andrei Platonov (1899–1951) • **Gravuras cariocas** (*Aguafuertes cariocas*, 1930), Roberto Arlt (1900–1942) • **Xingu** (*Xingu*, 1916), Edith Wharton (1862–1937) • **Avatar** (*Avatar*, 1856), Théophile Gautier (1811–1872) • **A Bota de Ferro** (*The Iron Heel*, 1908), Jack London (1876–1916) • **Na baía** (*At the Bay*, 1922), Katherine Mansfield (1888–1923) • **Livro do tigre e do raposo** (*Kitāb Annamir wa Atta^ʿlab*, séc. 9), Hārūn, Sahl Bin (m.c. 830 d.C.) • **Contos malévolos** (*Cuentos malevolos*, 1904), Clemente de Palma (1872–1946)